



CHARLES DICKENS

TEMPOS
DIFÍCIS

BOITEMPO
EDITORIAL

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)



Shurbovich

Sobre *Tempos difíceis*

Daniel Puglia

Tempos difíceis, de Charles Dickens, talvez seja uma das melhores portas de entrada para o universo do escritor britânico. Muitas das preocupações que nortearam sua escrita ao longo de inúmeros romances, ensaios e artigos estão condensadas neste romance. Tanto para leitores que iniciam seu caminho quanto para os mais familiarizados com temas e discussões presentes em sua obra, este é um livro que pode servir como guia de leitura e releitura permanente.

As consequências mais nefastas trazidas pelo rápido avanço do capitalismo no século XIX formam um dos pilares em que se estrutura a estética de Dickens. O outro pilar é a crença numa energia vital e veemente, capaz de reformar quaisquer sentimentos humanos: a imaginação e sua capacidade para despertar o que de melhor trazemos em nosso coração. A relação entre esses dois pilares origina dificuldades para o escritor, uma vez que sua prosa frequentemente realiza diagnósticos precisos, com achados de vasto alcance artístico que, no entanto, arriscam soluções nem sempre satisfatórias no plano formal – umas das características, aliás, da estranha genialidade de Dickens.

Em *Tempos difíceis*, como em grande parte da obra do autor, a racionalidade movida pelo lucro e pela exploração é contraposta pela celebração da fantasia e da bondade: um apelo que, em tempos tão difíceis como os atuais, pode parecer excessivamente ingênuo. Mas a fantasia e a bondade aqui devem ser vistas como um gesto, um pedido, um desejo: o sol para terminar uma noite.

As deteriorações causadas pela industrialização, os antagonismos entre as classes, o aviltamento das condições de trabalho: tudo isso estabelece uma rede de conexões que, ao longo do romance, envolve a vida familiar degradada, a diluição de sonhos afetivos e as marcas individuais que os personagens carregam. O notável é que *Tempos difíceis* elabora essa matéria mediante uma sofisticada fusão de arte narrativa, mapeamento social e investigação da vida subjetiva – uma poderosa combinação presente nas obras-primas.

Sobre *Tempos difíceis*

Havia ruas largas, todas muito semelhantes umas às outras, e ruelas ainda mais semelhantes umas às outras, onde moravam pessoas também semelhantes umas às outras, que saíam e entravam nos mesmos horários, os mesmos sons nas mesmas calçadas, para fazer o mesmo trabalho, e para quem cada dia era o mesmo de ontem e de amanhã, e cada ano o equivalente do próximo e do anterior. – Charles Dickens

Dickens vê sua sociedade apodrecendo, desvelando-se, tão sobrecarregada de substância desprovida de sentido que afunda gradualmente em uma espécie de lodo primitivo. – Terry Eagleton

Dickens estava lá para lembrar o povo que a Inglaterra havia apagado duas palavras do lema revolucionário – deixara apenas “Liberdade” e destruíra “Igualdade” e “Fraternidade”. Em todos os seus livros ele advoga a Fraternidade. Neste Tempos difíceis, defende especialmente a Igualdade. – G. K. Chesterton

Uma análise abrangente e criativa da filosofia dominante do industrialismo.
– Raymond Williams

Sobre o autor

Nascido na Inglaterra em 1812, Charles Dickens foi um dos mais conhecidos escritores da era vitoriana. Além de seus célebres romances, escreveu contos, peças teatrais e artigos jornalísticos. Em suas obras, abordou alguns dos principais problemas sociais de sua época, como a violência, a pobreza, o desemprego e as péssimas condições de trabalho nas fábricas inglesas. Morreu em 1870, aos 58 anos, vítima de um acidente vascular cerebral. *Tempos difíceis* é sua décima obra e inaugura a segunda fase criativa do autor, quando passa a fazer críticas contundentes à sociedade em que vivia e a expor os vícios desta.

CLÁSSICOS BOITEMPO

A ESTRADA

Jack London

Tradução, prefácio e notas de Luiz Bernardo Pericás

AURORA

Arthur Schnitzler

Tradução, apresentação e notas de Marcelo Backes

BAUDELAIRE

Théophile Gautier

Tradução de Mário Laranjeira

Apresentação e notas de Gloria Carneiro do Amaral

DAS MEMÓRIAS DO SENHOR DE SCHNABELEWOPSKI

Heinrich Heine

Tradução, apresentação e notas de Marcelo Backes

EU VI UM NOVO MUNDO NASCER

John Reed

Tradução e apresentação de Luiz Bernardo Pericás

MÉXICO INSURGENTE

John Reed

Tradução de Luiz Bernardo Pericás e Mary Amazonas Leite de Barros

NAPOLEÃO

Stendhal

Tradução de Eduardo Brandão e Kátia Rossini

Apresentação de Renato Janine Ribeiro

OS DEUSES TÊM SEDE

Anatole France

Tradução de Daniela Jinkings e Cristina Murachco

Prefácio de Marcelo Coelho

O TACÃO DE FERRO

Jack London

Tradução de Afonso Teixeira Filho
Prefácio de Anatole France
Posfácio de Leon Trotski

CHARLES DICKENS

TEMPOS DIFÍCIS

ILUSTRAÇÕES
HARRY FRENCH

TRADUÇÃO
JOSÉ BALTAZAR PEREIRA JÚNIOR

BOITEMPO
EDITORIAL

SUMÁRIO

Personagens

LIVRO PRIMEIRO – SEMEADURA

- I. A única coisa necessária
- II. O assassinato dos inocentes
- III. Uma brecha
- IV. Sr. Bounderby
- V. A nota tônica
- VI. O Circo Hípico Sleary
- VII. Sra. Sparsit
- VIII. Nunca imagine
- IX. O progresso de Sissy
- X. Stephen Blackpool
- XI. Sem saída
- XII. A velha
- XIII. Rachael
- XIV. O grande industrial
- XV. Pai e filha
- XVI. Marido e mulher

LIVRO SEGUNDO – COLHEITA

- I. Efeitos no banco
- II. Sr. James Harthouse
- III. O moleque
- IV. Homens e irmãos
- V. Servos e senhores
- VI. Esvaecendo
- VII. Pólvora
- VIII. Explosão

- IX. Descanso, afinal
- X. A escadaria da Sra. Sparsit
- XI. Cada vez mais baixo
- XII. Para baixo

LIVRO TERCEIRO – PROVISÃO

- I. Outra coisa necessária
- II. Muito ridículo
- III. Muito decidido
- IV. Perdidos
- V. Encontrados
- VI. A luz da estrela
- VII. A caça ao moleque
- VIII. Filosófico
- IX. Final

Obras de Charles Dickens publicadas no Brasil

PERSONAGENS

- BITZER, aluno bem doutrinado pela escola-modelo do Sr. Gradgrind.
- STEPHEN BLACKPOOL, operador de tear na fábrica do Sr. Bounderby, honesto e trabalhador.
- Sr. JOSIAH BOUNDERBY, industrial presunçoso e rico.
- Sr. E. W. B. CHILDERS, membro da Trupe Circense Sleary.
- Sr. THOMAS GRADGRIND, atacadista de ferragens aposentado.
- THOMAS GRADGRIND, filho mais novo do Sr. Gradgrind; moleque egoísta e de má índole.
- Sr. JAMES HARTHOUSE, amigo do Sr. Gradgrind.
- SIGNOR JUPE, palhaço da Trupe Circense Sleary.
- Sr. M. CHOAKUMCHILD, professor da escola-modelo do Sr. Gradgrind.
- SLACKBRIDGE, sindicalista agitador.
- Sr. SLEARY, homem corpulento e preguiçoso; proprietário de um circo.
- Sra. BLACKPOOL, esposa de Stephen Blackpool; bêbada e dissoluta.
- EMMA GORDON, membro da Trupe Circense Sleary.
- Sra. GRADGRIND, esposa do Sr. Thomas Gradgrind, mulher de pouca

inteligência.

- JANE GRADGRIND, filha mais nova da supracitada.
- LOUISA GRADGRIND, filha mais velha do Sr. e da Sra. Gradgrind; mais tarde, esposa do Sr. Josiah Bounderby.
- CECILIA JUPE (“Sissy”), filha de Signor Jupe, palhaço de circo.
- Sra. PEGLER, velha misteriosa, mirrada, mas alta e elegante.
- RACHAEL, trabalhadora da fábrica; amiga de Stephen Blackpool.
- LADY SCADGERS, velha gorda; tia-avó da Sra. Sparsit.
- JOSEPHINE SLEARY, jovem de cabelos claros; filha do Sr. Sleary, proprietário do circo.
- Sra. SPARSIT, senhora idosa; governanta do Sr. Bounderby.

LIVRO PRIMEIRO
SEMEADURA

HARD TIMES

BY

CHARLES DICKENS



WITH TWENTY ILLUSTRATIONS BY H. FRENCH

LONDON: CHAPMAN AND HALL, 193 PICCADILLY

Capa da segunda edição de *Tempos difíceis*, publicada em Londres pela Chapman and Hall, na década de 1870, com ilustrações de Harry French.

I

A ÚNICA COISA NECESSÁRIA

“Ora, eis o que quero: Fatos. Ensinem a estes meninos e meninas os Fatos, nada além dos Fatos. Na vida, precisamos somente dos Fatos. Não plantem mais nada, erradiquem todo o resto. A mente dos animais racionais só pode ser formada com base nos Fatos: nada mais lhes poderá ser de qualquer utilidade. Esse é o princípio a partir do qual educo meus próprios filhos, e esse é o princípio a partir do qual educo estas crianças. Atenha-se aos Fatos, senhor!”

O cenário era um cubículo de sala de aula, simples, despojado e monótono, e o reto dedo indicador do palestrante enfatizava suas observações sublinhando cada frase com uma linha na manga do professor. A ênfase era auxiliada pela testa do palestrante, uma parede quadrada que se assentava sobre as sobrelhas, enquanto os olhos abrigavam-se comodamente em duas cavernas escuras, ensombreadas pela parede. A ênfase era auxiliada pela boca do palestrante, que era grande, estreita e rígida. A ênfase era auxiliada pela voz do palestrante, que era inflexível, seca e ditatorial. A ênfase era auxiliada pelos cabelos do palestrante, que se eriçavam em volta da calva, uma plantação de pinheiros para defender do vento a superfície brilhante, toda cheia de saliências como a crosta de uma torta de ameixas, como se à cabeça faltasse espaço para armazenar os fatos concretos ali contidos. A postura obstinada do palestrante, seu casaco quadrado, suas pernas quadradas, seus ombros quadrados – e mais, seu próprio colarinho, preparado para segurar-lhe a garganta em um incômodo aperto, como um fato teimoso, por assim dizer –, tudo auxiliava a ênfase.

“Nesta vida não queremos nada além dos Fatos, senhor; nada além dos Fatos!”

O palestrante, o professor e o terceiro adulto presente recuaram um pouco e varreram com o olhar o plano inclinado composto pelos pequenos recipientes agrupados em ordem, prontos para receber galões imperiais de fatos, até estarem cheios até a borda.

II

O ASSASSINATO DOS INOCENTES

Sr. Thomas Gradgrind. Um homem de realidades. Um homem de fatos e cálculos. Um homem que trabalha de acordo com o princípio de que dois mais dois são quatro, e nada mais, e não pode ser persuadido a permitir nada mais. Sr. Thomas Gradgrind – peremptoriamente, Thomas – Thomas Gradgrind. Com uma régua e uma balança, e a tabuada sempre no bolso, senhor, pronto para pesar e medir qualquer parcela da natureza humana, e dizer o resultado exato. É uma mera questão de números, um caso de simples aritmética. Pode-se tentar enfiar alguma outra crença absurda na cabeça de George Gradgrind, ou Augustus Gradgrind, ou John Gradgrind, ou Joseph Gradgrind (todos indivíduos hipotéticos, não existentes), mas na cabeça de Thomas Gradgrind – não, senhor!

Com tais termos o Sr. Gradgrind sempre se apresentava, mentalmente, fosse ao seu círculo privado de conhecidos ou ao público em geral. Com tais termos, sem dúvida substituindo a palavra “senhor” por “meninos e meninas”, Thomas Gradgrind agora apresentava Thomas Gradgrind aos pequenos recipientes diante dele que seriam enchidos com fatos.

Assim, enquanto seus olhos brilhavam ansiosos sobre os alunos, de dentro das cavernas já mencionadas, ele parecia um canhão carregado até a boca com fatos, preparado para lançar as crianças para fora das regiões da infância com um único disparo. Parecia também um aparelho galvanizador, carregado com um lúgubre substituto mecânico para as jovens e frágeis imaginações que seriam levadas de roldão.

“Menina número vinte”, disse o Sr. Gradgrind, apontando reto seu dedo indicador reto. “Não conheço essa menina. Quem é essa menina?”

“Sissy Jupe, senhor”, explicou a número vinte, corando, levantando-se da cadeira e fazendo uma reverência.

“Sissy não é nome”, disse o Sr. Gradgrind. “Não diga que seu nome é Sissy. Diga que seu nome é Cecília.”

“Meu pai me chama de Sissy, senhor”, respondeu a jovem com voz trêmula e outra reverência.

“Mas não deve fazê-lo”, disse o Sr. Gradgrind. “Diga-lhe que não deve. Cecilia Jupe. Deixe-me ver. O que faz seu pai?”

“Ele pertence ao ramo da equitação, se me permite, senhor.”

O Sr. Gradgrind franziu o cenho e espantou tal vocação reprovável com um aceno de mão.

“Não queremos saber de nada disso, aqui. Você não deve dizer nada sobre isso, aqui. Seu pai doma cavalos, não?”

“Se me permite, senhor, quando se consegue algum para domar, doma-se o cavalo no picadeiro, senhor.”

“Você não deve mencionar o picadeiro, aqui. Muito bem, então. Descreva o trabalho de seu pai como domador. Creio que ele trata cavalos doentes.”

“Oh, sim, senhor.”

“Muito bem, então. Ele é cirurgião veterinário, ferrador e domador de cavalos. Dê-me sua definição de ‘cavalo’.”

(Sissy Jupe pareceu bastante alarmada com a exigência.)

“Menina número vinte incapaz de definir um cavalo!”, disse o Sr. Gradgrind, para a alegria de todos os pequenos recipientes.

“Menina número vinte desprovida de quaisquer fatos em referência a um dos animais mais comuns! Agora, a definição de algum garoto. Bitzer, a sua.”

O dedo reto, movendo-se para lá e para cá, pousou de súbito sobre Bitzer, talvez porque este estivesse, por acaso, sentado sob o mesmo raio solar que, dardejando através de uma das janelas nuas da sala intensamente caiada, iluminava Sissy. Porque meninos e meninas sentavam-se sobre a superfície do plano inclinado em dois grupos compactos, divididos ao centro por um estreito intervalo; Sissy, que estava sentada no canto de uma fileira do lado ensolarado, era atingida pelo começo do raio de sol, e Bitzer, que estava no canto de uma fileira do lado oposto, um pouco adiante, era atingido pelo fim dele. Porém, enquanto a menina tinha olhos e cabelos tão escuros que pareciam ganhar uma

cor ainda mais profunda e lustrosa do sol quando este brilhava sobre ela, o menino tinha olhos e cabelos tão claros que os mesmos raios pareciam roubar-lhe a pouca cor que possuía. Seus olhos frios não chegariam a ser olhos, não fossem as curtas pontas dos cílios que, colocando-os em contraste imediato com algo mais pálido do que eles, mostravam sua forma. Seus cabelos muito curtos bem poderiam ser uma mera continuação das sardas castanhas da testa e do rosto. Sua pele era tão doentia e deficiente de coloração natural que parecia que, caso ele se cortasse, sangraria branco.

“Bitzer”, disse Thomas Gradgrind, “sua definição de um cavalo.”

“Quadrúpede. Graminívoro. Quarenta dentes, a saber, vinte e quatro molares, quatro caninos e doze incisivos. Troca a pelagem na primavera; em regiões pantanosas, também troca os cascos. Cascos duros, mas que requerem ferraduras. Idade conhecida por marcas na boca.” Eis Bitzer (e muito mais).

“Agora, menina número vinte”, disse o Sr. Gradgrind, “você sabe o que é um cavalo.”

Ela fez outra reverência, e teria corado mais se pudesse corar mais do que corara. Bitzer, após piscar rapidamente na direção de Thomas Gradgrind, com ambos os olhos, e captar a luz sobre suas pálpebras trêmulas, como se fossem antenas de insetos agitados, bateu continência na testa sardenta e sentou-se outra vez.

O terceiro cavaleiro deu um passo adiante. Um homem cheio de rotinas e padrões, ele era; um oficial do governo; a seu modo (e também ao modo da maioria das pessoas), um pugilista declarado; sempre em treinamento, sempre com um sistema para forçar goela abaixo do público em geral, como um remédio amargo, sempre comentado na sede de sua pequena secretaria pública e pronto para lutar contra toda a Inglaterra. Para manter a fraseologia pugilística, ele não tinha gênio para fugir do combate, qualquer que fosse e onde fosse, e era um lutador temível. Subia ao ringue e esmurrava qualquer um com a direita, seguida da esquerda, parada, troca, contragolpe, e levava o oponente para as cordas (sempre lutava contra Toda Inglaterra), avançando habilmente contra ele. Por certo, ele levaria o bom senso à lona e tornaria o infeliz adversário surdo à contagem. E fora-lhe dada, por elevada autoridade, a missão de promover o grande Milênio do serviço público, quando os Comissários reinarão sobre a terra.

“Muito bem”, disse esse cavaleiro, sorrindo vigorosamente e cruzando os braços. “Isso é um cavalo. Permitam, então, que lhes pergunte, meninos e

meninas: vocês decorariam um aposento com um papel de parede que retratasse cavalos?”

Após uma pausa, metade das crianças gritou em coro: “Sim, senhor!”. Ao que a outra metade, vendo no rosto do cavalheiro que o “sim” estava errado, gritou em coro: “Não, senhor!” – como é o costume nesse tipo de exame.

“Claro que não. E por quê?”

Pausa. Um menino corpulento e abobalhado, com respiração de asmático, aventurou-se a responder: porque ele não usaria papel de parede, pintaria o aposento.

“Você *deve* usar papel de parede”, disse o cavalheiro, um tanto exaltado.

“Você deve usar papel de parede”, disse Thomas Gradgrind, “goste ou não. Não *nos* diga que não usaria. O que você está pensando, menino?”

“Vou explicar”, disse o cavalheiro, depois de outra pausa desanimadora, “porque não se deve decorar um aposento com um papel de parede que retrate cavalos. Vocês já viram cavalos andando para cima e para baixo nas paredes de um quarto – de fato? Já viram?”

“Sim, senhor!”, uma metade. “Não, senhor!”, outra metade.

“É claro que não”, disse o cavalheiro, com um olhar indignado para a metade errada. “Portanto, vocês não devem ver em lugar algum aquilo que não veem de fato; não devem ter em lugar algum aquilo que não têm de fato. O que se chama de Bom Gosto é apenas outro nome para Fatos.”

Thomas Gradgrind assentiu.

“Esse é um novo princípio, uma descoberta, uma grande descoberta”, disse o cavalheiro. “Agora, outra pergunta. Suponham que vocês queiram acarpetar um quarto. Usariam um tapete que retratasse flores?”

Àquela altura, havia a convicção geral de que “Não, senhor!” era sempre a resposta certa para o cavalheiro, e o coro do “não” foi bastante forte. Apenas uns poucos desgarrados disseram “sim”, entre eles Sissy Jupe.

“Menina número vinte”, disse o cavalheiro, sorrindo com a força calma do conhecimento.

Sissy corou e levantou-se.

“Então você acarpetaria seu quarto – ou o quarto do seu marido, se fosse uma mulher crescida e tivesse um marido – com figuras de flores, não é mesmo?”, disse o cavalheiro. “Por quê?”

“Se me permite, senhor, gosto muito de flores”, respondeu a menina.

“E é por isso que você colocaria mesas e cadeiras sobre elas e deixaria que

as pessoas pisassem nelas com botas pesadas?”

“Não as machucaria, senhor. Elas não secariam nem seriam esmagadas, se me permite, senhor. Seriam figuras de coisas muito bonitas e agradáveis, e imagino que...”

“Sim, sim, sim! Mas você não deve imaginar”, gritou o cavaleiro, bastante entusiasmado por ter chegado, de modo tão feliz, ao argumento pretendido. “É isso! Você não deve imaginar nunca.”

“Você, Cecilia Jupe”, repetiu solenemente Thomas Gradgrind, “jamais fará qualquer coisa desse tipo.”

“Fatos, fatos, fatos!”, disse o cavaleiro. E: “Fatos, fatos, fatos!”, repetiu Thomas Gradgrind.

“Vocês deverão ser, em todos os aspectos, regulados e governados”, disse o cavaleiro, “pelos fatos. Esperamos ter em breve um conselho dos fatos, composto de comissários dos fatos, que forçarão o povo a ser um povo dos fatos, e nada além de fatos. Vocês devem descartar a palavra Imaginação. Vocês nada têm a ver com ela. Não deverão tê-la em nenhum objeto de uso ou ornamento, o que seria uma contradição de fato. Vocês não caminham, de fato, sobre flores; não se pode permitir que vocês caminhem sobre flores em carpetes. Vocês não acham que borboletas e pássaros estrangeiros vêm pousar em porcelanas; não se pode permitir que pintem borboletas e pássaros estrangeiros em porcelanas. Vocês jamais viram quadrúpedes subindo e descendo paredes; vocês não podem ter quadrúpedes representados em paredes. Devem usar”, disse o cavaleiro, “para todos esses propósitos, combinações e versões (em cores primárias) de figuras matemáticas passíveis de prova e demonstração. Essa é a nova descoberta. Isso é fato. Isso é bom gosto.”

A menina fez uma reverência e sentou-se. Era muito jovem e parecia assustada com o prospecto pragmático que o mundo lhe oferecia.

“Se o Sr. Choakumchild”, disse o cavaleiro, “quiser iniciar sua primeira lição, Sr. Gradgrind, ficarei feliz em observar como ele procede, com sua permissão.”

O Sr. Gradgrind sentia-se grato. “Sr. Choakumchild, estamos esperando apenas pelo senhor.”

Assim, o Sr. Choakumchild começou, da melhor maneira possível. Ele e outros cento e quarenta e poucos professores haviam sido torneados recentemente, ao mesmo tempo e na mesma fábrica, como pernas de piano. Havia passado por uma série de etapas e respondido a perguntas de quebrar a

cabeça. Ortografia, etimologia, sintaxe e prosódia, biografia, astronomia, geografia e cosmografia geral, as ciências da proporção composta, álgebra, agrimensura, música vocal, desenho a partir de modelos. Estava tudo na ponta de seus dez dedos gelados. Havia trabalhado duro até chegar ao Nível B do Honorável Conselho Privado de Sua Majestade, e havia colhido frutos nos ramos mais elevados das ciências físicas e matemáticas, do francês, alemão, latim e grego. Sabia tudo sobre os Divisores de Águas de todo o mundo (fossem lá o que fossem), e todas as histórias de todos os povos, e todos os nomes de todos os rios e montanhas, e todos os produtos, modos e costumes de todos os países, todas as suas fronteiras e direções, conforme os trinta e dois pontos da rosa dos ventos. Ah, bastante exagerado, o Sr. Choakumchild. Se houvesse aprendido um pouco menos, poderia ter ensinado muito mais!

Prosseguiu a lição preparatória como a Morgiana dos Quarenta Ladrões: olhando dentro de cada jarro enfileirado diante dele, um após o outro, para ver o que continham. Dize, bom senhor Choakumchild, quando de teu alambique tiveres logo enchido cada jarro até a borda, pensarás que mataste a ladra Imaginação que dentro deles espreita – ou apenas que a terás aleijado e deformado?

III

UMA BRECHA

O Sr. Gradgrind caminhava da escola para casa em estado de considerável satisfação. Era sua escola, e ele pretendia que ela fosse um modelo. Pretendia que cada criança nela fosse um modelo – como os jovens Gradgrinds eram todos modelos.

Havia cinco jovens Gradgrinds, e cada um deles era um modelo. Haviam sido doutrinados desde a mais tenra infância; adestrados, como pequenas lebres. Assim que puderam correr sozinhos, foram obrigados a correr para a sala de aula. O primeiro objeto com o qual tiveram uma associação, ou do qual conservaram alguma lembrança, foi um grande quadro negro no qual um Ogro seco desenhava a giz sinistros algarismos brancos.

Não que conhecessem, por nome ou natureza, qualquer coisa sobre os ogros. Os Fatos os livrem! Uso a palavra apenas para definir um monstro que vivia num castelo de aulas, só Deus sabe com quantas cabeças manipuladas numa só, e capturava a infância, arrastando-a pelos cabelos para tenebrosos covis estatísticos.

Nenhum dos pequenos Gradgrinds jamais vira um rosto na lua; já ocupavam alturas lunares antes de falar direito. Nenhum pequeno Gradgrind jamais aprendera a tola musiquinha: “Brilha, brilha, estrelinha! Lá no céu, pequenininha!”. Nenhum pequeno Gradgrind jamais fora impreciso sobre o tamanho de uma estrela, já que, aos cinco anos, cada pequeno Gradgrind já dissecara a Ursa Maior como um professor Owen e dirigira o Grande Carro como um maquinista de trem. Nenhum pequeno Gradgrind jamais associara uma

vaca no pasto àquela famosa vaca do chifre torcido que chifrou o cão que perseguiu o gato que matou o rato que comeu o grão, ou àquela vaca, ainda mais famosa, que engoliu o Pequeno Polegar: nunca ouvira falar dessas celebridades, e fora apresentado às vacas apenas como quadrúpedes graminívoros e ruminantes, com vários estômagos.

Àquele prosaico lar, batizado de Stone Lodge, o Sr. Gradgrind dirigia seus passos. Ele estava praticamente aposentado do comércio de ferragens por atacado quando construiu Stone Lodge e agora procurava uma oportunidade adequada para fazer uma figura aritmética no Parlamento. Stone Lodge situava-se numa charneca distante dois ou três quilômetros de uma grande cidade – que será batizada de Coketown neste fiel guia que aqui se apresenta.

Stone Lodge era um elemento bastante regular na superfície da região. Nenhuma dissimulação atenuava ou obscurecia aquele intransigente fato da paisagem. Uma casa enorme e quadrada, com um pórtico pesado que obscurecia as janelas principais, assim como as pesadas sobancelhas de seu dono ensombrevavam seus olhos. Uma casa calculada, planejada, equilibrada e testada. Seis janelas de um lado da porta, seis do outro; doze no total numa ala, doze no total na outra ala; vinte e quatro, somando-se as alas de trás. Um gramado, um jardim e uma pequena entrada, todos regrados e medidos como um livro de contabilidade botânica. Gás e ventilação, serviço de água e esgoto, tudo de primeira. Traves e braçadeiras de ferro, à prova de fogo de cima a baixo; elevadores para as criadas e todas as suas escovas e vassouras; tudo que o coração poderia desejar.

Tudo? Bem, suponho que sim. Os pequenos Gradgrinds também tinham gabinetes para vários campos da ciência. Tinham um pequeno gabinete de conquiliologia, um pequeno gabinete de metalurgia e um pequeno gabinete de mineralogia; e os espécimes estavam todos ordenados e rotulados, e as amostras de pedras e minérios pareciam ter sido extraídas com instrumentos extremamente rígidos, como seus próprios nomes; e, parafraseando os tolos versinhos de Peter Piper, que nunca foram ditos pelas babás dos pequenos Gradgrinds, se os gananciosos Gradgrinds ganhassem mais do que isso, o que, em nome da Grande Graça, ganhariam os gananciosos Gradgrinds?

O pai dos pequenos Gradgrinds continuava caminhando satisfeito e otimista. Ele era um pai afetuosos, à sua maneira; porém, era provável que se descrevesse (se fosse obrigado a dar uma definição, como Sissy Jupe) como um pai “eminentemente prático”. Orgulhava-se da expressão “eminentemente prático”,

que parecia ter um significado especial quando aplicada a ele. Em qualquer reunião pública em Coketown, sobre qualquer assunto, algum cidadão decerto aproveitaria o ensejo para aludir ao seu eminentemente prático amigo Gradgrind. O que sempre agradava ao eminentemente prático amigo. Este sabia que tal alusão não era mais do que lhe era devido, mas o que lhe era devido era aceitável.

Ele chegara ao terreno neutro das cercanias da cidade, que não era nem cidade nem campo, e, no entanto, a perspectiva de ambos foi arruinada quando ele ouviu o som da música. A banda desengonçada e desafinada, adjacente ao estabelecimento hípico que se instalara em um pavilhão de madeira, zurrava a plenos pulmões. Uma bandeira, tremulando no alto do templo, proclamava à humanidade que o “Circo Hípico Sleary” reivindicava a intercessão de todos. O próprio Sleary, uma corpulenta estátua moderna com um mealheiro junto do cotovelo, num nicho eclesiástico de arquitetura gótica primitiva, recolhia o dinheiro. A Srta. Josephine Sleary, segundo anunciavam folhetos muito longos e estreitos, iniciava os entretenimentos com seu gracioso carrossel tirolês. Naquela tarde, entre outras maravilhas agradáveis e sempre estritamente honestas que se deveriam ver para crer, Signor Jupe “mostraria as divertidas proezas de seu cão altamente treinado, Patas Felizes”. Também exibiria “seu espantoso feito de lançar setenta e cinco pesos de cinquenta quilos em rápida sucessão por cima da cabeça, formando uma fonte de ferro em pleno ar, um feito que jamais se tentou neste ou em qualquer outro país, arrancando aplausos arrebatados de multidões entusiasmadas, e por isso não pode deixar de fazer parte do espetáculo”. O mesmo Signor Jupe animaria “os vários números, a intervalos frequentes, com gracejos castos e réplicas shakespearianas”. Por último, ele brindaria a plateia interpretando seu personagem favorito, o Sr. William Button, da Rua Tooley, na “recentíssima e hilariante comédia hípica *A viagem do alfaiate a Brentford*”.

É claro que Thomas Gradgrind não prestou nenhuma atenção a essas trivialidades, mas passou como um homem prático deveria passar, espantando do pensamento os insetos barulhentos, ou trancando-os na Casa de Correção. Mas a curva da estrada levou-o aos fundos do pavilhão, e nos fundos do pavilhão havia numerosas crianças em numerosas atitudes furtivas, esforçando-se para espiar as glórias secretas do lugar.

Aquilo o fez parar. “Ora, e pensar que esses vagabundos”, disse ele, “estão atraindo jovens hordas para longe de uma escola-modelo.”

Como havia um trecho de grama raquítica e entulho entre ele e as jovens

hordas, tirou um monóculo do colete para procurar qualquer criança que conhecesse e pudesse expulsar dali. Por um fenômeno quase inacreditável, embora perfeitamente claro, o que ele viu, senão sua metalúrgica Louisa, espiando com toda a força por um buraco numa tábua de pinho, e seu matemático Thomas, rastejando para ver ao menos um casco do gracioso carrossel tirolês!

Mudo de espanto, o Sr. Gradgrind dirigiu-se ao local onde sua família desgraçava-se daquela maneira, pôs as mãos em cada filho transgressor e disse:

“Louisa!! Thomas!!”

Ambos ergueram-se, vermelhos e desconcertados. No entanto, Louisa olhou para o pai com mais ousadia do que Thomas. Na verdade, Thomas não olhou para ele, mas entregou-se para ser conduzido para casa como uma máquina.

“Em nome da fantasia, do ócio e da tolice!”, disse o Sr. Gradgrind, afastando cada um com uma mão. “O que estão fazendo aqui?”

“Queria ver como era”, respondeu Louisa laconicamente.

“Ver como era?”

“Sim, pai.”

Ambos tinham um ar fatigado e mal-humorado, em particular a menina: ainda assim, lutando contra a insatisfação em seu rosto, havia uma luz sem nada em que se refletir, um fogo sem nada para queimar, uma imaginação faminta que se mantinha viva de algum modo e iluminava sua expressão. Não com o brilho natural da alegre juventude, mas com clarões incertos, ansiosos e duvidosos, que tinham algo de doloroso, como a expressão de um rosto cego tateando o caminho.

Ela era uma criança de quinze ou dezesseis anos; mas não estava longe o dia em que pareceria ter-se tornado mulher de repente. Assim pensava seu pai enquanto olhava para ela. Era bonita. Seria orgulhosa (pensou ele a seu modo eminentemente prático), se não fosse sua educação.

“Thomas, embora tenha o fato diante de mim, acho difícil acreditar que você, com toda a sua educação e recursos, tenha trazido sua irmã a uma cena como esta.”

“*Eu* o trouxe, pai”, disse Louisa depressa. “Pedi que ele viesse.”

“Lamento ouvir isso. Lamento muito, de fato. Isso não torna Thomas melhor, e torna você pior, Louisa.”

Ela olhou de novo para o pai, mas nenhuma lágrima correu por sua face.

“Você! Thomas e você, para quem o círculo das ciências está aberto;

Thomas e você, que foram treinados para a exatidão matemática; Thomas e você, aqui!”, gritou o Sr. Gradgrind. “Nessa posição degradante! Estou estupefato.”

“Eu estava cansada, pai. Tenho me sentido cansada há muito tempo”, disse Louisa.

“Cansada? De quê?”, perguntou o atônito pai.

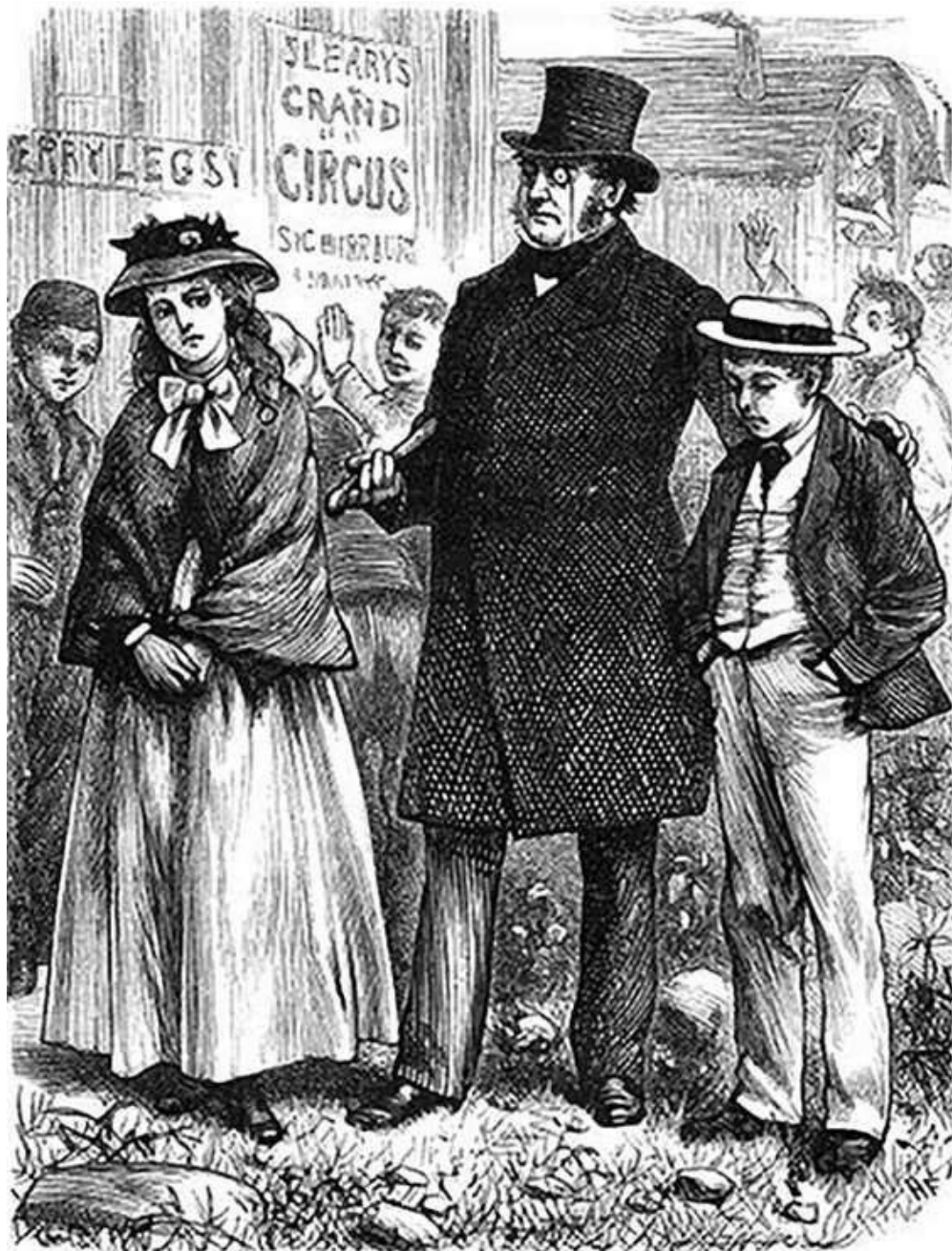
“Não sei – acho que de tudo.”

“Não diga mais nada”, retorquiu o Sr. Gradgrind. “Você está sendo infantil. Não ouvirei nem mais uma palavra.” Ele não voltou a falar até que houvessem caminhado cerca de um quilômetro em silêncio, então irrompeu: “O que diriam suas amigas, Louisa? Você não dá valor à boa opinião delas? O que diria o Sr. Bounderby?”

Diante desse nome, a filha lançou-lhe um rápido olhar, notável por seu caráter intenso e inquiridor. Ele não viu nada porque, antes que olhasse para ela, Louisa baixou os olhos!

“O que”, repetiu ele de imediato, “diria o Sr. Bounderby?” Durante todo o caminho até Stone Lodge, enquanto conduzia com grave indignação os dois delinquentes, ele repetia a intervalos regulares: “O que diria o Sr. Bounderby?” – como se o Sr. Bounderby fosse a Sra. Grundy^[a].

[a] Personagem da peça *Speed the Plough*, de Thomas Northon, cujo nome tornou-se popular como sinônimo de pessoa moralista e preocupada em demasia com as convenções sociais. (N. T.)



“Em nome da fantasia, do ócio e da tolice!”, disse o Sr. Gradgrind, afastando cada um com uma mão. “O que estão fazendo aqui?”

IV

SR. BOUNDERBY

Já que não era a Sra. Grundy, *quem* era o Sr. Bounderby?

Ora, o Sr. Bounderby estava tão perto de ser o melhor amigo do Sr. Gradgrind quanto um homem perfeitamente desprovido de sentimentos poderia aproximar-se dessa relação espiritual com outro homem perfeitamente desprovido de sentimentos. Próximo assim era o Sr. Bounderby – ou, se o leitor preferir, distante assim.

Era rico: banqueiro, comerciante, industrial e tudo mais. Um homem grande e barulhento, de riso e olhar metálicos. Um homem feito de material bruto, que parecia ter sido esticado para fazer tanto dele. Um homem de cabeça e testa protuberantes, veias dilatadas nas têmporas, e pele tão esticada que parecia manter os olhos abertos e as sobrancelhas erguidas. Um homem cuja aparência geral era a de um balão inflado, pronto para estourar. Um homem que não se cansava de vangloriar-se de ter enriquecido por seu próprio esforço. Um homem que estava sempre proclamando sua antiga ignorância e sua antiga pobreza pelo megafone metálico que era a sua voz. Um homem que era o Gabola da humildade.

Um ou dois anos mais novo que seu eminentemente prático amigo, o Sr. Bounderby parecia mais velho; a seus quarenta e oito ou quarenta e sete anos poderíamos adicionar mais sete ou oito, sem que ninguém se admirasse. Ele não tinha muito cabelo. Poderíamos pensar que o perdera de tanto falar; e o pouco que restara, arrepiado e despenteado, encontrava-se nessas condições por ser constantemente arrastado para lá e para cá por sua jactância aérea.

Na sala de visitas de Stone Lodge, de pé sobre o tapete da lareira, aquecendo-se ao fogo, o Sr. Bounderby fazia algumas observações à Sra. Gradgrind sobre o fato de ser seu aniversário. Ele estava diante do fogo, em parte porque era uma tarde fria de primavera, embora o sol brilhasse; e em parte porque o fantasma da argamassa úmida sempre espantou as sombras de Stone Lodge; em parte ainda, porque desse modo ele tomava uma posição de comando, da qual subjugava a Sra. Gradgrind.

“Eu não tinha um par de sapatos para os meus pés. Quanto às meias, eu não as conhecia nem de nome. Ficava o dia numa vala e a noite num chiqueiro. Assim passei meu décimo aniversário. Não que a vala fosse novidade para mim, porque nasci em uma.”

Sra. Gradgrind, uma pequena trouxa de xales magra e branca, de olhos avermelhados e extrema fragilidade física e mental; estava sempre tomando purgativos, sem nenhum efeito, e quando dava sinais de voltar à vida invariavelmente ficava aturdida com um pesado fato caindo sobre ela; a Sra. Gradgrind esperava que fosse uma vala seca.

“Não! Molhada como uma esponja. Trinta centímetros de água”, disse o Sr. Bounderby.

“O suficiente para um bebê apanhar um resfriado”, ponderou a Sra. Gradgrind.

“Resfriado? Nasci com inflamação nos pulmões, e em tudo mais, creio eu, que pudesse pegar uma inflamação”, retorquiu o Sr. Bounderby. “Durante anos, madame, fui um dos mais infelizes desgraçadinhos que já se viu. Era tão doente que gemia e resmungava o tempo todo. Era tão maltrapilho e sujo que a senhora não tocava em mim nem com uma tenaz.”

A Sra. Gradgrind olhou vagamente para as pinças ao lado da lareira, o gesto mais apropriado que sua imbecilidade poderia conceber.

“Como me libertei daquilo, *eu* não sei”, disse Bounderby. “Era determinado, creio eu. Sou determinado nesta altura da vida, e creio que também era naquela época. Aqui estou eu, Sra. Gradgrind, de todo modo, e não tenho ninguém a quem agradecer por estar aqui, a não ser a mim mesmo.”

A Sra. Gradgrind esperava fraca e humildemente que sua mãe...

“*Minha* mãe? Escapuliu, madame!”, disse Bounderby.

A Sra. Gradgrind, atordoada como sempre, encolheu-se e desistiu.

“Minha mãe me deixou com minha avó”, disse Bounderby; “e, se bem me lembro, minha avó foi a pior e mais perversa velha que já existiu. Se eu

conseguisse, por acaso, um parzinho de sapatos, ela o tirava de mim e vendia para beber. Ora, o que mais vi foi aquela minha avó deitar na cama e entornar quatorze copos antes do desjejum!”

A Sra. Gradgrind, sorrindo fracamente, e não dando outro sinal de vida, parecia (como sempre) a transparência mal executada de uma pequena figura feminina, sem luz suficiente por trás dela.

“Ela tinha uma loja de velas”, prosseguiu Bounderby, “e me mantinha numa caixa de ovos. Esse foi o berço da *minha* infância: uma caixa velha de ovos. Assim que cresci o suficiente para fugir, é claro que fugi. Tornei-me um vagabundo; ao invés de levar pancadas e passar fome nas mãos de uma velha, passei a levar pancadas e passar fome nas mãos de todos, de todas as idades. Eles estavam certos; não podiam fazer outra coisa. Eu era um estorvo, um fardo, um parasita. Sei muito bem disso.”

O orgulho de ter alcançado, em certo momento da vida, a grande distinção social de ter sido um estorvo, um fardo, um parasita, só foi satisfeito depois de três sonoras repetições da bazófia.

“Era meu destino superar aquilo, creio eu, Sra. Gradgrind. Destino ou não, foi o que fiz. Superei aquilo, embora ninguém tenha me estendido a mão. Vagabundo, garoto de recados, vagabundo trabalhador braçal, porteiro, escrevente, gerente, sócio minoritário, Josiah Bounderby de Coketown. Esses são os meus antecedentes, e o meu ápice. Josiah Bounderby de Coketown aprendeu a ler nas vitrines das lojas, Sra. Gradgrind, e foi capaz de dizer as horas após ter estudado o relógio da torre da igreja de São Giles, em Londres, orientado por um bêbado aleijado que era criminoso condenado e vadio incorrigível. Fale a Josiah Bounderby de Coketown de suas escolas distritais e de suas escolas-modelo, de suas escolas profissionalizantes e de toda a camarilha de escolas; e Josiah Bounderby de Coketown lhe dirá francamente, direto e correto – ele não teve essas vantagens –, mas precisamos de pessoas de cabeça dura e punhos firmes – a educação que ele teve não serve para todos, ele bem sabe –, mas essa foi a sua educação, e podem forçá-lo a engolir banha fervente, mas nunca forçá-lo a esconder os fatos de sua vida.”

Exaltando-se ao chegar ao clímax, Josiah Bounderby de Coketown deteve-se. Deteve-se no exato momento em que seu eminentemente prático amigo, ainda acompanhado dos dois jovens réus, entrou na sala. Seu eminentemente prático amigo, ao vê-lo, também se deteve, e lançou em direção a Louisa um olhar de reprovação que dizia claramente: “Contemplai vosso Bounderby!”.

“Bem!”, vociferou o Sr. Bounderby, “qual é o problema? Por que o jovem Thomas está em apuros?”

Falava do jovem Thomas, mas olhava para Louisa.

“Estávamos espiando o circo”, murmurou Louisa, sobranceiramente, sem erguer os olhos, “e nosso pai nos surpreendeu.”

“E, Sra. Gradgrind”, disse altivamente o marido, “eu esperaria encontrar meus filhos lendo poesia.”

“Oh, céus!”, gemeu a Sra. Gradgrind. “Como puderam, Louisa e Thomas! Estou pasma! Digo que bastam vocês dois para alguém se arrepender de ter formado uma família. Inclino-me fortemente a dizer que quisera eu nunca ter formado uma. O que vocês teriam feito? Eu gostaria de saber.”

O Sr. Gradgrind pareceu não se impressionar com essas convincentes observações. Franziu o cenho, impaciente.

“Como se não pudessem, dado o estado de minha enxaqueca, ver as conchas, os minerais e as outras coisas providenciadas para vocês, em vez de circos!”, disse a Sra. Gradgrind. “Sabem tão bem quanto eu que nenhuma criança tem professores de circo, ou guarda circos em armários, ou assiste a aulas sobre circos. O que vocês podem querer com os circos, então? Estou certa de que têm muito que fazer, se quiserem. Com o atual estado da minha cabeça, não consigo lembrar-me da metade dos fatos que vocês têm de aprender.”

“Essa é a razão!”, amou-se Louisa.

“Não me diga que essa é a razão, porque não pode ser nada do gênero”, disse a Sra. Gradgrind. “Vá imediatamente fazer algo qualquercoisológico.” A Sra. Gradgrind não tinha índole científica, e costumava mandar os filhos estudar com a ordem geral de escolher os temas que lhes agradassem.

Na verdade, o estoque de fatos gerais da Sra. Gradgrind era terrivelmente deficiente; mas o Sr. Gradgrind, ao elevá-la a sua alta posição matrimonial, fora influenciado por duas razões. Em primeiro lugar, ela era muitíssimo satisfatória em termos de cifras; e, em segundo lugar, não pensava bobagens. Por bobagem, ele entendia imaginação; e, de fato, ela era provavelmente tão livre de qualquer traço dessa natureza quanto qualquer ser humano que ainda não houvesse alcançado a perfeição de um completo idiota.

O simples fato de ficar a sós com o marido e o Sr. Bounderby foi suficiente para atordoar outra vez a admirável senhora, mesmo sem conflito entre este e outro fato qualquer. Assim, ela murchou de novo, e ninguém se importou.

“Bounderby”, disse o Sr. Gradgrind, arrastando uma cadeira para perto do

fogo, “você sempre se interessou tanto pelos meus filhos – Louisa, em particular – que não me desculpo por dizer que estou muito envergonhado com essa descoberta. Dediquei-me sistematicamente (como você sabe) à educação da razão da minha família. A razão (como você sabe) é a única faculdade a que a educação deveria dirigir-se. E, no entanto, Bounderby, parece-me que, dadas as circunstâncias inesperadas de hoje, por mais insignificantes que tenham sido, algo se insinuou na mente de Thomas e Louisa que é, ou melhor, não é – não consigo expressar-me melhor do que isso –, algo que nunca tivemos a intenção de desenvolver, e no qual a razão não tomou parte.”

“Por certo não há razão em observar com interesse um bando de vagabundos”, retorquiu Bounderby. “Quando *eu* mesmo era um vagabundo, ninguém me olhava com interesse; sei disso.”

“Então, chega-se à pergunta”, disse o pai eminentemente prático, com o olhar fito no fogo, “o que fez surgir essa curiosidade vulgar?”

“Digo-lhe o quê. A imaginação ociosa.”

“Espero que não”, disse o eminentemente prático, “porém confesso que a desconfiança passou-me pela cabeça a caminho de casa.”

“Imaginação ociosa, Gradgrind”, repetiu Bounderby. “Algo muito ruim para todos, mas algo danado de ruim para uma menina como Louisa. Eu pediria perdão à Sra. Gradgrind pelas palavras fortes, caso ela não soubesse muito bem que não tenho caráter refinado. Quem espera refinamento da *minha* parte ficará desapontado. Não tive uma educação refinada.”

“Será”, ponderou Gradgrind com as mãos nos bolsos e os olhos cavernosos no fogo, “que algum instrutor ou criado poderia ter sugerido alguma coisa? Será que Louisa ou Thomas poderiam ter lido alguma coisa? Será que, apesar de todas as precauções, algum livro inútil de histórias veio parar aqui? Porque, em mentes que foram praticamente formadas com régua e esquadro, desde o berço até hoje, isso é tão curioso, tão incompreensível.”

“Espere aí!”, gritou Bounderby, que estava parado diante da lareira, como antes, transbordando na própria mobília da sala com humildade explosiva. “Uma filha daqueles andarilhos estuda na sua escola.”

“Cecilia Jupe é o nome dela”, disse o Sr. Gradgrind, com um olhar um tanto surpreso para o amigo.

“Ora, espere aí!”, gritou Bounderby novamente. “Como ela chegou lá?”

“Bem, o fato é que somente vi a garota, por mim mesmo e pela primeira vez, há pouco. Ela solicitou a matrícula aqui em casa, em caráter especial, já que não

pertence regularmente à nossa cidade e... Você está certo, Bounderby, está certo.”

“Agora espere aí!”, gritou Bounderby mais uma vez. “Louisa a viu chegar?”

“Louisa decerto a viu, porque mencionou a matrícula. Mas Louisa a viu, sem dúvida, na presença da Sra. Gradgrind.”

“Por obséquio, Sra. Gradgrind”, disse Bounderby, “o que se passou?”

“Oh, minha pobre saúde!”, respondeu a Sra. Gradgrind. “A menina queria ingressar na escola, e o Sr. Gradgrind queria que meninas ingressassem na escola, e Louisa e Thomas disseram que a menina queria ingressar, e que o Sr. Gradgrind queria que meninas ingressassem, e como eu poderia contradizê-los se era fato?”

“Digo-lhe agora, Gradgrind!”, disse o Sr. Bounderby. “Faça essa menina dar meia-volta, e acabam-se os problemas.”

“Sou da mesma opinião.”

“Faça de uma vez”, disse Bounderby, “sempre foi meu lema, desde criança. Quando achei que poderia fugir da minha caixa de ovos e da minha avó, fugi de uma vez. Faça o mesmo. E faça de uma vez!”

“Quer dar uma caminhada?”, perguntou o amigo. “Tenho o endereço do pai. Talvez você não se importe de caminhar até a cidade comigo.”

“Nem um pouco”, disse Bounderby, “desde que você o faça de uma vez!”

Dito isso, o Sr. Bounderby jogou o chapéu na cabeça – como sempre, modos de um homem que esteve ocupado demais fazendo a própria vida para adquirir um jeito particular de usar o chapéu – e, com as mãos nos bolsos, passou para o vestíbulo. “Nunca visto luvas”, costumava dizer. “Não subi a escada social vestindo *luvas*. Não teria chegado tão alto se as tivesse vestido.”

Passeando pelo vestíbulo, durante um minuto ou dois, enquanto o Sr. Gradgrind ia ao andar de cima buscar o endereço, ele abriu a porta do estúdio das crianças e olhou para dentro do aposento revestido de madeira que, não obstante as estantes, os gabinetes e a variedade de aparatos eruditos e filosóficos, tinha muito do aspecto jovial de um salão dedicado ao corte de cabelo. Louisa apoiava-se languidamente na janela, olhando para fora sem olhar para nada, enquanto o jovem Thomas fungava vingativamente diante do fogo. Adam Smith e Malthus, dois Gradgrinds mais novos, estavam fora, numa aula, acompanhados do tutor; e a pequena Jane, após fabricar um bocado de argila úmida em seu rosto, com giz e lágrimas, adormecera sobre as frações simples.

“Está tudo bem agora, Louisa; está tudo bem, jovem Thomas”, disse o Sr.

Bounderby; “vocês não farão isso outra vez. Garanto-lhes pessoalmente que seu pai esquecerá tudo. Bem, Louisa, isso merece um beijo, não?”

“O senhor pode tomar um, Sr. Bounderby”, retorquiu Louisa, após ter feito uma pausa fria, caminhado devagar pela sala e erguido a bochecha na direção dele, sem nenhuma ternura e com o rosto virado para o lado.

“Sempre minha queridinha, não é, Louisa?”, disse o Sr. Bounderby. “Até logo, Louisa!”

Ele saiu, mas ela permaneceu parada, esfregando com o lenço a bochecha que ele beijara, até que estivesse vermelha e ardendo. Ainda a estava esfregando cinco minutos depois.

“O que é isso, Loo?”, repreendeu-a o irmão, zangado. “Você vai abrir um buraco no rosto.”

“Pode cortar esta parte com o canivete, Tom. Não vou chorar!”

V A NOTA TÔNICA

Coketown, para onde caminhavam os Srs. Bounderby e Gradgrind, era um triunfo dos fatos; não havia mácula de imaginação maior do que aquela da própria Sra. Gradgrind. Executemos a nota tônica, Coketown, antes de prosseguir a nossa canção.

Era uma cidade de tijolos vermelhos, ou de tijolos que seriam vermelhos caso as cinzas e a fumaça permitissem; mas, no estado de coisas de então, era uma cidade de vermelhos e negros antinaturais, como o rosto pintado de um selvagem. Era uma cidade de máquinas e chaminés altas, pelas quais se arrastavam perenes e intermináveis serpentes de fumaça que nunca se desenrolavam de todo. Havia um canal negro e um rio que corria púrpura por causa da tintura malcheirosa, e grandes pilhas de edifícios cheios de janelas, onde se ouviam ruídos e tremores o dia inteiro, e onde o pistão das máquinas a vapor trabalhava monótono, para cima e para baixo, como a cabeça de um elefante em estado de loucura melancólica. Havia ruas largas, todas muito semelhantes umas às outras, e ruelas ainda mais semelhantes umas às outras, onde moravam pessoas também semelhantes umas às outras, que saíam e entravam nos mesmos horários, produzindo os mesmos sons nas mesmas calçadas, para fazer o mesmo trabalho, e para quem cada dia era o mesmo de ontem e de amanhã, e cada ano o equivalente do próximo e do anterior.

Os atributos de Coketown eram, em geral, inseparáveis do trabalho que a mantinha; poderíamos contrapor-lhes os confortos da vida que eram enviados dali para o mundo inteiro, e os requintes da vida que moldavam (não

perguntaremos quanto) as finas damas, que mal suportavam a menção do lugar. Os outros atributos de Coketown eram voluntários, e são estes.

Não se via nada em Coketown que não fosse rigorosamente funcional. Se os seguidores de uma doutrina religiosa construíssem uma capela ali – como fizeram os seguidores de dezoito doutrinas religiosas –, seria um pio armazém de tijolos vermelhos, às vezes com um sino dentro de uma gaiola no topo (mas apenas em exemplares altamente ornamentais). A única exceção era a Igreja Nova; um edifício revestido de estuque, com um campanário quadrado em cima da porta, terminando em quatro pináculos baixos, como pernas de pau floridas. Todos os letreiros públicos da cidade eram pintados da mesma maneira: letras severas em preto e branco. A prisão poderia ser a enfermaria, a enfermaria poderia ser a prisão, a sede da prefeitura poderia ser qualquer uma das duas, ou ambas, ou outra coisa qualquer, em que pesem as poucas diferenças estéticas de sua construção. Fatos, fatos, fatos, por todo o aspecto material da cidade; fatos, fatos, fatos, por todo o imaterial também. A escola de Choakumchild era toda fatos, e a escola técnica era toda fatos, e as relações entre mestre e servo eram todas fatos, e tudo era fatos entre a maternidade e o cemitério, e aquilo que não se podia expressar em números, ou demonstrar que era comprável no mercado mais barato e vendável no mais caro, não existia, e não deveria existir, pelos séculos dos séculos, amém.

Uma cidade tão devotada aos fatos, e tão triunfante em sua afirmação, decerto ia bem. Ora, não tão bem. Não? Oh, céus!

Não. Coketown não saía das próprias fornalhas como ouro incandescente. Antes de tudo, o desconcertante mistério da cidade era: quem pertencia às dezoito denominações? Porque, fosse quem fosse, não eram os trabalhadores. Era muito estranho caminhar pelas ruas da cidade num domingo de manhã e notar quão poucos *deles* o bárbaro badalar dos sinos, que enlouquecia os doentes e os nervosos, atraía para fora de casa, dos quartos fechados, das esquinas das ruas onde eles passavam o tempo, indiferentes, observando os frequentadores das capelas e igrejas como se aquilo fosse uma coisa com a qual eles não tivessem nenhuma relação. E não era somente o estrangeiro que notava tal fato, pois havia uma organização local que a cada sessão na Câmara dos Comuns reivindicava, indignada, leis parlamentares que tornassem aquelas pessoas religiosas, à fina força. Depois era a vez da Sociedade dos Abstêmios, que reclamava que aquelas mesmas pessoas *preferiam* embriagar-se, e demonstrava por descrições tabulares que, de fato, elas se embriagavam, e provava nos chás

da cidade que nenhum estímulo, humano ou divino (com exceção de uma medalha), conseguiria fazê-las renunciar ao costume de embriagar-se. Depois era a vez do farmacêutico e do droguista, que também tinham descrições tabulares demonstrando que, quando não se embriagavam, elas consumiam ópio. E depois era a vez do experiente capelão da prisão, com mais descrições tabulares, que superavam todas as descrições tabulares anteriores, demonstrando que essas mesmas pessoas *preferiam* recorrer a estabelecimentos vulgares, escondidos do olhar público, onde ouviam canções vulgares, assistiam a danças vulgares e quiçá participavam delas; e onde A. B., vinte e quatro anos incompletos, condenado a dezoito meses de confinamento solitário, disse (não que em algum momento tenha parecido particularmente digno de crença) que sua ruína começou, e estava perfeitamente certo e confiante de que, se não fosse por tais estabelecimentos, ele seria um espécime moral de primeira categoria. Além disso, havia os Srs. Gradgrind e Bounderby, os dois cavalheiros que ora caminhavam por Coketown, ambos eminentemente práticos, que em certas ocasiões poderiam fornecer mais descrições tabulares derivadas de sua experiência pessoal e ilustradas por casos que haviam visto e conhecido, dos quais se concluía claramente – em resumo, estes eram os únicos fatos claros no caso – que, de modo geral, aquelas pessoas não prestavam, cavalheiros; que nunca ficavam gratas por aquilo que se fazia por elas, não importava o que fosse, cavalheiros; que nunca estavam contentes, cavalheiros; que comiam do bom e do melhor e compravam manteiga fresca; que insistiam em beber café moça e rejeitavam os cortes de carne que não fossem os melhores e, no entanto, eram eternos insatisfeitos e baderneiros. Em resumo, era a moral da velha rima infantil:

*Havia uma velha muito ruim.
Vivia somente de carnes e gim.
Só carnes e gim, era sua dieta,
Mas a velha NUNCA ficava quieta.*

É possível, imagino eu, que haja uma analogia entre o caso da população de Coketown e o caso dos pequenos Gradgrinds? Por certo, nenhum de nós, que temos a mente sóbria e estamos familiarizados com os números, querera ouvir, a esta altura, que um dos principais elementos da existência do povo trabalhador de Coketown foi, durante anos, intencionalmente aviltado. Que havia alguma

imaginação nessas pessoas exigindo ser trazida à saudável existência, em vez de debater-se em convulsões. Que, na mesma proporção em que trabalhavam longa e monotonamente, elas ansiavam por alívio físico; um descanso que lhes estimulasse o bom humor e a boa disposição e desse um refrigério; um feriado oficial, ainda que fosse suficiente apenas para um baile honesto, ao som estimulante de uma banda de música; uma torta leve, na qual nem mesmo Choakumchild pudesse meter a mão. Tal anseio deveria ser satisfeito com justiça, e seria, ou deveria tomar o caminho errado, e tomaria, até que fossem revogadas as leis da Criação?

“O sujeito mora na Ponta de Pod. Não conheço bem o lugar”, disse o Sr. Gradgrind. “Onde é, Bounderby?”

O Sr. Bounderby sabia que era algum lugar no centro da cidade, nada além disso. Assim, eles pararam um momento e olharam em volta.

Quase de imediato, veio andando, a passos largos e parecendo assustada, uma menina a quem o Sr. Gradgrind reconheceu. “Ei!”, disse ele. “Pare! Aonde você vai? Pare!” A menina número vinte parou e, agitada, fez-lhe uma reverência.

“Por que está andando desembestada pelas ruas”, disse o Sr. Gradgrind, “desse modo impróprio?”

“Eu estava... estava sendo perseguida, senhor”, arfou a menina, “e quis escapar.”

“Perseguida?”, repetiu o Sr. Gradgrind. “Quem perseguiria *você* ?”

A pergunta foi respondida, súbita e inesperadamente, pelo menino incolor, Bitzer, que dobrou a esquina em velocidade irrefreável e, sem prever o bloqueio na calçada, acabou chocando-se contra o colete do Sr. Gradgrind e ricocheteando até o meio da rua.

“O que está pensando, menino?”, disse o Sr. Gradgrind. “O que está fazendo? Como ousa chocar-se contra – todo mundo – dessa forma?”

Bitzer apanhou o boné, que a trombada havia derrubado; então, recuando e batendo uma continência, alegou que fora um acidente.

“Este menino estava correndo atrás de você, Jupe?”, perguntou o Sr. Gradgrind.

“Sim, senhor”, disse a menina, relutante.

“Não, eu não estava, senhor!”, gritou Bitzer. “Não até ela fugir de mim. Mas os cavaleiros não se importam com o que dizem deles, senhor; eles são famosos por isso. Você sabe que os cavaleiros são famosos porque nunca se importam

com o que dizem deles”, disse dirigindo-se a Sissy. “É um fato tão conhecido na cidade quanto... a tabuada não é conhecida pelos cavaleiros, se é que me entende, senhor”, e Bitzer, assim, testava o Sr. Bounderby.

“Ele me assustou”, disse a menina, “com suas caretas cruéis!”

“Oh!”, exclamou Bitzer. “Oh, você é como eles! Você é uma cavaleira! Eu nem olhei para ela, senhor. Perguntei se saberia definir um cavalo amanhã, na aula, e me ofereci para explicar outra vez, e ela correu, e eu corri atrás, senhor, para ela saber a resposta. Você nem pensaria em dizer tamanha maldade se não fosse uma cavaleira!”

“A profissão da menina parece ser bastante conhecida entre eles”, observou o Sr. Bounderby. “Mais uma semana, e a escola toda faria fila para espiar.”

“Creio que é verdade”, respondeu seu amigo. “Bitzer, dê a volta e tome o rumo de casa. Jupe, espere um momento. Meu rapaz, se eu ouvir outra vez que você anda correndo desse modo, o diretor da escola vai lhe dar notícias minhas. Entende o que digo? Mexa-se.”

O menino interrompeu suas rápidas piscadas, bateu continência outra vez, olhou para Sissy, deu meia-volta e retirou-se.

“Agora, menina”, disse o Sr. Gradgrind, “leve-nos, este cavalheiro e eu, ao seu pai. É para lá que estamos indo. O que há nesse frasco que você carrega?”

“Gim”, disse o Sr. Bounderby.

“Oh, não, senhor! É unguento para cavalos.”

“Unguento para quê?”, gritou o Sr. Bounderby.

“Unguento para cavalos, senhor. Para esfregar no meu pai.” Ao que o Sr. Bounderby disse, com um risinho alto: “Por que diabos você esfregaria unguento para cavalos no seu pai?”

“É o que sempre usamos, senhor, quando nos machucamos no picadeiro”, replicou a menina, olhando por cima do ombro para certificar-se de que seu perseguidor havia partido. “O pessoal se machuca gravemente, às vezes.”

“É o que merecem”, disse o Sr. Bounderby, “por serem vadios.” Ela olhou para ele, com uma mistura de espanto e horror.

“Por São Jorge!”, disse o Sr. Bounderby, “quando eu era quatro ou cinco anos mais novo do que você, eu tinha machucados bem piores do que unguento para cavalos, unguento para rinocerontes ou unguento para elefantes pudessem curar. Não me machuquei praticando contorcionismo, mas em surras. Nunca dancei na corda bamba; dançava no chão e era vergastado com a corda.”

O Sr. Gradgrind, embora suficientemente rígido, não era tão grosseiro

quanto o Sr. Bounderby. Seu caráter não era rude de modo geral; poderia ter sido bastante gentil se houvesse cometido, no passado, algum erro rotundo na aritmética que o equilibrava. Disse numa voz que imaginava ser encorajadora, enquanto caminhavam pela rua estreita: “Aqui é a Ponta de Pod, não é, Jupe?”

“É, sim, senhor, e – se me permite, senhor – esta é a casa.”

Ela deteve-se, na penumbra, diante da porta de uma taverninha vil, iluminada por fracas luzes vermelhas. Era surrada e maltrapilha, como se, por falta de fregueses, houvesse ela própria começado a beber e seguido o caminho costumeiro dos bêbados, agora perto do fim.

“Basta passar pelo balcão, senhor, subir as escadas e, se me permite, esperar um momento até eu pegar uma vela. Se ouvir um cão, senhor, é apenas Patas Felizes, e ele apenas late.”

“Patas Felizes e unguento para cavalos, ah!”, disse o Sr. Bounderby, entrando por último com seu riso metálico. “Nada mal para um grande empreendedor!”



“Este rapaz é muito ousado!”, disse o Sr. Gradgrind, voltando-se para Kidderminster e franzindo as sobrancelhas.

VI O CIRCO HÍPICO SLEARY

O nome da taverna era As Asas de Pégaso. As Pernas Bambas de Pégaso seria mais apropriado; mas, sob o cavalo alado da tabuleta, estava escrito “As Asas de Pégaso”, em letras romanas. Ainda sob a inscrição, em cursivo fluente, o pintor traçara estas linhas:

*Bom malte faz boa cerveja,
Entre aqui e por você mesmo veja;
Bom vinho faz bom brande,
Visite-nos e beba um copo grande*

Emoldurado e envidraçado na parede atrás do balcãozinho sórdido, havia outro Pégaso – bastante teatral – com gaze verdadeira imitando as asas, estrelas douradas coladas por toda parte e etéreos arreios de seda vermelha.

Como estava escuro demais do lado de fora para ver a tabuleta, e como não havia luz suficiente do lado de dentro para ver o quadro, os Srs. Gradgrind e Bounderby não tiveram a oportunidade de ofender-se com tais idealidades. Seguiram a menina pela escada íngreme, em um canto do salão, sem encontrar mais ninguém, e detiveram-se no escuro enquanto ela procurava uma vela. Esperavam ouvir Patas Felizes manifestar-se a qualquer momento, mas o cão altamente treinado ainda não havia latido quando a menina e a vela apareceram.

“Meu pai não está no quarto, senhor”, disse ela, com grande surpresa no rosto. “Se os senhores não se importarem de entrar, vou procurá-lo agora

mesmo.”

Eles entraram; e Sissy, tendo trazido duas cadeiras, saiu a passos rápidos e leves. Era um quarto péssimo, escassamente mobiliado e com apenas uma cama. A touca de dormir branca, enfeitada com duas penas de pavão e um rabo de cavalo na vertical, e que Signor Jupe vestira naquela mesma tarde para animar os vários números com seus gracejos castos e réplicas shakespearianas, pendia de um prego; porém, não se via nenhum outro elemento de seu guarda-roupa, ou qualquer indício dele mesmo ou de sua profissão. Quanto a Patas Felizes, o respeitável ancestral desse animal altamente treinado que embarcara na Arca provavelmente ficara de fora dela, pois não havia nenhum sinal de cão, aos olhos ou aos ouvidos, n’As Asas de Pégaso.

Eles ouviram as portas dos quartos do andar de acima abrindo-se e fechando-se, enquanto Sissy ia de uma em outra à procura do pai; e logo após ouviram vozes que demonstravam surpresa. Ela desabalou escadaria abaixo, abriu um velho baú de peles, surrado e sarnento, viu que estava vazio e olhou em volta com as mãos crispadas e o rosto cheio de terror.

“Meu pai deve ter ido até o circo, senhor. Não sei por que iria, mas deve estar lá; vou trazê-lo em um minuto!” Ela saiu imediatamente, sem a touca, com os cabelos negros, longos e infantis esvoaçando atrás dela.

“O que ela está pensando!”, disse o Sr. Gradgrind. “Volta em um minuto? Fica a mais de um quilômetro daqui.”

Antes que o Sr. Bounderby pudesse responder, um jovem apareceu à porta, apresentou-se com as palavras “Com licença, cavalheiros!” e entrou com as mãos nos bolsos. Seu rosto, barbeado rente, magro e pálido, era emoldurado por grande quantidade de cabelos escuros, penteados em rolo em volta da cabeça e repartidos ao meio. Suas pernas eram muito robustas, porém mais curtas do que pernas bem proporcionadas deveriam ser. Seu peito e suas costas eram muito largos, assim como as pernas eram muito curtas. Vestia um casaco de montaria e calças justas, e um lenço em torno do pescoço; cheirava a óleo de lamparina, palha, cascas de laranja, ração para cavalos e serragem. Parecia-se com uma notável espécie de centauro, composta de estábulo e teatro. Onde começava um e terminava o outro não se poderia dizer com precisão. Esse cavalheiro era citado entre as atrações do dia como Sr. E. W. B. Childers, merecidamente aclamado por seu número de salto, batizado de Caçador Selvagem das Pradarias Norte-Americanas; naquela popular apresentação, um menininho com rosto de velho, que agora o acompanhava, interpretava um bebê: ora era carregado por um pé,

de cabeça para baixo, no ombro do pai, ora era equilibrado pela cabeça, com as pernas para cima, na palma da mão do pai, conforme os violentos modos paternais que se observavam em caçadores selvagens ao acariciar sua prole. Adornado de cachos, guirlandas, asas, bismuto branco e carmim, o esperançoso jovem elevava-se a tão agradável Cupido que constituía o deleite principal da parte maternal da plateia; mas, na vida privada, na qual suas características eram um precoce casaco curto e uma voz extremamente rouca, ele voltava às pradarias agrestes.

“Com licença, cavalheiros”, disse o Sr. E. W. B. Childers, olhando em torno do quarto. “Os senhores, creio eu, queriam ver Jupe!”

“Queríamos”, disse o Sr. Gradgrind. “A filha dele foi buscá-lo, mas não posso esperar; portanto, se faz a gentileza, deixarei uma mensagem com o senhor.”

“Veja bem, meu amigo”, acrescentou o Sr. Bounderby, “somos o tipo de gente que sabe o valor do tempo, e você é o tipo de gente que não sabe o valor do tempo.”

“Ainda não tive”, retorquiu o Sr. Childers, após inspecioná-lo da cabeça aos pés, “a honra de *conhecê-lo* – mas, se o senhor quer dizer que pode fazer mais dinheiro com seu tempo do que eu posso fazer com o meu, suponho, por sua aparência, que seja bem verdade.”

“E suponho que, ao fazê-lo, tenha bom proveito”, disse o Cupido.

“Kidderminster, calado!”, disse o Sr. Childers. (Mestre Kidderminster era o nome mortal do Cupido.)

“Então para que ele veio até aqui nos afrontar?”, gritou Mestre Kidderminster, mostrando um temperamento bastante irascível. “Se quiser nos afrontar, pague suas patacas na entrada e vá em frente.”

“Kidderminster”, disse o Sr. Childers, elevando a voz, “calado!”. “Senhor”, ao senhor Gradgrind, “dirigia-me ao senhor. O senhor pode ou não saber (porque talvez não frequente a plateia) que Jupe tem perdido a deixa ultimamente.”

“Tem perdido o quê?”, perguntou o Sr. Gradgrind, pedindo ajuda ao potente Bounderby com um rápido olhar.

“Perdido a deixa.”

“Tentou com as ligas quatro vezes, ontem à noite, e não conseguiu nenhuma”, disse Mestre Kidderminster. “Perdeu a deixa nas bandeirolas, também, e a coisa toda fedeu.”

“Não fez o que devia. Os saltos foram curtos e as cambalhotas ruins”,

traduziu o Sr. Childers.

“Ah!”, disse o Sr. Gradgrind. “Isso é a deixa, não é?”

“De modo geral, isso é perder a deixa”, respondeu o Sr. E. W. B. Childers.

“Unguento para cavalos, Patas Felizes, deixas perdidas, ligas, bandeirolas e fedor, ah!”, exclamou Bounderby, com o riso dos risos. “Estranha companhia, esta, para um homem que se ergueu do nada.”

“Abaxe-se, então”, retorquiu o Cupido. “Ó Deus! Se chegou tão alto como faz parecer, por que não se abaixa um pouco?”

“Este rapaz é muito ousado!”, disse o Sr. Gradgrind, voltando-se para Kidderminster e franzindo as sobrancelhas.

“Teríamos arranjado um jovem cavalheiro para recebê-lo, se soubéssemos que viria”, retorquiu Mestre Kidderminster, nem um pouco intimidado. “É uma pena que não tenha marcado hora, sendo assim tão exigente. Você está no João-duro, não é?”

“O que este garoto malcriado quer dizer”, perguntou o Sr. Gradgrind, olhando-o meio desesperado, “com João-duro?”

“Chega! Saia, vamos!”, disse o Sr. Childers, arremessando o jovem amigo para fora do quarto, bem ao modo da pradaria. “João-duro, João-mole não significam grande coisa: são apenas nomes para a corda bamba retesada ou frouxa. O senhor tinha uma mensagem para Jupe?”

“Sim, tinha.”

“Então”, continuou rapidamente o Sr. Childers, “minha opinião é que ele nunca a receberá. O senhor sabe alguma coisa sobre ele?”

“Nunca o vi em toda a minha vida.”

“Duvido de que *chegará* a vê-lo. Para mim está claro que ele foi embora.”

“O senhor quer dizer que ele abandonou a filha?”

“É! Quero dizer”, disse o Sr. Childers, assentindo com a cabeça, “ele se escafedeu. Tomou assuada na noite passada, e assuada na noite retrasada, e assuada hoje. Ultimamente, ele tem tomado assuada todas as vezes, e não consegue aguentar.”

“Por que ele tem tomado tanta... assuada?”, perguntou o Sr. Gradgrind, forçando-se a dizer a palavra, com grande solenidade e relutância.

“As juntas dele estão ficado rígidas, e ele está cansado”, disse Childers. “Ainda tem seus méritos como grasnador, mas não dá para ganhar a vida apenas com isso.”

“Grasnador!”, repetiu Bounderby. “Aqui vamos nós outra vez!”

“Orador, se o cavalheiro prefere”, disse o Sr. E. W. B. Childers com arrogância, jogando a tradução por sobre o ombro e acompanhando-a com uma sacudida dos cabelos longos – sacudindo tudo ao mesmo tempo. “Ora, é fato notável, senhor, que fere mais profundamente um homem saber que sua filha o viu ser vaiado do que passar pela própria vaia.”

“Ótimo!”, interrompeu o Sr. Bounderby. “Isso é muito bom, Gradgrind! Um homem ama tanto sua filha que foge dela. Isso é bom como os diabos! Rá! Rá! Ora, digo-lhe isto, meu jovem: não ocupei sempre a posição que ocupo atualmente na vida. Sei como são essas coisas. Você pode se surpreender ao ouvir isto, mas minha mãe fugiu de *mim*.”

E. W. B. Childers replicou de imediato que não estava nem um pouco surpreso.

“Muito bem”, disse Bounderby. “Nasci numa vala, e minha mãe fugiu de mim. Ela tem meu perdão? Não. Alguma vez a perdoei? Não. Do que a chamo, pelo que me fez? É provável que a chame de a pior mulher que já viveu nesta terra, com exceção da minha avó bêbada. Não tenho nenhum orgulho familiar, comigo não há bobagens fantasiosas e sentimentais. Chamo as coisas pelo nome que têm; e chamo a mãe de Josiah Bounderby de Coketown, sem medo ou benevolência, daquilo que a chamaria caso fosse a mãe de Dick Jones de Wapping. O mesmo vale para esse homem. Ele é um mentiroso fugitivo e um vagabundo. É isso que ele é, para falar em nosso idioma.”

“Não me importa o que ele é ou não é, em nosso idioma ou não”, retorquiu o Sr. E. W. B. Childers, olhando em outra direção. “Digo ao seu amigo os fatos; se o senhor não gosta de ouvi-los, pode ir aproveitar o ar fresco. O senhor fala demais, na verdade; mas, ao menos, fale na sua própria casa”, protestou o Sr. E. W. B. Childers com dura ironia. “Não fale assim aqui até que seja solicitado. Ouso dizer que o senhor tem casa própria, não?”

“Talvez sim”, respondeu o Sr. Bounderby, chacoalhando seu dinheiro e rindo.

“Então, fale assim em sua casa, por favor”, disse Childers. “Porque esta não é muito sólida, e o senhor poderia pô-la abaixo!”

Olhando o Sr. Bounderby da cabeça aos pés novamente, deu-lhe as costas, como se o houvesse dispensado, e voltou-se para o Sr. Gradgrind.

“Jupe encarregou a filha de alguma tarefa, não faz uma hora, e logo depois foi visto fugindo, com o chapéu sobre os olhos e levando debaixo do braço uma

trouxa atada com um lenço. Ela nunca acreditará que o pai foi capaz de fazer isso, mas ele deixou tudo e a abandonou.”

“Por obséquio”, disse o Sr. Gradgrind. “Por que ela nunca acreditará que ele fez isso com ela?”

“Porque aqueles dois eram como um só. E porque, até hoje, ele parecia adorá-la”, disse Childers, avançando um passo ou dois para olhar o baú vazio. Tanto o Sr. Childers quanto Mestre Kidderminster caminhavam de maneira curiosa, com as pernas mais separadas do que os homens comuns, e com sinais bastante reveladores de que tinham os joelhos duros. Tal caminhar era comum a todos os membros masculinos da trupe de Sleary, e entendia-se que indicava o fato de que passavam o tempo todo a cavalo.

“Pobre Sissy! Ele deveria tê-la colocado como aprendiz”, disse Childers, sacudindo outra vez os cabelos, enquanto desviava o olhar da caixa vazia. “Ele a deixou sem nada com que viver.”

“É louvável da sua parte, que nunca foi aprendiz, expressar tal opinião”, disse o Sr. Gradgrind.

“*Eu* nunca fui aprendiz? Fui aprendiz desde os meus sete anos.”

“Oh! É verdade?”, disse o Sr. Gradgrind, um pouco ressentido por lhe terem roubado a boa opinião. “Não sabia que havia o costume de fazer aprendizes de...”

“Vadiagem”, interrompeu o Sr. Bounderby com uma risada sonora. “Nem eu, pelo rei Henrique! Nem eu!”

“O pai dela sempre achou”, continuou Childers, fingindo não notar a existência do Sr. Bounderby, “que ela deveria ter uma educação completa, de cor e salteada. Como ele meteu isso na cabeça, não sei dizer; sei apenas que dali ela nunca saiu. Ele arranjou para ela um pouquinho de leitura aqui – e um pouquinho de escrita ali – e um pouquinho de matemática acolá – nos últimos sete anos.”

O Sr. E. W. B. Childers tirou uma das mãos do bolso e acariciou o rosto e o queixo, olhando para o Sr. Gradgrind com muita dúvida e alguma esperança. Desde o princípio, ele tentara angariar a simpatia do cavalheiro, em benefício da menina abandonada.

“Quando Sissy entrou para a escola de Coketown”, continuou, “seu pai ficou feliz como um pato na água. Eu mesmo não entendi por quê, já que não ficaríamos por aqui, pois apenas chegamos e partimos de todos os lugares. Suponho, porém, que ele já tivesse essa manobra em mente – ele sempre foi

meio doido – e tenha acreditado que a menina estava amparada. Se, por acaso, o senhor veio aqui com o propósito de dizer a ele que faria um pequeno favor a ela”, disse o Sr. Childers, acariciando outra vez o rosto e repetindo o olhar, “a ocasião seria feliz e oportuna; *muito* feliz e oportuna.”

“Ao contrário”, respondeu o Sr. Gradgrind. “Vim até aqui para dizer-lhe que as relações da menina a tornavam inadequada à escola, e ela não devia mais frequentá-la. No entanto, se o pai de fato a abandonou, sem nenhum conhecimento da parte dela... Bounderby, temos de conversar.”

Diante disso, o Sr. Childers retirou-se educadamente para o corredor, com seu caminhar equestre, e lá permaneceu, acariciando o rosto e assoviando suavemente. Enquanto assim se ocupava, entreouviu estas frases na voz do Sr. Bounderby: “Não. *Digo* que não. Não o aconselho”. E ouviu do Sr. Gradgrind, em tom muito mais baixo: “Mesmo como um exemplo para Louisa daquilo a que leva e de onde termina essa profissão que foi objeto de uma curiosidade vulgar. Pense nisso, Bounderby, desse ponto de vista.”

Enquanto isso, os vários membros da trupe de Sleary reuniam-se aos poucos, vindos dos andares superiores onde estavam instalados, e, após permanecerem ali, falando em voz baixa uns com os outros e com o Sr. Childers, aos poucos insinuaram-se, junto com ele, para dentro do quarto. Havia duas ou três belas jovens entre eles, com dois ou três maridos, e duas ou três mães, e oito ou nove filhos pequenos, que trabalhavam como fadas quando necessário. O pai de uma dessas famílias tinha o costume de equilibrar o pai de outra família no alto de um grande mastro. O pai de uma terceira família formava frequentemente uma pirâmide com os dois pais anteriores, com Mestre Kidderminster como ápice e o referido pai como base; todos os pais sabiam dançar sobre barris em movimento, equilibrar-se sobre garrafas, pegar facas e bolas no ar, fazer malabarismos com tigelas de barbeiro, cavalgar qualquer coisa, saltar sobre qualquer coisa e persistir em nada. Todas as mães sabiam dançar (e dançavam) na corda bamba, frouxa ou retesada, e executar proezas montadas em pelo no lombo de garanhões; nenhuma delas tinha receio de mostrar as pernas; e uma delas, sozinha num carro grego, conduzia seis cavalos pelos arreios, em cada cidade aonde chegavam. Todos se presumiam extremamente espertos e dissolutos, não eram muito organizados em seus arranjos domésticos, e as leituras de toda a trupe junta não teriam produzido mais do que uma pobre nota sobre um assunto qualquer. No entanto, havia uma gentileza e uma infantilidade notáveis nessas pessoas, uma inépcia particular para qualquer tipo de prática rígida, e uma

prontidão incansável para ajudar umas às outras e compadecer-se, merecedora muitas vezes de tanto respeito e generosa consideração quanto as virtudes diárias de qualquer classe de pessoas no mundo.

Por último, apareceu o Sr. Sleary. Era um homem robusto, como já se mencionou, tinha um olho fixo e outro vago, uma voz (se é que se poderia chamá-la assim) que lembrava o esforço de um velho par de foles estragado, um corpo flácido e uma mente confusa, nunca sóbria e nunca bêbada.

“Meu fenhor!”, disse o Sr. Sleary, que sofria de asma e cuja respiração vinha pesada e densa demais para produzir o som de “s”. “Um feu fervidor! Efe é um caso muito grave, é fim. O fenhor já ouviu fobre meu palhafo e o cão que, fupõe-fe, tenham fugido?”

Ele dirigia-se ao Sr. Gradgrind, que respondeu: “Sim”.

“Bem, meu fenhor”, respondeu ele, tirando o chapéu e esfregando o forro com um lenço que guardava ali para tal propósito. “É fua intenção fazer algo pela pobre garota?”

“Terei algo a propor-lhe quando ela retornar”, disse o Sr. Gradgrind.

“Fico felif em faber, fenhor. Não que queira livrar-me da menina, maf também não quero ficar em feu caminho. Eftou difpofto a fazê-la aprendiz, embora feja tarde, na idade em que ela fe encontra. Minha vof é um pouco áfpera, fenhor, e não fe entende fafilmente, se a pefoa não me conhefe, maf fe o fenhor fofe refriado e aquefido, aquefido e refriado no picadeiro quando jovem, como fempre fui, *fua* vof também não teria durado, meu fenhor.”

“Acredito que não teria”, disse o Sr. Gradgrind.

“O fenhor deseja alguma coisa, enquanto efpera? Quem fabe um conhaque? Bafta dizer, fenhor!”, disse o Sr. Sleary com fácil hospitalidade.

“Nada para mim, obrigado”, disse o Sr. Gradgrind.

“Não diga ifo, fenhor. O que dirá feu amigo, então? Fe ainda não bebeu fua cota, beba um copo de ferveja.”

Nisso, sua filha Josephine – uma moça de dezoito anos, bonita e de cabelos claros, que aos dois anos fora atada a um cavalo e aos doze fizera um testamento que carregava sempre com ela, no qual manifestava seu desejo de ser levada para a sepultura por dois pôneis pampas – gritou: “Pai, depressa! Ela voltou!”. Nisso apareceu Sissy Jupe, correndo para dentro do quarto como antes correria para fora. E, quando viu todos reunidos ali, viu seus olhares e não viu o pai, caiu no choro mais deplorável, buscando refúgio no peito da melhor equilibrista (esta

mesma, seguindo o exemplo familiar), que se ajoelhou no chão para confortar Sissy e chorar em cima dela.

“É uma aflição infernal, juro por minha alma”, disse Sleary.

“Ó meu querido pai, meu bom e gentil pai, para onde foi você? Partiu para tentar fazer o meu bem, eu sei! Partiu em meu benefício, tenho certeza! E como será infeliz e indefeso sem mim, pobre pai, até que retorne!” Era tão patético ouvi-la dizer essas coisas, com o rosto para cima e os braços estendidos, como se tentasse deter a sombra do pai que partira, que ninguém disse uma palavra até que o Sr. Bounderby (que já se impacientava) assumisse o caso.

“Ora, minha boa gente”, disse ele, “isto é uma perda irresponsável de tempo. Que a menina entenda o fato. Que seja eu a dizer-lhe, se preferirem, eu que fui também abandonado. Ei, seja lá qual for o seu nome! Seu pai fugiu, desertou, e você não deve ter esperança de revê-lo, enquanto viver.”

Importavam-se tão pouco com os simples fatos aquelas pessoas, e encontravam-se em estado tão avançado de degeneração no que se referia a tais assuntos, que, ao invés de se impressionarem com o extremo bom senso do Sr. Bounderby, demonstraram um extraordinário ressentimento. Os homens murmuraram “Que vergonha!”, e as mulheres “Bruto!”, e Sleary, com certa pressa, comunicou ao Sr. Bounderby, à parte, a seguinte recomendação:

“Digo-lhe, fenhor. Para fer finfero com o fenhor, na minha opinião é melhor encurtar a hiftória e desiftir. Meu pefoal tem muito boa índole, maf coftumam fer rápido no agir; e, caso o fenhor não figa meu confelho, apofto minha alma que elef o jogarão por aquela janela.”

Contendo-se o Sr. Bounderby depois daquela amena sugestão, o Sr. Gradgrind encontrou ocasião para sua eminentemente prática exposição sobre o assunto.

“Não têm a menor importância”, disse ele, “a possibilidade de tal pessoa retornar em determinado momento, ou não. Ele partiu, e não há expectativa de que retorne. Isso, acredito eu, é unânime.”

“Todof concordamof, fenhor. Partamof daí!”, disse Sleary.

“Pois bem. Eu, que vim aqui para informar ao pai da pobre menina Jupe que ela não poderia ser admitida na escola, em consequência de objeções práticas, que não preciso descrever, à admissão de filhos de pessoas que exercem a profissão dos senhores, estou disposto a encarregar-me de você, Jupe, educá-la e sustentá-la. A única condição (acima e além de seu bom comportamento) que imponho é que decida agora, de uma vez, se vai me acompanhar ou continuar

aqui. Além disso, se me acompanhar agora, fica entendido que não vai mais se comunicar com nenhum de seus amigos aqui presentes. Essas observações abrangem a totalidade do caso.”

“Ao mesmo tempo”, disse Sleary, “devo contrapor minhas próprias palavras, senhor, de modo que se vejam ambos os lados da moeda. Se você quiser ser aprendiz, Fefilia, já conhece a natureza do trabalho, e conhece seu companheiro. Emma Gordon, em cujo colo você está agora, era uma mãe para você, e Josephine era sua professora. Não digo que pertenço à raça dos anjos, e digo que, quando você perder sua deusa, farei febre e direi a você um palavrão ou dois. Mas o que digo, senhor, é que, de bom ou mau humor, nunca feri um cavalo e não fiz mais do que xingá-lo, e que espero não fazer diferente no tempo que me resta, sobretudo com um cavaleiro. Nunca fui um bom grafador, senhor, e já disse o que pensava.”

A última parte do discurso foi dirigida ao Sr. Gradgrind, que a recebeu com uma grave inclinação de cabeça; então ele disse:

“A única observação que lhe faço, Jupe, de modo a influenciar sua decisão, é a de que é muitíssimo desejável ter uma educação sólida e prática, e isso até mesmo seu pai (pelo que entendo) parecia ter percebido e entendido, em seu benefício.”

As palavras finais surtiram um efeito visível. Sissy estancou o choro violento, afastou-se um pouco de Emma Gordon e voltou-se diretamente para o seu benfeitor. A trupe percebeu a força da mudança e respirou fundo em uníssono, o que significava, claramente, “ela irá!”.

“Assegure-se de que sabe o que quer, Jupe”, avisou-lhe o Sr. Gradgrind. “Mas não digo. Assegure-se de que sabe o que quer!”

“Quando meu pai voltar”, exclamou a menina, irrompendo em lágrimas outra vez após um minuto de silêncio, “como ele vai me encontrar, se eu tiver ido embora?”

“Você pode ficar tranquila”, disse calmamente o Sr. Gradgrind; ele já havia resolvido o problema, como uma operação matemática. “Pode ficar tranquila, Jupe. Se isso acontecer, seu pai deverá procurar, pelo que entendo, o Sr...”

“Fleary. É o meu nome, senhor. Não me envergonho dele. Foi conhecido em toda a Inglaterra, e sempre pago minhas dívidas.”

“Deverá procurar o Sr. Sleary, que então dirá a ele onde você está. Não tenho poder para mantê-la contra a vontade dele, e ele não terá nenhuma dificuldade para encontrar o Sr. Thomas Gradgrind de Coketown. Sou bastante conhecido.”

“Baftante conhefido”, assentiu o Sr. Sleary, virando o olho vago. “O fenhor é do tipo que mantém o feu dinheiro em lugaref diferentef. Maf vamof deixar ifo para lá, por agora.”

Houve outro silêncio; e então Sissy exclamou, soluçando com as mãos no rosto: “Oh, deem-me as minhas roupas, deem-me as minhas roupas e deixem-me partir antes que meu coração se parta!”.

As mulheres agitaram-se tristemente para reunir as roupas – o que não demorou, porque eram poucas – e colocá-las numa cesta que sempre viajara com elas. Sissy permaneceu sentada no chão, ainda soluçando e escondendo os olhos. O Sr. Gradgrind e seu amigo Bounderby estavam à porta, prontos para levar a menina. O Sr. Sleary estava parado no meio do quarto, com os homens da trupe ao seu redor, da mesma maneira como estaria no centro do picadeiro durante a apresentação de sua filha Josephine. Não lhe faltava nada, exceto o chicote.

Após arrumarem a cesta em silêncio, trouxeram a touca de Sissy e, antes de a colocarem, ajeitaram o cabelo embaraçado da menina. Então, espremeram-se em torno dela e curvaram-se numa atitude muito natural, abraçando-a e beijando-a; e trouxeram os filhos para despedir-se dela; era, de modo geral, um grupo de mulheres simples, tolas e de bom coração.

“Agora, Jupe”, disse o Sr. Gradgrind, “se está mesmo determinada, venha!”

Mas ela tinha ainda de dar adeus à parte masculina da trupe, e cada um tinha de estender os braços (todos tomavam uma atitude profissional quando estavam perto de Sleary) e dar-lhe um beijo de despedida – com exceção de Mestre Kidderminster, que se afastou mal-humorado: sua jovem natureza tinha o sabor original do misantropo, e dele se sabia que alimentara esperanças matrimoniais, das quais desistiu de má vontade. O Sr. Sleary foi discreto até o final. Abrindo os braços enquanto tomava Sissy pelas mãos, ele a teria feito saltar para cima e para baixo, à maneira do mestre de equitação ao congratular jovens damas após a execução de um breve número; mas não houve reação na menina, ela apenas chorava diante dele.

“Adeuf, minha querida!”, disse Sleary. “Efpero que fafa fua fortuna, e ninguém da fua pobre gente vai incomodá-la, eu lhe garanto. Quisera que feu pai não tivefe levado o cão com ele; é inconveniente não ter o cão no efpetáculo. Maf, penfando bem, ele não teria fe apresentado fem feu dono, então tanto faz, para a frente ou para trás!”

Dito isso, observou-a atentamente com o olho fixo, examinou a trupe com o vago, beijou Sissy, balançou a cabeça e empurrou a menina na direção do Sr.

Gradgrind, como um cavalo.

“Aqui está ela, senhor”, disse ele, varrendo Sissy com um olhar profissional, como se a estivessem ajustando na sela, “e ela lhe fará justiça. Adeus, Fefilia!”

“Adeus, Cecilia!” “Adeus, Sissy!” “Deus a abençoe, querida!” Em uma variedade de vozes pelo quarto.

Mas o olho do mestre de equitação notara o frasco de unguento que ela segurava junto ao peito, e ele agora se interpunha com um: “Deixe o frasco, querida. Ele é muito grande para carregar, e não terá nenhuma utilidade para você. Dê-me aqui!”

“Não, não!”, disse ela, tendo outro acesso de choro. “Oh, não! Por favor, deixe-me guardá-lo para o meu pai! Ele vai querê-lo quando retornar. Ele não pretendia ir embora quando me mandou buscá-lo. Devo guardá-lo para ele, por favor!”

“Que seja, minha querida. (Veja como ela é, senhor!) Adeus, Fefilia! Minha última palavra para você: cumpra o termo de seu acordo, seja obediente ao senhor, esqueça-nos. Porém, quando estiver creída, casada e rica, e encontrar por acaso um fisco equívoco, não o condene, não tenha raiva dele, dê-lhe uma contribuição, se puder, e faça que terá feito o bem. As pessoas precisam de divertimento, senhor, de algum tipo”, continuou Sleary, com menos fôlego ainda, de tanto falar. “Não podem trabalhar sempre, e não podem estudar sempre. Faça de nós o melhor, não o pior. Tenho ganhado minha vida, desde sempre, com o cavalo, eu sei; mas creio que proponho toda a filosofia sobre o assunto quando digo: senhor, faça de nós o melhor, não o pior!”

A filosofia de Sleary foi exposta enquanto os Srs. Gradgrind e Bounderby desciam a escadaria, levando a menina; e o olho fixo da Filosofia – assim como o olho vago – logo perderam de vista as três figuras e a cesta na escuridão da rua.

VII

SRA. SPARSIT

O Sr. Bounderby era solteiro e, portanto, sua casa era governada por uma senhora idosa, remunerada por certo estipêndio anual. Sra. Sparsit era o nome da dama; e era presença proeminente na carruagem do Sr. Bounderby, que ora conduzia triunfalmente o Gabola da humildade.

Porque a Sra. Sparsit não apenas tivera dias melhores, como também possuía relações importantes. Tinha uma tia-avó, ainda viva naqueles tempos, chamada Lady Scadgers. O Sr. Sparsit, falecido, do qual enviudara a Sra. Sparsit, fora, pelo lado materno, aquilo que ela chamava “um Powler”. Estrangeiros com conhecimento limitado e compreensão lenta não sabiam em geral o que era um Powler, e pareciam até incapazes de determinar se era um negócio, um partido político ou uma profissão de fé. Mentas de classe superior, porém, não precisavam ser informadas de que os Powlers eram uma linhagem antiga que podia seguir o rastro de seus ancestrais até um passado tão longínquo que não causava surpresa o fato de algumas vezes se perderem – e isso ocorreu com bastante frequência no que se refere a cavalos de corrida, cartas de baralho, transações financeiras com judeus e tribunais de insolventes.

O finado Sr. Sparsit, sendo um Powler pelo lado materno, casou-se com essa senhora, que era uma Scadgers pelo lado paterno. Lady Scadgers (uma velha imensamente gorda, com apetite excessivo por carnes selecionadas e uma perna misteriosa que se recusava a sair da cama havia quatorze anos) arranjara o casamento assim que Sparsit chegara à maioridade. Este era notável sobretudo pelo corpo esguio, mal apoiado sobre dois cambitos magros, e coroadado por uma

cabeça indigna de nota. Herdara uma bela fortuna do tio, mas, antes de recebê-la, já a havia empenhado, e depois gastou duas vezes o seu valor. Assim, quando morreu, aos vinte e quatro anos (a cena do óbito, Calais; a causa, conhaque), não deixou a viúva, da qual estava separado desde o final da lua de mel, em situação próspera. A enlutada dama, quinze anos mais velha, entrou imediatamente numa disputa mortal com sua única parente, Lady Scadgers; e, em parte para irritar Sua Excelência, em parte para manter-se, passou a ser assalariada. E cá estava agora, na velhice, com seu nariz coriolano e as grossas sobrancelhas negras que haviam cativado Sparsit, preparando o chá do Sr. Bounderby, enquanto ele tomava o desjejum.

Se Bounderby fosse um conquistador, e a Sra. Sparsit uma princesa cativa que ele exibisse a seu lado nas paradas oficiais, ele não poderia fazer-lhe mais floreios do que costumava. Assim como servia à sua jactância depreciar suas origens, servia-lhe exaltar as da Sra. Sparsit. Do mesmo modo que não permitia que sua juventude fosse considerada nem por uma única circunstância favorável, ele enfeitava a da Sra. Sparsit com todas as vantagens possíveis, e espalhava toneladas de rosas sobre a trajetória inicial da dama. “E, no entanto, senhor”, dizia ele, “sabe como terminaram as coisas? Ora, aqui está ela, a cem libras por ano (pago-lhe cem, soma que ela, contente, chama de vultosa), como governanta de Josiah Bounderby de Coketown!”

Sim, ele fizera esse contraste tão conhecido que terceiros o adotaram e começaram a brandi-lo, em algumas ocasiões, com considerável vigor. Um dos mais exasperantes atributos de Bounderby era não apenas cantar seus próprios louvores, mas estimular outros homens a fazê-lo. Havia nele um contágio moral do aplauso vazio. Estranhos, bastante modestos em outros lugares, nos jantares de Coketown começavam a gabar-se de Bounderby com muita exuberância. Faziam dele as Forças Armadas, a bandeira nacional, a Magna Carta, John Bull, o Habeas Corpus, a Declaração de Direitos Humanos, a casa de um inglês é seu castelo, a Igreja e o Estado, e Deus salve a rainha, tudo junto. E quando (o que era frequente) o orador acrescentava à peroração os versos

*Príncipes e nobres, a florescer ou murchar,
O ar faz os novos, os velhos já são de ar*

ficava mais ou menos entendido entre os presentes que o tal orador ouvira falar da Sra. Sparsit.

“Sr. Bounderby”, disse a Sra. Sparsit, “não é hábito seu demorar-se tanto no desjejum.”

“Ora, madame”, respondeu ele, “estou pensando na veleidade de Tom Gradgrind”. Ele disse *Tom Gradgrind*, numa certa independência fanfarrona no modo de falar – como se sempre estivessem tentando suborná-lo com somas imensas para que dissesse Thomas, e ele se recusasse. “A veleidade de Tom Gradgrind, madame, de criar a menina acrobata.”

“A menina está à espera”, disse a Sra. Sparsit, “para saber se vai para a escola ou para Stone Lodge.”

“Ela vai ter de esperar, madame”, respondeu Bounderby, “até que eu decida. Tom Gradgrind aparecerá por aqui a qualquer momento, presumo. Se ele quiser deixá-la aqui por mais um dia ou dois, é claro que ela pode ficar, madame.”

“É claro que pode, se é o que o senhor deseja, Sr. Bounderby.”

“Eu disse a Tom que arranjaría uma cama para ela, ontem à noite, para que ele pudesse refletir melhor antes de permitir que a menina tenha alguma relação com Louisa.”

“É mesmo, Sr. Bounderby? É muita consideração de sua parte!”

O nariz coriolano da Sra. Sparsit abriu ligeiramente suas narinas, e as sobrancelhas negras contraíram-se, enquanto ela bebia um gole de chá.

“Está muito claro para *mim*”, disse Bounderby, “que a pequenina não tirará muita vantagem de tal companhia.”

“O senhor fala da Srta. Gradgrind?”

“Sim, madame, falo de Louisa.”

“Como sua observação limitou-se a ‘pequenina’”, disse a Sra. Sparsit, “e há duas meninas em questão, não consegui saber a qual delas se referia a expressão.”

“Louisa”, repetiu o Sr. Bounderby. “Louisa, Louisa.”

“O senhor é como um segundo pai para Louisa.” A Sra. Sparsit bebeu mais um gole de chá; quando suas sobrancelhas, novamente contraídas, aproximaram-se da xícara fumegante, suas feições clássicas pareceram invocar os deuses infernais.

“Se a senhora tivesse dito que eu era um segundo pai para Tom – o jovem Tom, não meu amigo Tom Gradgrind –, talvez chegasse perto da verdade. Trarei o jovem Tom para trabalhar em meu escritório. Ele será meu protegido, madame.”

“É verdade? Um tanto jovem para isso, não, senhor?”; o “senhor” da Sra.

Sparsit, ao dirigir-se ao Sr. Bounderby, era uma palavra cerimoniosa, usada mais para exigir consideração à sua pessoa do que para honrar o cavalheiro.

“Não vou trazê-lo de vez; antes ele terá de engolir os estudos”, disse Bounderby. “E, pelo rei Henrique, ele engolirá muito, do começo ao fim! Aquele menino arregalaria os olhos se soubesse como faltava estudo às *minhas* entranhas quando eu tinha a idade dele.” Isso, a propósito, o menino provavelmente sabia, por ter ouvido falar com bastante frequência. “Mas é extraordinária a dificuldade que tenho em dezenas de assuntos, para falar com qualquer um em pé de igualdade. Agora mesmo, por exemplo, eu estava falando de acrobatas com a senhora. Ora, o que a *senhora* sabe sobre acrobatas? Na mesma época em que ser acrobata ou dar cambalhotas nas ruas enlameadas teria sido para mim uma dádiva, um prêmio de loteria, a senhora estava na Ópera Italiana. Estava saindo da Ópera Italiana com um vestido de cetim branco e joias, em esplendor fulgurante, enquanto eu não tinha um centavo para comprar uma tocha para iluminar seu caminho.”

“Por certo, senhor”, retorquiu a Sra. Sparsit, com pesarosa dignidade, mas serena, “a Ópera Italiana sempre me foi familiar, desde a infância.”

“Arre, madame, a mim também”, disse Bounderby, “o lado errado dela. Asseguro-lhe de que o pavimento daquele pórtico era uma cama dura. Pessoas como a senhora, madame, acostumadas desde o berço a deitar-se nos melhores colchões, não têm ideia de como é dura a calçada, sem tê-la experimentado. Não, não, é inútil falar-lhe de acrobatas. Deveria falar-lhe de bailarinos estrangeiros, e do West End em Londres, de May Fair, de condes e condessas, e comendadores.”

“Confio, senhor”, retrucou a Sra. Sparsit com resignação, “que não seja necessário falar-me de coisas assim. Espero ter aprendido a conformar-me com as mudanças da vida. Se suas instrutivas experiências, que não canso de ouvir, despertaram meu interesse, não reivindico nenhum mérito nisso, porque creio que o interesse é geral.”

“Bem, madame”, disse seu benfeitor, “algumas pessoas talvez fiquem contentes em dizer que apreciam ouvir, à maneira rude dele, o que se passou com Josiah Bounderby de Coketown. Mas a senhora deve confessar que nasceu em berço de ouro. Vamos, madame, a senhora sabe que nasceu em berço de ouro.”

“Não nego”, respondeu a Sra. Sparsit, balançando a cabeça, “senhor.”

Ele sentiu-se obrigado a levantar-se da cadeira e ficar de pé, de costas para o fogo, olhando para ela; aquela senhora elevava muito a posição do Sr.

Bounderby.

“E a senhora pertenceu à mais fina sociedade. Uma sociedade alta como os diabos”, disse ele, aquecendo as pernas.

“É verdade, senhor”, respondeu a Sra. Sparsit, afetando uma humildade que era o próprio oposto da jactância dele e, por isso, não corria o risco de provocá-la.

“A senhora estava na última moda, e tudo mais”, disse o Sr. Bounderby.

“Sim, senhor”, respondeu a Sra. Sparsit, exibindo uma espécie de viuvez social. “É uma verdade inquestionável.”

O Sr. Bounderby, dobrando os joelhos, literalmente abraçou as pernas com grande satisfação e riu alto. Então, o Sr. e a Srta. Gradgrind foram anunciados, e ele recebeu o primeiro com um aperto de mão e a segunda com um beijo.

“Pode trazer Jupe, Bounderby?”, perguntou o Sr. Gradgrind.

“Certamente.” Assim, Jupe foi trazida. Ao chegar, fez uma reverência ao Sr. Bounderby e a seu amigo Tom Gradgrind, e também a Louisa; mas, em sua confusão, teve o azar de esquecer-se da Sra. Sparsit. Vendo aquilo, o bombástico Bounderby fez a seguinte observação:

“Escute o que vou lhe dizer, menina. O nome daquela dama ao lado do bule de chá é Sra. Sparsit. Aquela dama trabalha como governanta nesta casa e tem relações importantes. Por conseguinte, se você entrar em qualquer aposento desta casa e não se comportar do modo mais respeitoso com aquela dama, sua estadia nela será breve. Agora, não me importa nem um tico o modo como você se comporta diante de *mim*, porque não finjo ser alguém. Em vez de relações importantes, não tenho relações, e saí da escória do mundo. Mas, diante daquela dama, importa-me muito o que você faz; e você fará o que estiver de acordo com a consideração e o respeito, ou não poderá permanecer aqui.”

“Creio, Bounderby”, disse o Sr. Gradgrind, com voz conciliatória, “que tenha sido apenas distração.”

“Meu amigo Tom Gradgrind sugere, Sra. Sparsit”, disse Bounderby, “que foi apenas distração. É bem provável. No entanto, como a senhora sabe, madame, não permito nem sequer distrações diante da senhora.”

“O senhor é muito gentil”, respondeu a Sra. Sparsit, balançando a cabeça com sua humildade aristocrática. “Não era preciso fazer caso.”

Sissy, que se desculpara fracamente, com lágrimas nos olhos, foi mandada com um aceno, pelo dono da casa, para perto do Sr. Gradgrind. Ficou ali,

olhando atentamente para ele, ao passo que Louisa mantinha-se à parte, fria, com o olhar fito no chão, enquanto ele dizia:

“Jupe, decidi acolhê-la em minha casa; e, quando você não estiver na escola, cuidará da Sra. Gradgrind, que é quase inválida. Expliquei à Srta. Louisa – esta é a Srta. Louisa – o fim infeliz, porém natural, de sua carreira anterior; e você deve entender claramente que tudo aquilo é passado e não deve ser mencionado outra vez. A partir de agora, começa sua história. Você, no momento, é ignorante, bem sei.”

“Sim, senhor, muito”, respondeu ela, fazendo uma reverência.

“Terei a satisfação de educá-la de modo estrito; e você será a prova viva, para todos com quem entrar em contato, das vantagens do treinamento que receberá. Será recuperada e moldada. Você tinha o hábito de ler para o seu pai e para todas aquelas pessoas com as quais a encontrei, creio eu”, disse o Sr. Gradgrind, acenando para que ela se aproximasse e abaixando a voz.

“Apenas para o meu pai e Patas Felizes, senhor. Quero dizer, para o meu pai, porque Patas Felizes estava sempre lá.”

“Deixe Patas Felizes para lá, Jupe”, disse o Sr. Gradgrind, franzindo o cenho rapidamente. “Não me referia a ele. Entendo que você tinha o hábito de ler para o seu pai?”

“Oh, sim, senhor, milhares de vezes, foram os mais felizes – ó, de todos os momentos felizes que vivemos juntos, senhor!”

Foi apenas quando Sissy deu vazão à sua tristeza que Louisa olhou para ela.

“E o que”, perguntou o Sr. Gradgrind em voz ainda mais baixa, “você lia para o seu pai, Jupe?”

“Histórias de fadas, senhor, de anões, corcundas e gênios”, soluçou ela. “E...”

“Quieta!”, disse o Sr. Gradgrind, “já chega. Não volte a dar nem mais um pio sobre esses absurdos destrutivos. Bounderby, esse é um caso para treinamento rígido, que observarei com interesse.”

“Bem”, retorquiu o Sr. Bounderby, “já lhe comuniquei minha opinião, e não faria o que você está fazendo. Mas, se está bem, está bem. Já que teima em fazer, *muito* bem!”

Assim, o Sr. Gradgrind e a filha levaram Cecilia Jupe com eles para Stone Lodge. Durante o caminho, Louisa não disse uma palavra, boa ou má. O Sr. Bounderby prosseguiu em seus afazeres diários. E a Sra. Sparsit escondeu-se

atrás de suas sobrancelhas e meditou na escuridão de tal refúgio durante toda a noite.



“Seria muito bom ser você, Srta. Louisa!”

VIII NUNCA IMAGINE

Executemos a nota tônica outra vez, antes de continuarmos a canção.

Quando era meia dúzia de anos mais jovem, Louisa foi entreouvida dizendo certo dia, ao começar uma conversa com o irmão: “Tom, imagino que...” – ao que o Sr. Gradgrind, que era a pessoa que entreouvia, deu um passo adiante para ser visto e disse: “Louisa, nunca imagine!”.

Encontrava ali a força motriz da arte e do mistério mecânicos de educar a razão sem se rebaixar ao cultivo de sentimentos e afeições. Nunca imagine. Resolva tudo por adição, subtração, multiplicação e divisão, e nunca imagine. Tragam-me, diz o Sr. Choakumchild, aquele bebê que mal começou a andar e empenhar-me-ei para que jamais imagine.

Ora, além de bebês que mal começavam a andar, havia em Coketown uma população considerável de bebês que caminhava contra o tempo em direção ao mundo da eternidade havia vinte, trinta, quarenta, cinquenta anos ou mais. Como essas prodigiosas criancinhas eram assustadoras demais para espreitar em qualquer sociedade humana, as dezoito doutrinas arranhavam-se mutuamente os rostos e puxavam os cabelos umas das outras a fim de entrar em acordo sobre os passos que deveriam dar para o aperfeiçoamento daquelas – o que nunca conseguiam; circunstância surpreendente, quando se considera a feliz adaptação dos meios aos fins. Todavia, apesar de diferentes em relação a qualquer outro aspecto, concebível ou inconcebível (principalmente inconcebível), elas concordavam que as desafortunadas criancinhas jamais deveriam imaginar. O órgão número um dizia que elas tinham de aceitar tudo em confiança. O órgão

número dois dizia que deviam aceitar tudo conforme a economia política. O órgão número três escrevia-lhes livrinhos maçantes, mostrando como o bom bebê crescido ia ao banco depositar suas economias, enquanto o mau bebê crescido era expatriado. O órgão número quatro, com a sombria pretensão de ser jocoso (quando, na verdade, era absolutamente melancólico), tinha a rasa pretensão de ocultar as armadilhas do conhecimento para as quais era dever dos bebês se deixar atrair e conduzir. Porém, todos concordavam que os bebês não deveriam imaginar.

Havia uma biblioteca em Coketown, cujo acesso geral era fácil. O Sr. Gradgrind costumava torturar sua mente, preocupado com o que o povo lia ali: um ponto a partir do qual os estreitos riachos das descrições tabulares fluíam periodicamente para o oceano caudaloso das descrições tabulares, no qual nenhum mergulhador jamais se aventurara, a qualquer profundidade, e retornara lúcido. Era uma circunstância desencorajadora, mas um fato melancólico, que esses leitores insistissem em imaginar. Imaginavam coisas sobre natureza humana, paixões humanas, esperanças e medos humanos, as lutas, os triunfos e as derrotas, as preocupações, os prazeres e as tristezas, a vida e a morte de homens e mulheres comuns! Às vezes, após quinze horas de trabalho, sentavam-se para ler meras fábulas sobre homens e mulheres mais ou menos como eles, e sobre crianças mais ou menos como seus próprios filhos. De Foe falava aos seus sentimentos, ao contrário de Euclides, e eles pareciam sentir-se, em geral, mais confortados por Goldsmith do que por Cocker. O Sr. Gradgrind sempre investigara, em versão impressa e não impressa, essa soma excêntrica e nunca pôde entender como ela resultava naquele produto inexplicável.

“Estou cheio da minha vida, Loo. Odeio tudo, odeio todos, menos você”, disse o desnaturado jovem Thomas Gradgrind no salão de cortes de cabelo, quando já entardecia.

“Você não odeia Sissy, não é, Tom?”

“Odeio ser obrigado a chamá-la de Jupe. E ela me odeia”, disse Tom, mal-humorado.

“Não, ela não odeia você, Tom, tenho certeza!”

“Pois deveria”, disse Tom. “Deveria odiar e detestar todos nós. Vão aborrecê-la até a morte, acho eu, até ficarem satisfeitos com ela. Ela já está ficando pálida como cera e monótona como... eu.”

O jovem Thomas expressava esses sentimentos diante do fogo, montado numa cadeira, com os braços sobre o encosto e o rosto zangado sobre os braços.

Sua irmã estava sentada no canto mais escuro da lareira, ora olhando para ele, ora olhando para as faíscas brilhantes que caíam no chão.

“Quanto a mim”, disse Tom, revolvendo os cabelos em todas as direções com as mãos aborrecidas, “sou um burro, é isso que *sou*. Sou tão teimoso quanto um burro, tão estúpido quanto um burro, tenho tanto prazer quanto um burro e queria poder escoicear como um burro.”

“Espero que não a mim, Tom.”

“Não, Loo, eu jamais machucaria você. Já a excluí por princípio. Não sei o que seria esta – velha e boa – cela cínica”, Tom fizera uma pausa para achar um nome suficientemente lisonjeiro e expressivo para descrever o lar paterno, e por um momento pareceu ter encontrado alívio para a sua mente nessa forte aliteração, “sem a sua presença.”

“É mesmo, Tom? É a pura verdade?”

“Ora, é claro que é. Se não, por que eu falaria sobre isso?”, retorquiu Tom, esfregando o rosto na manga do casaco, como para mortificar a carne e pô-la em uníssonos com o espírito.

“Porque, Tom”, disse sua irmã, após contemplar as faíscas, em silêncio, por alguns instantes, “à medida que fico mais velha, e mais perto da idade adulta, eu me sento aqui muitas vezes e penso como lamento não conseguir reconciliar você com a nossa família mais do que consigo agora. Não sei o que outras meninas sabem. Não sei tocar ou cantar para você. Não posso conversar com você para animá-lo, porque nunca vejo nada divertido nem leio livros divertidos para poder contar para você, para agradá-lo ou confortá-lo quando estiver cansado.”

“Bem, nem eu. Sou tão ruim nessas coisas como você; e também sou uma mula, o que você não é. Se o nosso pai estava determinado a me transformar num pedante ou numa mula, e não sou um pedante, ora, faz sentido que eu seja uma mula. E eu sou”, disse Tom, sem esperança.

“É mesmo uma pena”, disse pensativa Louisa, após fazer outra pausa, de seu canto escuro, “é mesmo uma pena, Tom. É lamentável, para nós dois.”

“Ah! Você”, disse Tom, “você é menina, Loo, e as meninas se saem melhor do que os meninos. Não sinto falta de nada em você. Você é o único prazer que tenho – você consegue iluminar até mesmo este lugar – e poderá me levar para onde quiser.”

“Você é um ótimo irmão, Tom; e, embora você pense que eu seja capaz de fazer todas essas coisas – e eu não me importaria de concordar com você –, sei

que não sou assim, e lamento muito.” Ela aproximou-se, deu-lhe um beijo e voltou para o seu canto.

“Queria poder recolher todos os Fatos de que tanto nos falam”, disse Tom, rilhando os dentes com rancor, “e todos os Números, e todas as pessoas que os descobriram: e queria colocar mil barris de pólvora debaixo deles e fazê-los explodir todos de uma vez! Mas, quando eu for morar com Bounderby, eu vou ter a minha vingança.”

“Vingança, Tom?”

“Quero dizer que vou aproveitar um pouco a vida, vou sair por aí para ver coisas, ouvir coisas. Vou me compensar pela maneira como fui educado.”

“Mas não se decepcione antes da hora, Tom. O Sr. Bounderby pensa como o nosso pai, é bem mais grosseiro do que ele e não tem a metade da bondade dele.”

“Oh!”, riu Tom. “Isso não me importa. Vou saber muito bem como controlar e bajular o velho Bounderby!”

As sombras dos dois estavam bem definidas na parede, mas as sombras dos armários estavam misturadas no teto e na parede, como se irmão e irmã tivessem uma caverna escura sobre eles. Ou uma imaginação fantasiosa – se houvesse tal traição ali – poderia pensar que eram as sombras do assunto de que falavam descendo sobre seu futuro.

“Que grande maneira de bajular e controlar será essa, Tom? É segredo?”

“Oh!”, disse Tom, “se é segredo, não está longe. É você. Você é a queridinha dele, a favorita; ele fará qualquer coisa por você. Quando ele me disser alguma coisa desagradável, eu direi a ele: ‘Minha irmã, Loo, vai ficar magoada e desapontada, Sr. Bounderby. Ela costumava dizer que o senhor seria gentil comigo’. Se isso não o convencer, nada o convencerá.”

Após esperar uma observação qualquer como resposta, e não ter nenhuma, Tom voltou fatigado para o tempo presente e contorceu-se, bocejando, no encosto da cadeira, embaraçando cada vez mais os cabelos, até que, de súbito, ergueu a cabeça e perguntou:

“Você dormiu, Loo?”

“Não, Tom. Estou olhando para o fogo.”

“Você parece ver mais coisas olhando para o fogo do que eu jamais veria”, disse Tom. “Suponho que essa seja mais uma vantagem de ser menina.”

“Tom”, inquiriu devagar sua irmã, e num tom estranho, como se tentasse ler no fogo a resposta que queria e ela não estivesse claramente escrita, “você vê com alguma satisfação a perspectiva de morar na casa do Sr. Bounderby?”

“Ora, há uma coisa boa nisso”, retorquiu Tom, empurrando a cadeira e levantando-se. “Vou estar longe daqui.”

“Há uma coisa boa nisso”, repetiu Louisa, no mesmo tom estranho. “Você estará longe daqui. Sim.”

“Mas vou relutante, tanto por deixá-la, Loo, como por deixá-la aqui. Mas eu devo ir, você sabe, quer eu goste ou não; e é melhor que eu vá para um lugar onde eu possa ter a vantagem da sua influência do que ir para um lugar onde eu não teria nenhuma. Você entende?”

“Sim, Tom.”

A resposta demorou tanto a chegar, embora não houvesse indecisão nela, que Tom voltou a recostar-se na cadeira para contemplar o fogo, que tanto havia absorvido Louisa, e ver o que poderia encontrar nele.

“Exceto pelo fato de ser fogo”, disse Tom, “ele me parece tão estúpido e vazio quanto o resto. O que você vê nele? Um circo?”

“Não vejo nada especial nele, Tom, mas, desde que comecei a olhar para ele, fiquei imaginando nós dois, adultos.”

“Imaginando outra vez!”, disse Tom.

“Tenho pensamentos tão irrefreáveis”, respondeu sua irmã, “que não consigo deixar de imaginar.”

“Então eu lhe imploro, Louisa”, disse a Sra. Gradgrind, que abrira a porta sem ser ouvida, “não faça isso, em nome da graça, menina sem consideração, ou seu pai nunca me deixará em paz. E, Thomas, é realmente vergonhoso que, com a minha pobre cabeça sempre me matando, um menino criado como você, e com uma educação que custou tanto quanto a sua, seja pego encorajando a irmã a imaginar, apesar de saber que seu pai ordenou expressamente a ela não imaginar.”

Louisa negou a participação de Thomas no crime, mas a mãe a fez calar-se com uma resposta concludente: “Louisa, não me diga isso, no estado em que está a minha saúde; porque, a não ser que tenha sido encorajada a imaginar, é impossível, moral e fisicamente, que você o tenha feito.”

“Nada me encorajou, mãe, a não ser as faíscas vermelhas que saltavam do fogo, embranqueciam e morriam. Fizeram-me pensar, afinal, como a minha vida será curta, e o pouco que posso esperar dela.”

“Besteira!”, disse a Sra. Gradgrind, que se tornara quase enérgica. “Besteira! Como pode dizer uma coisa dessas diante de mim, Louisa, sabendo muito bem que, se isso chegar aos ouvidos do seu pai, ele nunca me deixará em paz. Depois

de todo o trabalho que dedicamos a você! Após todas as aulas a que assistiu, e as experiências que viu! Após eu mesma tê-la ouvido falar sem parar com seu professor, quando todo o meu lado esquerdo já estava dormente, sobre combustão, calcinação, calorificação e, devo dizer, todo o tipo de coisação que pudesse distrair uma pobre inválida, tenho de ouvi-la falar agora de absurdos como cinzas e faíscas! Quisera”, gemeu a Sra. Gradgrind, sentando-se numa cadeira e lançando seu argumento mais poderoso, antes de sucumbir àquelas meras sombras de fatos, “sim, quisera eu jamais ter formado uma família, e então vocês saberiam o que seria passar sem mim!”

IX

O PROGRESSO DE SISSY

Não foram tempos fáceis os de Sissy Jupe entre o Sr. Choakumchild e a Sra. Gradgrind, e não lhe faltou vontade de fugir nos primeiros meses de seu período de experiência. Choviam torrentes de fatos o dia todo, e a vida em geral se lhe apresentava como um rigoroso livro de cifras. Teria fugido, decerto, se não fosse por um impedimento.

É lamentável, mas esse impedimento não era resultado de nenhum processo aritmético, impôs-se voluntariamente em desafio a todos os cálculos e contrariava qualquer tabela de probabilidades que qualquer atuário extraísse das premissas. A menina acreditava que seu pai não a abandonara; vivia com a esperança de que ele voltaria e com a fé de que ele ficaria mais feliz se ela permanecesse onde estava.

A deplorável ignorância com que a menina apegava-se a esse consolo, rejeitando o conforto superior do conhecimento, da sólida base aritmética, de que o pai era um vagabundo desnaturado, enchia de pena o Sr. Gradgrind. Porém, o que se podia fazer? O Sr. Choakumchild dizia que a menina tinha uma cabeça péssima para números; que, ao ter uma ideia geral do globo, não demonstrara o menor interesse em conhecer-lhe as medidas exatas; que era lenta ao extremo para decorar datas, a não ser que, por acaso, algum incidente lamentável estivesse relacionado; que irrompia em lágrimas quando lhe pediam para a calcular imediatamente (por processo mental) o custo de duzentos e quarenta e sete toucas de musselina a quatorze centavos cada; que estava tão mal na escola quanto se podia; que, após oito semanas de introdução à economia

política, ela fora corrigida, ainda ontem, por um tagarelinha de menos de um metro de altura por ter respondido à pergunta “Qual é o primeiro princípio desta ciência?” com o absurdo “Fazer pelos outros o que desejo que façam por mim”.

O Sr. Gradgrind observava, balançando a cabeça, que isso era muito mau; que demonstrava a necessidade de uma moagem infinita no moinho do conhecimento, de acordo com sistemas, cronogramas, almanaques, relatórios e descrições tabulares de A a Z; e que Jupe “tinha de ater-se a isso”. Assim, Jupe ateu-se àquilo e perdeu o ânimo, mas não se tornou mais sábia.

“Seria muito bom ser você, Srta. Louisa!”, disse Sissy certa noite, depois que Louisa conseguira tornar um pouco mais claras as perplexidades do dia seguinte.

“Você acha?”

“Sei que sim, Srta. Louisa. Tudo que é difícil para mim seria fácil.”

“Talvez isso não a tornasse melhor, Sissy.”

Sissy sugeriu, após alguma hesitação: “Eu não me tornaria pior, Srta. Louisa”. Ao que Louisa respondeu: “Não tenho muita certeza”.

Havia tão pouca comunicação entre as duas meninas – tanto porque a vida em Stone Lodge girava monótona como um mecanismo que desencorajasse a interferência humana como porque era proibido falar da carreira anterior de Sissy – que elas eram ainda quase como duas estranhas. Sissy, com os olhos escuros dirigidos inquisitivamente para Louisa, não sabia se dizia mais ou permanecia em silêncio.

“Você é mais útil à minha mãe e mais agradável a ela do que eu jamais poderia ser”, continuou Louisa. “Você é mais agradável com você mesma do que eu sou *comigo*.”

“Mas, se me permite, Srta. Louisa”, argumentou Sissy, “sou tão burra!”

Louisa, com uma risada mais luminosa do que o usual, disse que em breve ela ficaria mais sábia.

“Você não sabe”, disse Sissy quase chorando, “como sou burra. Cometo erros em todas as aulas. O Sr. e a Sra. Choakumchild me chamam a todo momento para cometer erros. Não consigo evitar. Parece ser da minha natureza cometê-los.”

“Será que o Sr. e a Sra. Choakumchild nunca cometem erros, Sissy?”

“Oh, não!”, retorquiu ela, ansiosa. “Eles sabem tudo.”

“Conte-me alguns de seus erros.”

“Quase tenho vergonha”, disse Sissy com relutância. “Mas hoje, por exemplo, o Sr. Choakumchild explicou o que era Prosperidade Natural.”

“Deve ter sido Nacional, acredito”, observou Louisa.

“Sim, foi... Mas não é a mesma coisa?”, perguntou timidamente.

“É melhor você dizer Nacional, se foi o que ele disse”, respondeu Louisa, com fria reserva.

“Prosperidade Nacional. E ele disse: ‘Digamos que esta sala de aula seja uma nação. E, nesta nação, há cinquenta milhões em dinheiro. Esta nação não é uma nação próspera? Menina número vinte, esta não é uma nação próspera, não estamos em um Estado desenvolvido?’”

“E o que você respondeu?”, perguntou Louisa.

“Srta. Louisa, eu disse que não sabia. Achei que não tinha como eu saber se a nação era próspera ou não, e se o Estado era desenvolvido ou não, se não soubesse quem possuía o dinheiro, e se uma parte dele era minha. Mas isso não tinha nenhuma importância. Não estava nos números”, disse Sissy, enxugando os olhos.

“Foi um grande erro seu”, observou Louisa.

“Sim, Srta. Louisa, agora sei que foi. Então, o Sr. Choakumchild disse que me faria outra pergunta. Ele disse: ‘Esta sala de aula é uma imensa cidade, e nela há um milhão de habitantes, e apenas vinte e cinco morrem de fome, nas ruas, no curso de um ano. O que você diria a respeito dessa proporção?’. E eu disse – porque não consegui pensar em nada melhor – que achava que a situação era ruim para os que morrem de fome, não importando se os demais fossem um milhão ou um bilhão. E eu estava errada novamente.”

“É claro que estava.”

“Depois, o Sr. Choakumchild disse que tinha mais uma pergunta. Ele disse: ‘Eis as estultícias...’”

“Estatísticas”, disse Louisa.

“Sim, Srta. Louisa – elas sempre me lembram estultícias, esse é outro dos meus erros. ‘Eis as estatísticas de acidentes no mar. E vejo’, disse o Sr. Choakumchild, ‘que, em dada época, cem mil pessoas zarparam em longas viagens e apenas quinhentas morreram afogadas ou queimadas. Qual é a porcentagem?’ E eu disse, senhorita”, e aqui Sissy soluçou francamente, como se confessasse com extrema contrição seu erro mais grave, “eu disse que era nenhuma.”

“Nenhuma, Sissy?”

“Nenhuma, senhorita – para os parentes e amigos das pessoas que morreram. Nunca aprenderei”, disse Sissy. “E o pior de tudo é que, embora meu pobre pai

desejasse tanto que eu aprendesse, e embora eu esteja tão ansiosa para aprender, temo não gostar de aprender.”

Louisa ficou olhando para aquela linda e modesta cabeça, enquanto ela se abaixava envergonhada diante dela, até se erguer novamente para olhá-la. Então perguntou: “Seu pai sabia tanto assim, para desejar que você fosse bem instruída, Sissy?”.

Sissy hesitou antes de responder e demonstrou com tanta clareza que entravam em terreno proibido que Louisa acrescentou: “Ninguém está nos ouvindo e, se ouvissem, estou certa de que não veriam mal nenhum em uma pergunta tão inocente”.

“Não, Srta. Louisa”, respondeu Sissy diante daquele encorajamento, balançando a cabeça. “Meu pai sabia muito pouco; na verdade, ele mal sabia escrever, e isso é mais do que outras pessoas conseguem, quando tentam ler o que ele escreve. Mas *eu* entendo bem.”

“Sua mãe?”

“Meu pai diz que ela era muito culta. Morreu quando nasci. Ela era”, e Sissy deu com receio a terrível informação, “dançarina.”

“Seu pai a amava?”. Louisa fazia essas perguntas com o interesse profundo, indômito e divagante que lhe era peculiar; um interesse desgarrado, como uma criatura banida que se escondesse em lugares solitários.

“Oh, sim! Tão intensamente quanto me ama. Meu pai amou-me, no início, por causa dela. Carregava-me com ele quando eu era apenas um bebê. Nunca nos separamos, desde aquela época.”

“E, no entanto, agora ele a abandonou, Sissy.”

“Apenas para o meu bem. Ninguém o entende como eu; ninguém o conhece como eu. Quando ele me abandonou para o meu bem – ele nunca teria partido pensando nele mesmo –, sei que o esforço quase partiu seu coração. Ele não será feliz nem por um minuto, enquanto não retornar.”

“Conte-me mais sobre ele”, disse Louisa. “Não tornarei a perguntar. Onde vocês moravam?”

“Viajávamos pelo país, não tínhamos moradia fixa. Meu pai é”, Sissy sussurrou a horrível palavra, “palhaço”.

“Que faz as pessoas rirem?”, disse Louisa, acenando que entendia.

“Sim, mas às vezes elas não riam, e meu pai chorava. Nos últimos tempos, elas não riam com frequência, e ele costumava voltar desesperado para casa. Meu pai não é como a maioria. Quem não o conhecesse tão bem quanto eu, e

não o amasse tanto quanto eu, poderia achar que ele não era muito certo da cabeça. Às vezes as pessoas pregavam-lhe peças; mas nunca souberam como ele ficava magoado, e como se entristecia quando estava sozinho comigo. Era muito, muito mais tímido do que pensavam!”

“E você sempre o confortou?”

Ela anuiu, com lágrimas rolando pelo rosto. “Espero que sim, e meu pai dizia que sim. Foi porque ele se tornou tão assustado e inseguro, e porque se considerava um homem pobre, fraco, ignorante e indefeso (essas eram as palavras que ele usava), que ele queria tanto que eu soubesse muito e fosse diferente dele. Eu costumava ler para ele para lhe dar confiança, e ele gostava muito disso. Eram os livros errados – não devo nunca falar deles –, mas não sabíamos que havia mal neles.”

“E ele gostava desses livros?”, perguntou Louisa, com um olhar penetrante.

“Oh, muito! Eles o afastaram muitas vezes daquilo que lhe fazia mal de verdade. E muitas e muitas vezes, à noite, ele se esquecia de todos os problemas, imaginando se o sultão permitiria que a dama continuasse a história ou se mandaria decapitá-la antes que terminasse.”

“E seu pai foi sempre gentil? Até o fim?”, perguntou Louisa, contrariando o grande princípio e imaginando bastante.

“Sempre, sempre!”, respondeu Sissy, agarrando as próprias mãos. “Muito mais gentil do que eu saberia dizer. Ficou zangado apenas uma noite, e não foi comigo, mas com Patas Felizes. Patas Felizes”, ela sussurrou o terrível fato, “é um cão amestrado.”

“Por que ele ficou zangado com o cão?”

“Meu pai, logo depois de voltar do espetáculo, mandou Patas Felizes saltar no encosto de duas cadeiras e se equilibrar – era um dos truques dele. Ele olhou para o meu pai e não obedeceu de imediato. Tudo que meu pai tentara naquela noite dera errado, não agradara nem um pouco ao público. Ele gritou que seu próprio cão sabia do seu fracasso e não se compadecia. Então, ele bateu nele, e fiquei assustada e disse: ‘Pai, pai! Por favor, não machuque o cão, que gosta tanto de você! Oh, que Deus o perdoe, pai, pare!’. Então ele parou, e o cão estava ensanguentado, e meu pai deitou-se no chão, chorando, com o cão nos braços, e o cão lambeu-lhe o rosto.”

Louisa viu que ela estava soluçando; e, aproximando-se, beijou-a, tomou sua mão e sentou-se ao seu lado.

“Termine contando-me como seu pai a deixou, Sissy. Agora que lhe pedi

tanto, conte-me o final. A culpa, se houver alguma, é minha, não sua.”

“Querida Srta. Louisa”, disse Sissy, cobrindo os olhos e ainda soluçando. “Cheguei em casa naquela tarde, voltando da escola, e encontrei meu pobre pai, que também tinha acabado de voltar do circo. Ele estava sentado na cadeira de balanço, diante do fogo, como se estivesse sentindo dor. Eu disse ‘Você se machucou, pai?’ (como lhe acontecia às vezes, e acontecia com todos), e ele disse ‘Um pouco, minha querida’. E, quando me abaixei para olhar seu rosto, vi que ele estava chorando. Quanto mais falava com ele, mais ele escondia o rosto; e, no início, tremia todo e dizia apenas ‘minha querida!’ e ‘meu amor!’.”

Àquela altura, chegou Tom, caminhando morosamente e encarando as duas com uma frieza que indicava que não tinha interesse particular em nada que não fosse ele próprio, e, ainda assim, não muito, no momento.

“Estou fazendo algumas perguntas a Sissy, Tom”, observou sua irmã. “Você não precisa nos deixar a sós, mas não nos interrompa, querido Tom.”

“Oh, tudo bem!”, retorquiu Tom. “É que o nosso pai trouxe o velho Bounderby com ele, e quero que você venha à sala de visitas. Se vier, há uma boa chance de que o velho Bounderby me convide para jantar; se não, não há nenhuma.”

“Vou em breve.”

“Vou esperar aqui”, disse Tom, “para ter certeza.”

Sissy continuou em voz baixa. “Por fim, meu pobre pai disse que não tinha agradado de novo, e que não conseguia mais agradar, e que era uma vergonha e uma desgraça, e que eu teria ficado melhor sem ele, desde o começo. Eu disse todas as coisas afetuosas que me vieram ao coração, e logo ele se acalmou; sentei-me perto dele e contei-lhe da escola e de tudo que fora dito e feito lá. Quando eu não tinha mais nada para contar, ele pôs os braços em torno do meu pescoço e beijou-me muitas vezes. Então, pediu-me para comprar um pouco do unguento que ele costumava usar, para o pequeno machucado que ele tinha feito, e que fosse comprá-lo no melhor lugar, que ficava do outro lado da cidade; então, após me beijar outra vez, deixou-me ir. Quando terminei de descer as escadas, voltei para lhe fazer um pouco mais de companhia. Olhei para ele, parada à porta, e disse: ‘Pai querido, devo levar Patas Felizes?’. Meu pai balançou a cabeça e disse: ‘Não, Sissy; não leve nada que pertença a mim, minha querida’, e deixei-o sentado junto do fogo. Foi quando o pensamento deve ter-lhe ocorrido, pobre, pobre papai!, de ir embora para tentar fazer-me bem; porque, quando voltei, ele tinha partido.”

“Ei! O velho Bounderby, Loo!”, reclamou Tom.

“Não há mais nada para contar, Srta. Louisa. Guardo o unguento, pronto para ele, e sei que ele voltará. Cada carta que vejo nas mãos do Sr. Gradgrind tira-me o fôlego e cega meus olhos, porque acho que é do meu pai, ou do Sr. Sleary, com notícias dele. O Sr. Sleary prometeu escrever assim que voltasse a ouvir falar do meu pai, e confio que manterá a promessa.”

“O velho Bounderby, Loo!”, disse Tom, com um assovio impaciente. “Ele vai embora, se você não prestar atenção!”

Depois disso, sempre que Sissy fazia uma reverência diante do Sr. Gradgrind e dizia, titubeante “Peço desculpas pelo incômodo, senhor, mas... o senhor recebeu alguma carta para mim?”, Louisa interrompia sua ocupação, qualquer que fosse, e esperava a resposta com tanta ansiedade quanto Sissy. E, quando o Sr. Gradgrind respondia, como de costume, “Não, Jupe, nada do gênero”, o tremor nos lábios de Sissy repetia-se no rosto de Louisa, e seus olhos compadecidos seguiam a menina até a porta. O Sr. Gradgrind tinha o hábito de aproveitar tais ocasiões para observar, quando Sissy deixava o aposento, que, se ela tivesse sido treinada de maneira adequada desde a mais tenra idade, teria demonstrado a si mesma, apoiada em princípios sólidos, que essas esperanças fantasiosas não tinham nenhum fundamento. No entanto, parecia (não a ele, pois ele não via nada) que a esperança fantasiosa podia ter uma influência tão grande quanto os Fatos.

Tal observação devia limitar-se exclusivamente à sua filha. Quanto a Tom, tornava-se cada vez mais o triunfo do cálculo que costuma operar naqueles que só pensam em si mesmos, fato que não era inédito na família. Quanto à Sra. Gradgrind, se comentava o assunto, fazia-o ao sair um pouco de debaixo das cobertas, como um arganzaz fêmea, e dizer: “Valha-me o bom Deus! Como a minha pobre cabeça se exaspera e se cansa com a menina Jupe, insistindo em perguntar, de novo e outra vez, sobre essas aborrecidas cartas! Juro pela minha honra que pareço fadada, destinada e predestinada a viver entre coisas que nunca me darão descanso. É uma circunstância de fato extraordinária que nunca nada me dê descanso!”

Nesse momento, o olhar do Sr. Gradgrind caiu sobre ela, que, sob influência daquele gélido fato, tornou-se letárgica outra vez.

X

STEPHEN BLACKPOOL

ALIMENTO a fraca ideia de que os ingleses são tão trabalhadores quanto qualquer outro povo sobre o qual brilha o sol. Admito que essa ridícula idiossincrasia é a razão pela qual eu lhes concederia mais lazer.

Na parte mais trabalhadora de Coketown; nas fortificações mais íntimas daquela feia cidadela, onde a Natureza era mantida firmemente do lado de fora pelas mesmas paredes de tijolos que mantinham os ares e gases letais do lado de dentro; no coração do labirinto de pequenos quintais e ruas estreitas que foram trazidos à vida em partes, cada parte com a pressa violenta de servir ao propósito de um único homem, e o todo como uma família desnaturada cujos membros acotovelavam-se, pisoteavam-se e esmagavam-se uns aos outros até a morte; no recanto mais afastado daquela exaurida caixa de fumaça, onde as chaminés, por falta de ar que produzisse correntes, eram construídas numa imensa variedade de formas retorcidas e atrofiadas, como se em cada casa houvesse uma tabuleta assinalando o tipo de pessoa que se poderia esperar que nascesse ali; na multidão de Coketown, batizada genericamente de “mão de obra” – uma raça que teria encontrado mais boa vontade de algumas pessoas se a Providência houvesse achado por bem dotá-la apenas de mãos ou, como as criaturas inferiores do mar, apenas de mãos e estômagos –, vivia certo Stephen Blackpool, de quarenta anos.

Stephen parecia mais velho, porém tivera uma vida dura. Dizem que cada vida tem suas rosas e espinhos; no caso de Stephen, no entanto, deve ter havido algum erro, ou engano, porque alguém recebera suas rosas e ele ficara com os espinhos desse alguém, além dos dele. Ele passara, segundo suas próprias

palavras, por um montão de problemas. Costumavam chamá-lo de velho Stephen, numa espécie de rude homenagem ao fato.

O velho Stephen, um homem bastante encurvado, de testa enrugada, expressão pensativa no rosto e cabeça de aparência dura e suficientemente espaçosa, sobre a qual jaziam cabelos grisalhos, longos e finos, poderia passar por um homem particularmente inteligente, mas não era. Ele não estava entre aquelas “mãos” notáveis que, aproveitando os esparsos períodos de descanso em anos, dominaram ciências difíceis e adquiriram conhecimento a respeito das coisas mais improváveis. Não ocupava nenhuma posição entre aquelas mãos que sabiam fazer discursos e conduzir debates. Milhares de seus pares sabiam falar muito melhor do que ele, em qualquer momento. Era um bom operador de tear mecânico e um homem íntegro. O que mais ele era, ou o que mais ele tinha, se é que tinha, permitam que ele mesmo mostre.

As luzes das grandes fábricas, que pareciam palácios de fadas quando estavam iluminadas – como diziam os viajantes do trem expresso –, estavam apagadas; os sinos badalaram o fim da jornada diária e calaram-se outra vez; e as mãos, homens e mulheres, meninos e meninas, voltavam para casa tagarelando. O velho Stephen estava parado na rua, com aquela velha sensação que a paralização do maquinário sempre produzira nele – a sensação de que o maquinário funcionara e parara dentro de sua cabeça.

“Ainda não vi Rachael!”, disse ele.

Era uma noite chuvosa, e muitos grupos de moças passavam por ele, com xales cobrindo as cabeças nuas e presos junto do queixo para proteger da chuva. Ele conhecia bem Rachael, uma rápida olhada em cada um grupo era suficiente para dizer-lhe que ela não estava ali. Finalmente, não havia mais nenhum grupo para sair e ele começou a afastar-se, dizendo em tom de desapontamento: “Ora, não consegui vê-la!”.

Porém, mal caminhara a distância de três ruas, viu à sua frente uma daquelas figuras de xale na cabeça, para a qual olhou tão intensamente que talvez a mera sombra indistinta, refletida na calçada molhada – se pudesse vê-la sem que a própria figura se movesse de um poste para o outro, iluminando-se e extinguindo-se, à medida que avançava – já fosse suficiente para revelar-lhe quem era. Acelerando o passo e ao mesmo tempo tornando-o mais suave, adiantou-se até chegar bem próximo da figura e, imediatamente, voltou ao passo anterior. Chamou: “Rachael!”.

Ela voltou-se, parando debaixo da luz brilhante de um poste; erguendo um

pouco o lenço, revelou um rosto tranquilo e oval, escuro e bastante delicado, iluminado por um par de olhos gentis e realçado pela ordem perfeita dos cabelos negros e brilhantes. Não era um rosto em sua primeira florada; ela era uma mulher de trinta e cinco anos.

“Oh, rapaz! És tu!” Disse isso com um sorriso que se expressaria bem mesmo que não se visse nada de seu rosto além dos olhos agradáveis e recolocou o lenço. Os dois caminharam juntos.

“Pensei que estivesse adiantado, Rachael.”

“Não.”

“Saíste mais cedo, moça?”

“Às vezes mais cedo, às vezes mais tarde. Não podes depender de mim para ir para casa.”

“Parece que nem para ir na direção contrária, não é, Rachael?”

“Não, Stephen.”

Ele a olhou com certo desapontamento, mas com a convicção de que ela estava certa em tudo que fazia. Ela percebeu a expressão, pousou de leve a mão sobre o braço dele, como para agradecer.

“Somos tão bons amigos, rapaz, e tão velhos amigos que agora somos velhotes.”

“Não, Rachael, és tão jovem como sempre foste.”

“Um não saberia ficar velho sem o outro, Stephen, já que estamos ambos vivos”, ela respondeu, rindo; “mas, de qualquer modo, somos tão velhos amigos que esconder um do outro uma única palavra da honesta verdade seria um pecado e uma pena. É melhor não caminharmos juntos. Sim, os tempos! Seriam difíceis, decerto, se fossem só isso”, disse ela, com uma jovialidade que tentava transmitir a ele.

“É sempre difícil, de qualquer modo, Rachael.”

“Tenta não pensar, e parecerá melhor.”

“Tentei muito tempo, e não ficou melhor. Mas estás certa; o povo pode falar, até mesmo de ti. É o que tens sido para mim, Rachael, há muitos anos: me fazes tão bem, e me animas tanto com a tua alegria, que a tua palavra é lei para mim. Ah, mocinha, uma lei esplêndida! Melhor do que muitas leis reais.”

“Não te aflijas com elas, Stephen”, respondeu ela prontamente, não sem um olhar ansioso para o rosto dele. “Deixa estar as leis.”

“Sim”, disse ele, assentindo devagar, uma ou duas vezes. “Deixar estar. Deixar tudo estar. Deixar todos em paz. É tudo um lamaçal, e apenas isso.”

“Sempre um lamaçal?”, disse Rachael, com outro leve toque em seu braço, como para tirá-lo da cisma com que mordida as longas pontas do lenço que trazia ao pescoço, enquanto caminhava ao lado dela. O toque teve efeito instantâneo. Ele deixou o lenço e voltou o rosto sorridente para Rachael, dizendo, enquanto dava um gargalhada bem-humorada: “Sim, mocinha Rachael, sempre um lamaçal. É onde fico preso. Entro no lamaçal outra vez e outra vez, e não consigo passar de lá.”

Haviam percorrido certa distância e aproximavam-se de suas casas. A de Rachael foi a primeira a que chegaram. Ficava em uma das muitas ruelas em que o agente funerário (que tirava uma bela quantia da única, pobre e macabra pompa daquelas vizinhanças) conservava uma escada preta, de modo que aqueles que tivessem cumprido seu sobe e desce diário pelas escadarias estreitas pudessem escapar, pela janela, deste mundo de labuta^[a]. Ela parou na esquina e, pousando a mão sobre a dele, desejou-lhe boa noite.

“Boa noite, cara moça, boa noite!”

Sua figura límpida e seu passo sóbrio afastaram-se pela rua escura, e Stephen ficou ali parado, vigiando até ela entrar numa das casinhas. Talvez não houvesse um único tremor de seu xale áspero que não fosse de interesse para os olhos daquele homem, nenhum som de sua voz que não fizesse eco em seu íntimo.

Quando a perdeu de vista, Stephen continuou o caminho em direção à sua casa, olhando para o céu de vez em quando, onde as nuvens velejavam rápidas e indomáveis. Mas elas agora se dissipavam, a chuva cessara e a lua brilhava, observando de cima as altas chaminés de Coketown sobre as fornalhas profundas lá embaixo, e desenhando as sombras titânicas dos motores a vapor, em repouso, nas paredes das fábricas onde se abrigavam. O homem parecia ter-se iluminado com a noite, enquanto caminhava.

Seu lar, numa rua igual à primeira, a não ser pelo fato de ser mais estreita, ficava em cima de uma lojinha. Como é que algumas pessoas podiam achar que valia a pena vender ou comprar brinquedinhos pobres, misturados na vitrine com jornais baratos e talhos de porco (como um pernil, que seria rifado na noite seguinte), não nos importa. Ele apanhou um toco de vela na prateleira, acendeu-o em outro toco que estava sobre o balcão, sem perturbar a dona da loja, que dormia em seu quartinho, e subiu a escada até o dele.

Era um quarto que não estava desacostumado com a escada preta pela qual saíram vários inquilinos; mas tão arrumado, naquele momento, quanto poderia ser um quarto daquele tipo. Uns poucos livros e escritos jaziam sobre uma velha escrivaninha, a um canto, a mobília era decente e suficiente e, embora a atmosfera fosse infecta, o quarto era limpo.

Indo na direção da lareira para colocar a vela numa mesa redonda de três pernas, ele tropeçou em algo. Enquanto recuava, olhando para o objeto, este se ergueu, sob a forma de uma mulher sentada.

“Deus tenha piedade, mulher!”, gritou ele, afastando-se mais ainda da figura. “Retornaste outra vez?”

Que mulher! Uma criatura incapaz e bêbada, que mal podia manter-se sentada, apoiando-se no chão com uma mão encardida, enquanto com a outra empreendia o esforço inútil de afastar os cabelos embaraçados da frente do rosto. A mão estava tão suja, porém, que apenas conseguiu cegá-la mais ainda. Uma criatura obscena de se ver, com seus farrapos, manchas e nódoas e, no entanto, tão mais obscena em sua infâmia moral que era vergonhoso até mesmo olhar para ela.

Depois de uma praga impaciente, ou duas, e um estúpido coçar-se com a mão que não era necessária para o seu apoio, ela afastou os cabelos da frente do rosto o suficiente para enxergar Stephen. Então, sentou-se, balançando o corpo para a frente e para trás, e gesticulou com o braço débil, com o qual parecia querer acompanhar um ataque de riso, embora o rosto estivesse impassível e sonolento.

“Hã, rapaz? O quê? Estás aí?” Por fim, sons roucos que pretendiam significar alguma coisa vieram dela, zombeteiros, e sua cabeça pendeu sobre o peito.

“Retornei outra vez?”, guinchou ela, após alguns minutos, como se ele houvesse acabado de perguntar-lhe. “Sim! E ainda outra vez. Sempre e sempre outra vez. De volta! Sim. Por que não?”

Despertada pela violência sem sentido dos próprios gritos, levantou-se trôpega e manteve-se em pé com os ombros apoiados na parede; de sua mão pendia, pelos cordões, o fragmento emporcalhado de uma touca. Ela tentou encarar Stephen com escárnio.

“Vendo-te outra vez, e outra vez, vendo-te vinte vezes!”, gritou, tentando algo que era uma mistura de ameaça furiosa e dança desafiadora. “Sai da cama!”

Ele estava sentado na beira da cama, com o rosto escondido entre as mãos. “Fora! Ela é minha, e tenho direito a ela!”

Enquanto a mulher cambaleava até a cama, Stephen a evitou, estremeando, e passou – ainda com o rosto escondido – para o lado oposto do quarto. Ela lançou-se pesadamente sobre a cama e, dali a pouco, roncava alto. Ele afundou-se numa poltrona e levantou-se apenas uma vez naquela noite. Para jogar um cobertor sobre ela; como se suas mãos não fossem suficientes para escondê-la, mesmo na escuridão.

[a] Refere-se ao costume de remover os mortos pela janela, por meio de uma escada, devido à estreiteza dos corredores e à superlotação das pensões da época. (N. T.)

XI SEM SAÍDA

Os palácios de fadas irromperam em luzes, antes que a pálida manhã revelasse as monstruosas serpentes de fumaça que se arrastavam acima de Coketown. Um estrépito de tamancos na calçada, um rápido tinir de sinos, e todos os melancólicos elefantes loucos, polidos e lubrificados para a monotonia diária, reiniciaram o duro exercício.

Stephen curvou-se sobre o tear, quieto, vigilante e firme. Um contraste especial, como todos os homens na floresta de teares em que Stephen trabalhava, com o mecanismo barulhento, esmagador e cortante que ele operava. Jamais tema, boa gente de mente ansiosa, que a Arte venha a relegar a Natureza ao esquecimento. Ponha em qualquer lugar, lado a lado, a obra de Deus e a obra do homem, e a primeira, mesmo sendo mão de obra de pouca monta, ganhará dignidade com a comparação.

Tantas centenas de mãos nessa fábrica; tantas centenas de cavalos-vapor. Sabe-se, com a força de uma única libra de peso, o que fará o motor; porém, nem todos os calculadores da dívida nacional poderão dizer-me a capacidade para o ódio e o amor, para o patriotismo ou o descontentamento, para a decomposição da virtude em vício, ou o inverso, em qualquer momento, na alma de seus silenciosos servos, de rostos compostos e ações reguladas. Não há mistério no motor; há um mistério insondável no mais ínfimo de seus servos, para sempre. Isso supondo que revertêssemos nossa aritmética dos objetos materiais, e governássemos de outra maneira essas terríveis quantidades desconhecidas!

O dia fortalecia-se e mostrava-se do lado de fora, mesmo contra as luzes flamejantes do lado de dentro. As luzes foram apagadas, e o trabalho continuou. A chuva caiu, e as serpentes de fumaça, sujeitas à maldição de toda a casta, arrastavam-se sobre a terra. Do lado de fora, no pátio dos despejos, o vapor da válvula de escape, os restos de barris e ferro velho, os montes brilhantes de carvão e as cinzas estavam envoltos num véu de neblina e chuva.

O trabalho continuou até o toque de sino do meio-dia. Mais estrépito nas calçadas. As engrenagens dos teares, as rodas e as mãos pararam de funcionar por uma hora.

Stephen saiu da fábrica quente para o vento úmido e as ruas frias e molhadas, cansado e perturbado. Deu as costas para a sua classe e vizinhança, pegou apenas um pouco de pão e caminhou em direção à colina onde morava seu empregador, numa casa vermelha de janelas negras do lado de fora e persianas verdes do lado de dentro, uma porta de entrada negra acima de dois degraus brancos, BOUNDERBY (em letras muito semelhantes ao proprietário) gravado numa placa de bronze e, debaixo desta, uma maçaneta redonda de bronze, como um brônzeo ponto final.

O Sr. Bounderby estava almoçando. Isso Stephen já esperava. O criado poderia avisar que uma das Mãos estava ali e queria lhe falar? Mensagem de retorno, requerendo o nome da tal Mão. Stephen Blackpool; sim, ele poderia entrar.

Stephen Blackpool entrou na sala de estar. O Sr. Bounderby (que Stephen conhecia apenas de vista) estava almoçando costeletas e xerez. A Sra. Sparsit bordava perto do fogo, sentada como numa sela de amazona, com um pé num estribo de algodão. Não almoçar era parte tanto do serviço quanto da dignidade da Sra. Sparsit. Ela supervisionava oficialmente a refeição, mas dava a entender que, no íntimo de sua majestosa pessoa, considerava uma fraqueza o hábito de almoçar.

“Então, Stephen”, disse o Sr. Bounderby, “qual é o *seu* problema?”

Stephen fez uma mesura. Mas não de modo servil – essas mãos jamais o farão! Deus o abençoe, senhor, mas nunca as verá fazendo isso, mesmo que trabalhem há vinte anos para o senhor! – e, ajeitando-se, por respeito à Sra. Sparsit, enfiou as pontas de seu lenço para dentro do colete.

“Ora, como bem sabe”, disse o Sr. Bounderby, servindo-se de xerez, “nós nunca tivemos problemas com você, e você nunca foi um dos pouco razoáveis. Você não espera andar numa carruagem de seis cavalos e comer sopa de

tartaruga e caça fina com colher de ouro, como querem muitos dos outros!” O Sr. Bounderby sempre apresentava isso como o objetivo único, imediato e direto, de qualquer Mão que não estivesse satisfeita. “Por isso, já sei que não veio até aqui para reclamar. Ora, veja você, estou certo disso.”

“Não, senhor, com certeza não vim para isso.”

O Sr. Bounderby pareceu agradavelmente surpreso, apesar de sua convicção prévia. “Muito bem”, ele retorquiu. “Você é uma Mão firme, e não me enganei. Agora, diga-me do que se trata. Já que não é reclamação, diga-me o que é. Desembuche, rapaz!”

Stephen lançou um rápido olhar para a Sra. Sparsit. “Posso retirar-me, Sr. Bounderby, se assim desejar”, disse a abnegada dama, ensaiando tirar o pé do estribo.

O Sr. Bounderby a deteve, interrompendo a mastigação de um bocado de costeletas, antes de engoli-lo, e levantando a mão esquerda. Então, recolhendo a mão e engolindo a costeleta, disse a Stephen: “Saiba que esta boa dama é uma dama nata, uma grande dama. Não suponha que, porque toma conta da minha casa, ela não tenha vivido bem alto na árvore – no topo da árvore! Agora, se você tem algo a dizer que não possa ser dito diante de uma dama bem-nascida, a dama deixará o aposento. Se o que tem a dizer pode ser dito diante de uma dama bem-nascida, a dama permanecerá onde está”.

“Senhor, espero nunca ter dito nada que não fosse adequado a uma dama bem-nascida, desde o dia em que eu mesmo nasci”, foi a resposta, acompanhada de um ligeiro rubor.

“Muito bem”, disse o Sr. Bounderby, empurrando o prato e recostando-se. “Dispare!”

“Vim até aqui”, começou Stephen, desviando o olhar do chão, após um momento de reflexão, “para pedir-lhe um conselho. Preciso sobremaneira dele. Casei-me numa segunda-feira de Páscoa, dezenove anos já vão lá, longos e sofredores. Era uma mocinha jovem – bonita o que chegava – com boas referências. Bem! Acabou dando errado – logo depois. Não por minha culpa. Deus sabe que não fui um mau marido para ela.”

“Já ouvi tudo isso antes”, disse o Sr. Bounderby. “Ela começou a beber, abandonou o trabalho, vendeu a mobília, empenhou as roupas e deu o resto ao Diabo.”

“Fui paciente com ela.”

(“Pior tolo foi você, penso eu”, confidenciou o Sr. Bounderby à sua taça de

vinho.)

“Fui muito paciente com ela. Tentei trazê-la de volta, muitas e muitas vezes. Tentei isto, tentei aquilo, tentei aquilo outro. Muitas vezes chegava em casa e via que tinha desaparecido tudo que eu possuía no mundo, e ela caída no chão, sem nenhum sentido que a guiasse. Não foi uma vez, ou duas, ou vinte!”

Cada ruga de seu rosto tornava-se mais profunda enquanto ele dizia isso, e dava um testemunho do sofrimento pelo qual Stephen passara.

“De mal a pior, de pior a péssimo. Ela deixou-me. Desgraçou-se de todos os modos, amargos e maus. Ela continuou voltando. O que eu poderia fazer para impedi-la? Já andei noites inteiras pelas ruas antes de voltar para casa. Fui até a ponte para jogar-me de lá e desisti. Suportei tanto que me tornei velho ainda jovem.”

A Sra. Sparsit, balançando-se devagar, com suas agulhas de bordado, ergueu as sobancelhas coriolanas e balançou a cabeça, como se dissesse: “Os grandes conhecem dificuldades assim como os pequenos. Pode voltar seu humilde olhar na minha direção.”

“Paguei-lhe para que se afastasse de mim. Paguei-lhe nos últimos cinco anos. Consegui reunir alguma mobília outra vez. Tenho uma vida dura e triste, mas nunca vivi com medo e vergonha. Ontem à noite, fui para casa. Lá estava ela, jogada diante da lareira. Está lá AGORA!”

Na força de seu infortúnio, e na energia de sua angústia, exaltou-se por um instante, como um homem orgulhoso. No instante seguinte, postou-se como se postou o tempo todo – curvado, como de costume; o rosto pensativo voltado para o Sr. Bounderby, com uma expressão curiosa, meio sagaz, meio perplexa, como se sua mente procurasse desvendar algo muito difícil; segurava o chapéu com força na mão esquerda e apoiava-a no quadril; o braço direito, com polidez austera e força de ação, enfatizava o que ele dizia; não menos porque fazia uma pausa, um pouco encolhido mas não acanhado, sempre que o próprio Stephen fazia uma pausa.

“Eu já sabia disso tudo, veja você”, disse o Sr. Bounderby, “exceto a última parte, há muito tempo. É um mau negócio, isso é que é. O melhor seria que tivesse se contentado com o que tinha, em vez de casar-se. No entanto, é tarde demais para dizer isso.”

“Foi um casamento desigual, senhor, em relação à idade?”, perguntou a Sra. Sparsit.

“Você ouviu a pergunta da dama. Foi um casamento desigual em relação à

idade esse seu mau negócio?”, disse o Sr. Bounderby.

“Nem isso. Eu mesmo tinha vinte e um, e ela, exatamente vinte, sem tirar nem pôr.”

“De fato, senhor?”, disse a Sra. Sparsit ao chefe, placidamente. “Presumi, pelo fato de ter sido um casamento tão infeliz, que provavelmente fora desigual em relação à idade.”

O Sr. Bounderby olhou intensamente para a boa dama, um pouco de viés, o que conferia certo embaraço ao olhar. E fortificou-se com mais um pouco de xerez.

“Bem, por que não continua?”, perguntou então, voltando-se irritado para Stephen Blackpool.

“Vim para perguntar-lhe, senhor, como me livrar daquela mulher.” Stephen infundiu uma gravidade ainda mais profunda na expressão ambígua de seu rosto atento. A Sra. Sparsit deu voz a uma suave exclamação, como se tivesse recebido um choque moral.

“O que quer dizer?”, disse Bounderby, levantando-se e apoiando as costas no consolo da lareira. “Do que está falando? Você a recebeu como esposa, na alegria e na tristeza.”

“Preciso me livrar dela. Não aguento mais. Não teria vivido assim por tanto tempo, se não tivesse a compaixão e as palavras de conforto da melhor moça que já existiu, entre as vivas ou as mortas. Talvez, se não fosse por ela, eu tivesse enlouquecido.”

“Temo que ele deseje ficar livre para casar-se com a mulher de quem fala, senhor”, observou a Sra. Sparsit em tom discreto, muito desapontada com a imoralidade do povo.

“Desejo. A dama diz o que é certo. Desejo. Eu ia chegar lá. Li nos jornais que as pessoas importantes (para elas, o que for justo! Não lhes desejo mal!) não se unem na alegria e na tristeza assim tão firmemente, mas podem se livrar de *seus* casamentos infelizes e casar de novo. Quando não concordam, porque os temperamentos se desencontram, têm quartos à parte, um em cima, outro embaixo, e podem viver separadas. Nós, pobres, temos só um quarto e não podemos fazer isso. Quando não dá certo, elas juntam o dinheiro e dizem: ‘Este é para mim e este é para você’, e podem, cada uma, seguir o seu caminho. Nós não podemos. Apesar de tudo, elas podem se libertar umas das outras por erros menores do que os meus. Então, preciso me livrar dessa mulher e quero saber como.”

“De jeito nenhum”, retorqui o Sr. Bounderby.

“Se eu fizer a ela algum mal, senhor, há uma lei que me puna?”

“Claro que há.”

“Se fugir dela, há uma lei que me puna?”

“Claro que há.”

“Se eu me casar com a outra, a minha moça querida, há uma lei que me puna?”

“Claro que há.”

“Se eu vivesse com ela sem me casar – digamos que tal coisa pudesse acontecer, o que não pode e não deve, porque ela é uma boa moça –, há uma lei que me puna, na pessoa de cada filho inocente que eu tiver?”

“Claro que há.”

“Ora, em nome de Deus”, disse Stephen Blackpool, “mostre-me uma lei que me ajude!”

“Hum! É uma relação santificada, para a vida toda”, disse o Sr. Bounderby, “e... e... deve ser mantida.”

“Não, não, não diga isso, senhor. Ela não pode ser mantida assim. Não dessa forma tão baixa. Sou tecelão e trabalho em fábricas desde criança, mas tenho olhos para ver e ouvidos para escutar. Li nos jornais cada inquérito, cada audiência do tribunal... E o senhor também leu – sei disso! – com desânimo – como a suposta impossibilidade de se desligar uns dos outros, a qualquer preço ou sob quaisquer termos, derrama sangue sobre a terra e leva muitas pessoas simples, casadas, à guerra, ao assassinato, à morte súbita. Que fique bem claro: meu caso é penoso e quero – se o senhor fizer a gentileza – saber de uma lei que possa me ajudar.”

“Ora, digo-lhe isto! Tal lei *existe*.”

Stephen acalmou-se, retomou os modos quietos e, sem desviar a atenção, assentiu.

“Mas não é para você. Custa dinheiro. Custa cofres de dinheiro.”

“E quanto seria?”, perguntou Stephen, com calma.

“Ora, você deve procurar a Ordem dos Advogados com uma petição, e deve ir a um tribunal de Direito Comum com uma petição, e deve ir à Câmara dos Lordes com uma petição, e deve conseguir um Decreto Parlamentar para permitir que se case novamente, e isso lhe custará (se for um caso sem nenhum percalço), creio, de mil a mil e quinhentas libras”, disse o Sr. Bounderby. “Talvez o dobro disso.”

“Não há outra lei?”

“Por certo que não.”

“Ora, então, senhor”, disse Stephen, empalidecendo e acenando a mão rígida, como se jogasse tudo aos quatro ventos, “isso é um completo lamaçal, e quanto mais cedo eu morrer, melhor será.”

(A Sra. Sparsit ficou outra vez desalentada com a impiedade do povo.)

“Ridículo! Não diga absurdos, meu bom amigo”, disse o Sr. Bounderby, “sobre coisas que não entende; e não chame de lamaçal as instituições de seu país ou vai acabar atolado num lamaçal de verdade, numa bela manhã qualquer. As instituições do seu país não são as suas empreitadas, e a única coisa que você tem de fazer é importar-se com as suas empreitadas. Você se casou não para a farra e a futilidade, mas para a alegria e a tristeza. Se ela o levou à tristeza – ora, tudo que podemos dizer é que ela poderia tê-lo levado à alegria.”

“É um lamaçal”, disse Stephen, balançando a cabeça enquanto se dirigia para a porta. “Um lamaçal!”

“Agora, ouça o que digo!”, recomeçou o Sr. Bounderby, como discurso de despedida. “Com essas opiniões que eu poderia chamar de blasfemas, você deixou esta dama muito chocada; ela é, como eu já lhe disse, uma dama bem-nascida e, como eu ainda não lhe disse, teve seus próprios infortúnios matrimoniais, no valor de dezenas de milhares de libras – dezenas de milhares de libras!”, repetiu ele, com grande satisfação.

“Até o momento, você tem sido uma Mão firme; mas a minha opinião é, e digo-lhe com clareza, que você está seguindo o caminho errado. Você está dando ouvidos à opinião de algum estranho malicioso – eles estão sempre por perto –, e o melhor que você pode fazer é deixar essas ideias de lado. Saiba você”, e seu semblante expressou uma fina agudeza, “que posso ver através de uma pedra de amolar tão bem quanto qualquer um; ou melhor do que muitos, talvez, porque meu nariz foi bem pressionado contra uma quando eu era jovem. Vejo nisso traços de sopa de tartaruga, caça fina e colher de ouro. Sim, eu vejo!”, gritou o Sr. Bounderby, balançando a cabeça com astúcia obstinada. “Pelo rei Henrique, eu vejo, sim!”

Com um balançar de cabeça muito diferente e um suspiro profundo, Stephen disse: “Obrigado, senhor, desejo-lhe um bom dia” e partiu. Deixou o Sr. Bounderby bufando diante do próprio retrato pendurado na parede, como se fosse explodir sobre ele; e a Sra. Sparsit, ainda se balançando com o pé no estribo, parecia bastante abatida com os vícios populares.

XII A VELHA

O velho Stephen desceu os dois degraus brancos, fechando a porta negra onde estava a placa de bronze com a ajuda do brônzeo ponto final, o qual poliu, a título de despedida, com a manga do casaco, ao observar que sua mão quente o manchara. Atravessou a rua com os olhos pregados no chão, e assim se afastava, pesaroso, quando sentiu um toque no braço.

Não era o toque de que mais precisava naquele momento – o toque que acalmaria as águas bravias de sua alma, como se as mãos erguidas do amor e da paciência mais sublimes pudessem abrandar a fúria do mar; no entanto, era também a mão de uma mulher. Era uma velha, ainda alta e elegante, embora ressequida pelo tempo, sobre a qual os olhos de Stephen recaíram assim que ele parou e se voltou. Ela estava vestida de maneira muito decente e simples, tinha lama nos sapatos e acabara de chegar de viagem. O alvoroço de suas maneiras, em meio ao barulho inaudito das ruas; o xale simples, que ela carregava desdobrado sobre o braço; o guarda-chuva pesado e a pequena cesta; as luvas folgadas, com as quais suas mãos não estavam acostumadas; tudo evidenciava uma velha senhora do interior, vestida com suas roupas simples de domingo e recém-chegada a Coketown numa expedição rara. Notando tudo isso com uma rápida olhadela e a capacidade de observação de sua classe, Stephen Blackpool inclinou o rosto atento – rosto que, como o rosto de muitos de sua condição, por força das muitas horas de trabalho, com as mãos e os olhos submetidos a um barulho prodigioso, adquirira o ar concentrado que vemos no rosto dos surdos – para ouvir melhor o que ela perguntava.

“Por obséquio, senhor”, disse a velha, “não vi o senhor saindo da casa daquele cavalheiro?”, e indicou a casa do Sr. Bounderby. “Acredito que tenha sido o senhor, a não ser que a má sorte me tenha feito seguir a pessoa errada.”

“Sim, dona”, respondeu Stephen, “era eu.”

“O senhor – desculpe a curiosidade de uma velha – viu o cavalheiro?”

“Sim, dona.”

“E como ele se parecia, senhor? Era imponente, ousado, franco e caloroso?” Enquanto ela própria se endireitava e erguia a cabeça para adequar os gestos às palavras, ocorreu a Stephen que já vira aquela velha antes e não gostara dela.

“Oh, sim”, retorquiu ele, observando-a com mais atenção, “ele é tudo isso.”

“E saudável”, disse a velha, “como o vento fresco?”

“Sim”, retorquiu Stephen. “Estava comendo e bebendo – grande e barulhento como um zangão.”

“Obrigada!”, disse a velha, com contentamento infinito. “Obrigada!”

Decerto ele jamais vira aquela velha antes. Porém, havia uma vaga lembrança em sua mente, como se tivesse sonhado mais de uma vez com uma velha como ela.

Ela o acompanhou, caminhando ao seu lado, e Stephen, acomodando-se gentilmente ao humor dela, disse que Coketown era um lugar agitado, não? Ao que ela respondeu: “E não é? Terrivelmente agitado”. Então ele perguntou se ela viera do interior, não? E a resposta foi afirmativa.

“Cheguei pelo Parlamentar^[a] esta manhã. Sessenta quilômetros de trem esta manhã e os mesmos sessenta quilômetros esta tarde. Caminhei quatorze quilômetros até a estação, e não encontrei na estrada ninguém que me desse carona, e vou caminhar os quatorze quilômetros de volta esta noite. Isso é bom, senhor, na minha idade!”, disse a velha conversadora, com os olhos brilhantes de júbilo.

“De fato, é bom. Mas não faça isso sempre, dona.”

“Não, não. Uma vez por ano”, ela respondeu, balançando a cabeça. “Gasto assim minhas economias, uma vez por ano. Venho sempre, para perambular pelas ruas e ver os cavalheiros.”

“Apenas para vê-los?”, perguntou Stephen.

“Basta para mim”, respondeu ela, de maneira sincera e interessada. “Não peço mais do que isso. Estive parada deste lado da rua para ver aquele cavalheiro”, voltando a cabeça outra vez na direção da casa do Sr. Bounderby,

“sair. Mas ele está atrasado este ano, e não o vi. Em vez dele, saiu o senhor. Agora, se eu for obrigada a voltar sem nem mesmo dar uma espiada nele – apenas uma espiada –, bem! Já vi o senhor, e o senhor o viu, e isso deve bastar.” Dizendo isso, ela olhou para Stephen como se quisesse gravar seus traços em sua mente, e seus olhos não estavam tão brilhantes quanto estavam antes.

Com grandes concessões às diferenças de gosto, e com todo o respeito aos patrícios de Coketown, aquilo era uma fonte de interesse tão extraordinária, para dar-se tanto trabalho, que ele ficou perplexo. Mas eles passavam agora pela igreja e Stephen, ao ver o relógio, acelerou o passo.

“Estava indo para o trabalho?”, disse a velha, também acelerando facilmente o passo. Sim, já estava quase na hora. Quando disse a ela onde trabalhava, a velha pareceu mais singular do que antes.

“E o senhor não é feliz?”, ela perguntou.

“Ora... não há quase ninguém que não tenha seus problemas, dona.” Stephen respondeu de modo evasivo, porque a velha parecia ter certeza de que ele era muitíssimo feliz, e ele não teve coragem de desapontá-la. Ele sabia que havia problemas suficientes no mundo e, se a velha vivera por tanto tempo e queria contar com ele para tão pouco, ora, muito melhor para ela, e nada pior para ele.

“Sim, sim! O senhor tem problemas em casa, é o que quer dizer?”

“Às vezes. Apenas aqui e ali”, ele respondeu, ligeiramente.

“Mas, trabalhando para tal cavalheiro, os problemas não vão com você até a fábrica?”

Não, não; não iam. Tudo correto, lá. Tudo de acordo, lá. (Não chegou ao ponto de dizer à velha, para o prazer dela, que havia lá uma espécie de Direito Divino; porém, já ouvi afirmações quase tão magníficas quanto esta nos últimos anos.)

Estavam agora na escura estrada secundária perto da fábrica, e as Mãos espremiavam-se na entrada. O sino tocava, e a Serpente era uma Serpente de muitas voltas, e o Elefante aprontava-se. A estranha velha encantava-se até mesmo com o sino. Era o mais belo sino que jamais ouvira, disse ela, e soava lindo!

Perguntou a Stephen, assim que ele se deteve amavelmente para apertar-lhe a mão antes de entrar, se trabalhava ali havia muito tempo.

“Uma dúzia de anos”, disse ele.

“Devo beijar a mão”, disse ela, “que trabalha nesta ótima fábrica há uma dúzia de anos!” E ergueu-lhe a mão, antes que ele pudesse impedi-la, e pousou

nela os lábios. Que harmonia a envolvia, além da simplicidade e da idade, ele não sabia, mas mesmo naquele gesto irreal havia algo que não estava fora nem do tempo nem do lugar; algo que parecia que ninguém mais poderia ter feito com mais seriedade ou com um ar tão natural e comovente.

Stephen passou meia hora em seu tear, pensando naquela velha, até que, dando a volta nele para ajustá-lo, olhou rapidamente por uma janela no canto e viu-a contemplando ainda o enorme prédio, perdida em admiração. Sem dar atenção à fumaça, à lama e à umidade, e às duas longas viagens, ela olhava fixamente para a fábrica, como se a pesada vibração que vinha daqueles muitos andares fosse, para ela, música triunfal.

Ela logo se foi, e o dia a seguiu, e as luzes brotaram outra vez, e o Expresso avançou à plena vista do Palácio de Fadas, sobre os arcos ali perto: ele mal o percebeu na trepidação do maquinário, e mal o ouviu sobre o seu bater e chacoalhar. Muito antes disso, os pensamentos de Stephen voltaram-se para o melancólico quarto em cima da lojinha e a vergonhosa figura pesadamente deitada na cama, ainda mais pesada no coração dele.

O maquinário desacelerou; latejou tênue com um pulso fraco; parou. O sino outra vez; o resplendor de luz e calor dissipou-se; as fábricas, silhuetas pesadas na noite negra e úmida – as altas chaminés elevando-se no ar como torres de Babel concorrentes.

Ele falara com Rachael ainda na noite anterior, era verdade, e caminhara com ela durante parte do caminho; mas trazia com ele esse novo infortúnio, e ninguém mais poderia dar-lhe um momento de alívio, e porque tinha vontade, e porque sabia que precisava abrandar sua ira, coisa que nenhuma voz exceto a dela poderia fazer, sentia que podia desconsiderar o que ela dissera e esperá-la outra vez. Ele esperou, mas ela escapou. Fora embora. Em nenhuma outra noite do ano ele teria dispensado com tão má vontade a visão daquele rosto paciente.

Oh! Era preferível não ter um lar onde descansar a cabeça a tê-lo e temer retornar para ele. Bebeu e comeu, porque estava exausto – mas pouco notou o que e importou-se menos ainda; perambulou sob a chuva gelada, pensando e pensando, cismando e cismando.

Nenhuma palavra foi trocada entre os dois a respeito de um novo casamento; mas Rachael apiedara-se dele havia anos, e apenas a ela Stephen abriu seu coração, durante todo aquele tempo, sobre a causa de sua infelicidade; e ele sabia muito bem que, se estivesse livre para pedir-lhe a mão, ela teria aceitado. Pensava no lar a que poderia retornar com prazer e orgulho naquele momento;

no homem diferente que poderia ter sido naquela noite; na leveza que haveria em seu peito oprimido; na restauração da honra, do respeito próprio e da tranquilidade que agora estavam em farrapos. Pensava no desperdício da melhor parte de sua vida, na degeneração de seu caráter a cada dia, na pavorosa natureza de sua existência, de mãos e pés atados a uma mulher morta, e atormentado por um demônio que tomara a sua forma. Pensava em Rachael, como eram jovens quando se viram pela primeira vez, em tais circunstâncias, como eram maduros agora e como estavam próximos da velhice. Pensava nas muitas mulheres e meninas que ela vira casar-se, nos muitos lares com filhos que ela vira crescer em torno dela, em como ela seguira contente seu caminho solitário – por ele – e como vira uma sombra de melancolia atravessar algumas vezes seu rosto abençoado, o que o atingira com remorso e desespero. Stephen comparou a figura dela à infame imagem da noite anterior e pensou: seria possível que toda a trajetória sobre a terra de uma pessoa tão boa, gentil e abnegada estivesse subjugada a uma desgraçada como aquela?

Tomado por esses pensamentos – tão tomado que tinha a doentia sensação de que se tornara maior, de que fora colocado numa nova e nociva relação com os objetos por que passava, de que via avermelhar-se o halo de cada lâmpada enevoada –, voltou para casa em busca de abrigo.

[a] Referência a uma lei parlamentar de 1844 que estabeleceu a obrigatoriedade de um trem diário de passageiros cujo bilhete não poderia custar mais de um *penny* por quilômetro rodado. (N. E.)



Atravessou a rua com os olhos pregados no chão, e assim se afastava, pesaroso, quando sentiu um toque no braço.

XIII

RACHAEL

Uma vela queimava tênue na janela à qual a escada preta fora tantas vezes encostada para levar embora tudo que havia de mais precioso para uma esposa esforçada e uma ninhada de bebês famintos; e Stephen adicionou aos seus outros pensamentos a dura reflexão de que, entre todos os acasos da existência sobre a terra, nenhum era distribuído com tanta desigualdade quanto a morte. A desigualdade do nascimento não se poderia comparar com ela. Porque, digamos que o filho de um rei e o filho de um tecelão tenham nascido naquela noite, no mesmo instante; o que era essa disparidade diante da morte de qualquer criatura humana que era útil a alguém, ou era amada por alguém, enquanto aquela mulher abandonada ainda vivia!

Ele passou sombriamente para dentro da casa, com fôlego suspenso e passos lentos. Foi até a porta, abriu-a e entrou no quarto.

Ali havia tranquilidade e paz. Rachael estava lá, sentada junto da cama.

Ela virou a cabeça e a luz em seu rosto brilhou sobre a meia-noite que escurecia a mente de Stephen. Ela estava sentada junto da cama, vigiando e cuidando de sua esposa. Isto é, ele viu que alguém jazia ali, e sabia bem demais quem deveria ser, mas as mãos de Rachael ergueram uma cortina, de modo que seus olhos não podiam vê-la. Os trajes vergonhosos haviam sido removidos, e alguns pertencentes a Rachael estavam no quarto. Tudo estava no lugar e na ordem que ele costumava manter, a pequena lareira fora acesa havia pouco, e o chão diante dela fora varrido. Pareceu-lhe ver tudo isso no rosto de Rachael, e não conseguia olhar para nada mais. Enquanto a olhava, sua visão se perdeu nas

lágrimas suaves que lhe enchiam os olhos; mas não antes que visse com que dedicação ela olhava para ele, e como seus olhos também estavam marejados.

Ela voltou-se mais uma vez para a cama e, assegurando-se de que tudo estava tranquilo, falou com uma voz baixa, calma e alegre.

“Fico contente de que tenha chegado, Stephen. Você está muito atrasado.”

“Estive caminhando para cima e para baixo.”

“Assim imaginei. Mas é uma noite ruim para isso. A chuva está pesada, e a ventania aumentou.”

Ventania? Verdade. O vento soprava forte. Ouça o trovejar na chaminé, e o ruído que se levanta! Caminhou contra tal vento, sem saber que soprava!

“Já estive aqui hoje, Stephen. A senhoria veio me procurar na hora do jantar. Alguém estava precisando de cuidados, ela disse. E estava certa. Vagando perdida, Stephen. Ferida também, e contundida.”

Ele moveu-se devagar até a cadeira e sentou-se, abaixando a cabeça diante dela.

“Vim fazer o pouco que podia, Stephen; primeiro, porque ela trabalhou comigo quando éramos ambas meninas, e porque você a cortejou e casou-se com ela na época em que ela era minha amiga...”

Ele pôs a testa enrugada na mão, com um gemido baixinho.

“E, em segundo lugar, porque conheço seu coração e estou certa de que seria muito pouco piedoso deixá-la morrer, ou apenas sofrer, por falta de ajuda. Sabes quem disse ‘Quem dentre vós nunca pecou que atire a primeira pedra!’ Houve muitos que quiseram atirá-la. Não sejas o homem que atira a última pedra, Stephen, agora que ela chegou tão baixo.”

“Oh, Rachael, Rachael!”

“Tens sofrido cruelmente, que os Céus te recompensem!”, disse ela, com uma nota de compaixão. “Sou tua pobre amiga, de todo o meu coração e minha mente.”

Os ferimentos dos quais ela falara pareciam estar em torno do pescoço da proscrita voluntária. Rachael fazia-lhe curativos naquele momento, ainda sem mostrá-la. Mergulhou um retalho de linho numa bacia, na qual derramou o líquido de um frasco, e pôs o retalho sobre a ferida com uma mão gentil. A mesa de três pernas fora trazida para perto da cama, e nela havia dois frascos. Aquele era um.

Não demorou muito para que Stephen, seguindo as mãos de Rachael com os olhos, pudesse ler o que estava impresso em letras grandes no frasco. Seu rosto

adquiriu um tom fúnebre, e um súbito horror pareceu abater-se sobre ele.

“Ficarei aqui, Stephen”, disse Rachael, voltando a sentar-se calmamente, “até que o sino dê as três horas. A compressa deve ser repetida às três, e então podemos deixá-la em paz até o amanhecer.”

“Mas teu descanso? Tens de trabalhar amanhã, minha querida.”

“Dormi bem na noite passada. Posso passar muitas noites acordada, se for preciso. És tu quem precisa de descanso – estás tão pálido e cansado. Tenta dormir naquela poltrona, enquanto a vigio. Não dormiste nada na noite passada, posso bem crer. O trabalho de amanhã será muito mais difícil para ti do que para mim.”

Ele ouviu o trovejar e o bater de portas, e pareceu-lhe que a ira de antes saíra à rua para tentar alcançá-lo. Rachael a mandara para longe e a manteria longe; ele confiava que ela poderia defendê-lo dele mesmo.

“Ela não me reconheceu, Stephen; apenas murmura e olha, sonolenta. Falei-lhe muitas vezes, mas ela não percebeu! É melhor assim. Quando recuperar a lucidez, terei feito o que podia, e ela não saberá de nada.”

“Quanto tempo, Rachael, esperas que leve a recuperação?”

“O doutor disse que talvez ela volte a si amanhã.”

Seu olhar recaiu sobre o frasco, e um arrepio passou-lhe pelo corpo, fazendo tremer cada membro seu. Rachael pensou que ele sentia frio por causa da umidade. “Não”, disse ele, “não foi isso”. Ele se assustara.

“Assustou-se?”

“Sim, sim! Vindo para cá. Quando estava caminhando. Quando estava pensando. Quando...” Assaltou-lhe novamente; ele se pôs em pé, apoiado na lareira, enquanto pelos cabelos encharcados e gelados passava a mão que tremia como se estivesse paralisada.

“Stephen!”

Ela tentou acudi-lo, mas ele estendeu o braço para impedi-la.

“Não, por favor, não. Deixa-me ver-te sentada junto da cama. Deixa-me ver-te, tão gentil e clemente. Deixa-me ver-te como te vi quando entrei. Nunca poderei ver-te melhor. Nunca, nunca, nunca!”

Teve um violento acesso de tremores e afundou-se na poltrona. Após um momento, controlou-se e, apoiando o cotovelo no joelho e a cabeça na mão, conseguiu olhar para Rachael. Vista com seus olhos úmidos, sob a luz frágil da vela, ela parecia ter uma auréola brilhante em torno da cabeça. Ele podia acreditar que ela a tivesse. Acreditou que ela a tivesse, enquanto o barulho lá

fora sacudia a janela, fazia vibrar a porta no andar de baixo e andava pela casa gritando e lamentando.

“Quando ela melhorar, Stephen, esperemos que te deixe em paz outra vez e pare de ferir-te. De qualquer modo, esperemos assim, por agora. Vou ficar em silêncio, porque quero que durmas.”

Ele fechou os olhos, mais para agradá-la do que para descansar a cabeça fatigada; porém, lenta e gradualmente, enquanto ouvia o barulho do vento, deixou de ouvi-lo, ou o transformou no barulho do tear, ou até mesmo nas vozes do dia (inclusive a sua própria), dizendo o que fora dito de fato. Mesmo essa consciência imperfeita desvaneceu-se, e ele sonhou um sonho longo e perturbado.

Sonhou que ele e alguém a quem seu coração pertencia havia muito tempo – mas não era Rachael, o que o surpreendeu, mesmo em sua felicidade imaginária – estavam na igreja, casando-se. Enquanto a cerimônia se desenrolava, e enquanto Stephen reconhecia entre as testemunhas pessoas que sabia que estavam vivas e pessoas que sabia que estavam mortas, veio a escuridão e depois o brilho de uma luz intensa. Surgiu de uma das linhas da tábua dos mandamentos que estava sobre o altar e iluminou o prédio com palavras. Elas também ressonaram pela igreja, como se houvesse vozes nas letras flamejantes. Tudo em volta dele mudou de aparência, e nada mais era como havia sido, a não ser ele mesmo e o padre. Estavam, em plena luz do dia, diante de uma multidão tão grande que, se todas as pessoas do mundo fossem reunidas num único lugar, não poderiam parecer, pensou ele, mais numerosas; e todas o detestavam, e não havia olhar compadecido ou fraterno entre os milhões de olhares que se fixavam em seu rosto. Ele estava num palco elevado, sob seu próprio tear; observando a forma que o tear tomava, e ouvindo distintamente a recitação do ritual fúnebre, soube que estava ali para sofrer a pena de morte. Num instante, o palco onde ele estava ruiu debaixo dele, e ele desapareceu.

Que mistério lhe concedeu voltar à sua vida costumeira, e aos lugares que conhecia, ele foi incapaz de imaginar; mas ele estava de volta, por intercessão de alguma coisa, e condenado a jamais, neste mundo ou no próximo, por todas as eras inimagináveis da eternidade, voltar a ver o rosto de Rachael ou ouvir sua voz. Vagando para lá e para cá, sem esperança e em busca de algo que ele não sabia o que era (sabia apenas que estava condenado a buscar), era vítima de um pavor inominável e terrível, um medo mortal de uma forma específica, que tudo tomava. Tudo que ele via, não importava o que fosse, assumia aquela forma cedo

ou tarde. O objetivo de sua infeliz existência era impedir que tal forma fosse reconhecida por uma das muitas pessoas que ele encontrava. Trabalho inútil! Se ele as conduzia para fora do aposento onde a forma estava, se fechava as gavetas e os armários onde ela se encontrava, se atraía estranhos para fora dos lugares onde sabia que ela se ocultava, e se os levava para a rua, as próprias chaminés das fábricas assumiam a forma e, em torno delas, havia a palavra impressa.

O vento soprava novamente, a chuva batia no telhado, e os espaços mais amplos por onde ele vagara contraíram-se entre as quatro paredes do quarto. À parte o fogo apagado, era como se os olhos de Stephen se tivessem fechado sobre ele. Rachael parecia ter cochilado na poltrona ao lado da cama. Estava sentada, embrulhada no xale, perfeitamente imóvel. A mesa estava no mesmo lugar, junto da cama, e sobre ela, com sua proporção e aparência real, estava a forma que tanto se repetira.

Ele pensou ter visto a cortina mover-se. Olhou outra vez e teve certeza de que se movera. Viu a mão que avançava e tateava. Então, a cortina moveu-se de modo mais perceptível, e a mulher sobre a cama puxou-a e sentou-se.

Com olhos lamentáveis, tão cansados e insanos, tão grandes e pesados, ela olhou todo o quarto, passando pelo canto onde Stephen dormira em sua poltrona. Seus olhos dirigiram-se para aquele canto, e ela pôs a mão sobre eles para protegê-los da luz, enquanto olhava. Novamente seus olhos passearam pelo quarto, mal percebendo Rachael, ou não a percebendo, e retornando ao canto. Ele pensou, enquanto protegia novamente os olhos – nem tanto olhando para ele, mas procurando-o com a brutal intuição de que ele estava ali –, que não restara nenhum traço naquela figura pervertida, ou na mente que a acompanhava, da mulher com quem ele se casara dezoito anos antes. Se não a tivesse visto chegar, centímetro por centímetro, jamais acreditaria que fosse a mesma mulher.

Durante todo esse tempo, como se estivesse enfeitiçado, permaneceu imóvel e sem forças, observando-a.

Cochilando estupidamente, ou dialogando sobre nada com seu ser incapaz, ela sentou-se por algum tempo, tapando os ouvidos com as mãos e apoiando a cabeça nelas. Depois, ela continuou a procurar pelo quarto. E agora, pela primeira vez, seu olhar deteve-se na mesa onde estavam os frascos.

No mesmo instante, ela voltou os olhos outra vez para o canto onde estava Stephen, com o mesmo desafio da noite passada e, movendo-se com muita cautela e suavidade, estendeu a mão gananciosa. Levou uma caneca para a cama e sentou-se por um instante para decidir qual dos dois frascos escolheria. Por

fim, agarrou insensatamente o frasco que continha a morte rápida e certa e, diante dos olhos de Stephen, arrancou a rolha com os dentes.

Sonho ou realidade, ele não tinha voz ou força para mover-se. Se isto for real, e a hora desta mulher ainda não houver chegado, acorde, Rachael, acorde!

Ela também pensou nisso. Olhou para Rachael e, muito devagar, com muito cuidado, derramou o conteúdo do frasco na caneca. O líquido quase chegou aos seus lábios. Mais um momento e estaria além de qualquer ajuda, mesmo que o mundo despertasse e viesse acudi-la. Naquele momento, porém, Rachael saltou sobre ela com um grito reprimido. A criatura lutou, golpeou, agarrou-lhe os cabelos, mas Rachael tomou-lhe a caneca.

Stephen levantou-se subitamente da poltrona. “Rachael, estou acordado ou sonho com esta noite terrível?”

“Está tudo bem, Stephen. Eu mesma adormeci. Aproximam-se as três. Quietos! Ouço os sinos.”

O vento trazia à janela os sons do relógio da igreja. Eles ouviram, e as três horas soaram. Stephen olhou para Rachael, viu como estava pálida, notou a desordem em seus cabelos e as marcas vermelhas de dedos em sua testa e teve certeza de que sua visão e audição estavam acordadas. Rachael continuava com a caneca na mão.

“Pensei mesmo que já fossem quase três”, disse ela, derramando calmamente o conteúdo da caneca na bacia e mergulhando ali o linho, como antes. “Estou grata por ter ficado aqui! Tudo estará acabado assim que eu aplicar isto. Aí está! Agora ela está calma outra vez. As poucas gotas que ficaram na bacia eu jogarei fora, porque não é bom deixar esta coisa por aí, mesmo em tão pouca quantidade.” Enquanto falava, lançou o que restava na bacia sobre as cinzas da lareira e quebrou o frasco.

Não tinha mais nada para fazer, a não ser cobrir-se com o xale antes de sair no vento e na chuva.

“Permites que eu te acompanhe a esta hora, Rachael?”

“Não, Stephen, estarei em casa em um minuto.”

“Não tens medo”, disse ele baixinho, enquanto se dirigiam para a porta, “de deixar-me sozinho com ela?”

Enquanto ela olhava para ele e dizia “Stephen?”, ele se ajoelhou diante dela, na pobre e esquelética escada, e levou aos lábios uma ponta do xale de Rachael.

“És um anjo. Deus te abençoe, Deus te abençoe!”

“Como já te disse, Stephen, sou tua pobre amiga. Anjos não são como eu.

Entre eles e uma mulher trabalhadora, cheia de defeitos, há um profundo abismo. Minha irmãzinha está entre eles, porque foi transformada em anjo.”

Ela ergueu os olhos, enquanto dizia estas palavras; depois, tornou a baixá-los, na direção de Stephen, com toda suavidade e gentileza.

“Tu me transformaste de mau em bom. Faze-me desejar humildemente ser mais parecido contigo e temer perder-te quando esta vida acabar e todo o lamaçal for limpo. És um anjo; talvez tenhas salvo minha alma em vida!”

Ela olhou para ele, ajoelhado diante dela, com o xale ainda na mão, e a reprimenda que tinha nos lábios feneceu quando viu a expressão em seu rosto.

“Vim para casa desconsolado. Vim para casa desesperançado e louco ao pensar que, quando disse uma palavra de queixa, fui chamado de Mão pouco razoável. Disse-te que me assustei. Foi o frasco de veneno na mesa. Nunca ferir uma criatura viva; mas, ao ver o frasco tão de repente, fiquei imaginando. Como saber o que eu teria feito a mim mesmo, a ela, ou a ambos?”

Ela lhe tapou a boca com as duas mãos, com uma expressão de horror, para impedi-lo de dizer mais. Ele as tomou com a mão livre e, enquanto a outra ainda segurava a barra do xale, disse apressado: “Mas eu te vi sentada junto da cama, Rachael. Vi-te a noite toda. Em meu sono perturbado, sabia que ainda estavas ali. Sempre te verei ali. Nunca mais a verei ou pensarei nela sem ver-te ao seu lado. Nunca mais verei ou pensarei em nada que me desperte ira, se tu, que és muito melhor do que eu, estiveres também ali. E assim tentarei ver o momento, e confiar no momento, em que tu e eu afinal caminharemos juntos para longe, para além do profundo abismo, até o reino onde se encontra tua irmãzinha”.

Ele beijou outra vez a barra do xale e deixou-a ir. Ela desejou-lhe boa noite com voz comovida e saiu para a rua. O vento soprava na direção de onde logo viria o sol, e ainda soprava forte. Ele limpou o céu diante dele, e a chuva acabara ou viajara para outro lugar, e as estrelas brilhavam. Stephen estava parado no meio da rua, sem chapéu, observando enquanto ela desaparecia rapidamente. Assim como as estrelas estavam para a pesada vela na janela, Rachael, na rude fantasia daquele homem, estava para as experiências comuns de sua vida.

XIV

O GRANDE INDUSTRIAL

O tempo trabalhava em Coketown como seu próprio maquinário: tanto material forjado, tanto combustível consumido, tantas forças esgotadas, tanto dinheiro adquirido. Mas o tempo, menos inexorável que o ferro, o aço e o latão, trazia suas estações variáveis até mesmo para aquela selva de fumaça e tijolos, e enfrentava, como nunca *se enfrentara*, a medonha uniformidade do lugar.

“Louisa está se tornando”, disse o Sr. Gradgrind, “uma jovem mulher.”

O tempo, com seus inumeráveis cavalos-vapor, continuava a funcionar, sem se importar com o que se dissesse, e tornara o jovem Thomas trinta centímetros mais alto do que era na última ocasião em que seu pai lhe prestara atenção particular.

“Thomas está se tornando”, disse o Sr. Gradgrind “um jovem homem.”

O tempo arrastou Thomas para a fábrica, enquanto o pai pensava no assunto, e ali estava o rapaz, vestindo casaca e colarinho duro.

“Na verdade”, disse o Sr. Gradgrind, “chegou o momento de mandar Thomas para Bounderby.”

O tempo, preso a ele, arrastou-o para o banco de Bounderby, fê-lo morador da casa de Bounderby, obrigou-o a comprar sua primeira navalha e exercitou-o diligentemente em seus cálculos sobre si mesmo.

O mesmo grande industrial, sempre com uma imensa variedade de trabalho nas mãos, em diferentes estágios de desenvolvimento, arrastou Sissy para a fábrica e transformou a menina num artigo muito bonito, de fato.

“Temo, Jupe”, disse o Sr. Gradgrind, “que sua permanência por mais tempo na escola seja inútil.”

“Também temo, senhor”, respondeu Sissy, com uma reverência.

“Não posso esconder, Jupe”, disse o Sr. Gradgrind, franzindo a testa, “que o resultado de seu período de experiência lá me desapontou; desapontou-me grandemente. Você não adquiriu, sob a orientação do Sr. e da Sra. Choakumchild, nada da quantidade de conhecimento exato que eu esperava. Você é extremamente deficiente nos fatos. Sua familiaridade com os números é bastante limitada. Você está atrasada e abaixo dos padrões.”

“Sinto muito, senhor”, respondeu ela, “mas sei que é bem verdade. No entanto, esforcei-me muito, senhor.”

“Sim”, disse o Sr. Gradgrind, “sim, acredito que tenha se esforçado. Estive observando e não consigo encontrar defeitos nesse aspecto.”

“Obrigada, senhor. Já pensei algumas vezes”, e Sissy estava bastante embaraçada, “que eu talvez tenha tentado demais aprender e, se me fosse permitido tentar um pouco menos, eu poderia...”

“Não, Jupe, não”, disse o Sr. Gradgrind, balançando a cabeça do modo mais profundo e eminentemente prático. “Não, o curso que você seguiu, seguiu-o de acordo com o sistema – o sistema – e não há mais nada a dizer sobre a questão. Posso apenas supor que as circunstâncias de sua vida pregressa foram muito desfavoráveis ao desenvolvimento de sua capacidade de raciocínio, e começamos sua educação muito tarde. Ainda assim, como disse antes, estou desapontado.”

“Quisera ter-me mostrado mais grata ao senhor por sua gentileza com uma pobre menina abandonada, a qual não podia exigir nada do senhor, e pela proteção que lhe deu.”

“Não chore”, disse o Sr. Gradgrind. “Não chore. Não tenho queixas de você. É uma jovem afetuosa, boa e honesta... e... e isso deve bastar.”

“Muito obrigada, senhor”, disse Sissy, inclinando-se com gratidão.

“Você é útil à Sra. Gradgrind e, de maneira ampla e geral, é benéfica à família também; assim entendo pelo que me disse a Srta. Louisa e, de fato, assim tenho observado. Espero, portanto”, disse o Sr. Gradgrind, “que possa ser feliz com essas relações.”

“Nada me faltaria, senhor, se...”

“Entendo”, disse o Sr. Gradgrind, “que você ainda se refira a seu pai. Soube pela Srta. Louisa que você ainda guarda aquele frasco. Bem! Se o treinamento na

ciência de chegar a resultados exatos tivesse sido mais bem-sucedido, você seria mais sensata em relação a essas questões. Mais não direi.”

Na verdade, ele gostava demais de Sissy para ter-lhe desprezo; por outro lado, tinha a capacidade de cálculo da menina em tão baixa conta que deve ter chegado a essa conclusão. De um modo ou de outro, ele era obcecado pela ideia de que havia algo naquela menina que não poderia ser estabelecido de maneira tabular. Sua capacidade de definição poderia ser facilmente expressa por um número muito baixo, e seu conhecimento matemático por nada; no entanto, ele não estava seguro de que, caso lhe fosse exigido, por exemplo, assinalar a menina nas colunas de uma petição parlamentar, soubesse dividi-la.

Em alguns estágios da fabricação do tecido humano, os processos do tempo são muito rápidos. No jovem Thomas e em Sissy, que estavam em tal estágio de manufatura, as mudanças efetuaram-se em um ano ou dois; já o Sr. Gradgrind parecia estacionado em seu curso e não sofria nenhuma alteração.

Exceto uma, que não fazia parte do progresso necessário na fábrica. O tempo empurrou-o para um pequeno mecanismo barulhento e muito sujo, num canto qualquer, e transformou-o em membro do Parlamento, como representante de Coketown: um dos respeitados membros dos pesos e medidas, um dos representantes da tabuada, um dos honoráveis cavalheiros surdos, um dos honoráveis cavalheiros mudos, um dos honoráveis cavalheiros cegos, um dos honoráveis cavalheiros mancos, um dos honoráveis cavalheiros mortos, a qualquer outra consideração. Senão por que viveríamos numa terra cristã, mil oitocentos e poucos anos após o Nosso Senhor?

Nesse meio tempo, Louisa passara adiante, tão quieta e reservada, e tão inclinada a contemplar as faíscas brilhantes à meia-luz enquanto caíam na grade da lareira e extinguíam-se; desde a época em que seu pai dissera que ela era quase uma jovem mulher – o que parecia ter sido ontem –, ela mal lhe atraía a atenção, até que ele descobriu que Louisa se tornara uma jovem e tanto.

“Uma jovem e tanto”, disse o Sr. Gradgrind, matutando. “Céus!”

Logo após essa descoberta, ele ficou vários dias mais pensativo do que o usual, e parecia absorto num único assunto. Certa noite, quando estava para sair, e Louisa veio despedir-se antes da partida – já que ele voltaria tarde para casa e ela não o veria outra vez até a manhã seguinte –, ele a abraçou, olhou para ela do seu jeito mais gentil e disse:

“Minha querida Louisa, você é uma mulher!”

Ela respondeu com o velho, rápido e inquisidor olhar daquele dia em que

fora pega no circo; então, abaixou os olhos e disse: “Sim, pai”.

“Minha querida”, disse o Sr. Gradgrind, “preciso falar-lhe a sós e seriamente. Venha ver-me em meu quarto após o desjejum amanhã, sim?”

“Sim, pai.”

“Suas mãos estão tão frias, Louisa. Você não está bem?”

“Bastante bem, pai.”

“E alegre?”

Ela olhou outra vez para ele e sorriu, de seu jeito peculiar. “Estou tão alegre, pai, como costume estar, ou tenho estado.”

“Isso é bom”, disse o Sr. Gradgrind. Então, beijou-a e saiu. Louisa retornou ao calmo aposento destinado aos cortes de cabelo e, apoiando o cotovelo na cadeira, olhou novamente para as faíscas efêmeras que tão cedo se convertiam em cinzas.

“Você está aí, Loo?”, disse seu irmão, olhando para dentro do quarto. Ele tornara-se um cavalheiro que sabia aproveitar a vida, embora não fosse muito atraente.

“Querido Tom”, ela respondeu, levantando-se e abraçando-o, “há quanto tempo você não vem me visitar?”

“Ora, estive ocupado com outras atividades à noite, Loo; e, durante o dia, o velho Bounderby me mantém bastante ocupado. Mas eu a menciono quando ele exagera, de modo que temos um acordo. Mas me diga! Nosso pai disse-lhe algo particular hoje ou ontem, Loo?”

“Não, Tom. Mas me disse hoje à noite que quer falar-me pela manhã.”

“Ah! É onde eu queria chegar”, disse Tom. “Você sabe aonde ele foi?”, com uma expressão bastante séria.

“Não.”

“Então contarei a você. Ele está com o velho Bounderby. Estão tendo uma bela confabulação lá no banco. Por que no banco? Bem, conto-lhe novamente. Para ficar tão longe quanto possível dos ouvidos da Sra. Sparsit, imagino.”

Com a mão sobre o ombro do irmão, Louisa ainda olhava para o fogo. Seu irmão olhou-a com interesse maior do que o costumeiro e, abraçando-a pela cintura, puxou-a persuasivamente para mais perto dele.

“Você gosta muito de mim, não é, Loo?”

“Sim, Tom, é verdade, embora você fique muito tempo sem vir visitar-me.”

“Bem, minha irmã”, disse Tom, “ao dizer isso você se aproxima dos meus pensamentos. Poderíamos passar muito mais tempo juntos, não? Estar quase

sempre juntos, não? Seria um grande favor se você concordasse com o que estou pensando, Loo. Seria esplêndido para mim! Seria uma alegria fora do comum!”

O ar pensativo de Louisa desconcertou a astuta análise de Tom. Ele não conseguia perceber nada em seu rosto. Apertou-a nos braços e beijou-lhe a face. Ela o beijou em resposta, mas não tirou os olhos do fogo.

“Digo-lhe, Loo! Pensei em vir e insinuar o que está acontecendo, embora imaginasse que você já tivesse adivinhado, mesmo que não soubesse. Não posso ficar, porque vou sair com outros camaradas esta noite. Você não esquecerá quanto gosta de mim?”

“Não, querido Tom, não esquecerei.”

“Menina excelente”, disse Tom. “Adeus, Loo.”

Ela deu-lhe um afetuoso boa-noite e foi com ele até a porta, de onde se podiam ver as fogueiras de Coketown, tornando a distância pálida. Deteve-se ali, olhando firmemente as luzes e ouvindo os passos de Tom. Estes se afastavam rapidamente, contentes por partir de Stone Lodge. Ela ainda estava ali quando Tom se foi, e tudo se tornou silencioso. Parecia que, primeiro na própria lareira dentro de casa, e depois na neblina ígnea lá fora, ela tentava descobrir que tipo de tecido o velho tempo, o melhor e mais conhecido tecelão de todos, tramaria com os filamentos que já tramara em forma de mulher. Mas a fábrica do tempo é um lugar secreto, e seu trabalho não produz ruído, e suas mãos são mudas.



“Louisa, minha querida, você é o objeto de uma proposta de casamento que me fizeram.”

XV

PAI E FILHA

Embora o Sr. Gradgrind não fosse descendente do Barba Azul, seu quarto era um aposento bastante azul, por causa da abundância de livros azuis de estatística. O que quer pudessem provar (que era, em geral, qualquer coisa que se desejasse), eles provavam ali, num exército constantemente fortalecido pelo ingresso de novos recrutas. Naquele aposento encantado, as mais complicadas questões sociais eram calculadas, divididas em totais exatos e, afinal, resolvidas – apenas os envolvidos ainda não haviam sido informados. Como se pudesse haver um observatório astronômico sem janelas, e como se o astrônomo pudesse ordenar o universo estrelado unicamente com pena, tinta e papel, o Sr. Gradgrind, em *seu* observatório (e há muitos como o dele), podia ignorar as miríades fervilhantes de seres humanos à sua volta e determinar o destino de cada um numa lousa, e apagar todas as suas lágrimas com um pedacinho sujo de apagador.

Ao observatório, então: um quarto austero, com um relógio estatístico letal, que media cada segundo ao ritmo de uma batida na tampa de um ataúde; Louisa compareceu na manhã determinada. Uma janela dava para Coketown; e, quando ela se sentou perto da mesa do pai, viu as grandes chaminés e as longas trilhas de fumaça escalando melancólicas a pesada distância.

“Minha querida Louisa”, disse seu pai, “preparei-a ontem à noite para que prestasse muita atenção à conversa que teremos agora. Você foi tão bem treinada e, fico contente em dizer, faz tanta justiça à educação que recebeu que tenho perfeita confiança em seu bom senso. Você não é impulsiva, não é romântica,

está acostumada a ver tudo pela base sólida e desapaixonada da razão e do cálculo. Somente por essa base, tenho a certeza de que você entenderá e considerará o que lhe vou comunicar.”

Ele aguardou, como se fosse ficar contente se ela dissesse alguma coisa. Mas ela não disse uma palavra.

“Louisa, minha querida, você é o objeto de uma proposta de casamento que me fizeram.”

Outra vez ele aguardou, e outra vez ela não respondeu uma palavra. Isso tanto o surpreendeu que ele se sentiu impelido a repetir, com gentileza, “uma proposta de casamento, minha querida”. Ao que ela retorquiu, sem nenhuma emoção visível:

“Estou ouvindo, pai. E prestando atenção, asseguro-lhe.”

“Bem!”, disse o Sr. Gradgrind, exibindo um sorriso após um momento de incompreensão. “Você é ainda mais desapaixonada do que eu esperava, Louisa. Ou talvez não esteja despreparada para o anúncio que me cabe fazer?”

“Não posso dizer, pai, até que o ouça. Preparada ou despreparada, desejo ouvir tudo do senhor. Desejo que me diga diretamente, pai.”

É estranho dizer, mas naquele momento o Sr. Gradgrind não estava tão controlado quanto a filha. Apanhou uma espátula de abrir cartas, sopesou-a, colocou-a de volta na mesa, apanhou-a de novo e ainda teve de olhar a lâmina por um instante, enquanto pensava como continuaria.

“O que diz, minha querida Louisa, é perfeitamente razoável. Assumi a responsabilidade de informar-lhe que, em resumo... o Sr. Bounderby disse-me que tem acompanhado seu progresso, há muito tempo, com particular interesse e prazer, e havia muito esperava que afinal chegasse o momento em que ele poderia pedir-lhe a mão em casamento. Tal momento, pelo qual ele ansiou por tanto tempo e, decerto, com grande constância, chegou. O Sr. Bounderby fez a proposta de casamento, e rogou-me para que eu a comunicasse a você, e expressasse a esperança de que você a considerasse.”

Silêncio entre eles. O relógio estatístico letal batia com um som bastante oco. A fumaça distante parecia muito negra e pesada.

“Pai”, disse Louisa, “o senhor acha que amo o Sr. Bounderby?”

O Sr. Gradgrind ficou extremamente desconcertado com a pergunta inesperada. “Bem, minha criança”, ele retorquiu, “não posso – na verdade – afirmá-lo por conhecimento próprio.”

“Pai”, prosseguiu Louisa, com o mesmo tom de voz, “o senhor pede-me que

ame o Sr. Bounderby?”

“Minha querida Louisa, não. Não. Não lhe peço nada.”

“Pai”, insistiu ela, “o Sr. Bounderby pede que eu o ame?”

“Ora, minha querida”, disse o Sr. Gradgrind, “é difícil responder a essa pergunta...”

“É difícil responder sim ou não, pai?”

“Por certo, minha querida. Porque”, nesta altura ele tinha algo para demonstrar, e isso o incentivou outra vez, “a resposta depende tão materialmente do sentido que atribuímos a essa expressão. Ora, o Sr. Bounderby não lhe faz a injustiça, e não faz a si mesmo a injustiça, de pretender que haja algo fantástico, fantasioso ou (uso termos sinônimos) sentimental. O Sr. Bounderby a teria visto crescer sob seus olhos sem qualquer propósito, se esquecesse de tal modo aquilo que é devido ao seu bom senso, sem mencionar ao dele próprio, e se dirigisse a você de maneira sentimental. Portanto, talvez a expressão em si – somente sugiro, minha querida – pode ser um pouco inadequada.”

“O que o senhor aconselha-me a usar no lugar dela, pai?”

“Ora, minha querida Louisa”, disse o Sr. Gradgrind, já completamente recuperado àquela altura, “aconselho (já que me pede) que considere a questão, como foi acostumada a considerar qualquer outra, simplesmente como uma questão de Fatos tangíveis. Os ignorantes e os tontos podem dificultar tais assuntos com fantasias irrelevantes, e outros absurdos inexistentes, quando são vistos de maneira adequada – inteiramente inexistentes; porém, não é elogio dizer-lhe que você tem compreensão superior a isso. Ora, quais são os Fatos neste caso? Você tem, digamos, em números redondos, vinte anos de idade; o Sr. Bounderby tem, digamos, em números redondos, cinquenta. Há certa disparidade em suas respectivas idades, mas nos meios e nas posições não há nenhuma; ao contrário, há grande adequação. Então, surge a pergunta: essa única disparidade é suficiente para constituir obstáculo ao casamento? Ao considerarmos essa pergunta, não é desimportante levarmos em conta as estatísticas sobre o casamento, tal como foram obtidas, até o momento, em Gales e na Inglaterra. Observo, em referência aos números, que na maioria das vezes esses casamentos são contratados entre partes de idades muito desiguais, e que a mais velha dessas partes contratantes é, em mais de três quartos desses exemplos, o noivo. É notável, por demonstrar a ampla prevalência dessa lei, que, entre os nativos das colônias britânicas na Índia, e também em parte considerável da China, e entre os calmuques da Tartária, os melhores meios de

cômputo, a nós oferecidos por viajantes, rendam resultados semelhantes. A disparidade que mencionei, portanto, quase deixa de ser disparidade e acaba (praticamente) desaparecendo.”

“O que o senhor recomenda, pai”, perguntou Louisa, sem que sua calma reservada fosse afetada por aqueles resultados gratificantes, “para substituir o termo que acabei de usar? A expressão inadequada?”

“Louisa”, retorquiu o pai, “parece-me que nada é mais claro. Atendo-nos rigidamente aos Fatos, a questão de Fato que você apresenta a si mesma é: o Sr. Bounderby pede que eu me case com ele? Sim, pede. Então, a única questão que resta é: devo casar-me com ele? Não creio que haja algo mais simples do que isso.”

“Devo casar-me com ele?”, repetiu Louisa, com grande ponderação.

“Precisamente. E é-me satisfatório, na condição de pai, minha querida Louisa, saber que não considera essa questão a partir de hábitos mentais prévios, e hábitos de vida, que pertencem a muitas jovens.

“Não, pai. Não o faço.”

“Agora vou deixar que julgue por si mesma”, disse o Sr. Gradgrind. “Apresentei-lhe o caso como se costumam apresentar tais casos entre mentes práticas; apresentei-o como o meu caso e o de sua mãe foi apresentado em sua época. O resto, minha querida Louisa, será decisão sua.”

Desde o começo, ela ficara sentada ali, olhando fixamente para ele. Agora, enquanto ele se recostava na cadeira e fixava-lhe os olhos fundos em resposta, talvez tivesse visto nela um momento de hesitação, quando se sentiu impelida a jogar-se em seu peito e confessar o que ia em seu coração. Porém, para ter visto esse momento, ele teria de ter ultrapassado, de um salto só, as barreiras artificiais que vinha construindo havia muitos anos, entre ele e todas as essências sutis da humanidade que escaparão até da maior habilidade algébrica, até o dia em que o som da última trombeta fizer em pedaços até mesmo a álgebra. As barreiras eram muitas e muito altas para tal salto. Com seu rosto inflexível, utilitário e prosaico, ele a tornou insensível outra vez; e o momento submergiu nas profundezas insondáveis do passado, para misturar-se a todas as oportunidades perdidas que ali se afogaram.

Desviando os olhos, Louisa permaneceu tanto tempo olhando em silêncio a cidade que ele disse, afinal: “Está consultando as chaminés das fábricas de Coketown, Louisa?”

“Parece que não existe nada lá, a não ser a fumaça lânguida e monótona. No

entanto, à noite, o fogo irrompe, pai!”, respondeu ela, voltando-se rapidamente.

“É claro que sei disso, Louisa. Não vejo a que se aplica a observação.” Para fazer-lhe justiça, ele realmente não via.

Ela dispensou o fato com um ligeiro movimento de mão e outra vez concentrou a atenção nele, dizendo: “Pai, tenho pensado com frequência em como a vida é curta”. Esse era tão distintamente um dos temas dele que ele teve de interpor-se.

“É curta, não há dúvida, minha querida. Ainda assim, está provado que a duração média da vida humana tem aumentado nos últimos anos. Os cálculos de vários departamentos de seguro de vida e pensões, entre outras cifras que não podem estar erradas, estabeleceram o fato.”

“Falo da minha própria vida, pai.”

“Oh, de fato? Ainda assim não preciso lembrá-la de que sua vida é governada pelas leis que governam todas as vidas em conjunto.”

“Enquanto ela durar, gostaria de fazer o pouco que posso, e o pouco para o que sirvo. O que importa?”

O Sr. Gradgrind parecia não ter entendido as últimas três palavras; e respondeu: “Como, o que importa? O que importa, minha querida?”

“O Sr. Bounderby”, continuou ela de maneira firme e direta, sem se importar com a pergunta do pai, “pede que eu me case com ele. A pergunta que tenho de fazer é: devo casar-me com ele? Não é isso, pai? Assim disse o senhor. Não é?”

“Por certo, minha querida.”

“Então, que seja. Já que o Sr. Bounderby gostaria de ter-me desse modo, fico contente em aceitar a proposta. Diga-lhe, pai, o quanto antes, que essa é minha resposta. Repita, palavra por palavra, se puder, porque desejo que ele saiba o que eu disse.”

“Está certo, minha querida”, retorquiu o pai. “Que seja exata. Observarei esse seu pedido muito apropriado. Você tem alguma preferência em relação à data do casamento, minha criança?”

“Nenhuma, pai. O que importa?”

O Sr. Gradgrind puxara a cadeira para mais perto dela e tomara sua mão. Mas a repetição dessas palavras parecia ter-lhe atingido os ouvidos com uma nota dissonante. Parou para observá-la e, ainda segurando sua mão, disse: “Louisa, não considere essencial fazer-lhe uma pergunta, porque a possibilidade que ela implica parece-me remota demais. Mas talvez eu deva perguntar. Você não tem mantido outra proposta em segredo?”

“Pai”, retorquiu ela quase com escárnio, “que outra proposta poderiam ter feito a *mim*? A quem eu vejo? Onde eu estive? Onde estão as experiências do meu coração?”

“Minha querida Louisa”, respondeu o Sr. Gradgrind, seguro e satisfeito. “Você me corrige com justiça. Apenas quis cumprir meu dever.”

“O que eu *sei*, pai”, disse Louisa à sua maneira tranquila, “de gostos e preferências, de aspirações e afeições, de toda aquela parte da minha natureza na qual se poderiam cultivar tais coisas? Como eu poderia fugir de problemas que podem ser demonstrados e realidades que podem ser entendidas?” Ao dizer isso, fechou a mão inconscientemente, como se agarrasse um objeto sólido, e abriu-a devagar, como se estivesse soltando poeira ou cinzas.

“Minha querida”, assentiu seu eminentemente prático pai, “é verdade, é verdade.”

“Ora, pai”, ela continuou, “que estranha pergunta o senhor faz a *mim*! Os amores infantis, dos quais até mesmo eu já ouvi falar, e que são comuns entre crianças, nunca encontraram seu inocente abrigo em meu peito. O senhor foi tão cuidadoso comigo que nunca tive um coração de criança. Treinou-me tão bem que nunca sonhei sonhos de criança. Lidou tão sabiamente comigo, pai, desde o berço até este momento, que nunca tive uma crença ou um medo de criança.”

O Sr. Gradgrind comoveu-se com seu sucesso e com esse testemunho. “Minha querida Louisa”, disse ele, “você retribui em dobro meus cuidados. Dê-me um beijo, querida menina.”

Assim, a filha beijou-o. Segurando-a em seus braços, ele disse: “Asseguro-lhe, minha filha favorita, que estou feliz com a sensata decisão a que chegou. O Sr. Bounderby é um homem notável; e qualquer pequena disparidade que possa existir entre vocês – se houver – será mais do que contrabalançada pelo caráter de sua mente. Sempre foi meu objetivo educá-la de modo que pudesse, ainda muito jovem, ter (se posso expressar-me assim) quase qualquer idade. Dê-me mais um beijo, Louisa. Agora, vamos ter com sua mãe”.

Assim, dirigiram-se à sala de visitas, onde a estimada dama que não pensava bobagens estava reclinada como de costume, enquanto Sissy trabalhava a seu lado. Emitiu alguns débeis sinais de que recuperava a vitalidade quando eles entraram, e logo a tênue transparência apresentava-se em posição sentada.

“Sra. Gradgrind”, disse o marido, que havia esperado com alguma impaciência para realizar este feito, “permita-me apresentar-lhe a Sra. Bounderby.”

“Oh!”, disse a Sra. Gradgrind, “então você decidiu! Bem, espero que sua saúde seja boa, Louisa; porque, se sua cabeça começar a rachar de dor assim que se casar, como aconteceu com a minha, não suponho que se possa invejá-la, embora não duvide de que você pense que é, como pensam todas as meninas. Porém, desejo-lhe felicidades, minha querida – e espero que possa fazer bom uso de seus estudos científicos. Espero, de fato! Devo dar-lhe um beijo de parabéns, Louisa; mas não toque em meu ombro esquerdo, porque há algo estranho nele hoje. E agora, veja você”, lamuriou-se a Sra. Gradgrind, ajustando seus xales depois da afetuosa cerimônia. “Vou ter de preocupar-me de manhã, à tarde e à noite, em como chamá-lo!”

“Sra. Gradgrind”, disse solenemente o marido, “o que quer dizer com isso?”

“De que vou chamá-lo, Sr. Gradgrind, quando ele estiver casado com Louisa? Devo chamá-lo de alguma coisa. É impossível”, disse a Sra. Gradgrind, com uma mistura de cortesia e ofensa, “dirigir-me constantemente a ele sem jamais dar-lhe um nome. Não posso chamá-lo de Josiah, porque o nome é insuportável para mim. O senhor mesmo nunca diria Joe, bem sabe. Devo chamar meu genro de senhor? Não, creio eu, a não ser que chegue o momento em que, por eu ser inválida, meus parentes passem a espezinhar-me. Então, como devo chamá-lo?”

Já que nenhum dos presentes tinha sugestões a oferecer a propósito da notável emergência, a Sra. Gradgrind partiu do mundo dos vivos, após proferir o seguinte codicilo às observações já concluídas: “Quanto ao casamento, Louisa, tudo que peço – e peço com uma palpitação no peito que, na verdade, estende-se à planta dos pés – é que seja em breve. Do contrário, sei que será mais um daqueles assuntos que nunca me dão descanso.”

Quando o Sr. Gradgrind apresentou a Sra. Bounderby, Sissy voltou-se de repente para Louisa, olhando-a com assombro, pena, tristeza, dúvida e uma variedade de emoções. Louisa soube e viu, sem olhar para a menina. Desde então, foi impassível, orgulhosa e fria – mantinha Sissy à distância. Mudou completamente em relação à menina.

XVI

MARIDO E MULHER

O Sr. Bounderby inquietou-se pela primeira vez, após saber de sua felicidade, quando teve de comunicá-la à Sra. Sparsit. Não conseguia decidir-se como fazê-lo, ou saber quais seriam as consequências de tal passo. Ela poderia partir naquele mesmo momento, de malas e bagagens, para junto de Lady Scadgers, ou recusar-se a mover um pé dali; poderia tornar-se agressiva ou queixosa, lacrimosa ou lacerante; poderia ficar de coração partido ou partir o espelho; o Sr. Bounderby não podia prever. No entanto, como a notícia tinha de ser dada, ele não tinha escolha a não ser dá-la; então, depois de rabiscar várias cartas e desistir de todas, resolveu comunicá-la em pessoa.

A caminho de casa, na noite que reservara para esse importantíssimo propósito, ele tomou a precaução de entrar numa farmácia e comprar um frasco de sais de amoníaco dos mais fortes. “Por São Jorge!”, disse o Sr. Bounderby, “se ela resolver desmaiar, arranco-lhe a pele do nariz, de qualquer forma!” Embora estivesse assim precavido, entrou em casa com ares de tudo, menos de coragem; e apareceu diante do objeto de suas apreensões como um cão consciente de que viera direto da despensa.

“Boa noite, Sr. Bounderby!”

“Boa noite, madame, boa noite.” Puxou uma cadeira e a Sra. Sparsit retirou a dela, como se dissesse: “O lugar junto do fogo é seu, senhor. Admito de boa vontade. Ele está aí para o senhor ocupá-lo, se achar apropriado”.

“Não vá ao Polo Norte, madame!”, disse o Sr. Bounderby.

“Obrigada, senhor”, disse a Sra. Sparsit, retornando, embora para uma posição um pouco mais afastada.

O Sr. Bounderby permaneceu sentado ali, olhando para ela, enquanto a Sra. Sparsit fazia buracos, com as pontas de uma tesoura afiada e reta, com um propósito ornamental inescrutável qualquer, em um pedaço de cambraia. Operação que, combinada com as espessas sobrelhas e o nariz romano, sugeria com algum realismo a ideia de uma águia bicando os olhos de um passarinho resistente. Ela estava tão concentrada que muitos minutos se passaram antes que desviasse os olhos de seu trabalho; quando o fez, o Sr. Bounderby requisitou-lhe a atenção, erguendo a cabeça de súbito.

“Sra. Sparsit, madame”, disse o Sr. Bounderby, pondo as mãos nos bolsos e assegurando-se, com a mão direita, de que a rolha do frasquinho de sais estava pronta para saltar, “já disse, em outras ocasiões, que a senhora não só é uma dama bem-nascida e bem-educada, mas também uma mulher sensata como os diabos.”

“Senhor”, retorquiu a dama, “de fato, esta não é a primeira vez que o senhor me honrou com expressões semelhantes de sua boa opinião.”

“Sra. Sparsit, madame”, disse Bounderby, “vou surpreendê-la.”

“Sim, senhor?”, respondeu a Sra. Sparsit, interrogativamente e da maneira mais calma possível. Ela costumava vestir meias-luvas, e deixara o trabalho e começara a alisá-las.

“Vou me casar, madame”, disse Bounderby, “com a filha de Tom Gradgrind.”

“Sim, senhor”, retorquiu a Sra. Sparsit. “Espero que seja feliz, Sr. Bounderby. Oh, de fato espero que seja, senhor!” E disse isso com tão grande condescendência, e com tão grande compaixão por ele, que Bounderby, muito mais desconcertado do que estaria se ela houvesse arremessado a caixa de costura no espelho ou despencado sobre o tapete, apertou mais forte a rolha do frasco de sais em seu bolso e pensou: “Maldita seja! Quem poderia adivinhar que ela reagiria assim?”

“Desejo de todo o meu coração”, disse a Sra. Sparsit de maneira altamente superior; parecia que, naquele momento, ela se dera o direito de poder compadecer-se dele dali para a frente, “que o senhor seja feliz em todos os aspectos.”

“Bem, madame”, continuou Bounderby com certo ressentimento na voz, que claramente baixara, mesmo contra a vontade dele, “fico-lhe grato. Espero sê-lo.”

“O senhor *espera?*”, disse a Sra. Sparsit com muita amabilidade. “Mas é natural que espere, é claro que espera.”

Sucedeu-se um silêncio bastante incômodo da parte do Sr. Bounderby. A Sra. Sparsit retomou tranquilamente o trabalho e fingia uma tossezinha, de tempos em tempos, que soava como a tosse da força consciente e da indulgência.

“Bem, madame”, continuou Bounderby, “em tais circunstâncias, imagino que não seria adequado a um caráter como o seu permanecer aqui, embora a senhora seja muito bem-vinda.”

“Oh, céus, não, senhor, não posso, em hipótese alguma, pensar nisso!” A Sra. Sparsit sacudiu a cabeça, ainda de maneira altamente superior, e soltou uma tossezinha um pouco diferente – como se sentisse o espírito da profecia dominá-la, mas fosse melhor tossi-lo para fora.

“No entanto, madame”, disse Bounderby, “há apartamentos no banco onde uma dama bem-nascida e bem-educada seria um prêmio como governanta, e não o contrário; e se os mesmos valores anuais...”

“Desculpe-me, senhor. O senhor foi gentil a ponto de prometer-me que substituiria a frase por ‘*gratificação anual*’.”

“Muito bem, madame, ‘*gratificação anual*’. Se a mesma gratificação anual for aceitável lá, ora, não vejo por que nos despedir, a não ser que a senhora veja.”

“Senhor”, retorquiu a Sra. Sparsit, “a proposta é típica de sua parte e, se a posição que assumirei no banco for de natureza que eu possa ocupá-la sem cair mais baixo na escala social...”

“Ora, é claro que é”, disse Bounderby. “Se não fosse, madame, não creio que a teria oferecido a uma dama que frequentou a sociedade que a senhora frequentou. Não que eu me importe com tal sociedade, a senhora bem sabe! Mas a *senhora* se importa.”

“Sr. Bounderby, o senhor é muito generoso.”

“A senhora terá seus aposentos privados, e terá carvão, vela e todo o resto, e terá uma criada para auxiliá-la, e o contínuo para protegê-la. Tomo a liberdade de dizer-lhe que viverá com o que considero um precioso conforto”, disse Bounderby.

“Senhor”, respondeu a Sra. Sparsit, “não diga mais nada. Abandonando minhas responsabilidades aqui, não estarei livre da necessidade de comer o pão da dependência.” Ora, o duro pão da dependência da Sra. Sparsit consistia de suas molejas habituais. Porque esse delicado artigo, acompanhado de um espesso

caldo de carne, era seu preferido para a ceia. “E prefiro recebê-lo de sua mão a qualquer outra. Portanto, senhor, aceito grata a sua oferta, com muitos sinceros agradecimentos pelos favores passados. E espero, senhor”, disse a Sra. Sparsit, concluindo com impressionante compaixão, “espero sinceramente que a Sra. Bounderby seja tudo o que o senhor deseja, e merece!”

Nada jamais demoveria a Sra. Sparsit daquela atitude. Seria em vão se Bounderby vociferasse ou se impusesse com seus modos explosivos; a Sra. Sparsit resolvera ter-lhe compaixão, ele era a vítima. Ela era educada, obsequiosa, alegre, confiante; mas, quanto mais educada, obsequiosa, alegre, confiante e exemplar ela se mostrava, mais ele se tornava uma vítima desamparada e um sacrifício. Ela tinha tal ternura por seu destino melancólico que o grande rosto vermelho de Bounderby costumava derramar-se em suores frios toda vez que a Sra. Sparsit olhava para ele.

Nesse meio-tempo, a oficialização do casamento fora marcada para dali oito semanas, e o Sr. Bounderby ia toda noite a Stone Lodge, na condição de pretendente aceito. O namoro ocorria nessas ocasiões em forma de braceletes e, em todas as ocasiões durante o noivado, tomou um aspecto industrial. Vestidos foram feitos, joias foram feitas, bolos e luvas foram feitos, acordos foram feitos, e uma extensa variedade de fatos honrou adequadamente o contrato. A coisa toda foi feita de fatos, do começo ao fim. As horas não fizeram nenhuma daquelas românticas cabriolas que os tolos poetas lhes atribuem em momentos como esse; nem mesmo os relógios andaram mais depressa ou mais devagar do que em outras épocas. O letal relógio estatístico no observatório do Sr. Gradgrind golpeava a cabeça de cada segundo assim que este nascia, e enterrava-o com a costumeira regularidade.

Então chegou o dia, como chegam todos os outros dias às pessoas que se prendem apenas à razão; e, quando chegou o dia, casaram-se na igreja das pernas de pau floridas – aquele popular estilo arquitetônico – o Exmo. Sr. Josiah Bounderby de Coketown e Louisa, filha mais velha do Exmo. Sr. Thomas Gradgrind de Stone Lodge, representante parlamentar do distrito. E, assim que se uniram em sagrado matrimônio, foram tomar o desjejum na supracitada Stone Lodge.

Um grupo festivo, reunido para a auspiciosa ocasião, sabia do que era feito tudo que comia e bebia, e como fora exportado ou importado, em que navios de carga, fossem nacionais ou estrangeiros, e ainda sabia tudo sobre eles. As damas de honra, até a pequena Jane Gradgrind, eram, do ponto de vista intelectual,

companhias adequadas para o garoto dos cálculos^a; e ninguém de tal grupo pensava bobagens.

Após o desjejum, o noivo dirigiu-se aos presentes nos seguintes termos:

“Damas e cavalheiros, sou Josiah Bounderby de Coketown. Já que nos honraram, a mim e à minha esposa, com um brinde à nossa saúde e felicidade, suponho que deva agradecer-lhes; porém, como todos me conhecem, e sabem quem sou, e qual é minha essência, não esperarão discursos de um homem que, quando vê um poste, diz ‘Isto é um poste’ e, quando vê uma bomba d’água, diz ‘Isto é uma bomba d’água’, e a quem não se pode obrigar a chamar um poste de bomba d’água, ou uma bomba d’água de poste, ou a qualquer um dos dois de palito de dentes. Se desejam um discurso, sabem como consegui-lo, pois meu amigo e sogro, Tom Gradgrind é membro do Parlamento. Não sou o homem adequado para isso. Porém, se me sinto um pouco livre quando olho em torno desta mesa hoje, e reflito sobre as poucas esperanças que tinha de casar-me com a filha de um Tom Gradgrind quando era um menino de rua esfarrapado, que jamais lavava o rosto, a não ser que fosse num bebedouro, e apenas uma vez por quinzena, espero que me desculpem. Assim, espero que apreciem que eu me sinta livre; se não, não posso evitar. *Sinto-me* livre. Mencionei, e os senhores mencionaram, que neste dia casei-me com a filha de Tom Gradgrind. Estou muito contente por isso. Há muito tempo era meu desejo fazê-lo. Observei sua educação e acredito que ela seja digna de mim. Ao mesmo tempo – sem querer enganá-los –, acredito que eu seja digno dela. Assim, agradeço-lhes, em nome de nós dois, a boa vontade que demonstraram conosco; e o melhor voto que posso fazer à ala solteira desta companhia é: espero que cada solteiro encontre uma esposa tão boa quanto encontrei. E espero que cada solteira possa encontrar um marido tão bom quanto encontrou minha esposa.”

Logo após a preleção, já que partiriam em lua de mel para Lyon, para que o Sr. Bounderby pudesse ver como as Mãos se saíam naquelas paragens e se também queriam comer com colher de ouro, o feliz casal dirigiu-se para a estação de trem. A noiva, ao descer a escadaria vestida para a viagem, encontrou Tom esperando por ela – corado, seja por emoção, seja por causa da parte vinosa do desjejum.

“Que menina camarada você é, Loo, uma irmã de primeira!”, sussurrou-lhe Tom.

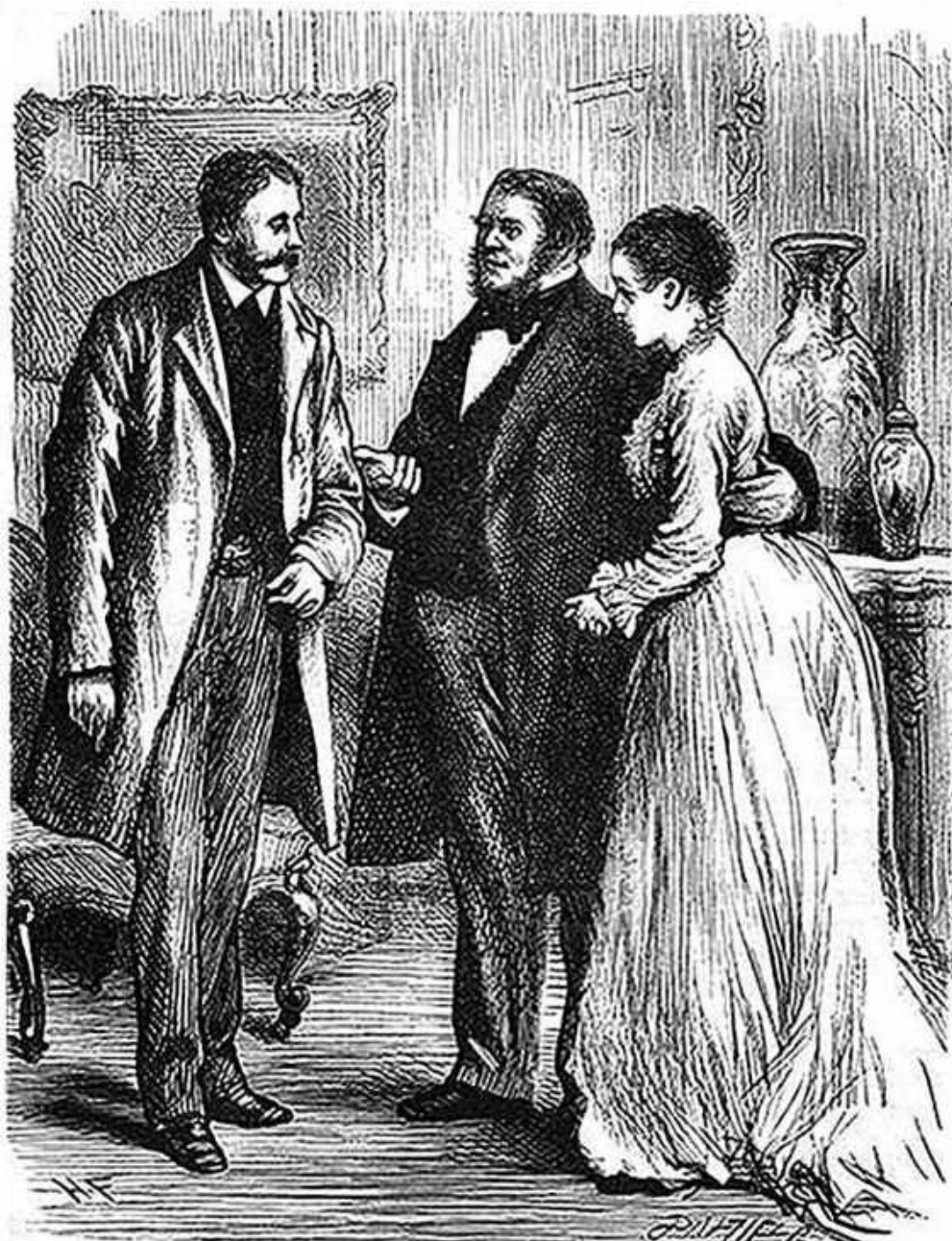
Ela agarrou-se a ele como deveria ter-se agarrado a alguém de natureza muito melhor naquele dia, e pela primeira vez sua calma reservada parecia um pouco abalada.

“O velho Bounderby está pronto”, disse Tom. “Está na hora. Adeus! Estarei esperando por você, quando retornar. Digo-lhe, minha querida Loo! Não é uma alegria incomum?”

FIM DO LIVRO PRIMEIRO

[a] Provável referência a George Bidder (1806-1878), que durante a infância era exibido pelo pai em apresentações pela Inglaterra. (N. E.)

LIVRO SEGUNDO
COLHEITA



“Esta, senhor, é minha esposa, a Sra. Bounderby, filha mais velha de Tom Gradgrind.”

I

EFEITOS NO BANCO

Um dia ensolarado em meados do verão. Às vezes isso acontecia, mesmo em Coketown.

Vista à distância, Coketown jazia sob a própria neblina, que parecia impermeável aos raios solares. Sabia-se que a cidade estava ali apenas porque se sabia que não poderia haver uma mancha mal-humorada como aquela na paisagem, se não fosse uma cidade. Um borrão de fuligem e fumaça, inclinado ora para um lado, ora para o outro, ora aspirando à abóbada do céu, ora arrastando-se sombriamente na terra, à medida que o vento aumentava e diminuía, ou mudava de direção: um emaranhado denso e disforme, com raios de luz que o cruzavam sem revelar nada, a não ser a escuridão. À distância, Coketown sugeria a si mesma, embora nenhum de seus tijolos pudesse ser visto.

O prodígio era que estivesse ali. A cidade fora arruinada tão frequentemente que era inacreditável que houvesse aguentado tantos golpes. Decerto nunca houve porcelana tão frágil como aquela com que foram feitas as fábricas de Coketown. Se forem manuseadas sem cuidado, quebrarão com tamanha facilidade que se poderia imaginar que eram defeituosas. Estavam quebradas quando deveriam ter mandado as crianças que trabalhavam para a escola; estavam quebradas quando foram nomeados inspetores para avaliar seu funcionamento; estavam quebradas quando os inspetores acharam duvidoso que se pudesse justificar o modo como o maquinário cortava as pessoas em pedaços; estavam em pedaços quando se sugeria que talvez não precisassem produzir tanta fumaça. Além da colher de ouro do Sr. Bounderby, que era aceita

geralmente em Coketown, havia outra ficção muito popular na cidade. Tinha a forma de uma ameaça. Sempre que um dos proprietários de Coketown acreditava que era maltratado – isto é, sempre que o apoquentavam e propunham que assumisse as consequências de seus atos –, era certo que ele viria com a terrível ameaça de que “preferia jogar sua propriedade no Atlântico”. Isso aterrorizara, quase até a morte e em várias ocasiões, o secretário do Interior.

No entanto, os proprietários de Coketown eram afinal tão patrióticos que não haviam ainda lançado suas propriedades no Atlântico, mas, ao contrário, sempre tiveram a bondade de tomar muito bem conta delas. Assim, ali estava a cidade, distante no meio da névoa; e crescia e multiplicava-se.

As ruas estavam quentes e poeirentas naquele dia de verão, e o sol estava tão claro que não se podia olhá-lo fixamente, e brilhava até mesmo através do denso vapor que descia sobre Coketown. Fomalheiros saíam dos corredores subterrâneos para o pátio das fábricas e sentavam-se em degraus, colunas e cercas, enxugando o rosto escurecido e contemplando o carvão. A cidade parecia fritar em óleo. Havia por toda a parte o sufocante cheiro de óleo. Os motores a vapor brilhavam com óleo, as roupas das Mãos manchavam-se de óleo, as fábricas transpiravam e pingavam óleo de todos os seus muitos andares. O ar naqueles palácios de fadas era como um sopro do simum, e seus habitantes, derretendo de calor, cansavam-se languidamente no deserto. Mas não havia temperatura que tornasse mais ou menos lúcidos aqueles elefantes melancólicos. A cabeça monótona de cada um deles subia e descia na mesma cadência, estivesse o tempo quente ou frio, úmido ou seco, bom ou ruim. Os movimentos ritmados das sombras nas paredes eram o substituto que Coketown tinha a oferecer para as sombras dos bosques farfalhantes; e, em lugar do zumbido estival dos insetos, poderia oferecer, durante todo o ano, da aurora de segunda-feira até o anoitecer de sábado, o zumbido de eixos e rodas.

Com preguiça zuniram durante todo aquele dia de verão, tornando o transeunte mais sonolento e acalorado à medida que passava pelas paredes sussurrantes das fábricas. Toldos e água resfriavam pouco as ruas principais e as lojas; mas as fábricas, e os pátios e os becos, assavam sob o calor feroz. Lá no rio, que era negro e espesso de tinta, alguns meninos desocupados de Coketown – rara visão na cidade – remavam uma jangada improvisada, que deixava um rastro de espuma na água à medida que avançava cambaleante, e cada mergulho do remo suscitava odores fétidos. Mas o próprio sol, por mais benéfico que fosse em geral, era menos bondoso com Coketown do que a severa geada, e raramente

olhava com atenção para outra região próxima da cidade sem causar mais morte do que vida. Assim, até mesmo o olho dos Céus transformava-se em mau-olhado quando mãos incapazes ou sórdidas interpunham-se entre ele e as coisas que queria abençoar com seu olhar.

A Sra. Sparsit estava sentada em seus aposentos no banco, do lado mais sombreado da rua que fritava. O expediente acabara; e, naquele momento do dia, quando o tempo estava quente, ela costumava ornamentar com sua fidalga presença uma sala de reuniões acima do escritório. Sua sala de estar privada ficava um andar acima e servia-lhe de posto de observação para que, todas as manhãs, estivesse pronta para saudar o Sr. Bounderby, enquanto ele atravessava a rua, com a aceitação compassiva de uma vítima. Fazia um ano que estava casado; e a Sra. Sparsit jamais o livrara um só minuto de sua resoluta piedade.

O banco não fazia nenhuma violência à saudável monotonia da cidade. Era mais uma casa de tijolos vermelhos, com janelas negras por fora e persianas verdes por dentro, uma porta de entrada negra ao fim de dois degraus brancos, uma placa de bronze e uma maçaneta de bronze ponto final. Tinha duas vezes o tamanho da casa do Sr. Bounderby, como outras casas eram de duas a seis vezes menores; em todos os outros detalhes, estava estritamente de acordo com o padrão.

A Sra. Sparsit tinha consciência de que, quando aparecia ao anoitecer, entre as escrivatinhas e os materiais de escrita, ela derramava no escritório uma graça feminina, para não dizer também aristocrática. Sentada à janela, com uma costura ou um bastidor, tinha a impressão elogiosa de corrigir, com seu porte majestoso, o rude aspecto comercial do lugar. Imbuída dessa ideia de seu interessante caráter, a Sra. Sparsit considerava-se uma espécie de Fada do Banco. Os moradores, passando e repassando por ali, consideravam-na o Dragão do Banco, vigiando os tesouros da mina de ouro.

O que eram esses tesouros a Sra. Sparsit sabia tanto quanto os outros. Moedas de ouro e prata, papéis valiosos, segredos que, se revelados, trariam incerta destruição a incertas pessoas (em geral, porém, pessoas de quem ela não gostava) eram os itens principais de seu catálogo idealizado. No mais, sabia que, após o expediente, reinava soberana sobre a mobília do escritório e a caixa-forte de três trancas, à porta da qual deitava-se o contínuo todas as noites, num catre que desaparecia ao cantar do galo. Além disso, ela era senhora de certos cofres do porão, fortemente protegidos de contatos com o mundo predatório; e das relíquias do dia de trabalho, que consistiam em manchas de tinta, penas gastas,

fragmentos de cera e pedaços de papel, rasgados tão finamente que nada de interessante poderia ser decifrado neles, quando a Sra. Sparsit tentava. Por último, ela era guardiã de um pequeno arsenal de sabres e carabinas, ordenados de forma vingativa sobre uma das lareiras; e daquela respeitável tradição que não se pode separar de nenhum estabelecimento que se diga próspero – uma fileira de baldes de incêndio –, vasilhas planejadas para não ter nenhuma utilidade física em nenhuma ocasião, mas que tinham uma boa influência moral, quase como a das barras de ouro, sobre a maioria dos observadores.

Uma criada surda e um contínuo completavam o império da Sra. Sparsit. Havia o boato de que a criada surda era rica; e há anos circulava um rumor entre as classes inferiores de Coketown de que ela seria assassinada numa noite qualquer, assim que o banco fechasse, por causa de seu dinheiro. Na verdade, consideravam em geral que ela já estava madura e poderia ter caído abatida havia muito tempo; mas continuava viva e com suas posses, demonstrando uma obstinação inapropriada, o que ocasionava muita ofensa e decepção.

O chá da Sra. Sparsit fora servido numa mesinha elegante, com seu trio de pernas numa atitude que costumava insinuar-se após o expediente, em companhia da longa e severa mesa de reuniões, forrada de couro, que imperava no centro da sala. O contínuo colocou a bandeja sobre a mesinha, batendo continência como forma de homenagem.

“Obrigada, Bitzer”, disse a Sra. Sparsit.

“Obrigado à *senhora*, madame”, retorquiu o contínuo. Ele era contínuo, de fato: inalterado desde o dia em que, piscando sem parar, definiu um cavalo para a menina número vinte.

“Está tudo bem trancado, Bitzer?”, perguntou a Sra. Sparsit.

“Tudo trancado, madame.”

“E quais”, disse a Sra. Sparsit, servindo-se de chá, “são as novidades do dia? Alguma?”

“Bem, madame, não posso dizer que tenha ouvido nada especial. Nosso pessoal não presta, madame; mas isso não é nenhuma novidade, infelizmente.”

“O que andam fazendo aqueles agitadores desprezíveis?”, perguntou a Sra. Sparsit.

“Apenas o de sempre, madame. Unindo-se, associando-se e procurando defender uns aos outros.”

“É lamentável”, disse a Sra. Sparsit, fazendo seu nariz mais romano e suas sobrancelhas mais coriolanas com a força de sua severidade, “que os patrões

unidos permitam essas associações de classe.”

“Sim, madame”, disse Bitzer.

“Se eles mesmos estão unidos, deveriam decidir, cada um e todos, não empregar nenhuma pessoa que esteja associada a outra pessoa”, disse a Sra. Sparsit.

“Já fizeram isso, madame”, respondeu Bitzer, “mas foi um fracasso, madame.”

“Não finjo entender essas coisas”, disse dignamente a Sra. Sparsit, “já que o destino, como se percebe com muita clareza, determinou que meu nascimento fosse numa esfera muito diferente; e o Sr. Sparsit, sendo um Powler, também estava muito longe dessas desavenças. Sei apenas que essas pessoas precisam ser reprimidas, e que já é tempo de fazê-lo, de uma vez por todas.”

“Sim, madame”, respondeu Bitzer, com uma demonstração de grande respeito pela autoridade oracular da Sra. Sparsit. “Não se poderia estar mais certo do que a senhora, madame.”

Como aquela era a hora costumeira de sua conversinha confidencial com a Sra. Sparsit, e como vira em seus olhos que ela ia lhe fazer uma pergunta, Bitzer fingiu arrumar réguas, tinteiros e outros, enquanto a dama continuava a tomar seu chá, olhando para a rua pela janela aberta.

“O dia foi movimentado, Bitzer?”, perguntou a Sra. Sparsit.

“Não muito, senhora. Um dia mais ou menos comum.” De quando em quando, escorregava para “senhora”, em vez de madame, como reconhecimento involuntário da dignidade pessoal da Sra. Sparsit e de suas pretensões à reverência.

“Os caixeiros”, disse a Sra. Sparsit, espanando com cuidado uma migalha imperceptível de pão com manteiga de sua meia-luva esquerda, “continuam confiáveis, pontuais e diligentes, não é mesmo?”

“Sim, madame, bastante exato, madame. Com a exceção costumeira.”

Bitzer ocupava o respeitável cargo de espião e informante geral do estabelecimento, serviço voluntário pelo qual recebia um presente de Natal, além e acima de seu salário semanal. Ele crescera e tornara-se um jovem extremamente lúcido, cauteloso e prudente, que certamente subiria na vida. Sua mente era regulada de modo tão exato que não tinha afeições ou paixões. Todos os seus procedimentos eram resultado dos cálculos mais acertados e frios; e não era sem motivo que a Sra. Sparsit costumava observar que nunca conhecera um jovem de princípios mais firmes. Convencido de que, com a morte do pai, a mãe

tinha o direito de continuar em Coketown, o excelente e jovem economista garantiu-lhe tal direito com tão firme aderência ao princípio que, desde então, ela permaneceu trancada numa casa de caridade. Deve-se admitir que Bitzer concedia-lhe cerca de duzentos gramas de chá ao ano, o que era uma fraqueza sua; em primeiro lugar, porque todos os presentes têm a tendência inevitável de empobrecer quem os recebe e, em segundo lugar, porque a única transação razoável que se poderia fazer com tal mercadoria seria comprá-la pelo mínimo que se pudesse pagar e vendê-la pelo máximo que se pudesse obter; já que fora claramente estabelecido por filósofos que nisso residia a totalidade do dever humano – não parte do dever humano, mas a totalidade.

“Bastante exato, madame. Com a exceção costumeira, madame”, repetiu Bitzer.

“Ah!”, disse a Sra. Sparsit, balançando a cabeça sobre a xícara de chá e tomando um longo gole.

“O Sr. Thomas, madame, desconfio bastante do Sr. Thomas, madame, não gosto nem um pouco dos modos dele.”

“Bitzer”, disse imponentemente a Sra. Sparsit, “você se recorda do que eu lhe disse a respeito dos nomes?”

“Peço-lhe perdão, madame. É bem verdade que a senhora faz objeção ao uso de nomes e acha que é sempre melhor evitá-los.”

“Por favor, lembre-se de que tenho um cargo aqui”, disse a Sra. Sparsit, com um ar oficial. “Tenho um cargo de confiança, Bitzer, sob as ordens do Sr. Bounderby. Por mais improvável que tanto eu quanto o Sr. Bounderby considerássemos em anos passados que ele viria a tornar-se meu benfeitor e dar-me uma gratificação anual, não posso evitar vê-lo desse modo. Recebi do Sr. Bounderby todo o reconhecimento por minha posição social e todo o reconhecimento por minha ascendência familiar que eu poderia esperar. E mais, muito mais. Portanto, ao meu benfeitor serei escrupulosamente fiel. E não considero, não considerarei e não posso considerar”, disse a Sra. Sparsit com o máximo de honra e moralidade que pôde, “que eu *seria* escrupulosamente fiel se permitisse a menção de nomes sob este teto que estivessem, infelizmente – muito infelizmente, sem dúvida –, ligados ao dele.”

Bitzer bateu continência e outra vez pediu perdão.

“Não, Bitzer”, continuou a Sra. Sparsit, “diga ‘certo indivíduo’ e ouvirei. Diga ‘Sr. Thomas’ e não poderá contar comigo.”

“Com a exceção costumeira, madame”, disse Bitzer, tentando novamente,

“de certo indivíduo.”

“Ah!”, a Sra. Sparsit repetiu a exclamação, o balançar da cabeça sobre a xícara e o longo gole, como se continuasse a conversa do ponto em que fora interrompida.

“Certo indivíduo, madame”, disse Bitzer, “nunca foi aquilo que deveria ser, desde que pisou aqui pela primeira vez. É um vagabundo extravagante e dissoluto. Não vale o sal que come, madame. E não teria o que comer, se não tivesse um amigo e parente na Corte, madame!”

“Ah!”, suspirou a Sra. Sparsit outra vez, com outro balanço melancólico da cabeça.

“Apenas espero, madame”, prosseguiu Bitzer, “que esse amigo e parente deixe de garantir-lhe meios de continuar assim. Do contrário, madame, sabemos do bolso de *quem* sairá esse dinheiro!”

“Ah!”, disse a Sra. Sparsit, com um novo balanço melancólico da cabeça.

“Devemos ter pena dele, madame. A última pessoa a quem aludi merece pena, madame”, disse Bitzer.

“Sim, Bitzer”, disse a Sra. Sparsit. “Sempre me compadeci dessa ilusão, sempre.”

“Quanto ao indivíduo, madame”, disse Bitzer, baixando a voz e aproximando-se, “ele é tão imprudente quanto qualquer pessoa nesta cidade. E a senhora sabe qual é a imprudência *delas*, madame. Ninguém poderia saber melhor do que uma dama de sua eminência.”

“Fariam bem”, retorquiu a Sra. Sparsit, “em seguir seu exemplo, Bitzer.”

“Obrigado, madame. Mas, já que a senhora se refere a mim, veja o que fiz, madame. Já economizei um pouco, madame. A gratificação que recebo no Natal, madame: nunca mexo nela. Não gasto nem mesmo todo o meu salário, madame, embora ele não seja alto. Por que não conseguem fazer o que faço, madame? Aquilo que uma pessoa pode fazer outra também pode.”

Essa também era uma das ficções de Coketown. Qualquer capitalista que tivesse lucrado sessenta mil libras com sessenta centavos sempre demonstrava espanto que as sessenta mil Mãos não lucrassem, cada uma, sessenta mil libras com sessenta centavos e reprovava, com maior ou menor intensidade, cada uma por não realizar essa pequena façanha. O que fiz vocês podem fazer. Por que não vão e fazem?

“Quanto a faltar diversão, madame”, disse Bitzer, “isso é lorota e bobagem. *Eu* não preciso de diversão. Nunca precisei e nunca precisarei; não gosto disso.

Quanto a eles se associarem, não tenho dúvida de que muitos poderiam ganhar alguma coisinha aqui e ali, seja em dinheiro, seja em boa vontade, se vigiassem e delatassem uns aos outros, melhorando de vida assim. Por que não melhoram de vida, madame? É o primeiro pensamento de uma criatura racional, e é o que alegam querer.”

“Alegam, de fato!”, disse a Sra. Sparsit.

“Estou certo de que estamos todos enjoados de ouvir histórias sobre esposa e família”, disse Bitzer. “Ora, olhe para mim, madame! *Eu* não tenho esposa nem família. Por que eles deveriam ter?”

“Porque são imprudentes”, disse a Sra. Sparsit.

“Sim, madame”, respondeu Bitzer, “aí está. Se fossem mais prudentes e menos teimosos, madame, o que fariam? Diriam ‘Enquanto a minha família couber no meu chapéu’ ou ‘Enquanto a minha família couber na minha touca’ – conforme o caso, madame – ‘tenho apenas uma pessoa para sustentar, e é a pessoa que mais gosto de sustentar’.”

“Por certo”, assentiu a Sra. Sparsit, comendo um bolinho.

“Obrigado, madame”, retorquiu Bitzer, batendo continência em retribuição ao favor da instrutiva conversação com a Sra. Sparsit. “A senhora deseja um pouco mais de água quente, madame, ou algo mais que eu possa trazer?”

“Nada no momento, Bitzer.”

“Obrigado, madame. Não gostaria de perturbá-la em suas refeições, madame, em particular durante o chá, sabendo de sua preferência por ele”, disse Bitzer, esticando o pescoço para observar a rua de onde estava; “mas há um cavalheiro olhando aqui para cima já faz um minuto ou dois, madame, e atravessou a rua, como se fosse bater à porta. Agora ele *está* batendo, madame, não há dúvida.”

Bitzer caminhou até a janela; olhando para fora e recolhendo outra vez a cabeça, confirmou: “Sim, madame. A senhora quer que o cavalheiro seja recebido?”

“Não sei quem possa ser”, disse a Sra. Sparsit, limpando a boca e ajeitando as meias-luvas.

“Um estranho, madame, evidentemente.”

“Não sei o que pode querer um estranho no banco a esta hora da noite, a não ser que venha a negócios para os quais está atrasado demais”, disse a Sra. Sparsit, “mas tenho um cargo neste estabelecimento que me foi dado pelo Sr.

Bounderby e jamais fugirei dele. Se receber o cavalheiro faz parte do dever que aceitei, vou recebê-lo. Use seu discernimento, Bitzer.”

No mesmo instante, o visitante, inteiramente inconsciente das palavras magnânimas da Sra. Sparsit, repetiu a batida tão sonoramente que o contínuo apressou-se em descer a escadaria e abrir a porta; enquanto isso, a Sra. Sparsit tomava a precaução de esconder a mesinha na despensa, com tudo sobre ela, e levantar acampamento até o andar de cima, de onde poderia aparecer, se necessário, com mais dignidade.

“Com sua licença, madame, o cavalheiro gostaria de vê-la”, disse Bitzer, olhando com seus olhos claros pelo buraco da fechadura. A Sra. Sparsit, que aproveitara o intervalo para ajeitar a touca, levou seus traços clássicos até o andar de baixo e entrou na sala de reuniões à maneira de uma matrona romana saindo pelos portões da cidade para negociar com um general invasor.

O visitante caminhara devagar até a janela e estava tão distraído olhando para a rua que foi tão indiferente à impressionante entrada da Sra. Sparsit quanto poderia ser. Estava parado, assoviando para si mesmo, com toda a calma, ainda de chapéu e com certo ar de cansaço, em parte por causa do calor excessivo e em parte por causa do refinamento excessivo. Via-se que era um verdadeiro cavalheiro, talhado à moda da época; cansado de tudo e com tão pouca fé em tudo quanto Lúcifer.

“Acredito, senhor”, sentenciou a Sra. Sparsit, “que deseja ver-me?”

“Peço-lhe perdão”, disse ele, virando-se e tirando o chapéu; “por favor, desculpe-me.”

“Hum!”, pensou a Sra. Sparsit, inclinando-se solenemente. “Trinta e cinco anos, bem apessoado, boa figura, bons dentes, boa voz, boa educação, bem vestido, cabelos escuros, olhos ousados.” Tudo isso a Sra. Sparsit observou à sua maneira feminina – como o sultão que enfiou a cabeça no balde de água –, apenas mergulhando e emergindo novamente.

“Por favor, sente-se, senhor”, disse a Sra. Sparsit.

“Obrigado. Permita-me.” Puxou uma cadeira para ela, mas permaneceu encostado descuidadamente na mesa. “Deixei meu criado na estação, cuidando da bagagem – muito pesada e muito numerosa – e saí para passear e olhar por aí. Lugar muito atípico. A senhora permite que eu lhe pergunte se é *sempre* tão negro assim?”

“Quase sempre é muito mais negro”, retorquiu a Sra. Sparsit à sua maneira intransigente.

“Será possível? Com sua licença: a senhora não é nativa, creio?”

“Não”, respondeu a Sra. Sparsit. “Foi em certa época minha boa ou má fortuna – seja como for, antes de eu enviuvar – que me levou a circular numa esfera bastante diferente. Meu marido era um Powler.”

“Não diga! É mesmo?”, disse o estranho. “Era um...?”

A Sra. Sparsit repetiu: “Um Powler”.

“Família Powler”, disse o estranho, após refletir alguns instantes. A Sra. Sparsit assentiu com um gesto. O estranho pareceu um pouco mais cansado do que antes.

“A senhora deve sentir-se bastante entediada aqui.” Foi o que ele deduziu da informação.

“Sou uma vítima das circunstâncias, senhor”, disse a Sra. Sparsit, “e há muito adaptei-me ao poder que governa minha vida.”

“Muito filosófico”, retorquiu o estranho, “e muito exemplar, louvável e...” Parecia não valer a pena terminar a frase, e ele começou a brincar, enfastiado, com a corrente do relógio.

“Permita-me perguntar, senhor”, disse a Sra. Sparsit, “a que devo a honra de...”

“Certamente”, disse o estranho. “Muito obrigado por lembrar-me. Trago uma carta de apresentação ao Sr. Bounderby, o banqueiro. Caminhando por esta extraordinária cidade negra, enquanto preparavam o jantar no hotel, perguntei a um sujeito que encontrei, um dos trabalhadores, que parecia ter tomado um banho de algo lanoso, que presumi ser o material bruto...”

A Sra. Sparsit inclinou a cabeça.

“...material bruto..., onde o Sr. Bounderby, o banqueiro, residia. Sem dúvida induzido ao erro pela palavra ‘banqueiro’, indicou-me o banco. Presumo que, na verdade, o Sr. Bounderby, o banqueiro, não resida neste edifício em que tenho a honra de oferecer esta explicação?”

“Não, senhor”, respondeu a Sra. Sparsit, “não reside.”

“Obrigado. Eu não tinha intenção de entregar a carta neste momento, e ainda não tenho. Porém, vindo até o banco para matar o tempo, e tendo a sorte de observar à janela”, em cuja direção ele acenou com uma mão lânguida e, em seguida, curvou-se ligeiramente, “uma dama de aparência muito superior e agradável, concluí que o melhor que poderia fazer era tomar a liberdade de perguntar a tal dama onde mora, *de fato*, o Sr. Bounderby. O que agora me aventuro a fazer, com todas as desculpas apropriadas.”

A desatenção e a indolência de seus modos eram atenuadas, aos olhos da Sra. Sparsit, por certa galanteria fácil, que também lhe prestava homenagem. Naquele momento, por exemplo, ele estava quase sentado na mesa e, no entanto, inclinava-se preguiçosamente na direção da Sra. Sparsit, como se reconhecesse nela uma atração que a tornava encantadora – à sua maneira.

“Bancos, sei bem, são sempre suspeitos, e devem ser, oficialmente”, disse o estranho, cuja leveza e suavidade ao falar eram igualmente agradáveis; sugerindo matéria muito mais sensível e espirituosa do que poderiam conter – o que era, talvez, uma ferramenta astuta do fundador dessa seita numerosa, fosse quem fosse esse grande homem. “Portanto, devo observar que a carta – aqui está – vem de um parlamentar que representa este lugar – Gradgrind – e a quem tive o prazer de conhecer em Londres.”

A Sra. Sparsit reconheceu a caligrafia, garantiu que a confirmação era desnecessária e deu o endereço do Sr. Bounderby, com todas as devidas direções e referências úteis.

“Mil agradecimentos”, disse o estranho. “A senhora decerto conhece bem o banqueiro?”

“Sim, senhor”, replicou a Sra. Sparsit. “Em minha condição de dependente dele, conheço-o há dez anos.”

“Que eternidade! Acredito que ele seja casado com a filha de Gradgrind.”

“Sim”, disse a Sra. Sparsit, comprimindo os lábios, “ele teve a... honra.”

“Contaram-me que a dama é uma filósofa e tanto.”

“De fato, senhor?”, disse a Sra. Sparsit. “Será que é?”

“Perdoe-me a curiosidade impertinente”, prosseguiu o estranho com um ar conciliador, fazendo estremecer as sobrancelhas da Sra. Sparsit, “mas a senhora conhece a família e conhece o mundo. Eu em breve conhecerei a família e, no futuro, talvez tenha muito a ver com ela. A dama é assim tão assustadora? O pai atribui-lhe uma reputação de tão portentosa objetividade que desejo ardentemente conhecê-la. Ela é absolutamente inacessível? Repulsivamente e assustadoramente inteligente? Vejo por seu sorriso que a senhora não acredita nisso. A senhora derrama bálsamo em minha alma ansiosa. Agora, quanto à idade. Quarenta? Trinta e cinco?”

A Sra. Sparsit riu abertamente. “Uma criança”, disse ela, “não havia completado vinte quando se casou.”

“Dou-lhe minha palavra, Sra. Powler”, retorquiu o estranho, apeando da mesa, “de que nunca estive tão perplexo em toda a minha vida!”

Ele pareceu realmente impressionado, tanto quanto era capaz de impressionar-se. Ficou olhando um quarto de minuto para sua informante, e parecia ter a surpresa nas mãos. “Asseguro-lhe, Sra. Powler”, disse ele absolutamente extenuado, “que os modos do pai prepararam-me para uma maturidade severa e pétrea. Agradeço-lhe, acima de tudo, por corrigir um erro tão absurdo. Perdoe-me a intrusão. Muitíssimo obrigado. Boa noite!”

Ele curvou-se e saiu. A Sra. Sparsit, escondida atrás da cortina, viu-o caminhar languidamente rua abaixo, pela sombra, e sendo observado por toda a cidade.

“O que você acha do cavalheiro, Bitzer?”, perguntou ao contínuo, quando ele retornou para tirar a mesa.

“Gasta bastante com roupas, madame.”

“Devo admitir”, disse a Sra. Sparsit, “que ele tem muito bom gosto.”

“Sim, madame”, retorquiu Bitzer, “se o gosto vale todo esse dinheiro.”

“Além do mais, madame”, continuou Bitzer, enquanto polia a mesa, “pareceu-me que ele gosta de jogar.”

“É imoral jogar”, disse a Sra. Sparsit.

“É ridículo, madame”, disse Bitzer, “porque as chances estão contra os jogadores.”

Talvez o calor tenha impedido a Sra. Sparsit de bordar, ou lhe tenha faltado firmeza nas mãos. O fato é que ela não bordou naquela noite. Sentou-se à janela, quando o sol começou a sumir por trás da fumaça; ficou sentada ali, enquanto a fumaça ardia vermelha e perdia a cor, enquanto a escuridão parecia erguer-se lentamente do chão e arrastar-se para cima, cada vez mais para acima dos telhados das casas, do campanário da igreja, das chaminés das fábricas, até o céu. Sem vela na sala, a senhora Sparsit permaneceu sentada à janela, com as mãos no colo, sem pensar muito nos sons do anoitecer; os gritos dos meninos, o latido dos cães, o giro das rodas, os passos e as vozes dos transeuntes, os gritos agudos dos vendedores de rua, os tamancos na calçada ao passar perto dali, o fechar das portas das lojas. Até o contínuo anunciar que as molejas da noite estavam prontas, a Sra. Sparsit não havia ainda acordado de seu devaneio nem levado para o andar de cima suas densas sobranceiras negras, àquela altura tão vincadas pela meditação como se precisassem ser passadas a ferro.

“Oh, seu tolo!”, disse a Sra. Sparsit, quando ficou sozinha com a ceia. A quem se referia ela não disse; mas certamente não se referia às molejas.

II

SR. JAMES HARTHOUSE

O partido Gradgrind requeria assistência para cortar o pescoço das Graças. Saíram a recrutar; e onde poderiam encontrar recrutas com mais futuro, senão entre os excelentes cavalheiros que, tendo descoberto que tudo valia nada, estavam preparados para qualquer coisa?

Além do mais, os saudáveis espíritos que haviam ascendido a essas alturas sublimes atraíam muitos da escola Gradgrind. Eles gostavam de excelentes cavalheiros; fingiam o contrário, mas gostavam. Extenuavam-se de tanto imitá-los; arrastavam a fala como eles; e distribuíam, com ar nervoso, as magras e emboloradas razões da economia política, com as quais regalavam seus discípulos. Nunca se viu na face da terra uma raça híbrida como a que foi produzida dessa forma.

Entre os excelentes cavalheiros que não eram membros regulares da escola Gradgrind, havia um de boa família e melhor aparência, com inclinação para o bom humor, que teve oportunidade de praticá-lo na Câmara dos Comuns quando expôs sua opinião (que era a mesma do Conselho de Diretores) sobre um acidente ferroviário, no qual se envolveram os funcionários mais cuidadosos que já se viu, empregados pelos gerentes mais generosos de que já se ouviu falar, auxiliados pelos melhores instrumentos mecânicos já inventados, todos trabalhando na melhor linha já construída, e que matara cinco pessoas e ferira trinta e duas, por uma casualidade sem a qual a excelência do sistema estaria positivamente incompleta. Entre as vítimas havia uma vaca, e entre os artigos espalhados e sem dono, um chapéu de viúva. E o honorável membro divertira

tanto a Câmara (que tinha um senso de humor delicado) quando pôs o chapéu na vaca que a referida Câmara se impacientou com qualquer referência séria ao inquérito do Legista e enterrou o caso da ferrovia, com vivas e risadas.

Ora, o cavalheiro tinha um irmão mais jovem, de aparência ainda melhor, que tentara a vida como Cavaleiro do Regimento de Dragões e aborrecera-se; depois, tentara a mesma vida como membro do séquito de um ministro inglês no exterior e aborrecera-se; caminhara até Jerusalém e lá se aborrecera; dera ainda a volta ao mundo de barco e aborrecera-se em toda a parte. Um dia, o jocoso e honorável membro do Parlamento disse-lhe fraternalmente: “Jem, há boas vagas entre os homens dos Fatos Concretos; eles estão precisando de gente. Imagino que você não queira entrar para a estatística”. Jem, atraído pela novidade da ideia e, para variar, precisando de dinheiro, estava disposto a entrar para a estatística ou qualquer outra coisa. De modo que entrou. Aprendeu com um livro de contabilidade ou dois, e o irmão colocou-o entre os homens dos Fatos Concretos. Disse-lhes: “Se precisarem de um sujeito atraente, em qualquer posição, que possa produzir um discurso bom como os diabos, procurem meu irmão Jem, ele é o homem”. Depois de se esbarrarem algumas vezes em reuniões políticas, o Sr. Gradgrind e um conselho de sábios políticos aprovaram Jem e resolveram que ele seria enviado a Coketown, para tornar-se conhecido lá e nas vizinhanças. Daí a carta que Jem mostrara, na noite anterior, à Sra. Sparsit e que o Sr. Bounderby tinha agora em mãos; sobrescrita: “Ao Ilustre Senhor Josiah Bounderby, banqueiro, Coketown. Com o fim específico de apresentar o Ilustre Senhor James Harthouse. Thomas Gradgrind”.

Uma hora depois de receber o despacho e o cartão do Sr. James Harthouse, o Sr. Bounderby vestiu o chapéu e foi até o hotel. Lá encontrou o Sr. James Harthouse olhando pela janela, num estado de espírito tão desconsolado que se sentia já meio disposto a “entrar” para alguma coisa diferente.

“Meu nome, senhor”, disse o visitante, “é Josiah Bounderby de Coketown.”

O Sr. James Harthouse ficava realmente muito feliz (embora mal o demonstrasse) em ter esse prazer que tanto esperara.

“Coketown, senhor”, disse Bounderby, puxando uma cadeira com obstinação, “não é o tipo de lugar com que está acostumado. Portanto, se me permite – ou permita ou não, pois sou um homem direto –, direi algo sobre a cidade antes de continuarmos.”

O Sr. Harthouse ficaria encantado.

“Não tenha tanta certeza”, disse Bounderby. “Não prometo nada. Em

primeiro lugar, o senhor vê a nossa fumaça. Ela é o nosso ganha-pão. É a coisa mais saudável do mundo em todos os aspectos e, em especial, para os pulmões. Se o senhor é um dos que quer acabar com ela, discordo do senhor. Não vamos gastar os fundos das nossas caldeiras mais rápido do que fazemos agora, mesmo com todo o falso sentimentalismo da Grã-Bretanha e da Irlanda.”

Para “entrar” o mais completamente possível, o Sr. Harthouse respondeu: “Sr. Bounderby, garanto-lhe que compartilho inteiramente de seu modo de pensar. Por princípio”.

“Fico feliz em saber”, disse Bounderby. “Ora, o senhor ouviu muitas coisas a respeito do trabalho em nossas fábricas, sem dúvida. Ouviu? Muito bem. Digo-lhe agora os fatos. É o trabalho mais agradável que há, é o trabalho mais leve que há e é o trabalho mais bem pago que há. Mais do que isso, não poderíamos melhorar as fábricas, a não ser que forrássemos o piso com tapetes persas.”

“Perfeitamente correto, Sr. Bounderby.”

“Por último”, disse Bounderby, “as nossas Mãos. Não há uma só Mão nesta cidade, senhor, homem, mulher ou criança, que não tenha um objetivo na vida. Esse objetivo é comer sopa de tartaruga e caça fina com colher de ouro. Ora, eles jamais comerão – nem um único deles – sopa de tartaruga e caça fina com colher de ouro. Dito isso, o senhor conhece o lugar.”

O Sr. Harthouse declarou-se altamente instruído e informado por esse epítome condensado de toda a questão de Coketown.

“Ora, veja o senhor”, respondeu Bounderby, “combina com meu temperamento entender-me com um homem, sobretudo com um homem público, quando o conheço. Tenho mais uma coisa a dizer, Sr. Harthouse, antes de assegurar-lhe o prazer com que responderei, tanto quanto podem minhas pobres capacidades, à carta de apresentação do meu amigo Tom Gradgrind. O senhor é um homem de família. Não se engane nem por um segundo que eu seja um homem de família. Tenho um pouco de gentalha, sou um genuíno vira-lata.”

Se alguma coisa pudesse tornar seu interesse pelo Sr. Bounderby ainda maior, era essa circunstância. Ou foi o que Jem lhe disse.

“Então”, disse Bounderby, “podemos nos apertar as mãos em termos iguais. Digo em termos iguais porque, embora eu saiba o que sou, e a profundidade exata da sarjeta da qual me ergui, melhor do que qualquer outro homem, sou orgulhoso como o senhor. Tão orgulhoso como o senhor. Tendo agora afirmado minha independência de maneira adequada, posso saber como vai o senhor, e espero que vá muito bem.”

Melhor agora, deu a entender o Sr. Harthouse, enquanto se apertavam as mãos, devido ao ar saudável de Coketown. O Sr. Bounderby recebeu a resposta com simpatia.

“Talvez o senhor saiba”, disse ele, “ou talvez não saiba, que me casei com a filha de Tom Gradgrind. Se o senhor não tiver nada melhor para fazer do que caminhar comigo pela cidade, ficarei contente em apresentá-lo à filha de Tom Gradgrind.”

“Sr. Bounderby”, disse Jem, “o senhor antecipa meus desejos mais profundos.”

Eles saíram sem mais conversa; e o Sr. Bounderby guiou seu novo conhecido, que contrastava tão fortemente com ele, até a residência de tijolos vermelhos, janelas externas negras e persianas internas verdes, e porta de entrada negra após dois degraus brancos. Na sala de visitas da mansão, foi logo ao encontro deles a jovem mais notável que o Sr. Harthouse já vira. Era tão contida e, no entanto, tão despreocupada; tão reservada, porém tão vigilante; tão fria e orgulhosa e, no entanto, tão sensivelmente envergonhada da humildade vaidosa do marido – diante da qual se crispava como se cada exemplo fosse um talho ou um golpe; era uma sensação bastante nova observá-la. Seu rosto não era menos notável do que seus modos. Suas feições eram bonitas, mas seus movimentos naturais eram tão reprimidos que parecia impossível adivinhar sua verdadeira expressão. Absolutamente indiferente, com inteira autoconfiança, nunca confusa, mas nunca à vontade, ali presente entre eles, mas com a mente aparentemente solitária – era inútil tentar “entrar” ali para compreender aquela jovem, porque ela desafiava qualquer perspicácia.

Da senhora da casa, o visitante passou a olhar para a própria casa. Não havia na sala os sinais silenciosos que uma mulher costuma deixar. Nenhum pequeno e gracioso ornamento, nenhum aparato extravagante, por mais trivial que fosse, manifestava sua influência. Triste e desconfortável, pretensiosa e teimosamente rico, o aposento fitava ostensivamente seus ocupantes, sem a suavidade e o alento do menor traço de ocupação feminina. Em torno do Sr. Bounderby, ali parado, ocupavam seus espaços aquelas divindades implacáveis, e eles eram dignos uns dos outros, e combinavam bem.

“Esta, senhor, é minha esposa, a Sra. Bounderby, filha mais velha de Tom Gradgrind. Loo, Sr. James Harthouse. O Sr. Harthouse juntou-se às fileiras de seu pai. Se não acabar na companhia de Tom Gradgrind, creio que ouviremos falar dele em conexão com uma de nossas cidades vizinhas. Observe, Sr.

Harthouse, que minha esposa é mais nova do que eu. Não sei o que ela viu em mim para casar-se comigo, mas viu alguma coisa, suponho, senão não teria se casado. Ela possui um monte de conhecimentos dispendiosos, sobre política e tudo mais. Se desejar preparar-se para qualquer coisa, eu teria dificuldade para recomendar-lhe melhor conselheira do que Loo Bounderby.”

A conselheira mais agradável, ou instrutora mais competente, o Sr. Harthouse jamais poderia ser recomendado.

“Venha!”, disse o anfitrião. “Se está no ramo dos elogios, o senhor terá sucesso aqui, pois não encontrará concorrência. Nunca estive muito disposto a aprender a fazer elogios e não afirmo que entendo a arte de fazê-los. Na verdade, eu os desprezo. Mas sua educação foi diferente da minha; a minha foi genérica, por São Jorge! O senhor é um cavalheiro, eu não finjo ser um. Sou Josiah Bounderby de Coketown, e isso é suficiente para mim. No entanto, embora eu não seja influenciado por modos ou *status*, Loo Bounderby talvez seja. Ela não teve minhas vantagens –, o senhor chamaria de desvantagens, mas eu chamo de vantagens –, de modo que o senhor não desperdiçará sua energia, ousou dizer.”

“O Sr. Bounderby”, disse Jem, voltando-se com um sorriso para Louisa, “é um nobre animal, em estado natural por comparação, bastante livre dos arreios com os quais trabalha um cavalo convencional como eu.”

“O senhor tem grande respeito pelo Sr. Bounderby”, respondeu ela serenamente. “É natural que tenha.”

Ele fora derrubado e caíra sem nenhuma graça, para um cavalheiro que vira tanto do mundo, e pensou: “Como devo entender isso?”.

“O senhor vai dedicar-se, segundo entendi pelo que disse o Sr. Bounderby, ao serviço de seu país. O senhor decidiu”, disse Louisa, ainda parada diante dele, no mesmo lugar de antes – com toda a singularidade de seu autocontrole e óbvio desconforto – “mostrar à nação a saída para todas as dificuldades.”

“Sra. Bounderby”, respondeu ele, rindo, “dou-lhe minha palavra de que não. Não fingirei diante da senhora. Vi algumas coisas, aqui e ali, lá e acolá; concluí que tudo é muito sem valor, como concluíram todos, e como confessam alguns e outros não; defenderei as opiniões de seu respeitável pai – na verdade, porque não tenho preferência por opiniões, e poderia apoiar tanto as dele como qualquer outra.”

“O senhor não tem nenhuma opinião própria?”, perguntou Louisa.

“Não me resta mais a mínima predileção. Asseguro-lhe que não atribuo nenhuma importância às opiniões. O resultado das variedades de tédio pelas

quais passei é uma convicção (a não ser que convicção seja uma palavra diligente demais para definir a impressão preguiçosa que tenho sobre o assunto) de que um conjunto de ideias fará tanto bem e tanto mal quanto qualquer outro. Conheço uma família inglesa que tem um encantador lema italiano: ‘O que será será’. Essa é a única verdade!”.

Essa perversa admissão de honestidade e desonestidade – vício tão perigoso, tão letal e tão comum – pareceu impressioná-la a seu favor, observou o Sr. Harthouse. Ele aproveitou a vantagem para dizer da maneira mais amável – maneira à qual ela poderia atribuir tanto ou tão pouco significado quanto quisesse: “O lado que pode provar qualquer coisa em termos de unidades, dezenas, centenas e milhares, Sra. Bounderby, parece oferecer mais diversão e dar as melhores chances. Dedico-me tanto a esse lado quanto faria se acreditasse nele. Estou disposto a unir-me a ele do mesmo modo que estaria se acreditasse nele. E o que eu mais poderia fazer, se acreditasse nele?”.

“O senhor é um político singular”, disse Louisa.

“Perdoe-me, não tenho nem mesmo esse mérito. Garanto- -lhe, Sra. Bounderby, que formaríamos o maior partido da nação, se saíssemos de nossas fileiras de adoção e fôssemos avaliados todos juntos.”

O Sr. Bounderby, que ameaçava explodir de silêncio, interpôs-se com a intenção de adiar o jantar para as seis e meia e, nesse meio-tempo, conduzir o Sr. Harthouse num circuito de visitas aos notáveis interessantes e votantes de Coketown e arredores. O circuito de visitas foi feito; e o Sr. James Harthouse, com o uso discreto de seu aprendizado contábil, triunfou, apesar do considerável ataque de tédio.

À noite, ele encontrou a mesa de jantar posta para quatro, mas sentaram-se apenas os três. Foi uma ocasião apropriada para o Sr. Bounderby discutir o sabor das enguias ensopadas que havia comprado por uns poucos centavos nas ruas quando tinha oito anos; e também o da água de má qualidade, usada especialmente para assentar a poeira, com que acompanhara aquele repasto. Do mesmo modo, entreteve seu convidado, durante a sopa e o peixe, com o cálculo de que ele (Bounderby) comera pelo menos três cavalos em sua juventude, disfarçados de mortadelas e salsichas. Jem acompanhava languidamente essas récitas com um “encantador!” aqui e outro ali; era muito provável que elas o levassem a “entrar” de novo num navio para Jerusalém na manhã seguinte, se não estivesse tão curioso a respeito de Louisa.

“Não há nada”, pensou ele, lançando um olhar furtivo à dama sentada à

cabeceira da mesa, onde sua figura jovem, pequena e delicada, mas muito graciosa, parecia tão linda quanto deslocada, “não há nada que possa alterar esse rosto?”

Sim! Por Júpiter, havia algo, e estava ali, sob uma forma inesperada. Tom aparecera. O rosto de Louisa mudou quando a porta se abriu, e iluminou-se com um sorriso.

Um lindo sorriso. O Sr. Harthouse poderia não lhe dar grande importância, se não tivesse se espantado tanto com o rosto imperturbável de Louisa. Ela estendeu a mão – uma mãozinha bonita e macia – e seus dedos fecharam-se sobre os do irmão, como se fosse levá-los aos lábios.

“Ora, ora!”, pensou o visitante. “Esse moleque é a única criatura com quem ela se importa. Veja só!”

O moleque foi apresentado e sentou-se. A alcunha não era lisonjeira, mas era merecida.

“Quando eu tinha a sua idade, jovem Tom”, disse Bounderby, “se não fosse pontual, não jantava!”

“Quando o senhor tinha minha idade”, retorquiu Tom, “não tinha um balanço errado para corrigir e não tinha de vestir-se para jantar depois.”

“Deixe isso para lá”, disse Bounderby.

“Bem”, resmungou Tom, “então não comece.”

“Sra. Bounderby”, disse Harthouse, notando perfeitamente a tensão mal contida nessa troca de palavras, “o rosto de seu irmão é-me bastante familiar. Será que o vi no exterior? Ou em alguma escola pública, talvez?”

“Não”, retorquiu ela, bastante interessada, “ele nunca esteve no exterior e foi educado aqui, em casa. Tom, querido, estou dizendo ao Sr. Harthouse que ele nunca o viu no exterior.”

“Não tive tal sorte, senhor”, disse Tom.

Havia muito pouco nele para iluminar o rosto de Louisa, pois era um jovem taciturno e nada gracioso em suas maneiras, mesmo com ela. Devia ser imensa a solidão no coração daquela jovem e sua necessidade de alguém para compartilhá-la.

“Esse moleque é a única criatura que ela já amou”, pensou o Sr. James Harthouse, remoendo a ideia. “Realmente. Realmente.”

Tanto na presença da irmã quanto depois de ela sair da sala, o moleque não fez nenhum esforço para esconder seu desprezo pelo Sr. Bounderby, sempre que pôde manifestá-lo sem ser visto por aquele homem independente, fazendo

caretas irônicas ou piscando um olho. Sem responder a essas mensagens telegráficas, o Sr. Harthouse encorajou-o ao longo da noite e demonstrou uma simpatia incomum por ele. Por fim, quando se levantou para voltar ao hotel, e ficou um pouco em dúvida em relação ao caminho que deveria tomar, já que estava escuro, o moleque ofereceu-se de imediato como guia e saiu com o Sr. Harthouse para escoltá-lo.



“Que cunhado cômico você é!”

III

O MOLEQUE

Era surpreendente que um jovem cavalheiro educado num único e contínuo sistema de repressão antinatural viesse a tornar-se um hipócrita, mas esse era o caso de Tom. Era estranho que um jovem cavalheiro a quem jamais fora permitido governar-se por cinco minutos consecutivos fosse incapaz de controlar-se, mas assim era Tom. Era inexplicável que um jovem cavalheiro cuja imaginação fora estrangulada ainda no berço fosse ainda incomodado por sua sombra, na forma de uma sensualidade baixa, mas esse monstro, sem nenhuma dúvida, era Tom.

“Você fuma?”, perguntou o Sr. James Harthouse, quando chegaram ao hotel.

“Pode apostar!”, disse Tom.

O mínimo que ele poderia fazer era convidar Tom a entrar, e o mínimo que Tom poderia fazer era aceitar. Assim, com uma bebida refrescante, adequada ao clima, mas não tão fraca, e com um tabaco mais raro do que aquele que se podia comprar naquelas paragens, Tom logo se sentiu livre e confortável, sentado num canto do sofá, e dispôs-se mais do que nunca a admirar seu novo amigo sentado no outro canto.

Tom soltou fumaça para o lado, depois de fumar algum tempo, e analisou o amigo. “Ele não parece se importar com suas roupas”, pensou Tom, “e, no entanto, veste-se muito bem. Que sujeito fino ele é!”

O Sr. James Harthouse, vendo por acaso que Tom olhava para ele, disse que o rapaz não bebera nada e encheu seu copo com uma mão displicente.

“Obrigado”, disse Tom. “Obrigado. Bem, Sr. Harthouse, creio que o senhor provou o suficiente do velho Bounderby esta noite.” Tom disse isso piscando o olho outra vez, e lançou, por cima do copo, um olhar cúmplice a seu anfitrião.

“Um excelente sujeito!”, retorquiu o Sr. James Harthouse.

“O senhor acha mesmo?”, disse Tom. E piscou o olho outra vez.

O Sr. James Harthouse sorriu; erguendo-se de seu canto do sofá e reclinando as costas contra a lareira, de modo a ficar diante da grade vazia, enquanto fumava, de frente para Tom e olhando-o de cima, ele observou:

“Que cunhado cômico você é!”

“Que cunhado cômico é o velho Bounderby, o senhor quer dizer,” disse Tom.

“Você é uma joia de sarcasmo, Tom”, retorquiu o Sr. James Harthouse.

Era tão agradável ser íntimo daquele colete, ser chamado tão intimamente de Tom por uma voz como aquela, dar-se em termos tão informais, e tão cedo, com aquele par de suíças, que Tom se sentiu incomumente satisfeito consigo mesmo.

“Oh! Não me importo com o velho Bounderby”, disse ele, “se é isso que o senhor quer dizer. Sempre chamo o velho Bounderby pelo mesmo nome quando falo sobre ele, e sempre pensei o mesmo dele. Não vou começar a ser bem-educado agora, em relação ao velho Bounderby. Seria tarde demais, a esta hora da noite.”

“Não se importe comigo”, retorquiu James, “mas tome cuidado quando a esposa dele estiver perto.”

“A esposa?”, disse Tom. “Minha irmã Loo? Ah, sim!” Riu, e tomou um pouco mais daquela bebida refrescante.

James Harthouse continuava recostado no mesmo lugar e na mesma atitude, fumando um charuto à sua maneira tranquila e olhando prazerosamente para o moleque, como se soubesse que era uma espécie de demônio agradável que tinha apenas de pairar sobre o jovem para que ele lhe entregasse a alma, se pedisse. Parecia que o moleque se dobrava à sua influência. Tom olhou sorratamente para o companheiro, olhou-o com admiração, olhou-o com ousadia, e pôs uma perna sobre o sofá.

“Minha irmã Loo?”, disse Tom. “Ela *nunca* se importou com o velho Bounderby.”

“Isso é tempo passado, Tom”, retorquiu o Sr. James Harthouse, batendo a cinza do charuto com o dedo mínimo. “Estamos agora no tempo presente.”

“Verbo neutro: não se importar. Modo indicativo, tempo presente. Primeira

pessoa do singular, eu não me importo; segunda pessoa do singular, tu não te importas; terceira pessoa do singular, ela não se importa”, rebateu Tom.

“Ótimo! Muito pitoresco!”, disse seu amigo. “Mas você não está dizendo a verdade.”

“Mas é verdade!”, exclamou Tom. “Palavra de honra! Ora, não me diga, Sr. Harthouse, que acredita que minha irmã Loo possa se importar com o velho Bounderby!”

“Meu caro amigo”, respondeu o outro, “o que devo supor, quando vejo duas pessoas casadas, vivendo em harmonia e felicidade?”

Tom, àquela altura, pusera as duas pernas sobre o sofá. Caso a segunda perna já não estivesse ali quando fora chamado de caro amigo, ele a teria juntado à outra naquele grande momento da conversa. Sentindo que tinha de fazer alguma coisa, esticou mais o corpo e, reclinando a nuca sobre o braço do sofá, e fumando com uma infinita pretensão de negligência, virou o rosto comum e os olhos não muito sóbrios na direção do rosto que o observava de cima, tão descuidado e, ainda assim, tão potente.

“O senhor conhece nosso ‘governador’, Sr. Harthouse”, disse Tom, “portanto não precisa se admirar que Loo tenha se casado com o velho Bounderby. Ela nunca teve um namorado; o governador propôs o velho Bounderby e ela aceitou.”

“Muito obediente da parte de sua interessante irmã”, disse o Sr. James Harthouse.

“Sim, mas ela não teria sido tão obediente, e as coisas não teriam ocorrido com tanta facilidade”, continuou o moleque, “se não fosse por mim.”

O tentador apenas ergueu as sobrancelhas, mas o moleque sentiu-se obrigado a prosseguir.

“*Eu* a persuadi”, disse ele com um edificante ar de superioridade. “Estava preso no banco do velho Bounderby (onde nunca quis estar) e sabia que me arranjaria por lá, se ela pusesse o velho Bounderby em seu lugar; então contei a ela o meu desejo, e ela o realizou. Ela faria qualquer coisa por mim. Muita camaradagem da parte dela, não?”

“Encantador, Tom!”

“Não que fosse tão importante para ela como era para mim”, continuou Tom friamente, “porque a minha liberdade e o meu conforto, e talvez o resto da minha vida, dependiam daquilo; e ela não tinha namorado, e continuar em casa era como estar numa prisão – especialmente quando eu não estava lá. Não foi como

se tivesse abandonado um namorado pelo velho Bounderby; mas ainda assim ela fez uma coisa boa.”

“Fascinante. E ela continua tão serena.”

“Oh”, retorquiu Tom com uma complacência desdenhosa, “ela é uma menina normal. As meninas dão-se bem em qualquer lugar. Acostumou-se à vida e não se incomoda. Serve-lhe tanto quanto outra qualquer. Além disso, embora Loo seja uma menina, não é um tipo comum de menina. Consegue trancar-se dentro de si mesma e pensar – costumava vê-la sentada, observando o fogo – por uma hora inteira.”

“Ora, ora! Ela tem recursos próprios”, disse Harthouse, fumando tranquilamente.

“Não tantos quanto supõe”, respondeu Tom, “já que o governador incutiu nela todos os tipos de bobagens e ideias vazias. É o sistema dele.”

“Educou a filha segundo o próprio modelo?”, sugeriu Harthouse.

“A filha? Ah! E todos os demais. Ora, educou *a mim* dessa maneira!”, disse Tom.

“Impossível!”

“E, no entanto, foi o que fez”, disse Tom, balançando a cabeça. “O que quero dizer, Sr. Harthouse, é que, quando saí de casa, eu era tão monótono como ver a grama crescer, e não sabia mais sobre a vida do que uma ostra.”

“Como assim, Tom! Não posso acreditar! Piada é piada.”

“Juro pela minha alma!”, disse o moleque. “Falo sério, muito sério!” Ele fumou com bastante gravidade e dignidade por alguns segundos, então acrescentou num tom cheio de si: “Aprendi algumas coisas desde então. Não nego. Mas fiz isso por mim mesmo, não graças ao governador.”

“E sua inteligente irmã?”

“Minha inteligente irmã está onde sempre esteve. Ela costumava reclamar que não tinha para onde correr, como tinham as outras meninas; e não vejo como possa ter superado isso. Mas ela *não* se importa”, acrescentou astutamente, dando outra baforada no charuto. “De algum modo, as meninas sempre se saem bem.”

“Quando fui ao banco, ontem, para saber o endereço do Sr. Bounderby, encontrei uma dama que parece ter grande admiração por sua irmã”, observou o Sr. James Harthouse, jogando fora a ponta do charuto que havia terminado.

“A mãe Sparsit!”, disse Tom. “O quê! O senhor já a viu?”

O amigo anuiu. Tom tirou o charuto da boca para piscar o olho (que se

tornara ingovernável) e bater várias vezes no nariz.

“Os sentimentos da mãe Sparsit por Loo são mais do que admiração, creio eu”, disse Tom. “Digamos afeição e devoção. A mãe Sparsit nunca confiou de verdade em Bounderby quando ele era solteiro. Oh, não!”

Essas foram as últimas palavras do moleque, antes de ser tomado por uma sonolência vertiginosa, seguida de um esquecimento total. Foi tirado desse estado por um sonho desagradável, em que era empurrado por uma bota. E também havia uma voz que dizia: “Vamos, está tarde. Fora!”

“Bem!”, disse ele, escorregando do sofá. “Devo pedir licença para ir embora. É o que digo. Seu tabaco é muito bom. Mas é fraco demais.”

“Sim, é fraco demais”, retorquiu o anfitrião.

“É... é ridiculamente fraco”, disse Tom. “Onde está a porta? Boa noite!”

Teve outro sonho estranho, em que um garçom o guiava no meio da neblina, e esta, depois de causar-lhe alguns problemas e dificuldades, transformava-se na rua principal, onde estava sozinho. Assim, caminhou para casa com facilidade, embora ainda não tivesse se livrado das impressões da presença e da influência de seu novo amigo – como se ele pairasse a sua volta, com a mesma atitude displicente, observando-o com o mesmo olhar.

O moleque foi para casa, e para a cama. Se tivesse alguma ideia do que fizera naquela noite, e fosse menos moleque e mais irmão, talvez se desviasse do caminho, talvez fosse até o rio negro e malcheiroso, talvez adormecesse para todo o sempre, amortalhando a cabeça naquelas águas sujas.

IV HOMENS E IRMÃOS

“Ó meus amigos, oprimidos operários de Coketown! Ó meus amigos e compatriotas, escravos de um despotismo férreo e esmagador! Ó meus amigos e companheiros de sofrimento, trabalho e condição humana! Digo-lhes que é chegada a hora de nos unir, formando uma única força, e derrubar os opressores que há muito tempo se têm cevado da exploração da nossa família, do suor do nosso rosto, do trabalho das nossas mãos, da força dos nossos músculos, dos privilégios sacros e eternos da fraternidade!”

“Boa!”, “Ouçam, ouçam!”, “Hurra!” e outros gritos ergueram-se de muitas vozes e de vários cantos do salão apinhado e sufocante, no qual o orador, do alto do palco, expectorava aquilo e toda a cólera que tinha dentro dele. Falara com tanta veemência que estava tão rouco quanto acalorado. De tanto berrar sob o holofote, cerrando os punhos, rangendo os dentes e gesticulando furiosamente com os braços, estava tão cansado, àquela altura, que parou e pediu um copo de água.

Enquanto estava ali, tentando apagar o incêndio de seu rosto com um gole de água, a comparação entre o orador e a multidão de rostos atentos, voltados para ele, era-lhe extremamente desvantajosa. A julgar pela evidência da Natureza, ele estava acima da massa pouco mais do que a altura do palco em que se encontrava. E, em aspectos importantes, estava fundamentalmente abaixo dela. Não era tão honesto, não era tão viril, não era tão bem-humorado; substituíra a simplicidade da massa pela astúcia, e a sensatez sólida e segura pela paixão. Um homem malformado, de ombros altos e sobranceiras baixas, e as feições

comprimidas numa habitual expressão de azedume; ele contrastava de forma bastante desfavorável, até pela roupa descombinada, com a maioria dos ouvintes em suas roupas simples de trabalho. Por mais estranho que seja observar uma assembleia resignar-se à insipidez de uma pessoa cheia de si, nobre ou plebeia, da qual três quartos não poderia, por nenhum meio natural, erguê-la do pântano da inanidade até seu nível intelectual, era especialmente estranho, e até mesmo comovente, ver ali aquela multidão de rostos circunspectos, de cuja honestidade nenhum observador competente e imparcial poderia duvidar, agitar-se tanto por aquele líder.

Boa! Ouçam, ouçam! Hurra! A avidez de atenção e intenção que transparecia em todos os rostos transformava-os numa visão impressionante. Não havia falta de atenção, langor ou curiosidade vã; não se via ali nenhuma das muitas nuances de indiferença que se viam em outras assembleias. Estava tão claro como para quem quisesse ver as vigas nuas do teto e as paredes de tijolos caiados que cada homem ali acreditava que, de um modo ou de outro, sua vida era pior do que deveria ser; que cada um considerava responsabilidade sua unir-se aos outros para melhorar essa vida; que cada um sentia que a única esperança era aliar-se aos camaradas que estavam ali à sua volta, e que aquela crença, certa ou errada (infelizmente errada, na época), aquela multidão levava solene, profunda e fielmente a sério. E o espectador não poderia deixar de sentir no próprio peito que tais homens, com suas ilusões, mostravam grandes qualidades, capazes de se transformar nos melhores e mais ditosos resultados; e que fingir (à força de axiomas arrebatadores, por mais lineares e claros que fossem) que aqueles homens se desencaminharam sem nenhuma razão, e por uma vontade irracional, era fingir que poderia haver fumaça sem fogo, morte sem nascimento, colheita sem semente, tudo e qualquer coisa produzida a partir do nada.

Depois que o orador se refrescou e enxugou várias vezes a testa enrugada, da esquerda para a direita, com um lenço dobrado, ele concentrou as forças renovadas numa careta de desdém e amargura.

“Mas, ó meus amigos e irmãos! Ó homens e ingleses, operários de Coketown! O que se pode dizer daquele homem – daquele trabalhador, se posso caluniar esse nome glorioso desse modo – que, estando familiarizado com as dores e as injustiças cometidas contra vocês, a medula ferida desta terra, e tendo ouvido vocês se manifestarem com uma nobre e majestosa unanimidade que fará tremer os tiranos, resolve subscrever as quotas do Tribunal Agregado e cumprir as sentenças emitidas por esse órgão em seu benefício, seja qual for – o que,

pergunto-lhes, pode-se dizer daquele trabalhador, já que devo reconhecê-lo como tal, que num momento como este deserda de seu posto e vende seu estandarte; que num momento como este vira um traidor, um covarde e um apóstata; que num momento como este não tem vergonha de admitir humilhante e ignobilmente que não se envolverá, que *não* será um dos associados desta corajosa defesa da liberdade e do direito?”

A assembleia dividiu-se. Houve resmungos e assovios, mas a ideia de honra era forte demais para que se condenasse um homem que não fora ouvido. “Tenha certeza do que diz, Slackbridge!” “Tragam-no ao palco!” “Queremos ouvi-lo!” Essas coisas foram ditas em vários cantos da assembleia. Por fim, uma voz forte exigiu: “O homem está aqui? Se está aqui, Slackbridge, deixa que fale ele, ao invés de ti”. Essas palavras foram recebidas com uma salva de palmas.

Slackbridge, o orador, olhou em volta com um sorriso de desdém; e, estendendo a mão direita (como faziam todos os Slackbridges) para apaziguar o mar revoltoso, aguardou até que se fizesse profundo silêncio.

“Ó meus amigos e compatriotas!”, disse Slackbridge, balançando a cabeça com violento escárnio, “não me surpreende que vocês, filhos prostrados do trabalho, não acreditem na existência desse homem. Mas aquele que vendeu os filhos por um prato de lentilhas existiu, Judas Iscariotes existiu, Castlereagh existiu, e esse homem existe!”

Nesse momento, certo acotovelamento e confusão perto do palco terminou com o próprio homem parado ao lado do orador, diante da multidão. Ele estava pálido e sua expressão parecia um pouco alterada – seus lábios o demonstravam, mais do que tudo. No entanto, permaneceu calado, com a mão esquerda no queixo, esperando para ser ouvido. Havia um presidente que comandava os procedimentos, e esse funcionário tomou as rédeas da situação.

“Meus amigos”, disse ele, “em virtude do meu cargo de presidente, peço ao nosso amigo Slackbridge, que pelo jeito está um pouco transtornado, que se sente, enquanto ouvimos Stephen Blackpool. Todos conhecem Stephen Blackpool. Vocês o conhecem por seus infortúnios e por sua boa reputação.”

Dizendo isso, o presidente apertou a mão de Stephen com franqueza e sentou-se de novo. Slackbridge também se sentou, enxugando a testa suada – sempre da esquerda para a direita, nunca ao contrário.

“Meus amigos”, começou Stephen em meio a um silêncio sepulcral, “ouvi o que foi dito sobre mim, e é pouco provável que eu consiga consertar as coisas. Mas prefiro que ouçam a verdade dos meus próprios lábios, não dos lábios de

outro homem, apesar de eu nunca conseguir falar diante de tantas pessoas sem ficar confuso e com medo.”

Slackbridge balançou a cabeça como se, em sua amargura, fosse jogá-la longe.

“Sou o único trabalhador da fábrica de Bounderby, de todos os homens que estão aqui, que não concorda com os regulamentos propostos. Não posso concordar com eles. Meus amigos, duvido que os regulamentos façam algum bem a vocês. Decerto farão é mal.”

Slackbridge riu, cruzou os braços e franziu o cenho, sarcástico.

“Mas não é tanto por isso que estou aqui. Se fosse só por isso, eu concordaria com os outros. Mas tenho razões – minhas, vejam bem – que me impedem de fazer isso, não só agora, mas sempre – sempre – para toda a vida!”

Slackbridge deu um salto e pôs-se ao lado de Stephen, rangendo os dentes e espumando pela boca. “Ó meus amigos, o que é isso, se não o que eu lhes disse? Ó meus compatriotas, que aviso lhes dei, se não esse? E como se mostra essa conduta apóstata num homem sobre quem se abatem as leis injustas? Ó ingleses, pergunto-lhes, como pode surgir tal subordinação em um de vocês, que consente dessa maneira sua própria ruína, e a de todos os outros, e a de seus filhos, e a dos filhos de seus filhos?”

Houve aplausos e gritos de “Vergonha!” dirigidos contra Stephen, mas a maioria da assembleia ficou quieta. Eles olhavam para o rosto cansado de Stephen, que se tornara patético pelas emoções ingênuas que demonstrava; e, dada a gentileza de sua natureza, estavam mais tristes do que indignados.

“Falar é o ofício do delegado”, disse Stephen. “Ele é pago para isso e conhece seu trabalho. Que se atenha a ele. Que não cuide do que tive de aguentar. Não é trabalho dele. Não é de ninguém, a não ser meu.”

Havia propriedade naquelas palavras, para não dizer dignidade, e isso fez os ouvintes ainda mais atentos e silenciosos. A mesma voz forte exigiu: “Slackbridge, deixa o homem falar e fecha a matraca!”. E o salão ficou prodigiosamente silencioso.

“Meus irmãos”, disse Stephen, cuja voz, embora baixa, foi ouvida com clareza, “e meus colegas trabalhadores – porque vocês são isso para mim, e não, até onde sei, para esse delegado aqui –, tenho apenas uma palavra a dizer, e não saberia dizer mais, mesmo que tivesse de falar até o dia da greve. Sei bem o que me espera. Sei bem que vocês resolveram não ter nada a ver com o homem que não esteja com vocês nessa questão. Sei que, se eu caísse morto na estrada,

“você achariam certo passar reto por mim, eu seria um forasteiro, um estranho. Devo fazer o melhor que posso com aquilo que me cabe.”

“Stephen Blackpool”, disse o presidente, erguendo-se, “pense melhor. Pense de novo, rapaz, antes que seja rejeitado por todos os seus velhos amigos.”

Houve um murmúrio geral de concordância, embora ninguém tenha proferido uma única palavra. Todos os olhos estavam fixos em Stephen. Se ele se arrependesse de sua decisão, tiraria um peso da consciência de todos. Ele olhou em volta e viu que seria assim. Não havia nem uma partícula de raiva contra eles em seu coração; conhecia-os além da superfície das fraquezas e dos equívocos, como ninguém que não fosse também trabalhador poderia conhecer.

“Pensei nisso tudo, senhor, mas não posso me juntar a vocês. Devo seguir meu caminho. Devo me despedir de todos aqui.”

Ergueu os braços numa espécie de reverência e permaneceu assim um momento; não falou até baixar os braços devagar.

“Disseram-me muitas palavras amáveis aqui; vejo muitos rostos aqui que vi pela primeira vez quando era mais jovem e tinha o coração mais leve. Desde que nasci, nunca tive nenhuma briga com nenhum dos meus iguais. Deus sabe que não tive culpa nenhuma. Vocês vão me chamar de traidor, disso e daquilo – eu me refiro a você”, dirigindo-se a Slackbridge, “mas é mais fácil xingar do que entender. Então, deixem estar.”

Dera um passo ou dois para descer da plataforma, quando se lembrou de uma coisa que não dissera e retornou.

“Talvez”, disse ele, virando devagar o rosto enrugado para poder dirigir-se a cada indivíduo na plateia, tanto os próximos como os distantes, “talvez, quando essa questão for abordada e discutida, haja o risco de que não permitam que eu trabalhe com vocês. Espero morrer antes que esse momento chegue, e vou trabalhar sozinho entre vocês, se ele chegar – de verdade, meus amigos, devo fazer isso; não para desafiá-los, mas para viver. Não tenho nada do que viver, a não ser do meu trabalho; e para onde eu poderia ir, se trabalho em Coketown desde que era deste tamanho? Não me queixo se me derem as costas, se me isolarem e me ignorarem daqui para a frente, mas espero que me deixem trabalhar. Se existe algum direito para mim, meus amigos, acho que é esse.”

Nenhuma palavra foi dita. Nenhum som foi ouvido no prédio, que não fosse o ligeiro ruído de homens que se afastavam um pouco uns dos outros, no centro do salão, para abrir passagem ao homem a cuja companhia se comprometeram a renunciar. Sem olhar para ninguém, e tomando seu caminho com modesta

firmeza que não afirmava nada e não buscava nada, o velho Stephen, com todas as atribuições de sua mente, saiu de cena.

Slackbridge, que mantivera estendido o braço oratório enquanto Stephen saía, como se estivesse contendo, com infinita solícitude e magnífico poder moral, as paixões veementes da multidão, dedicou-se a elevar seu moral. O romano Brutus, ó meus compatriotas britânicos, não condenara o próprio filho à morte; e as mães espartanas, ó meus amigos a caminho da vitória, não empurraram os filhos em fuga contra a ponta das espadas dos inimigos? Não era dever sagrado dos homens de Coketown, que tinham antepassados antes deles, tinham um mundo que os admirava no presente e a posteridade à sua espera, expulsar os traidores das tendas que eles armaram no solo de uma causa sagrada e divina? Os ventos dos Céus respondiam sim; e carregavam o sim a leste, oeste, norte e sul. Portanto, três vivas ao Tribunal Agregado!

Slackbridge foi o arauto e determinou o momento. A multidão de rostos duvidosos (atormentados pela consciência) animou-se com o som e acompanhou-o. Sentimentos particulares devem ceder à causa comum. Hurra! O teto ainda vibrava com os vivas, depois que a plateia se dispersou.

Com tal facilidade Stephen Blackpool caiu na mais solitária das vidas, a vida de uma solidão em meio a uma multidão familiar. O estrangeiro que olha dez mil rostos à procura de resposta, e nunca acha, está em alegre companhia, em comparação com aquele homem que passa, todos os dias, por dez rostos que se desviam e foram um dia rostos amigos. Essa experiência era a de Stephen, em cada momento de vigília de sua vida; na ida para o trabalho e na volta, à porta, à janela, em toda a parte. Por consenso, as pessoas evitavam até mesmo o lado da rua por onde ele costumava caminhar; elas o deixavam para Stephen, só para ele, entre todos os trabalhadores.

Ele fora por muitos anos um homem tranquilo e silencioso, associando-se pouco a outros homens, e acostumado à companhia de seus próprios pensamentos. Nunca conhecera a força do desejo em seu coração do reconhecimento frequente de um aceno, de um olhar, de uma palavra; ou a do imenso alívio derramado gota a gota, por gestos tão pequenos, sobre esse desejo. E separar, em sua própria consciência, o fato de ter sido abandonado por todos os seus amigos de uma sensação infundada de vergonha e desgraça era mais difícil do que jamais crera possível.

Os primeiros quatro dias de provação foram tão longos e pesados que Stephen começou a temer o que estava por vir. Não apenas deixou de ver

Rachael durante esse tempo, como evitou qualquer oportunidade de vê-la; porque, embora soubesse que a proibição ainda não se estendia formalmente às mulheres que trabalhavam nas fábricas, percebeu que algumas que lhe eram conhecidas haviam mudado em relação a ele, e receava aproximar-se de outras, e apavorava-se de que Rachael pudesse ser isolada pelas outras se fosse vista com ele. Assim, passou os quatro dias sozinho, sem falar com ninguém, até que, ao sair do trabalho à noite, um jovem de pele muito clara o parou na rua.

“Seu nome é Stephen Blackpool, não é?”, disse o jovem.

Stephen corou ao perceber que tirara o chapéu, por gratidão pelas palavras dirigidas a ele, ou pela surpresa que lhe causaram, ou as duas coisas. Fingiu ajustar o forro do chapéu e disse: “Sim”.

“Você é a Mão que os outros mandaram às favas, não é?”, disse Bitzer, o jovem em questão.

Stephen respondeu “Sim” outra vez.

“Foi o que pensei, já que todos parecem se afastar de você. O Sr. Bounderby quer lhe falar. Você sabe onde ele mora, não é?”

Stephen disse “Sim” outra vez.

“Então vá direto para lá, está bem?”, disse Bitzer. “Você está sendo esperado, precisa apenas dizer ao criado quem é. Trabalho no banco; então, se for direto para lá, sem mim (me mandaram vir buscá-lo), vai me poupar da caminhada.”

Stephen, que ia na direção contrária, deu meia-volta e dirigiu-se, como se o dever o obrigasse, ao castelo de tijolos vermelhos do gigante Bounderby.

V

SERVOS E SENHORES

“Bem, Stephen”, disse Bounderby à sua maneira tempestuosa, “o que é isso que me contaram? O que aquelas pragas da terra fizeram a você? Entre e desembuche.”

Stephen foi conduzido à sala de visitas. A mesa do chá estava posta; e a jovem esposa do Sr. Bounderby, o irmão dela e um cavalheiro de Londres estavam presentes. Stephen fez as devidas reverências, fechou a porta e deteve-se perto dela, com o chapéu na mão.

“Este é o homem de quem lhe falava, Harthouse”, disse o Sr. Bounderby. O cavalheiro a quem se dirigia estava conversando com a Sra. Bounderby no sofá. Ele levantou-se e disse indolentemente: “Oh, é verdade?”, e caminhou preguiçosamente até a lareira, onde estava o Sr. Bounderby.

“Agora”, disse Bounderby, “desembuche!”

Após os quatro dias que passara, ser interpelado daquela maneira soava rude e dissonante aos ouvidos de Stephen. Além de ser um tratamento duro à sua mente ferida, parecia presumir que Stephen realmente era o desertor interesseiro que diziam que era.

“Senhor”, disse Stephen, “a que devo ter me mandado chamar?”

“Ora, já lhe disse”, respondeu Bounderby. “Fale tudo, como homem, já que é homem, e conte de você e daquele conchavo.”

“Peço-lhe desculpas, senhor”, disse Stephen Blackpool, “não tenho nada a dizer sobre isso.”

O Sr. Bounderby, que era sempre semelhante ao vento, ao achar ali algo que se interpunha em seu caminho, começou a soprar imediatamente.

“Ora, veja só, Harthouse”, disse ele, “aqui está um espécime deles. Quando este homem esteve em minha casa, alertei-o contra estranhos perniciosos que rondam por aí – e deveriam ser enforcados onde estivessem – e disse a este homem que ele estava tomando o rumo errado. Ora, você acredita que, embora esteja marcado, ele ainda é tão escravo deles que tem medo de abrir a boca?”

“Disse que não tinha nada a dizer, senhor, não que tinha medo de abrir a boca.”

“Você disse. Ah! Sei o que disse; mais do que isso, sei o que quis dizer. Não é sempre a mesma coisa, pelo rei Henrique! São coisas bem diferentes. É melhor que nos diga que aquele Slackbridge não está na cidade, incitando o povo ao motim; e que ele não é um líder qualificado do povo, isto é, um maldito canalha. É melhor que nos diga agora; você não pode me enganar. Você quer contar. Por que não conta?”

“Lamento tanto quanto o senhor quando os líderes do povo são maus”, disse Stephen, balançando a cabeça. “Eles aceitam esse tipo de oferta. Talvez não seja o menor dos infortúnios quando não conseguem o que querem.”

O vento começou a rugir.

“Ora, você pensará que é isso mesmo, Harthouse”, disse o Sr. Bounderby. “Pensará que já é o suficiente. Você dirá: ‘Por Deus, que belo espécime daquilo com que meus amigos têm de lidar’, mas não é nada disso, senhor! Você me ouvirá fazer uma pergunta a este homem. Por obséquio, Sr. Blackpool”, o vento erguia-se muito rápido, “posso tomar a liberdade de perguntar-lhe como aconteceu de o senhor recusar-se a participar daquele conchavo?”

“Como aconteceu?”

“Ah!”, disse Bounderby com os polegares sob as mangas do paletó, virando a cabeça e fechando os olhos, confidenciando para a parede: “Como aconteceu”.

“Prefiro não chegar a isso, senhor, mas já que me pergunta – e não quero ser mal-educado – responderei. Fiz uma promessa.”

“Não a mim, você sabe”, disse Bounderby (clima com rajadas e calmarias enganadoras. Uma delas prevalecia naquele momento).

“Oh, não, senhor. Não ao senhor.”

“Quanto a mim, qualquer consideração devida à minha pessoa não tem nada a ver com isso”, disse Bounderby, ainda fazendo confidências à parede. “Se o

assunto fosse Josiah Bounderby de Coketown, você teria se juntado a eles sem nenhuma hesitação?”

“Ora, sim, senhor. É a verdade.”

“Apesar de saber”, disse o Sr. Bounderby, soprando uma ventania, “que há uma corja de patifes e rebeldes para quem a expatriação seria pouco! Agora, Sr. Harthouse, o senhor tem andado pelo mundo há algum tempo. Já encontrou algo parecido com esse homem, nativo deste abençoado país?” E o Sr. Bounderby apontou Stephen para inspeção, com um dedo irado.

“Não, madame”, disse Stephen Blackpool, protestando contra as palavras que foram empregadas e dirigindo-se por instinto a Louisa, após ver seu rosto. “Nem rebeldes nem patifes. Nada disso, madame, nada disso. Eles não me fizeram nenhuma gentileza, madame, como sei bem e sinto. Mas não há uma dúzia de homens entre eles, madame – uma dúzia? Nem mesmo meia – que não acredite estar cumprindo seu dever com eles mesmos e com os outros. Deus não permita que eu, que os conheci e convivi com eles toda a vida – eu, que comi e bebi com eles, sentei com eles, trabalhei com eles e amei com eles –, deixe de defendê-los com a verdade, apesar do que fizeram contra mim!”

Falou com a honestidade áspera de seu caráter e de sua condição – aprofundada talvez por uma consciência orgulhosa de que era fiel à sua classe, mesmo sob a desconfiança dela; mas lembrou-se de onde estava e não levantou a voz.

“Não, madame, não. São fiéis uns aos outros, afetuosos uns com os outros, até a morte. Seja pobre entre eles, adoeça entre eles, sofra entre eles, por uma ou muitas das causas que levam o sofrimento para a porta dos pobres, e eles serão gentis com a senhora, delicados com senhora. Eles a confortarão como cristãos. Esteja certa disso, madame. Prefeririam ser cortados em pedaços a mudar.”

“Em resumo”, disse o Sr. Bounderby, “porque são tão cheios de virtudes, eles o abandonaram. Continue, já que começou. Diga!”

“Por que, madame”, continuou Stephen, parecendo ainda encontrar um refúgio natural no rosto de Louisa, “o melhor que temos em nós parece nos causar problemas, infortúnios e erros, eu não sei. Mas é assim. Sei disso como sei que o céu está acima de mim, além da fumaça. Somos pacientes também e, em geral, queremos fazer o que é certo. Não posso acreditar que a culpa seja toda nossa.”

“Agora, meu amigo”, disse o Sr. Bounderby, a quem Stephen não poderia exasperar mais, por mais inconsciente que fosse, do que exasperaria se apelasse

para qualquer outra pessoa, “se me conceder sua atenção por meio minuto, gostaria de lhe dizer uma palavra ou duas. Você acabou de dizer que não tinha nada a dizer sobre a questão. Está bastante certo disso, antes de seguirmos adiante?”

“Sim, senhor, tenho certeza.”

“Está presente aqui um cavalheiro de Londres”, o Sr. Bounderby apontou para o Sr. James Harthouse com o polegar, por cima do ombro. “Um cavalheiro do Parlamento. Quero que ele ouça um trecho do nosso diálogo, em vez de o resumo dele – porque sei muito bem sobre o que versará; ninguém sabe melhor do que eu, preste atenção! –, em vez de ouvir em confiança dos meus lábios.”

Stephen inclinou a cabeça para o cavalheiro de Londres e mostrou que estava com a mente mais conturbada do que o usual. Voltou os olhos sem querer para o refúgio anterior, mas, diante do olhar que vinha daquele quadrante (expressivo, embora instantâneo), fixou-os no rosto do Sr. Bounderby.

“Ora, qual é a sua queixa?”, perguntou o Sr. Bounderby.

“Não vim aqui, senhor”, lembrou Stephen, “para reclamar. Vim aqui para aquilo por que me mandaram buscar.”

“Do que”, repetiu o Sr. Bounderby, cruzando os braços, “o seu pessoal se queixa?”

Stephen olhou para ele, um pouco hesitante por um momento, e então pareceu decidir-se.

“Senhor, nunca fui bom em me expressar, mas acho que tenho minha parcela de experiência. Na verdade, estamos num lamaçal, senhor. Veja a cidade – rica como é – e veja o número de pessoas que foram trazidas para cá, para fiar e cardar, e fazer a vida como podiam, entre o berço e a sepultura. Veja como vivemos, onde vivemos, em que número, com que chances e sempre do mesmo jeito; e veja como as fábricas nunca param, e como o trabalho nunca nos leva a nenhum objetivo futuro – a não ser à morte. Veja como os senhores nos consideram, como escrevem sobre nós, falam sobre nós e vão em delegações às secretarias de Estado por nossa causa, e como estão sempre certos, e nós sempre errados. Nunca temos razão desde o dia em que nascemos. Veja como isso cresceu, senhor, como ficou cada vez maior, cada vez mais vasto, cada vez mais difícil, de ano para ano, de geração para geração. Quem pode ver tudo isso, senhor, e não dizer com justiça que é um lamaçal?”

“Está claro”, disse o Sr. Bounderby. “Agora talvez você possa dizer ao cavalheiro como limparia esse lamaçal (como gosta tanto de dizer).”

“Não sei, senhor. Não se pode esperar que eu saiba. Não sou eu quem se deveria procurar para isso, senhor. São aqueles que estão acima de mim, e do resto de nós. O que mais eles têm para fazer, senhor, a não ser isso?”

“Vou lhe dizer uma coisa sobre essa questão, de qualquer modo”, retorquiu o Sr. Bounderby. “Faremos exemplo de meia dúzia de Slackbridges. Apontaremos os crápulas e eles serão degredados para as colônias penais.”

Stephen balançou a cabeça solenemente.

“Não diga que não faremos, homem”, disse o Sr. Bounderby, soprando um furacão, “porque faremos, é o que digo!”

“Senhor”, respondeu Stephen com a tranquila confiança da certeza absoluta, “se o senhor pegasse cem Slackbridges – todos que existem e mais dez vezes esse número – e os enfiasse em sacos separados e afundasse no oceano mais profundo, criado antes mesmo da terra firme, o lamaçal continuaria onde está. Estranhos perniciosos!”, disse Stephen com um sorriso ansioso. “Quem nunca ouviu falar desses estranhos perniciosos, e estou certo de que ouvimos falar deles desde quando podemos nos lembrar! Não são *eles* que causam problemas, senhor. Não é com *eles* que os problemas começam. Não tenho nenhuma simpatia por eles – não tenho razão para ter –, mas é impossível e inútil pensar em tirá-los do ofício, em vez de tirar o ofício deles! Tudo que está aqui à minha volta, nesta sala, estava aqui antes de eu chegar e estará aqui depois que eu sair. Ponha aquele relógio num navio e mande-o para a Ilha de Norfolk, e o tempo passará da mesma maneira. O mesmo vai acontecer com Slackbridge, sem nenhuma diferença.”

Retornando por um momento ao antigo refúgio, Stephen percebeu um movimento de advertência nos olhos de Louisa, em direção à porta. Dando um passo para trás, pôs a mão na maçaneta. Mas ele não falara por sua própria vontade e disposição; e sentia no coração que era uma nobre retribuição ao tratamento injurioso que recebera ser fiel até o fim aos que o repudiaram. Permaneceu ali para terminar de dizer o que tinha em mente.

“Senhor, não posso, com a minha pouca educação e com os meus modos comuns, dizer ao cavalheiro como se pode melhorar tudo isso – embora alguns trabalhadores desta cidade possam, gente acima da minha capacidade –, mas posso dizer o que sei que nunca funcionará. Mão de ferro nunca funcionará. Vitória e triunfo nunca funcionarão. Concordar que um lado esteja sempre errado e o outro sempre certo não é natural e nunca funcionará. Nem deixar as coisas como estão. Deixe de lado milhares e milhares de pessoas, todas levando vidas

iguais e todas enfiadas no lamaçal, e elas serão como uma só, e os senhores serão como um só, com um mundo negro e intransponível separando os dois lados, pelo tempo – muito ou pouco – que pode durar essa infelicidade. Não se aproximar do povo com bondade, paciência e boa disposição, do mesmo modo como eles se aproximam uns dos outros diante de seus muitos problemas, e consolam uns aos outros diante de suas dificuldades, dando aquilo que eles mesmos precisam – como nenhum povo, creio humildemente, que o cavalheiro tenha visto em suas muitas viagens –, não funcionará, até que o sol congele. E, mais do que tudo, avaliá-los em cavalos de força e regulá-los como se fossem números em uma soma, ou máquinas: sem amores e vontades, sem memórias e inclinações, sem alma para se cansar e ter esperança – quando tudo está calmo, tratá-los como se não tivessem nada disso e, quando tudo se agita, condená-los pela falta desses sentimentos humanos ao lidar com os senhores –, nada disso funcionará, senhor, até que o trabalho de Deus seja desfeito.”

Stephen continuou parado com a mão na porta, esperando por algo mais que quisessem dele.

“Espere um momento”, disse o Sr. Bounderby, com o rosto excessivamente vermelho. “Disse-lhe, na última vez em que estive aqui com aquela sua queixa, que era melhor que você mesmo resolvesse a situação. Também lhe disse, se está lembrado, que eu sabia da questão da colher de ouro.”

“Eu mesmo não sabia nada dela, senhor, garanto-lhe.”

“Ora, está claro para mim”, disse o Sr. Bounderby, “que você é um daqueles sujeitos que têm sempre uma queixa. E sai por aí a semeá-la e colhê-la. É disso que se trata a *sua* vida, meu amigo.”

Stephen balançou a cabeça em mudo protesto de que sua vida se tratava de algo muito diferente.

“Veja, você é um sujeito tão atrevido, irritante e mal-educado”, disse o Sr. Bounderby, “que até mesmo os membros do seu sindicato, os homens que o conhecem melhor, não querem nada com você. Nunca pensei que aqueles sujeitos pudessem ter razão em alguma coisa; mas eu lhe digo! Pela primeira vez, eu concordo tanto com eles que também não quero *nada* com você.”

Stephen ergueu rapidamente os olhos na direção dele.

“Pode terminar o que está dizendo”, disse o Sr. Bounderby com um aceno significativo de cabeça, “e ir para outro lugar.”

“O senhor sabe bem”, disse Stephen, “que se eu não trabalhar para o senhor não vou conseguir trabalho em outro lugar.”

Esta foi a resposta: “O que eu sei, sei; e o que você sabe, sabe. Não tenho mais nada a dizer.”

Stephen olhou para Louisa outra vez, mas os olhos dela não se ergueram para ele. Ele suspirou e disse, em pouco mais do que um sussurro: “Deus nos ajude a todos neste mundo!”. E partiu.



“Deus nos ajude a todos neste mundo!”

VI ESVAECENDO

A escuridão caía quando Stephen saiu da casa do Sr. Bounderby. As sombras da noite acumularam-se tão rápido que ele não olhou em torno de si ao fechar a porta, mas seguiu de imediato para a calçada, arrastando os passos. Nada estava tão distante de seus pensamentos quanto a estranha velha que encontrara após sua primeira visita àquela casa, até que ouviu passos conhecidos atrás dele e, virando-se, viu Rachael acompanhada da velha.

Viu Rachael primeiro, assim como ouvira apenas a ela.

“Ah, Rachael, minha querida! Dona, estás com ela!”

“Bem, você deve estar surpreso, e com toda a razão, devo dizer”, disse a velha. “Estou aqui outra vez, veja você.”

“Mas com Rachael?”, disse Stephen, acompanhando seus passos para caminhar entre elas, e olhando de uma para a outra.

“Ora, encontrei esta boa moça do mesmo modo que encontrei você”, disse a velha alegremente, adiantando-se para responder. “Minha visita deste ano aconteceu mais tarde do que de costume, porque eu estava sofrendo de falta de ar e, por isso, adiei-a até que o tempo estivesse quente e seco. Pela mesma razão, não farei a viagem num dia só, mas em dois. Tenho um quarto para pernoitar no Café dos Viajantes (uma pensão boa e limpa) e amanhã pego o Parlamentar, às seis horas da manhã. Bem, mas o senhor deve estar se perguntando o que isso tem a ver com esta boa moça, e já lhe digo: ouvi falar do casamento do Sr. Bounderby. Li no jornal, e ali ele pareceu grandioso – muito lindo!” A velha demorava-se no assunto com um curioso entusiasmo. “Eu quis ver a esposa.

Ainda não a vi. Ora, o senhor consegue acreditar que ela não saiu daquela casa desde o meio-dia de hoje? De modo que, para não desistir dela assim tão fácil, estive esperando nas redondezas por um tempinho mais, quando passei perto desta boa moça duas ou três vezes; e, já que seu rosto era tão amigável, falei com ela, e ela comigo. Isso é tudo!”, disse a velha a Stephen. “O senhor pode adivinhar o resto mais rápido do que eu, se me permite dizer!”

Outra vez Stephen teve de conter a tendência instintiva de não gostar da velha, embora as maneiras dela fossem tão honestas e simples como poderiam ser. Com uma gentileza tão natural quanto sabia que era a de Rachael, ele voltou ao assunto que tanto interessava à velha.

“Bem, dona”, disse ele, “vi a dama, e ela é jovem e elegante. Tem belos olhos escuros e pensativos, Rachael, como nunca vi iguais.”

“Jovem e elegante. Sim!”, exclamou muito contente a velha. “Bonita como uma rosa! E que esposa feliz!”

“Sim, dona, suponho que sim”, disse Stephen com um rápido olhar de dúvida para Rachael.

“Supõe? Deve ser. É esposa do seu patrão”, retorquiu a velha.

Stephen assentiu com a cabeça. “Apesar de que patrão”, disse olhando outra vez para Rachael, “ele não seja mais. Terminou tudo entre mim e ele.”

“Você largou o emprego, Stephen?”, perguntou Rachael, rápida e ansiosamente.

“Bem, Rachael”, respondeu ele, “se larguei o emprego ou se o emprego me largou, não faz diferença. O emprego e eu estamos separados. Está bem assim – melhor, eu estava pensando antes de encontrá-las. Seria problema atrás de problema, se eu continuasse lá. Talvez eu ir embora seja um favor a muitos; talvez seja um favor a mim; de qualquer modo, é assim que tem de ser. Preciso dar as costas para Coketown, por enquanto, e buscar meu destino em outro lugar, querida. Começar tudo outra vez.”

“Para onde você vai, Stephen?”

“Hoje, não sei”, disse ele, erguendo o chapéu e alisando os cabelos finos com a palma da mão. “Mas não parto hoje, Rachael, nem amanhã. Não é muito fácil saber para onde vou, mas um bom coração há de vir até mim.”

Aqui também, o costume de pensar com altruísmo o auxiliou. Antes mesmo de fechar a porta do Sr. Bounderby, refletira que, ao menos, a obrigação de partir seria bom para ela, já que a pouparia de ser suspeita por não se afastar dele. Embora lhe pesasse abandoná-la, e embora não conseguisse imaginar lugar onde

não o perseguisse sua condenação, talvez fosse um alívio ser obrigado a afastar-se da provação dos últimos quatro dias, mesmo que fosse ao encontro de dissabores e dificuldades desconhecidos.

Então, ele disse a verdade: “Tem sido muito mais duro para mim, Rachael, do que eu poderia imaginar”. Ela não quis tornar seu fardo mais pesado. Respondeu com um sorriso consolador, e os três caminharam juntos.

A idade, especialmente quando luta para ser alegre e confiante, é muito admirada pelos pobres. A velha senhora era tão alegre e decente, e fazia tão pouco de suas enfermidades, embora tivessem piorado desde o último encontro com Stephen, que ele e Rachael interessaram-se por ela. Era animada demais para permitir que caminhassem mais devagar por sua causa, mas estava muito agradecida por ter com quem conversar, e disposta a conversar tanto quanto pudesse: assim, quando chegaram ao bairro onde moravam, a velha parecia mais cheia de energia e vivacidade do que nunca.

“Venha até o meu pobre lar, dona”, disse Stephen, “e beba uma xícara de chá. Rachael também virá; depois eu a levo em segurança à pensão dos Viajantes. Pode demorar, Rachael, até que eu tenha a chance de estar na sua companhia de novo.”

Elas concordaram, e os três seguiram até a casa em que Stephen se hospedava. Quando entraram na rua estreita, Stephen olhou para sua janela com um pavor que sempre assombrava seu lar desolado; mas a janela estava aberta, como ele a deixara, e não havia ninguém lá. O espírito maligno de sua vida fugira de novo, havia meses, e ele não ouvira mais falar dele. O único sinal de sua última passagem eram os poucos móveis que restaram em seu quarto e os cabelos mais brancos em sua cabeça.

Stephen acendeu a vela que pegou do diminuto armário de louças, apanhou água quente lá embaixo e trouxe pequenas porções de chá e açúcar, uma bisnaga e um pouco de manteiga da loja mais próxima. O pão estava fresco e crocante, a manteiga era nova, e o açúcar era em torrão, é claro – corroborando o testemunho dos magnatas de Coketown de que aquelas pessoas viviam como príncipes, sim, senhor. Rachael preparou o chá (um grupo tão grande de convidados exigiu que eles pedissem uma xícara emprestada) e a visitante o apreciou muito. Foi o primeiro vislumbre de vida social do anfitrião em muitos dias. Ele também, vendo o mundo como um imenso pântano, apreciou a refeição – corroborando mais uma vez os magnatas, como exemplo da total falta de prudência dessa gente, sim, senhor.

“Ainda não me ocorreu, dona”, disse Stephen, “perguntar seu nome.”

A velha senhora apresentou-se como: “Sra. Pegler”.

“Viúva, não?”, disse Stephen.

“Oh, de muitos e longos anos!” O marido da Sra. Pegler (um dos melhores de quem se tem notícia) já estava morto, segundo os cálculos da Sra. Pegler, quando Stephen nasceu.

“Má sorte, perder um marido tão bom”, disse Stephen. “E filhos?”

A xícara da Sra. Pegler, chocalhando contra o pires, denotava certo nervosismo. “Não”, ela disse. “Não agora. Não agora.”

“Morto, Stephen”, insinuou Rachael com suavidade.

“Lamento ter tocado no assunto”, disse Stephen. “Deveria ter cuidado para não abrir velhas feridas. A culpa é minha.”

Enquanto ele se desculpava, a xícara da velha senhora chocalhava mais e mais. “Tive um filho”, disse ela, estranhamente perturbada, mas não pela costumeira aparência de pesar, “e ele se saiu bem, maravilhosamente bem. Mas não falemos dele, por favor. Ele está...” Largando a xícara, ela moveu as mãos como se acrescentasse com um gesto: “Morto!”. Mas disse em voz alta: “Eu o perdi”.

Stephen ainda não se recuperara da dor que causara à velha senhora quando a senhoria subiu correndo a escada e, chamando-o à porta, sussurrou em seu ouvido. A Sra. Pegler não era surda, pois captou uma palavra assim que foi proferida.

“Boulderby!”, gritou com a voz abafada, saltando da cadeira. “Oh, esconda-me! Não deixe que ele me veja por nada deste mundo. Não deixe que ele suba até eu ir embora. Por favor! Por favor!” Ela tremia e estava muito agitada; escondeu-se atrás de Rachael, quando ela tentou acalmá-la e parecia não saber o que fazia.

“Calma, dona, calma!”, disse Stephen, espantado. “Não é o Sr. Boulderby, é a esposa dele. A senhora não tem a temer. Estava toda alvoroçada por causa dela, não faz uma hora.”

“Mas o senhor tem certeza de que é a dama e não o cavalheiro?”, perguntou a velha, ainda trêmula.

“Toda a certeza!”

“Bem, então peço que não fale comigo, nem mesmo repare em mim”, disse a velha. “Deixe-me quieta aqui neste canto.”

Stephen assentiu; olhou para Rachael à procura de uma explicação, que ela

foi incapaz de dar; apanhou a vela, desceu a escada e retornou pouco depois, guiando Louisa para dentro do quarto. Ela vinha acompanhada do moleque.

Rachael erguera-se e pusera-se de lado, com o xale e a touca na mão, enquanto Stephen, profundamente perplexo com a visita, punha a vela sobre a mesa. Então, ele próprio ficou parado, com a mão apoiada na mesa, esperando que se dirigissem a ele.

Pela primeira vez na vida, Louisa entrava na casa de uma das Mãos de Coketown; pela primeira vez na vida, encontrava-se diante de algo semelhante à individualidade daquelas pessoas. Sabia que existiam às centenas e milhares. Sabia dos resultados que se obtiveram do trabalho de certo número delas, em dado espaço de tempo. Sabia que existiam em grupos, passando a caminho de seus ninhos ou saindo deles, como formigas ou besouros. Porém, de suas leituras, sabia infinitamente mais sobre os hábitos dos insetos laboriosos do que sobre os hábitos daqueles homens e mulheres laboriosos.

Algo a ser trabalhado de certa maneira e a ser pago por certa quantia, e fim; algo a ser estabelecido de modo infalível pelas leis da oferta e da procura; algo que ia de encontro a essas leis e debatia-se em dificuldades; algo que apertava o orçamento quando o trigo encarecia e comia demais quando o trigo barateava; algo que se multiplicava de acordo com determinado índice e resultava em determinado índice de criminalidade, e em outro de miséria; algo que era comprado no atacado e rendia grandes fortunas; algo que, de vez em quando, agitava-se como o mar e causava danos e desperdícios (principalmente para ele mesmo) e de novo esmorecia; isso é o que ela sabia que eram as Mãos de Coketown. Mas nunca pensara em separá-las em unidades, assim como nunca pensara em separar o próprio mar nas gotas que o compunham.

Louisa deteve-se um instante, olhando em torno do quarto. Passando pelas poucas cadeiras, pelos poucos livros, pelas gravuras ordinárias e pela cama, seus olhos chegaram às duas mulheres, e a Stephen.

“Vim até aqui para falar-lhe, em razão do que aconteceu há pouco. Gostaria de ser-lhe útil, se me permite. Aquela é sua esposa?”

Rachael ergueu os olhos, e estes deram bem a entender que não, e novamente baixaram.

“Lembro-me”, disse Louisa, corando ao perceber o erro, “recordo-me agora de ter ouvido falar de seus infortúnios domésticos, embora não tenha atentado para os detalhes na ocasião. Não era minha intenção perguntar algo que pudesse causar dor a alguém aqui. Se eu vier a perguntar alguma coisa que possa levar a

esse resultado, perdoem, por favor, minha ignorância sobre o modo como devo lhes falar.”

Assim como Stephen se dirigira a ela por instinto, ela agora se dirigia a Rachael por instinto. Seus modos eram secos e bruscos, mas tímidos e hesitantes.

“Ele contou o que houve entre ele e meu marido? Você seria a primeira pessoa a quem ele recorreria, acredito.”

“Sei do resultado, senhora”, disse Rachael.

“Pelo que entendi, sendo rejeitado por um empregador, ele será rejeitado por todos. Foi isso mesmo que ele disse?”

“Há poucas chances, senhora, quase nenhuma, para alguém que tem má fama entre os empregadores.”

“E o que devo entender por má fama?”

“A fama de ser problemático.”

“Então ele é vítima dos preconceitos tanto de sua própria classe quanto da outra? As duas estão tão profundamente divididas que não há lugar entre elas para um trabalhador honesto?”

Rachael balançou a cabeça em silêncio.

“Ele tornou-se suspeito entre seus colegas tecelões”, disse Louisa, “porque fez a promessa de não se juntar a eles. Creio que fez essa promessa a você. Posso perguntar por quê?”

Rachael irrompeu em lágrimas: “Não pedi nada a ele, pobre homem. Implorei que evitasse problemas, para seu próprio bem, não pensei que eu seria a causa deles. Mas sei que Stephen morreria cem vezes antes de faltar a uma promessa. Sei que ele é assim.”

Stephen permaneceu calado e atento, na costumeira atitude pensativa, com a mão sobre o queixo. Agora falava com uma voz menos firme do que o usual.

“Ninguém, a não ser eu mesmo, sabe a veneração, o amor e o respeito que tenho por Rachael, ou por que motivo. Quando empenhei minha palavra, disse-lhe a verdade, que ela era o anjo da minha vida. Foi uma promessa solene. Feita para sempre.”

Louisa virou a cabeça na direção dele, e inclinou-a com uma deferência nova para ela. Olhou depois para Rachael, e suas feições se suavizaram. “O que vai fazer?”, perguntou a Stephen. E sua voz também se suavizara.

“Bem, madame”, disse Stephen, demonstrando otimismo com um sorriso, “quando tiver acabado o que tenho para fazer aqui, vou deixar estas bandas e

tentar a sorte em outras. Afortunado ou desafortunado, tudo que um homem pode fazer é tentar; não se consegue nada sem tentar – exceto se entregar e morrer.”

“Como vai viajar?”

“A pé, minha gentil senhora, a pé.”

Louisa corou, e uma bolsa apareceu em sua mão. Ouviu-se o ruje-ruje de uma cédula, enquanto era desdobrada e posta sobre a mesa.

“Rachael, por favor, diga a ele – você vai saber como, sem ofendê-lo – que dou esse dinheiro, de boa vontade, para ajudá-lo na viagem. Você pode convencê-lo a aceitar?”

“Não posso fazer isso, senhora”, respondeu ela, virando a cabeça para o lado. “Deus a abençoe por pensar com tanta ternura no pobre moço. Mas é ele quem sabe o que traz no coração, e o que é certo de acordo com ele.”

Louisa observou, em parte incrédula, em parte assustada e em parte com uma súbita simpatia, quando aquele homem tão controlado, que fora franco e firme na audiência com Bounderby, perturbou-se por um instante e ficou ali parado, com a mão escondendo o rosto. Louisa estendeu a dela, como se fosse tocá-lo; então se deteve e continuou imóvel.

“Nem mesmo Rachael”, disse Stephen, descobrindo o rosto, “poderia fazer uma oferta tão gentil. Para mostrar que não sou um homem ingrato e insensato, aceito duas libras. Vou tomá-las emprestadas. Será o trabalho mais doce aquele que me permitir reconhecer mais uma vez a minha eterna gratidão por esse gesto.”

Com satisfação, ela pegou de volta a nota e substituiu-a pela soma muito menor que Stephen mencionara. Ele não era cortês, ou elegante, ou pitoresco em nenhum aspecto; no entanto, a maneira como aceitou o dinheiro, e expressou sua gratidão, sem mais palavras, tinha uma graça que lorde Chesterfield não poderia ensinar ao filho nem em um século.

Tom sentara-se na cama, balançando uma perna e mastigando o castão da bengala com certa despreocupação até a visita chegar àquele estágio. Vendo que a irmã estava pronta para partir, levantou-se com pressa e disse:

“Apenas um momento, Loo! Antes de irmos, gostaria de falar com Blackpool por um instante. Me ocorreu uma coisa. Se for até lá embaixo comigo, Blackpool, digo-lhe o que é. Não é preciso vela, homem!” Tom ficou impaciente ao ver Stephen ir até o armário para apanhá-la. “Não preciso de luz.”

Stephen seguiu-o, e Tom fechou a porta do quarto, segurando a maçaneta.

“Veja!”, sussurrou ele. “Acho que posso lhe fazer um favor. Não me pergunte o que é, porque pode não dar em nada. Mas não há mal em tentar.”

Sua respiração, de tão quente, atingia o ouvido de Stephen como uma labareda.

“Foi nosso contínuo do banco”, disse Tom, “quem foi procurá-lo. Digo nosso contínuo porque também trabalho no banco.”

Stephen pensou: “Que pressa ele tem!”. Tom falava de modo confuso.

“Bem!”, disse. “Preste atenção! Quando pretende partir?”

“Hoje é segunda-feira”, respondeu Stephen, pensativo. “Ora, senhor, sexta ou sábado à noite.”

“Sexta ou sábado”, disse Tom. “Agora ouça bem! Não estou seguro de poder lhe fazer o favor que quero – aquela que está em seu quarto é minha irmã, saiba você –, mas talvez eu possa e, se puder, não haverá mal. Eu lhe direi. Você reconheceria nosso contínuo, se o visse outra vez?”

“Sim, claro”, disse Stephen.

“Muito bem”, retorquiu Tom. “À noite, quando sair do trabalho, entre hoje e o dia em que partir, passe algum tempo nas redondezas do banco, está bem? Uma hora, mais ou menos. Não chame atenção, como se pretendesse algo, se o contínuo o vir por ali; eu não o mandarei falar com você, a não ser que eu possa lhe prestar o serviço que quero. Nesse caso, ele terá uma mensagem ou um bilhete para você, e nada mais. Preste atenção! Está certo de que entendeu?”

Ele enfiara um dedo, no escuro, numa botoeira do casaco de Stephen, e agora retorcia aquela parte da roupa, de uma maneira extraordinária.

“Entendo, senhor”, disse Stephen.

“Preste atenção!”, repetiu Tom. “Assegure-se de que não cometerá nenhum erro, e não se esqueça. Contarei à minha irmã, a caminho de casa, o que tenho em mente, e ela aprovará, com certeza. Agora, preste atenção! Você concorda, não? Entendeu tudo? Muito bem, então. Vamos, Loo!”

Ele abriu a porta, enquanto a chamava, mas não entrou no quarto ou esperou para ser guiado à luz da vela pela escada estreita. Já estava lá embaixo quando ela começou a descer, e na rua antes que ela pudesse tomar-lhe o braço.

A Sra. Pegler permanecera em seu canto até que os irmãos tivessem partido e Stephen tivesse voltado com a vela na mão. Estava num estado de admiração inexprimível pela Sra. Bounderby e chorava como uma velha insensata porque “a jovem era tão meiga e bonitinha”. No entanto, a Sra. Pegler estava tão perturbada com a possibilidade de um eventual retorno do objeto de sua

admiração, ou da chegada de qualquer outra pessoa, que sua alegria terminara por aquela noite. Já era muito tarde também para pessoas que acordavam cedo e trabalhavam duro; assim, o grupo desfez-se; Stephen e Rachael escoltaram a misteriosa amiga até o Café dos Viajantes, onde se despediram dela.

Voltaram juntos até a rua onde Rachael morava e, quanto mais se aproximavam de lá, mais o silêncio caía sobre eles. Quando chegaram à esquina escura onde terminavam todos os seus raros encontros, detiveram-se, ainda em silêncio, como se ambos temessem falar.

“Vou fazer de tudo para ver-te outra vez antes de partir, Rachael. Mas, se eu não puder...”

“Sei que não vais poder, Stephen. É melhor sermos sinceros um com o outro.”

“Estás certa, como sempre. Assim é mais direto, e melhor. Estive pensando, Rachael, como faltam apenas alguns dias, é melhor para ti, minha querida, não ser vista comigo. Podes ter problemas, sem motivo.”

“Não é com isso que me preocupo, Stephen. Mas sabes do nosso velho acordo. É por ele.”

“Bem”, disse ele, “será melhor assim, de qualquer forma.”

“Tu escreverás e contarás tudo o que acontecer, Stephen?”

“Sim. O que mais posso dizer agora, se não que os Céus te guardem, que os Céus te abençoem, que os Céus sejam gratos e te recompensem?”

“Que possam abençoar-te também, Stephen, em todas as tuas andanças, e conceder-te paz e descanso, afinal!”

“Naquela noite, minha querida”, disse Stephen Blackpool, “disse que jamais veria ou pensaria em nada que me despertasse ira se tu, tão melhor do que eu, estivesses ao meu lado. Estás ao meu lado agora. Faze-me ver as coisas sob uma luz melhor. Deus te abençoe. Boa noite! Adeus!”

Essa cena não passou de uma despedida apressada numa rua ordinária e, ainda assim, foi uma lembrança sagrada para aquelas duas pessoas comuns. Economistas utilitaristas, esqueletos de professores, comissários dos fatos, infieis afetados e extenuados, tagarelas de muitos credos gastos, tereis sempre os pobres entre vós. Cultivai neles, enquanto é tempo, as máximas graças da imaginação e dos afetos, para adornar-lhes a vida que tanto precisa de adornos; ou, no dia de vosso triunfo, quando o romance for expulso de suas almas, e eles se encontrarem face a face com a existência nua, a Realidade tornar-se-á sanguinária, e dará cabo de vós.

Stephen trabalhou no dia seguinte, e no seguinte a ele, sem a alegria de uma palavra dirigida a ele, isolado em suas idas e vindas, como antes. Ao final do segundo dia, ele avistou terra; ao final do terceiro, seu tear ficou vazio.

Ficara mais de uma hora na rua, em frente ao banco, nas duas primeiras noites; nada acontecera de bom ou de mau. Para não negligenciar sua parte no acordo, resolveu esperar duas horas inteiras na terceira e última noite.

Lá estava a dama que fora governanta do Sr. Bounderby, sentada junto da janela do primeiro andar, onde Stephen já a vira antes; e lá estava o contínuo, ora conversando com ela, ora olhando pela persiana sob a qual se encontra o letreiro “Banco”, ora vindo à porta e parando nos degraus para tomar ar. Quando o contínuo saiu pela primeira vez, Stephen pensou que ele estivesse à sua procura e passou perto; mas Bitzer apenas lhe dirigiu de passagem um olhar inquieto e não disse nada.

Duas horas eram tempo demais para rondar, após um longo dia de trabalho. Stephen sentou-se no degrau de uma porta, encostado contra a parede sob o arco, passeou para cima e para baixo, ouviu o relógio da igreja, parou e observou as crianças que brincavam na rua. Ter um propósito ou outro é tão natural que qualquer um que esteja apenas vagando sente-se e parece diferente. Ao final da primeira hora, até mesmo Stephen começara a ter a desconfortável sensação de ser, por ora, um caráter reprovável.

Então chegou o encarregado de acender os lampiões e, com ele, duas linhas iluminadas que se estenderam rua abaixo, até se misturarem e se perderem na distância. A Sra. Sparsit fechou a janela do primeiro andar, baixou a persiana e subiu a escadaria. Uma luz subiu, acompanhando a dama, passando primeiro pela claraboia da porta e depois por duas janelas do poço da escadaria. Um canto da persiana foi erguido, como se o olho da Sra. Sparsit estivesse ali; e o outro canto também, como se o olho do contínuo estivesse daquele lado. Ainda assim, Stephen não recebeu nenhum sinal. Ao fim das duas horas, ele foi embora aliviado, dando passadas rápidas, como para compensar tanta vadiagem.

Tinha apenas de despedir-se de sua senhoria e deitar-se na cama improvisada no chão; a bagagem estava pronta, tudo estava arranjado para a partida. Pretendia estar longe da cidade muito cedo, antes que as Mãos saíssem para a rua.

Mal amanhecera, Stephen saiu, lançando um olhar de adeus para o quarto e pensando com tristeza se o veria outra vez. A cidade estava deserta, como se os moradores a tivessem abandonado apenas para não ter de falar com ele. Tudo

parecia pálido àquela hora. Mesmo o sol que despontava criava apenas uma lívida imensidão, como um mar triste.

Passando pelo lugar onde Rachael morava, embora não fosse seu caminho; pelas ruas de tijolos vermelhos; pelas enormes e silenciosas fábricas, que ainda não haviam começado a vibrar; pela estação de trem, onde as luzes de alerta desapareciam no dia que se fortalecia; pela louca vizinhança da estação, meio em pé e meio em ruína; por casas de campo de tijolos vermelhos, dispersas, onde sempre-vivas enfumaçadas pareciam polvilhadas com uma poeira suja, como se um desleixado tivesse acabado de cheirar rapé; por trilhas de poeira de carvão e muitos tipos de feiura, ele chegou ao topo da colina e olhou para trás.

O dia brilhava sobre a cidade, e tocavam os sinos do trabalho matinal. O fogo doméstico ainda não estava aceso, e as altas chaminés tinham o céu só para elas. Não demorariam a escondê-lo com suas baforadas venenosas; mas, por meia hora, algumas daquelas muitas janelas ficariam douradas, mostrando ao povo de Coketown um sol eternamente em eclipse, através de uma barreira de vidro enfumaçado.

Era tão estranho trocar as chaminés pelos pássaros. Era tão estranho ter a poeira da estrada debaixo dos pés, em vez do pó do carvão. Era tão estranho viver até aquela idade e começar tudo de novo, como um menino, naquela manhã de verão! Com esses pensamentos na mente, e com um fardo debaixo do braço, Stephen percorreu a estrada com olhos atentos. E as árvores erguiam-se diante dele, sussurrando-lhe que deixara para trás um coração fiel e amoroso.

VII PÓLVORA

O Sr. James Harthouse, ao “entrar” para seu partido de adoção, começou imediatamente a marcar pontos. Com a ajuda de um pouco mais de orientação dos sábios políticos, e de um pouco mais de indiferença polida perante a sociedade em geral, e com um controle tolerável da esperada honestidade na desonestidade, o mais efetivo e tolerado dos pecados mortais bem-educados, ele se tornou rapidamente uma grande promessa. Não se preocupar com a franqueza era um grande ponto a seu favor, pois lhe permitia levar o pessoal dos fatos concretos com boa graça, como se houvesse nascido na mesma tribo, e jogar ao mar todas as outras, acusando-as de hipócritas.

“Nas quais nenhum de nós acredita, minha cara Sra. Bounderby, e as quais não acreditam nelas mesmas. A única diferença entre nós e os que professam a virtude ou a benevolência, ou a filantropia – não importa o nome –, é que sabemos que tudo é insignificante e dizemos isso; eles também sabem disso, mas nunca dirão.”

Por que ela deveria chocar-se ou alarmar-se com essa confirmação? Aquilo não era tão diferente dos princípios de seu pai, e de sua educação, que pudesse surpreendê-la. Onde estava a grande diferença entre as duas escolas, se ambas a acorrentavam às realidades materiais e a inspiravam sem fé em nada? O que em sua alma James Harthouse poderia destruir que Thomas Gradgrind tivesse cultivado ali, desde a sua primeira inocência?

Era pior para ela naquele momento que houvesse em sua mente – plantada ali antes que seu eminentemente prático pai a houvesse formado – a disposição

contrária de crer numa humanidade mais vasta e mais nobre do que jamais conhecera, lutando constantemente contra as dúvidas e os ressentimentos. Contra as dúvidas, porque a aspiração fora perdida em sua juventude. Contra os ressentimentos, pelo mal que lhe fizeram, mesmo que este fosse, de fato, um indício da verdade. Para uma natureza acostumada a reprimir-se, portanto dividida e dilacerada, a filosofia de Harthouse era bem-vinda, como um alívio e uma justificação. Já que tudo era vazio e inútil, ela não perdera nada e não sacrificara nada. O que importa, perguntou ao pai, quando ele lhe propôs o marido. O que importa, perguntava ainda. Com uma confiança desdenhosa, perguntava-se: “O que importa tudo isso?” – e assim continuava a vida.

Rumo a quê? Passo a passo, para a frente e para baixo, rumo a um fim qualquer. Mas tão gradualmente que Louisa acreditava estar parada. Quanto ao Sr. Harthouse, que rumo seguia, ele não pensava nisso nem se importava. Não tinha planos ou projetos particulares: nenhuma energia perversa perturbava sua lassidão. Sentia-se tão entretido e interessado, no momento, quanto era adequado a um fino cavalheiro; talvez mais do que combinaria com sua reputação confessar. Logo após sua chegada, escrevera languidamente ao irmão, o honorável e jocosos parlamentar, que os Bounderby eram “muito divertidos”. E mais, que a senhora Bounderby, em vez da Górgona que ele esperava encontrar, era jovem e extraordinariamente bonita. Depois, não escrevera mais sobre eles e dedicara seus momentos de lazer àquela família. Aparecia com frequência, em seus passeios e visitas a Coketown e redondezas; e era encorajado pelo Sr. Bounderby. Combinava com os modos trovejantes do Sr. Bounderby gabar-se diante do mundo que *ele* não se importava com pessoas bem relacionadas, mas se sua esposa, a filha de Tom Gradgrind, importava-se, então que lhes fizesse companhia.

O Sr. James Harthouse começara a imaginar que seria uma sensação nova se o rosto que mudava tão lindamente na presença do moleque mudasse também por ele.

Ele era observador, tinha boa memória e lembrava-se de cada palavra das revelações do irmão. Entremeava com tudo que via na irmã e começara a entendê-la. Por certo, o melhor e mais profundo do caráter dela não estava ao alcance da percepção de Harthouse, porque, nos temperamentos, assim como nos mares, profundezas respondem a profundezas; mas ele começara a ler o restante com olhos de estudioso.

O Sr. Bounderby adquirira uma quinta a cerca de vinte quilômetros da

cidade, à qual se chegava após percorrer dois ou três quilômetros de uma linha férrea que galgava arcos e mais arcos construídos sobre uma região bravia, escavada por veios de carvão abandonados e marcada pelo fogo e pelas formas negras das locomotivas estacionadas na boca das minas. Essa região, que se amansava à medida que se aproximava do refúgio do Sr. Bounderby, estendia-se ali numa paisagem rústica, dourada de urzes, nevada de pilriteiros na primavera e tremulante de folhas e sombras durante todo o verão. O banco executara a hipoteca daquela propriedade tão agradavelmente localizada, empenhada por um magnata de Coketown que tomou um atalho mais curto do que o usual para a fortuna e endividara-se à razão de duzentas mil libras. Tais acidentes aconteciam às vezes com as famílias mais comedidas de Coketown, mas as falências não tinham nenhuma relação com as classes imprudentes.

Causava imensa satisfação ao Sr. Bounderby instalar-se nessa pequena e aconchegante propriedade e, com uma humildade exemplar, cultivar repolhos no jardim. Deleitava-o viver rústicamente entre móveis elegantes e intimidava os quadros com sua origem. “Ora, senhor”, dizia a um visitante, “contaram-me que Nickits”, o antigo proprietário, “pagou setecentas libras por esse Seabeach. Para ser sincero, se ao longo de toda a minha vida eu der sete olhadas para essa pintura, a cem libras a olhada, será o máximo que farei. Não, por São Jorge! Não esqueço que sou Josiah Bounderby de Coketown. Por muitos e muitos anos, as únicas pinturas que possuí, ou tive algum meio de possuir, sem roubar, foram as gravuras de um homem barbeando-se numa bota, das latas de graxa que eu, felicíssimo, costumava usar para engraxar botas, e que depois eu vendia por um tostão cada, quando muito!”

Então, dirigia-se ao Sr. Harthouse no mesmo estilo.

“Harthouse, você tem um par de cavalos. Traga mais meia dúzia, se quiser, e encontrará lugar para eles. Há espaço nos estábulos para uma dúzia de cavalos; e, se Nickits não for desmentido, ele tinha esse tanto. Uma dúzia inteira de cavalos, senhor. Quando era menino, ele frequentou a Escola de Westminster. Ele entrou para a Escola de Westminster como bolsista de Sua Majestade, enquanto eu vivia de lixo e dormia nas cestas do mercado. Ora, se eu quisesse ter uma dúzia de cavalos – e não quero, um é suficiente para mim –, não suportaria vê-los nas baias e pensar como era minha própria casa. Não conseguiria olhar para eles, senhor, sem expulsá-los. Mas as coisas mudam. Olhe para este lugar, você sabe que tipo de lugar é; sabe que não há lugar mais completo neste reino ou em qualquer outro – não importa onde –, e aqui, enfiado nisto tudo, como um

verme numa maçã, está Josiah Bounderby. Enquanto Nickits (segundo me contou um sujeito que esteve ontem no meu escritório), Nickits, que costumava se apresentar em latim nas peças da Escola de Westminster, com juízes e nobres aplaudindo até ficar com a cara roxa, está se aparvalhando – aparvalhando, senhor! – num quinto andar, numa ruela escura de Antuérpia.”

Foi entre as sombras frondosas daquele retiro, nos dias abafados de verão, que o Sr. Harthouse começou a testar o rosto que despertara sua curiosidade, na primeira vez, para tentar fazê-lo mudar por ele.

“Sra. Bounderby, considero um acaso bastante feliz encontrá-la aqui, sozinha. Tenho desejado muito lhe falar.”

Não fora por um prodigioso acaso que ele a encontrara. Louisa estava sempre só àquela hora do dia, e aquele lugar era seu refúgio preferido. Era uma clareira de um bosque escuro, onde jaziam alguns troncos de árvores e onde ela se sentava para observar as folhas do ano anterior, como observava as cinzas em casa.

Ele sentou-se ao seu lado, lançando um rápido olhar para o seu rosto.

“Seu irmão, meu jovem amigo Tom...”

A cor de seu rosto tornou-se mais viva, e ela voltou-se para ele com interesse. “Jamais em minha vida”, pensou ele, “vi algo tão notável e tão encantador como a luz desses traços!” O rosto dele traía seus pensamentos – talvez sem traí-lo, porque é provável que o tivesse instruído antes.

“Perdoe-me. A expressão de seu interesse fraterno é tão linda. Tom deveria orgulhar-se. Sei que é indesculpável, mas sinto-me compelido a admirá-la.”

“Sendo tão impulsivo”, disse ela calmamente.

“Não, Sra. Bounderby. A senhora sabe que não lhe escondo nada. Sabe que sou um exemplo sórdido da natureza humana, capaz de me vender a qualquer momento, por qualquer soma razoável, e absolutamente incapaz de qualquer gesto arcádico.”

“Aguardo”, retorquiu ela, “outras referências ao meu irmão.”

“A senhora é severa comigo, e mereço. Sou um cão tão indigno; não sou falso, no entanto – não sou falso. Mas a senhora surpreendeu-me e desviou-me do assunto, que era seu irmão. Interesse-me por ele.”

“O senhor interessa-se por alguma coisa, Sr. Harthouse?”, perguntou meio incrédula e meio grata.

“Se a senhora tivesse perguntado quando estive aqui pela primeira vez, diria que não. Devo dizer agora – mesmo correndo o risco de parecer desonesto e

causar-lhe uma incredulidade justificada – que sim.”

Ela fez um ligeiro gesto, como se tentasse falar, mas não encontrasse voz; disse por fim: “Sr. Harthouse, dou-lhe crédito por seu interesse por meu irmão.”

“Obrigado. Garanto-lhe que o mereço. A senhora sabe quão pouco posso garantir, mas chego até este ponto. A senhora tem feito tanto por ele, estima-o tanto; toda a sua vida, Sra. Bounderby, mostra uma abnegação tão encantadora a ele – perdoe-me novamente, estou me desviando do assunto. Estou interessado em Tom, porque quero ajudá-lo.”

Ela fez um gesto absolutamente ligeiro de levantar-se e ir embora. Harthouse mudou o rumo de suas palavras naquele instante e ela permaneceu.

“Sra. Bounderby”, recomeçou mais amavelmente e, no entanto, demonstrando um esforço mais expressivo do que o modo como se emendou, “não é crime irrevogável para um jovem na idade de seu irmão ser imprudente, insensato e esbanjador – um tanto dissoluto, para usar a expressão comum. Tom não é assim?”

“Sim.”

“Permita-me ser franco. A senhora acredita que ele joga?”

“Acredito que aposte.” Ao ver que o Sr. Harthouse esperava, como se ela não houvesse terminado, Louisa acrescentou: “Sei que aposta”.

“E, decerto, perde?”

“Sim.”

“Todos que apostam perdem. Devo entender que ocasionalmente a senhora lhe dê dinheiro para tais propósitos?”

Ela continuava sentada, olhando para baixo; porém, diante da pergunta, ergueu os olhos de maneira inquisitiva e um pouco ressentida.

“Releve a curiosidade impertinente, minha cara Sra. Bounderby. Acredito que Tom esteja se metendo em problemas, e quero estender uma mão amiga das profundezas da minha pecaminosa experiência. Devo dizer outra vez que quero ajudá-lo? É necessário?”

Ela pareceu tentar responder, mas nada saiu.

“Confesso-lhe sinceramente tudo que vivi”, disse James Harthouse, deslizando novamente, com a mesma aparência de esforço, para modos mais amenos. “Confio-lhe minhas dúvidas de que ele tenha alguma vantagem. Duvido que – perdoe-me a franqueza – exista uma confiança profunda entre ele e seu venerável pai.”

“Não creio”, disse Louisa, corando ao lembrar-se de sua própria experiência,

“que isso seja provável.”

“Ou entre ele e – estou certo de que posso confiar que entenderá perfeitamente o que quero dizer – seu muito estimado marido.”

Ela corou mais ainda, e estava escarlate quando respondeu com uma voz mais tênue: “Também não acho provável”.

“Sra. Bounderby”, disse Harthouse depois de um breve silêncio, “é possível existir mais confiança entre mim e a senhora? Tom tomou-lhe emprestada uma quantia considerável?”

“Entenda, Sr. Harthouse”, respondeu depois de certa hesitação – ela pareceu indecisa e perturbada durante a conversa, mas manteve os modos reservados –, “entenda que, se eu lhe contar o que insiste em saber, não será por queixa ou arrependimento. Eu jamais reclamaria de nada, e do que fiz não me arrependo nem um pouco.”

“Tão determinada também!”, pensou James Harthouse.

“Após me casar, descobri que meu irmão tinha dívidas pesadas, já naquela época. Pesadas para ele, quero dizer. Pesadas o suficiente a ponto de eu ter de vender algumas joias. Não foi nenhum sacrifício. Vendi-as de bom grado. Elas não tinham valor para mim. Eram-me inúteis.”

Ela viu no rosto de Harthouse que ele sabia, ou apenas temeu intimamente que ele soubesse, que ela se referia a alguns dos presentes de seu marido. Deteve-se e corou novamente. Se ele não sabia, agora saberia, ainda que fosse um homem muito mais estúpido do que era.

“Desde então, tenho dado ao meu irmão, em várias ocasiões, todo o dinheiro que posso dar; em resumo, todo o dinheiro que tenho. Ao revelar-lhe isso, confiando no interesse que diz ter por meu irmão, não posso fazê-lo pela metade. Desde que o senhor começou a frequentar esta casa, ele pediu-me, numa única ocasião, cem libras. Não pude dar-lhe. Temi pelas consequências de seu endividamento, mas guardei esse segredo até este momento, em que os confio à sua honra. Não os confessei a ninguém porque – o senhor adiantou-se às minhas razões agora há pouco.” Ela interrompeu-se abruptamente.

Harthouse era um oportunista. Naquele momento, viu e aproveitou a chance de apresentar a Louisa a imagem de si mesma, sob o tênue disfarce de seu irmão.

“Sra. Bounderby, embora eu seja um ímpio neste mundo terreno, asseguro-lhe que sinto o mais profundo interesse pelo que está me contando. Eu não poderia condenar Tom. Entendo e compartilho a sábia ponderação com que vê os erros de seu irmão. Com todo o respeito que tenho tanto pelo Sr. Gradgrind

quanto pelo Sr. Bounderby, creio que Tom não foi feliz em sua educação. Criado com desvantagem em relação à sociedade na qual ele deve desempenhar seu papel, lança-se por vontade própria a esses extremos a partir de extremos opostos aos quais ele é forçado há muito tempo – com as melhores intenções, sem dúvida. A boa e franca independência do Sr. Bounderby, embora seja um traço encantador, não inspira confiança, como temos de concordar. Se posso me atrever a observar que o mundo é muito pouco carente dessa sensibilidade a que se voltaria um jovem equivocado, de caráter mal compreendido e habilidades mal orientadas, em busca de amparo e orientação, terei expressado minha opinião.”

Louisa olhava fixamente à sua frente, através do brilho instável da grama até a escuridão do bosque além, mas Harthouse viu o efeito de suas palavras, pronunciadas com muita nitidez, no rosto da jovem.

“Todas as concessões”, continuou ele, “devem ser feitas. Contudo, vejo um grande defeito em Tom, que não posso perdoar, e cuja responsabilidade atribuo apenas a ele.”

Louisa olhou para ele e perguntou de que defeito falava.

“Talvez”, respondeu ele, “eu já tenha dito o suficiente. Talvez seja melhor para todos que nenhuma alusão me escape.”

“O senhor me assusta, Sr. Harthouse. Diga o que é.”

“Para livrá-la de uma apreensão desnecessária – e já que estabelecemos uma confiança mútua no que se refere ao seu irmão, que prezo acima de tudo –, obedecerei. Não posso perdoá-lo por não ser mais sensível, em cada palavra, em cada olhar e em cada gesto de sua vida, ao afeto de sua melhor amiga, à devoção de sua melhor amiga, ao altruísmo, ao sacrifício dela. A retribuição que ele lhe dá, pelo que posso observar, é muito pobre. O que ela fez por ele exige gratidão e amor constantes da parte dele, não mau humor e caprichos. Por mais descuidado que eu seja, não sou tão insensível, Sra. Bounderby, a ponto de ignorar esse vício de seu irmão, ou inclinar-me a considerá-lo um crime venal.”

O bosque flutuava diante dela, pois seus olhos estavam cheios de lágrimas. Elas transbordavam de um poço profundo, há muito tempo escondido, e seu coração enchia-se de uma dor pungente, que nem mesmo as lágrimas podiam aliviar.

“Em uma palavra, Sra. Bounderby, pretendo corrigir seu irmão. Agora que conheço melhor as circunstâncias, e com meus conselhos e minha orientação para que se livre delas – bastante valiosos, espero, já que vêm de um patife

muito maior –, poderei ter alguma influência sobre ele, e tudo que conseguir certamente usarei para esse fim. Eu já disse o suficiente, e mais do que o suficiente. Parece que quero mostrar que sou um bom sujeito, mas, dou-lhe minha palavra, não tenho nenhuma intenção de fazer isso, e digo francamente que não sou desse tipo. Lá longe, no meio das árvores”, acrescentou, após erguer os olhos e olhar à sua volta, pois até então havia olhado fixamente para Louisa, “está o próprio Tom; ele acabou de chegar, não há dúvida. Como parece vir nesta direção, talvez seja melhor caminharmos em sua direção e aparecermos em seu caminho. Ele tem estado muito triste e silencioso nos últimos tempos. Talvez lhe pese a consciência fraterna – se é que existem consciências. Embora eu ouça falar delas com frequência demais para acreditar que existam, palavra de honra!”

Ajudou Louisa a levantar-se. Ela deu-lhe o braço e os dois foram ao encontro do moleque. Tom batia preguiçosamente nos galhos quando passava; ou parava para arrancar perversamente o limo das árvores com a bengala. Surpreendeu-se ao vê-los, enquanto se dedicava a esse último passatempo, e sua cor mudou.

“Olá!”, gaguejou. “Não sabia que estavam aqui.”

“O nome de quem”, disse o Sr. Harthouse, pondo a mão no ombro de Tom e conduzindo-o de modo que agora os três caminhavam juntos em direção à casa, “você andou entalhando nas árvores?”

“O nome de quem?”, retorquiu Tom. “Oh! O senhor quer dizer o nome de que garota?”

“Você está com uma aparência suspeita de quem andou escrevendo o nome de uma linda criatura no tronco das árvores, Tom.”

“Nem tanto, Sr. Harthouse, a não ser que uma linda criatura com uma fortuna imensa se interessasse por mim. Ela podia até ser tão feia quanto rica, sem recear me perder. Eu entalharia seu nome sempre que ela quisesse.”

“Temo que você seja mercenário, Tom.”

“Mercenário”, repetiu Tom. “Quem não é? Pergunte à minha irmã.”

“Você está convencido de que esse seja o meu defeito, Tom?”, disse Louisa, sem demonstrar o descontentamento e a má índole dele.

“Você sabe se a carapuça lhe serve, Loo”, replicou o irmão, amuado. “Se lhe serve, pode vesti-la.”

“Tom está misantrópico hoje, como ficam às vezes os entediados”, disse o Sr. Harthouse. “Não acredite nele, Sra. Bounderby. Ele bem sabe. Revelarei

quais são as opiniões dele a respeito da senhora, ditas em particular, se ele não ceder um pouco.”

“De qualquer forma, Sr. Harthouse”, disse Tom, amolecido pela admiração que tinha por seu benfeitor, mas balançando a cabeça ainda amuado, “o senhor não pode dizer que a elogiei porque é uma mercenária. Posso tê-la elogiado pelo motivo contrário, e elogiaria outra vez, se tivesse boas razões. No entanto, deixe isso para lá; não interessa ao senhor, e já estou farto do assunto.”

Eles caminharam até a casa, e Louisa entrou, após soltar seu braço do braço do visitante. Este permaneceu ali, vigiando-a enquanto ela subia os degraus. Depois, pondo novamente a mão sobre o ombro de Tom, convidou-o com um discreto aceno de cabeça para andar pelo jardim.

“Tom, meu camarada, tenho algo a dizer-lhe.”

Haviam parado no meio de uma confusão de rosas – fazia parte da humildade do Sr. Bounderby conservar as rosas de Nickits numa escala reduzida – e Tom sentou-se no parapeito do terraço, colhendo botões e despedaçando-os; seu poderoso gênio familiar permaneceu em pé, com um pé no parapeito e o resto do corpo descansando sobre o braço apoiado no joelho. Eles podiam ser vistos da janela de Louisa. Talvez ela os estivesse vendo.

“Qual é o problema, Tom?”

“Oh, Sr. Harthouse”, disse Tom com um gemido. “Estou liso e mortalmente entediado.”

“Eu também, meu camarada.”

“O senhor!”, retorquiu Tom. “O senhor é a independência em pessoa, Sr. Harthouse. Estou metido numa tremenda confusão. O senhor não faz ideia do estado em que me encontro – estado do qual minha irmã poderia me salvar, se quisesse.”

Ele começou a morder os botões das rosas e a puxá-los com uma mão que tremia como se pertencesse a um velho doente. Após lançar-lhe um olhar extremamente observador, seu companheiro retomou um ar mais leve.

“Tom, você é um ingrato: espera demais da sua irmã. Ela lhe deu dinheiro, seu cão, você sabe que deu.”

“Sim, Sr. Harthouse, eu sei que deu. Senão como o conseguiria? O Sr. Bounderby está sempre se gabando de que, na minha idade, vivia com vinte centavos por mês, ou algo assim. Meu pai vive desenhando o que chama de ‘linha’ e me amarrando do pescoço aos calcanhares com ela, desde que eu era um bebê. Minha mãe nunca teve nada que fosse dela mesma, a não ser suas

queixas. *Como* um sujeito pode arranjar dinheiro, e onde poderia procurá-lo, senão com a própria irmã?”

Estava quase chorando e espalhava botões às dúzias. O Sr. Harthouse pegou-o persuasivamente pelo casaco.

“Mas, meu caro Tom, se sua irmã não tem o dinheiro...”

“Não tem, Sr. Harthouse? Não digo que tenha. Talvez eu tenha pedido mais do que ela tinha. Mas ela deveria ter conseguido. Poderia ter conseguido. Agora é inútil fazer segredo do problema, depois do que lhe contei; o senhor sabe que ela não se casou com o velho Bounderby por vontade própria, ou por causa dele, mas por minha causa. Então por que ela não consegue dele o que eu quero, por minha causa? Ela não precisa dizer o que vai fazer com o dinheiro; ela é muito esperta; poderia convencer Bounderby a lhe dar o que quisesse. Por que não o convence então, se eu já lhe disse como é importante? Não! Fica parada ao lado dele, como uma pedra, ao invés de ser agradável e conseguir mais fácil o dinheiro. Não sei como o senhor chamaria isso, mas eu chamo de comportamento antinatural.”

Havia um pequeno lago ornamental do outro lado do parapeito, no qual o Sr. James Harthouse sentiu-se fortemente propenso a jogar o Sr. Thomas Gradgrind filho, como os empresários de Coketown ameaçavam jogar suas propriedades no Atlântico. Mas manteve a atitude despreocupada, e nada mais sólido voou por cima da balaustrada do que um conjunto dos botões de rosas que agora flutuava no lago, como uma ilha.

“Meu caro Tom”, disse Harthouse, “permita-me ser seu banqueiro.”

“Pelo amor de Deus”, replicou Tom, “não me fale de banqueiros!” E parecia muito branco em contraste com as rosas. Muito branco.

O Sr. Harthouse, um homem de berço, acostumado à melhor sociedade, não poderia surpreender-se – poderia, sim, sentir-se atingido –, mas ergueu as sobrancelhas um pouco mais, como se tivessem sido erguidas por um leve toque de imaginação. Embora imaginar fosse contra os preceitos de sua escola, como era contra a doutrina da Faculdade Gradgrind.

“De quanto está precisando, Tom? Três algarismos? Vamos lá. Diga quanto.”

“Sr. Harthouse”, respondeu Tom, agora chorando de fato, e suas lágrimas eram melhores que suas feridas, por mais lamentável que fosse sua figura, “é tarde demais. O dinheiro não me serve de nada neste momento. Devia tê-lo conseguido antes. Mas agradeço muito; o senhor é um amigo de verdade.”

Amigo de verdade! “Moleque, moleque!”, pensou o Sr. Harthouse

indolentemente. “Que asno você é!”

“E considero sua oferta uma grande gentileza”, disse Tom, apertando-lhe a mão. “Uma grande gentileza, Sr. Harthouse.”

“Bem”, respondeu o outro, “em breve poderá ser mais útil. E, meu bom amigo, se tiver a bondade de contar-me seus tormentos, quando o peso deles cair sobre você, talvez eu possa mostrar-lhe maneiras melhores de livrar-se deles.”

“Obrigado”, disse Tom, balançando a cabeça desconsolado e mascando botões de rosa. “Gostaria de ter lhe conhecido antes, Sr. Harthouse.”

“Veja bem, Tom”, disse o Sr. Harthouse para concluir, e lançou uma rosa ou duas para contribuir para a ilha, que vagava em direção à beirada, como se quisesse tornar-se parte do continente, “todo homem é egoísta em tudo que faz, e não sou diferente dos meus semelhantes. Desejo desesperadamente” – e o langor de seu desespero era bastante tropical – “que você trate melhor a sua irmã – coisa que você deveria fazer – e que você seja um irmão mais amoroso e afável – coisa que você deveria ser.”

“Serei, Sr. Harthouse.”

“Não há melhor momento que o presente, Tom. Comece de imediato.”

“Prometo. E minha irmã Loo confirmará.”

“Feita essa barganha, Tom”, disse Harthouse, pondo a mão outra vez em seu ombro com um ar que lhe dava a liberdade de concluir – como fez o pobre tolo – que tal condição lhe era imposta por mera bondade inocente, para aliviar seu sentimento de obrigação, “separemo-nos até a hora do jantar.”

Quando Tom apareceu para o jantar, seu corpo estava alerta, embora sua mente parecesse pesada; e ele apareceu antes do Sr. Bounderby. “Eu não queria lhe zangar, Loo”, disse ele, dando-lhe a mão e beijando-lhe o rosto. “Sei que gosta de mim, e sabe que gosto de você.”

Depois disso, um sorriso dedicado a outra pessoa pairou no rosto de Louisa naquela noite. Lamentavelmente, a outra pessoa!

“O moleque não é a única criatura com quem ela se importa”, pensou James Harthouse, invertendo o pensamento que teve quando conheceu o belo rosto de Louisa. “Não é, Não é.”



“Sra. Bounderby, considero um acaso bastante feliz encontrá-la aqui, sozinha. Tenho desejado muito lhe falar.”

VIII EXPLOSÃO

A manhã seguinte foi luminosa demais para continuar dormindo, e James Harthouse levantou-se cedo. Sentou-se no parapeito da grande e aprazível janela de seu quarto, fumando o excelente tabaco que tivera influência tão salutar sobre seu jovem amigo. Recostado sob a luz do sol e envolvido pela fragrância de seu cachimbo oriental, enquanto a fumaça sonhadora sumia no ar, tão rica e suave com os perfumes do verão, ele calculou suas vantagens como um jogador preguiçoso conta seus ganhos. Não se sentia nem um pouco entediado e podia dedicar seus pensamentos à questão.

Estabelecera uma confiança com Louisa da qual estava excluído seu marido. Estabelecera uma confiança com ela que se nutria da indiferença dela em relação ao marido e da ausência, agora e sempre, de qualquer compatibilidade entre eles. Garantira-lhe de maneira simples, porém astuta, que conhecia os últimos e mais delicados recônditos de seu coração; aproximara-se dela por intermédio de seus sentimentos mais afetuosos, associara-se a esses sentimentos e degelara a barreira por trás da qual Louisa vivia. Tudo muito peculiar e muito satisfatório!

E, no entanto, mesmo naquele momento, não havia nele nenhuma maldade proposital. Em público, e em particular, era preferível, para a época em que vivia, que ele e a laia a que pertencia fossem intencionalmente maus a que fossem indiferentes e sem nenhum propósito. São os *icebergs* à deriva que, acomodando-se a qualquer corrente, em qualquer lugar, afundam os navios.

Quando o Demônio caminha como um leão rugidor, ele não atrai muito mais do que selvagens e caçadores. Mas quando caminha com garbo, elegância e

verniz, segundo a moda; quando se cansa do vício e da virtude, aborrece-se com o Enxofre e a Graça e serve à burocracia ou ao caos, ele é o próprio Demônio.

Assim, James Harthouse reclinou-se na janela, fumando preguiçosamente e avaliando os passos que dera na estrada em que, por acaso, viajava. O fim estava diante dele, mas ele não se dava o trabalho de fazer planos. O que será será.

Como faria uma longa viagem naquele dia – pois tinha um evento público para “fazer”, num local distante, que lhe daria a oportunidade de representar os homens Gradgrind –, vestiu-se cedo e desceu para o desjejum. Estava ansioso para ver se Louisa recuara desde a noite anterior. Não. Ele continuou de onde parara. Havia novamente um olhar de interesse por ele.

Passou o dia tão (ou tão pouco) satisfeito quanto se poderia esperar naquelas circunstâncias fatigantes; e retornou, a cavalo, às seis horas da tarde. Havia um trecho de mais ou menos um quilômetro entre a guarita e a casa, e ele seguia a trote pelo cascalho macio que certa vez pertencera a Nickits. Nisso, o Sr. Bounderby irrompeu do meio dos arbustos com tal violência que o cavalo de Harthouse assustou-se e empacou na estrada.

“Harthouse!”, gritou o Sr. Bounderby. “Você já ouviu?”

“Ouvi o quê?”, disse Harthouse, acalmando o cavalo e obsequiando secretamente o Sr. Bounderby com adjetivos não muito elogiosos.

“Então você não ouviu!”

“Ouvi você, assim como o ouviu este cavalo. Não ouvi nada mais.”

O Sr. Bounderby, vermelho e afogeuado, plantou-se no meio do caminho, na frente do cavalo, para obter o máximo efeito quando detonasse a bomba.

“O banco foi roubado!”

“Não pode ser!”

“Roubado ontem à noite. Roubado da maneira mais extraordinária. Roubado com uma chave falsa.”

“Levaram muito dinheiro?”

O Sr. Bounderby, desejando aproveitar ao máximo a situação, parecia mortificado por ser obrigado a responder: “Não, não muito. Mas poderia ter sido.”

“Quanto?”

“Oh! No total – se você faz questão de saber – não mais do que cento e cinquenta libras”, disse Bounderby com impaciência. “Mas não se trata da quantia, trata-se do fato. O fato de que o banco foi roubado é a circunstância que importa. Estou surpreso de que não perceba isso.”

“Meu caro Bounderby”, disse James, apeando e entregando as rédeas ao criado. “É *claro* que percebo, e estou tão estupefato quanto espera que eu esteja, pelo espetáculo oferecido à minha visão mental. Ainda assim, espero que me permita felicitá-lo – o que faço com toda a minha alma, tenha certeza – por não ter sofrido perda maior.”

“Obrigado”, replicou Bounderby de modo lacônico e desagradável. “Mas o que digo é que poderiam ter sido vinte mil libras.”

“Suponho que sim.”

“Supõe que sim! Por Deus, *poderia* supor. Por São Jorge!”, disse o Sr. Bounderby com vários e ameaçadores balanços e acenos de cabeça. “Poderia ter sido duas vezes vinte. Não há como saber o que seria, ou o que não seria, por assim dizer, se os empregados não tivessem ouvido nada.”

Louisa chegara, e a Sra. Sparsit, e Bitzer.

“Aqui está a filha de Tom Gradgrind, que sabe muito bem quanto poderia ter sido, se você não sabe”, vociferou Bounderby. “Desabou, senhor, como se tivesse sido alvejada, quando lhe contei! Nunca a vi fazer tal coisa antes. Um mérito dela em tais circunstâncias, na minha opinião!”

Ela ainda parecia atordoada e pálida. James Harthouse implorou que lhe tomasse o braço; e, enquanto andavam devagar, perguntou-lhe como o roubo fora cometido.

“Ora, eu mesmo posso contar”, disse Bounderby, irritado e dando o braço à Sra. Sparsit. “Teria começado a contar antes, se você não tivesse cismado tanto com a quantia roubada. Você conhece esta dama (porque ela é *realmente* uma dama), a Sra. Sparsit?”

“Já tive a honra de...”

“Muito bem. E este jovem, Bitzer, você também o viu na mesma ocasião?” O Sr. Harthouse assentiu com a cabeça, e Bitzer bateu continência.

“Muito bem. Eles moram no banco. Talvez já soubesse que eles moram no banco? Muito bem. Ontem à tarde, no fim do expediente, tudo foi trancado como de costume. Na caixa-forte, diante da qual dorme este jovem sujeito aqui, havia não importa quanto. No pequeno cofre do armário do jovem Tom, cofre que usamos para bagatelas, havia cento e cinquenta e poucas libras.”

“Cento e cinquenta e quatro libras e setenta e um centavos”, disse Bitzer.

“Ora, vamos!”, retorquiu Bounderby, detendo-se para dar meia-volta e olhar para ele, “não temos tempo para as *suas* interrupções. Já basta ter sido roubado enquanto você roncava porque estava confortável demais, para ainda ser

corrigido pelos *seus* setenta e um centavos. Eu não roncava quando tinha a sua idade, garanto-lhe. Não comia o suficiente para roncar, e não interrompia os outros com setenta e um centavos. Ainda que eu soubesse.”

Bitzer bateu continência furtivamente e pareceu, ao mesmo tempo, impressionado com aquele último exemplo da abstinência moral do Sr. Bounderby.

“Cento e cinquenta e poucas libras”, retomou o Sr. Bounderby. “Esse dinheiro o jovem Tom tinha trancado em seu cofre. Um cofre não muito forte, mas isso não importa agora. Tudo foi deixado em ordem. Em algum momento durante a noite, enquanto este jovem sujeito roncava – Sra. Sparsit, madame, a senhora diria que o ouviu roncar?”

“Senhor”, respondeu a Sra. Sparsit, “não posso dizer que o ouvi roncar, propriamente, e, portanto, não farei tal afirmação. Mas, em noites de inverno, quando adormece diante de sua mesa, já ouvi o que prefiro descrever como um engasgo parcial. Já ouvi Bitzer, em certas ocasiões, emitir sons de natureza similar àqueles que se podem ouvir, às vezes, em relógios cucos. Não”, disse a Sra. Sparsit, com a elevada intenção de oferecer evidências estritas, “que isso implique qualquer mácula em seu caráter moral. Longe disso. Sempre considereí Bitzer um jovem de princípios corretíssimos; e peço-lhe que aceite meu testemunho disso.”

“Bem!”, disse o exasperado Bounderby, “enquanto ele estava roncando, *ou* engasgando, *ou* cantando como um cuco, *ou* isso *ou* aquilo – enfim, enquanto dormia –, alguns sujeitos, que não se sabe se já estavam escondidos no prédio ou não, chegaram ao cofre do jovem Tom, forçaram-no e arrebataram-lhe o conteúdo. Quando foram interrompidos, escaparam pela porta principal, trancando-a novamente (estava trancada à chave, e esta se encontrava sob o travesseiro da Sra. Sparsit) com uma chave falsa, encontrada numa rua perto do banco, por volta do meio-dia de hoje. Nenhum alarme foi dado, até que este cidadão, Bitzer, acordou pela manhã e começou a abrir e preparar o escritório para o expediente. Então, ao olhar para o cofre de Tom, viu que a porta estava entreaberta, a tranca forçada e o dinheiro desaparecido.”

“Onde está Tom, a propósito?”, perguntou Harthouse, olhando em torno.

“Está ajudando a polícia”, disse Bounderby, “e ficou no banco. Gostaria que os tais sujeitos tivessem tentado me roubar quando eu tinha a idade de Tom. Ficariam sem um tostão, se tivessem investido dez centavos no trabalho. Isso eu garanto.”

“Há suspeitos?”

“Se há suspeitos? Por certo que há suspeitos. Irra!”, disse Bounderby, soltando o braço da Sra. Sparsit para enxugar a cabeça acalorada. “Não se saqueia Josiah Bounderby de Coketown sem que haja suspeitos. Não, obrigado!”

O Sr. Harthouse poderia perguntar quem era suspeito?

“Bem”, disse Bounderby, detendo-se e olhando à sua volta para confrontá-los, “eu lhe digo. Não mencionem isso em qualquer lugar. Não mencionem isso em lugar nenhum, de modo que os patifes (é um bando) sejam pegos de surpresa. Assim, guardem segredo. Espere um pouco”, disse o Sr. Bounderby enxugando a cabeça outra vez. “O que você diria se”, e aqui ele explodiu violentamente, “uma das Mãos estivesse envolvida?”

“Espero”, disse Harthouse indolentemente, “que não seja nosso amigo Blackpot?”

“Pool, não Pot”, retorquiu Bounderby. “Pois é ele mesmo.”

Louisa proferiu algumas débeis palavras de surpresa e incredulidade.

“Oh, sim! Eu sei!”, disse Bounderby, agarrando a oportunidade. “Eu sei! Estou acostumado com isso. Sei tudo sobre isso. São as melhores pessoas do mundo. Têm o dom da prosa, e como têm! Apenas querem que lhes expliquem seus direitos, apenas isso. Mas digo-lhes uma coisa. Mostrem-me uma Mão insatisfeita, e eu lhes mostro um homem disposto a qualquer maldade. Não importa de que tipo.”

Outra ficção muito popular em Coketown, cuja disseminação havia requerido certo esforço – e na qual algumas pessoas acreditavam de fato.

“Mas conheço essa gente”, disse Bounderby. “Posso lê-los como livros. Sra. Sparsit, madame, apelo para a senhora. Que aviso dei àquele sujeito, na primeira vez em que ele pôs os pés na minha casa, quando o objetivo expresso de sua visita era saber como arruinar a religião e derrubar a Igreja estabelecida? Sra. Sparsit, no que se refere às boas relações, a senhora está no mesmo nível da aristocracia – eu disse ou não disse àquele sujeito ‘Você não pode esconder a verdade de mim: você não é o tipo de sujeito de quem eu goste; não pode vir nada de bom de você?’”

“Certamente, senhor”, retorquiu a Sra. Sparsit. “O senhor lhe fez essa reprimenda de um modo muito impressionante.”

“Quando ele a ofendeu, madame,” disse Bounderby, “quando ofendeu seus sentimentos?”

“Sim, senhor”, respondeu a Sra. Sparsit, balançando mansamente a cabeça,

“ele me ofendeu, por certo. Embora eu deva dizer que meus sentimentos são mais frágeis em tais aspectos – mais tolos, se preferir o termo – do que seriam se eu tivesse sempre ocupado a minha atual posição.”

O Sr. Bounderby encarou o Sr. Harthouse com um orgulho transbordante, como se dissesse: “Sou dono dessa mulher, e ela é digna da sua atenção”. Então retomou o discurso.

“Você mesmo pode lembrar-se, Harthouse, do que eu disse a ele, quando você o conheceu. Não medi palavras diante dele. Nunca vacilo diante deles. Conheço-os. Muito bem, senhor. Três dias depois, ele sumiu. Foi-se, ninguém sabe para onde: como fez a minha mãe quando eu era bebê – com apenas uma diferença: ele é um elemento pior do que a minha mãe, se isso é possível. O que fez antes de partir? O que você diria”, o Sr. Bounderby, com o chapéu na mão, batia na copa dele a cada pequena pausa de suas frases, como se tocasse um pandeiro, “se eu lhe dissesse que ele foi visto – noite após noite – vigiando o banco? Espreitando as redondezas, depois do anoitecer? Chamando a atenção da Sra. Sparsit, porque não devia estar ali com boas intenções? Chamando a atenção de Bitzer, e ambos o notaram? E que hoje apareceu no inquérito que os vizinhos também o notaram?” Tendo chegado ao clímax, o Sr. Bounderby, como um dançarino oriental, enfiou de novo o pandeiro na cabeça.

“Suspeito”, disse James Harthouse. “Certamente.”

“Assim penso eu, senhor”, disse Bounderby, com um aceno de cabeça desafiador. “Assim penso eu. Mas há mais deles envolvidos. Há uma velha. Nunca se sabe dessas coisas até que o mal esteja feito; encontramos toda sorte de defeitos na porta do estábulo depois que o cavalo é roubado; agora surgiu essa velha. Uma velha que parece vir de quando em quando à cidade montada numa vassoura. Vigiou o lugar um dia inteiro antes de o sujeito aparecer e, na noite em que você o conheceu, *ela* esgueirou-se com ele, e suponho que tenham se encontrado para que a velha apresentasse seu relatório, depois de terminar seu turno, e caísse no mundo.”

Essa pessoa estava no quarto, naquela noite, e esquivou-se deles, pensou Louisa.

“Há mais deles, e alguns nós já conhecemos”, disse Bounderby, com muitos acenos de significado secreto. “Mas eu já disse o suficiente por ora. Tenham a bondade de guardar silêncio e não mencionar isso a ninguém. Pode demorar, mas vamos apanhá-los. O procedimento da polícia é dar-lhes corda, e não há objeção a isso.”

“Está claro que serão punidos com o máximo rigor da lei, como se lê nos boletins”, replicou James Harthouse, “e merecem ser. Gente que rouba bancos deve arcar com as consequências. Se não houvesse consequências, todos roubaríamos bancos.” Gentilmente tirara a sombrinha das mãos de Louisa e a segurava para ela, que caminhava sob sua sombra, embora o sol não brilhasse ali.

“No momento, Loo Bounderby”, disse seu marido, “aqui está a Sra. Sparsit, de quem devemos cuidar. Os nervos da Sra. Sparsit foram afetados por esse caso, e ela ficará aqui um dia ou dois. Assegure-se de que fique confortável.”

“Muito obrigada, senhor”, observou a discreta dama, “mas imploro que não se preocupe com o meu conforto. A mim, qualquer coisa serve.”

Logo ficou claro que, se havia uma falha na Sra. Sparsit em relação àquele estabelecimento doméstico, era o excessivo descuido com ela própria e o excessivo cuidado com os outros, a ponto de tornar-se um incômodo. Quando viu seu quarto, ficou tão comovida com o conforto que insinuou preferir passar a noite na calandra da lavanderia. Era verdade que os Powlers e os Scadgers estavam acostumados ao esplendor, “mas é meu dever lembrar-me”, gostava de observar a Sra. Sparsit com uma graça ativa, em particular quando alguma das domésticas estava presente, “de que não sou quem fui um dia. Na verdade”, dizia ela, “se eu pudesse apagar a lembrança de que o Sr. Sparsit foi um Powler, ou de que eu mesma pertença à família Scadgers; ou se eu pudesse anular esse fato e me tornar uma pessoa de ascendência comum e relações ordinárias, eu o faria de bom grado. Seria o correto, nessas circunstâncias”. O mesmo estado de espírito eremítico levou-a a renunciar aos pratos elaborados e aos vinhos durante o jantar, até que o Sr. Bounderby ordenou que se servisse deles. Quando disse “O senhor é de fato muito gentil”, abandonou a resolução que tomara de maneira muito pública e formal de “esperar pelo jantar dos criados”. Da mesma forma, desculpou-se contritamente por pedir o sal; e, sentindo-se afavelmente obrigada a confirmar o testemunho do Sr. Bounderby a respeito de seu sistema nervoso, às vezes recostava-se na cadeira e chorava em silêncio; nessas ocasiões, podia-se observar (ou melhor, era-se obrigado a observar, pois ela fazia questão da atenção pública) uma grossa lágrima rolando por seu nariz romano.

Porém, o grande objetivo da Sra. Sparsit, o primeiro e último, era sua determinação a compadecer-se do Sr. Bounderby. Havia ocasiões em que, ao olhar para ele, sentia-se involuntariamente compelida a balançar a cabeça, como quem dizia: “Ai, pobre Yorick!”. Após se permitir trair esses sinais de emoção,

ela forçava uma animação luminosa e uma alegria espasmódica e dizia: “Vejo que o senhor ainda mantém a boa disposição, graças aos Céus”, e parecia louvar o fato como se o Sr. Bounderby suportasse uma dispensação divina. Uma idiossincrasia pela qual ela se desculpava com frequência e achava difícil de superar. Tinha a curiosa propensão a chamar a Sra. Bounderby de “Srta. Gradgrind” e ceder a ela sessenta ou setenta vezes durante a noite. A repetição do erro enchia a Sra. Sparsit de modesta confusão; mas, de fato, dizia ela, parecia tão natural dizer Srta. Gradgrind: era quase impossível convencer-se de que a jovem dama a quem tivera a felicidade de conhecer desde a infância pudesse ser a Sra. Bounderby. Uma singularidade adicional desse caso notável era que, quanto mais a Sra. Sparsit pensava nele, mais impossível ele lhe parecia, “sendo de tal ordem”, observava ela, “as diferenças”.

Na sala, após o jantar, o Sr. Bounderby julgou o caso do roubo, interrogou as testemunhas, registrou as evidências, concluiu que os suspeitos eram culpados e os sentenciou aos máximos rigores da lei. Feito isso, Bitzer foi enviado à cidade com instruções de dizer a Tom que voltasse para casa no trem postal.

Quando foram trazidas as velas, a Sra. Sparsit murmurou: “Não fique triste, senhor. Permita que eu o veja alegre como antes”. O Sr. Bounderby, sobre quem essas consolações começavam a ter o efeito de torná-lo sentimental, à sua maneira teimosa e grosseira, suspirou como um corpulento animal marinho. “Não suporto vê-lo assim, senhor”, disse a Sra. Sparsit. “Tente jogar uma partida de gamão, como costumava fazer na época em que tive a honra de viver sob o seu teto.” “Nunca mais joguei gamão, madame”, disse o Sr. Bounderby, “desde aquela época.” “Não, senhor”, disse a Sra. Sparsit, confortando-o. “Sei que não. Lembro-me de que a Srta. Gradgrind não tinha nenhum interesse pelo jogo. Mas ficarei feliz em jogar, caso o senhor concorde.”

Jogaram perto de uma janela que se abria para o jardim. Era uma bela noite; não enluarada, mas morna e perfumada. Louisa e o Sr. Harthouse saíram para passear pelo jardim, e suas vozes podiam ser ouvidas em meio ao silêncio, mas não aquilo que diziam. A Sra. Sparsit, diante do tabuleiro de gamão, espichava constantemente os olhos para perscrutar a escuridão lá fora. “Qual é o problema, madame?”, disse o Sr. Bounderby. “A senhora está vendo algum incêndio?” “Oh, não, senhor”, respondeu a Sra. Sparsit, “eu estava pensando no orvalho.” “O que a senhora tem a ver com o orvalho, madame?”, disse o Sr. Bounderby. “Não é por mim, senhor”, respondeu a Sra. Sparsit. “Temo que a Srta. Gradgrind se

resfrie.” “Ela nunca se resfria”, disse o Sr. Bounderby. “É verdade, senhor?”, disse a Sra. Sparsit. E foi acometida de um pigarro na garganta.

Quase à hora de recolher-se, o Sr. Bounderby serviu-se de um copo de água. “Oh, senhor!”, disse a Sra. Sparsit. “E o seu xerez morno, com cascas de limão e noz-moscada?” “Já abandonei esse hábito, madame”, disse o Sr. Bounderby. “Que pena”, retorquiu a Sra. Sparsit, “o senhor está perdendo todos os seus bons e velhos hábitos. Mas alegre-se, senhor! Com a permissão da Srta. Gradgrind, ofereço-me para preparar-lhe um, como fiz tantas vezes.”

Como a Srta. Gradgrind permitiu imediatamente que a Sra. Sparsit fizesse qualquer coisa que lhe aprovesse, a atenciosa dama preparou a bebida e serviu-a ao Sr. Bounderby. “Vai fazer-lhe bem, senhor. Aquecerá seu coração. É o tipo de coisa que o senhor precisa e deve tomar, senhor.” E, quando o Sr. Bounderby disse “À sua saúde, madame!”, ela respondeu comovida “Obrigada, senhor. O mesmo para o senhor, e também felicidade”. Afinal, muito emocionada, desejou-lhe uma boa noite, e o Sr. Bounderby foi para a cama com a patética convicção de que seu ponto fraco fora tocado, embora pela vida que tivera não pudesse determinar qual fosse.

Louisa, muito depois de ter-se despido e deitado, vigiou e esperou o irmão voltar para casa. Sabia que Tom dificilmente chegaria antes da meia-noite e meia; mas, no silêncio do campo, que pouco fazia para acalmar o tumulto de seus pensamentos, o tempo arrastava-se penosamente. Por fim, quando a escuridão e o silêncio pareciam ter passado horas fortalecendo um ao outro, ela ouviu o sino do portão. Sentiu que ficaria feliz se o sino tocasse até o amanhecer, mas ele parou, e os círculos dos últimos sons espalharam-se pelo ar, cada vez mais fracos e distantes, e tudo caiu novamente num silêncio sepulcral.

Ela esperou ainda um quarto de hora, segundo pôde calcular. Então, levantou-se, vestiu um roupão largo, saiu do quarto no escuro e subiu a escada até o quarto do irmão. Estando a porta fechada, ela a abriu devagar e chamou Tom, aproximando-se com passos silenciosos.

Ajoelhou-se ao lado da cama, passou o braço em torno do pescoço dele e puxou seu rosto contra o dela. Sabia que Tom apenas fingia dormir, mas não disse nada.

Tom teve um sobressalto, como se tivesse acordado naquele momento, e perguntou quem era e o que estava acontecendo.

“Tom, você tem alguma coisa para me contar? Se já me amou alguma vez, e está escondendo alguma coisa dos outros, conte-me o que é.”

“Não entendo o que está dizendo, Loo. Você esteve sonhando.”

“Meu querido irmão...”, ela deitou a cabeça no travesseiro, esparramando o cabelo sobre ele, como se quisesse escondê-lo de todos, menos dela. “Não há nada que queira me contar? Não há nada que me contaria, se eu pedisse? Nada do que disser vai mudar o que sinto. Oh, Tom, diga-me a verdade!”

“Não sei do que está falando, Loo!”

“Do mesmo modo como você está sozinho agora, meu querido, nesta noite melancólica, você estará numa noite qualquer, quando até mesmo eu, se ainda estiver viva, tiver abandonado você. Do mesmo modo como estou agora ao seu lado, descalça, despida, indistinguível na escuridão, vou estar na longa noite do meu declínio, até me tornar pó. Em nome desse futuro, Tom, conte-me a verdade!”

“O que você quer saber?”

“Esteja certo”, e com a força de seu amor ela o puxou para junto de seu peito, como se Tom fosse uma criança, “de que não o repreenderei. Esteja certo de que serei compassiva e leal. Esteja certo de que o salvarei a qualquer custo. Oh, Tom, não há nada que queira me contar? Sussurre apenas. Diga apenas ‘sim’, e eu entenderei!”

Ela aproximou o ouvido dos lábios de Tom, mas ele permaneceu num silêncio teimoso.

“Nem uma palavra, Tom?”

“Como posso dizer sim ou não, se não sei o que você quer dizer? Loo, você é uma menina gentil e corajosa, e começo a pensar que merece um irmão melhor do que eu. Porém, não tenho mais o que dizer. Vá dormir. Vá dormir.”

“Você está cansado”, sussurrou de seu jeito costumeiro.

“Sim, estou esgotado.”

“Você passou o dia tão ocupado e perturbado. Descobriram mais alguma coisa?”

“Apenas o que você ouviu dele.”

“Tom, você contou a alguém que visitamos aquelas pessoas e vimos os três juntos?”

“Não. Não foi você quem fez questão de pedir segredo quando me pediu que a acompanhasse?”

“Sim. Mas eu não sabia o que ia acontecer.”

“Eu também não. Como poderia?”

Louisa notou que a resposta veio rápida demais.

“Devo dizer, depois de tudo que aconteceu”, disse ela de pé do lado da cama – ela afastara-se e erguera-se pouco a pouco –, “que fiz aquela visita? Posso dizer? Preciso dizer?”

“Meu Deus, Loo”, retorquiu o irmão, “você não tem o hábito de me pedir conselhos. Diga o que quiser. Se guardar segredo, *eu* também guardarei. Se você contar, acaba-se tudo.”

Estava escuro demais para que vissem o rosto um do outro, mas pareciam muito atentos e refletiam antes de falar.

“Tom, você acredita que aquele homem a quem dei dinheiro esteja mesmo envolvido no crime?”

“Não sei. Não vejo por que não.”

“Ele pareceu-me honesto.”

“Outra pessoa pode parecer-lhe desonesta e, ainda assim, não ser.” Houve uma pausa, porque ele hesitara e silenciara.

“Em resumo”, continuou Tom, como se houvesse tomado uma decisão, “talvez eu tenha lhe causado uma má impressão, chamando-o para fora do quarto e dizendo-lhe, com toda a calma, que achava que ele deveria considerar-se em ótima situação depois do favor inesperado que minha irmã lhe fizera, e que eu esperava que fizesse bom uso do dinheiro. Lembre-se de que eu o chamei. Não digo nada contra o homem, ele deve ser um ótimo sujeito, até onde eu saiba; e espero que seja.”

“Ele ofendeu-se com o que você disse?”

“Não, entendeu bem; foi muito educado. Onde você está, Loo?” Sentou-se na cama e beijou-a. “Boa noite, querida, boa noite.”

“Não há mais nada que queira me contar?”

“Não. Por que haveria? Você não gostaria que eu lhe contasse mentiras.”

“Não, Tom, não esta noite, entre todas da sua vida, que espero sejam muitas e muito mais felizes.”

“Obrigado, minha querida Loo. Estou tão cansado que me admiro de não ter dito qualquer coisa para voltar a dormir. Vá para a cama, vá para a cama.”

Beijando Louisa novamente, ele virou-se, puxou o cobertor sobre a cabeça e ficou ali deitado, tão imóvel como no momento em que ela o interpelara. Ela permaneceu em pé ao lado da cama por um momento antes de sair. Parou à porta, olhou para trás ao abri-la e perguntou se Tom a chamara. Mas ele continuava imóvel, e ela fechou suavemente a porta e voltou para o seu quarto.

Então o moleque desprezível olhou em torno dele, com toda a cautela, e viu

que Louisa saía. Arrastou-se para fora da cama, trancou a porta e jogou-se outra vez sobre o travesseiro, puxando os cabelos, chorando mansamente, amando a contragosto a irmã, desprezando-se odiosamente, mas também impenitentemente, e desprezando inutilmente todo o bem do mundo.

IX DESCANSO, AFINAL

A Sra. Sparsit, repousando no retiro do Sr. Bounderby a fim de recuperar os nervos, mantinha uma vigilância tão severa, dia e noite, por trás de suas sobranceiras coriolanas, que seus olhos, como um par de faróis numa costa escarpada, poderiam ter avisado aos prudentes marinheiros que se afastassem do rochedo protuberante de seu nariz romano e de suas vizinhanças escuras e íngremes, não fossem suas plácidas maneiras. Era difícil acreditar que, para ela, recolher-se para dormir fosse mais do que um ato formal, pois seus olhos clássicos estavam sempre severamente atentos, e parecia impossível que aquele nariz rígido pudesse ceder a alguma influência relaxante. No entanto, a maneira como se sentava, alisando as desconfortáveis meias-luvas, para não dizer ásperas (eram feitas de tecido tão frio quanto uma ucharia), ou caminhava sem pressa até destinos desconhecidos, com os pés enfiados em estribos de algodão, era tão perfeitamente serena que a maioria dos observadores poderia sentir-se obrigada a supor que a dama era uma pomba que, por uma aberração qualquer da natureza, habitava o tabernáculo terreno de um pássaro de bico adunco.

Era uma maravilha vê-la vagar pela casa. Como ia de andar em andar era um mistério para além de qualquer solução. Uma dama tão decente, e com tão altas relações, jamais suscitaria a suspeita de que saltasse ou escorregasse pelos corrimãos. No entanto, a extraordinária facilidade com que se locomovia sugeria essa estranha ideia. Outra característica notável da Sra. Sparsit era que ela jamais se apressava. Se fosse do sótão à sala a toda velocidade, ainda assim estaria em

plena posse de sua respiração e de sua dignidade quando chegasse. Nenhum olho humano a veria acelerar o passo.

Ela tinha grande estima pelo Sr. Harthouse, e teve algumas conversas agradáveis com ele depois que chegou. Certa manhã, antes do desjejum, fez-lhe uma reverência formal no jardim.

“Parece que foi ontem, senhor”, disse, “que tive a honra de recebê-lo no banco, quando teve a bondade de pedir o endereço do Sr. Bounderby.”

“Uma ocasião que, muito certamente, jamais esquecerei”, disse o Sr. Harthouse, inclinando a cabeça na direção da Sra. Sparsit com o ar mais indolente possível.

“Vivemos num mundo singular, senhor”, disse a Sra. Sparsit.

“Tive a honra, por uma coincidência da qual me orgulho, de ter feito uma observação semelhante em efeito, embora não a tenha expressado de maneira tão epigramática.”

“Um mundo singular, eu diria, senhor”, prosseguiu a Sra. Sparsit, após reconhecer o elogio franzindo as escuras sobrancelhas, com uma expressão não tão suave quanto o tom melódico de sua voz, “no que se refere à intimidade que estabelecemos em certos momentos com indivíduos que antes ignorávamos. Recordo-me que, na ocasião, o senhor chegou a mostrar-se realmente apreensivo com relação à Srta. Gradgrind.”

“Sua memória honra-me mais do que merece a minha insignificância. Servi-me de suas prestativas sugestões para corrigir minha timidez, e é desnecessário dizer que suas sugestões foram extremamente acertadas.” O talento da Sra. Sparsit para tudo que exigisse precisão – com uma combinação de força intelectual e de família – era tão desenvolvido que não admitia questionamento. Ele quase caiu no sono durante o elogio, demorou a concluí-lo, e sua mente divagou no decurso da elaboração.

“O senhor achou a Srta. Gradgrind – não consigo chamá-la de Sra. Bounderby, é tolice minha – tão jovem como a descrevi?”, perguntou melodiosamente a Sra. Sparsit.

“A senhora desenhou o retrato perfeito”, disse o Sr. Harthouse. “Apresentou a imagem exata.”

“Muito atraente, senhor”, disse a Sra. Sparsit, fazendo suas meias-luvas girarem devagar uma sobre a outra.

“Extremamente.”

“As pessoas costumavam achar, senhor”, disse a Sra. Sparsit, “que faltava

vivacidade à Srta. Gradgrind, mas parece que ela melhorou consideravelmente e surpreendentemente nesse aspecto. Sim, e lá vem o Sr. Bounderby!”, exclamou a Sra. Sparsit, balançando várias vezes a cabeça, como se não houvesse falado ou pensado em outra pessoa. “Como está passando esta manhã, senhor? Esperamos vê-lo mais contente.”

Ora, aquele consolo persistente de sua infelicidade, e o alívio de seu fardo, começavam a tornar o Sr. Bounderby mais afável do que o usual com a Sra. Sparsit, e mais severo do que o usual com a maioria das outras pessoas, da esposa para baixo. Assim, quando a Sra. Sparsit disse com uma leveza dissimulada “O senhor quer seu desjejum? Mas atrevo-me a dizer que a Srta. Gradgrind logo virá para presidir a mesa”, o Sr. Bounderby replicou: “Se eu tivesse de esperar pelos cuidados da minha esposa, madame, a senhora bem sabe que eu teria de esperar até o Dia do Juízo, de modo que encarrego a *senhora* de cuidar do bule”. A Sra. Sparsit concordou e assumiu seu antigo lugar à mesa.

Isso fez de novo a excelente senhora extremamente sentimental. Além disso, foi tão humilde que, quando Louisa apareceu, levantou-se e declarou que não poderia nem cogitar ocupar aquele lugar, naquelas circunstâncias, mesmo que, em outras épocas, tivesse tido a honra de preparar frequentemente o desjejum do Sr. Bounderby, antes que a Srta. Gradgrind – pediu perdão, quis dizer Sra. Bounderby; esperava que a desculpassem, mas ainda não conseguia acertar o nome, embora estivesse certa de que se acostumaria em breve – assumisse seu lugar. Fizera aquilo apenas porque (observou) a Srta. Gradgrind chegara um pouco atrasada, e o tempo do Sr. Bounderby era tão precioso, e ela sabia havia muito que ele tinha de tomar o desjejum na hora certa, que tomara a liberdade de concordar com o pedido do Sr. Bounderby; pois a vontade dele já fora lei para ela.

“Ei! Pare onde está, madame! Pare onde está!”, disse o Sr. Bounderby. “Acredito que a Sra. Bounderby esteja satisfeita por não precisar se dar a esse trabalho.”

“Não diga isso, senhor!”, retorquiu a Sra. Sparsit, quase com severidade. “Seria muito indelicado com a Sra. Bounderby. E a indelicadeza não é seu costume, senhor.”

“Fique tranquila, madame – não há problema, não é, Loo?”, vociferou o Sr. Bounderby à esposa.

“Por certo. Não faz diferença. Por que eu deveria me importar?”

“Por que deveria importar a quem quer que seja, Sra. Sparsit?”, disse o Sr.

Bounderby, pavoneando-se diante do aparente desprezo. “A senhora dá importância demais a essas coisas, madame. Por São Jorge, algumas de suas ideias acabarão corrompidas aqui. A senhora é muito antiquada, madame. Está atrasada em relação aos filhos de Tom Gradgrind.”

“Qual é o problema?”, perguntou Louisa, com fria surpresa. “Por que se ofendeu?”

“Ofender-me!”, repetiu Bounderby. “Você acha que, se alguma coisa me ofendesse, eu não a apontaria e exigiria retratação? Creio que eu seja um homem direto. Não sou de meias palavras.”

“Suponho que ninguém ainda tenha tido ocasião de considerá-lo reservado ou delicado”, respondeu calmamente Louisa. “Nunca lhe fiz tal objeção, nem quando era criança nem agora que sou mulher. Não entendo aonde quer chegar.”

“Aonde quero chegar?”, retorquiu o Sr. Bounderby. “A lugar algum. Do contrário, não saberia você, Loo Bounderby, aonde eu, Josiah Bounderby de Coketown, quereria chegar?”

Ela olhou para Bounderby, enquanto ele golpeava a mesa e fazia tilintar as xícaras, com um rubor de orgulho no rosto que era uma novidade, como pensou o Sr. Harthouse. “Você está incompreensível esta manhã”, disse Louisa. “Peço que não faça mais nenhum esforço para explicar-se. Não estou curiosa para saber aonde quer chegar. O que importa?”

Não se disse mais nada sobre o tema, e o Sr. Harthouse dirigiu sua alegria ociosa para assuntos mais amenos. Contudo, daquele dia em diante, a influência da Sra. Sparsit sobre o Sr. Bounderby aproximou ainda mais James Harthouse de Louisa e reforçou a perigosa indiferença que esta nutria por aquele e a confiança que tinha neste, confiança à qual se entregara em etapas tão sutis que, mesmo que tentasse, não conseguiria determiná-las. Mas, se algum dia chegou a tentar, guardou escondido em seu coração.

A Sra. Sparsit ficou tão abalada naquela ocasião que, ajudando o Sr. Bounderby com o chapéu, após o desjejum, e encontrando-se sozinha com ele no vestíbulo, beijou-lhe a mão castamente e murmurou: “Meu benfeitor!”. Retirou-se, arrasada pelo pesar. No entanto, é fato inegável que, segundo sabemos dessa história, cinco minutos depois de o Sr. Bounderby sair de casa com o chapéu, a mesma descendente dos Scadgers, ligada aos Powlers por matrimônio, ergueu a mão direita enluvada diante do retrato do patrão, fez uma careta de desprezo para a obra de arte e disse: “Bem feito, seu pateta, e fico feliz com isso.”

O Sr. Bounderby saíra havia pouco quando apareceu Bitzer. Ele chegara de

trem, chiando e chocalhando pela longa linha de arcos que galgava os veios de carvão, presentes e passados, da região selvagem, vindo de Stone Lodge. Trazia apressado um bilhete para informar Louisa de que a Sra. Gradgrind encontrava-se muito doente. Nunca estivera bem, pelo que sabia a filha, mas piorara nos últimos dias e continuara a declinar durante a noite, e estava tão perto da morte quanto permitia sua limitada capacidade de estar em qualquer outro estado que sugerisse a mais ligeira intenção de recuperar-se.

Acompanhada do mais descorado dos contínuos, criado incolor adequado para as portas da Morte quando a Sra. Gradgrind nelas batesse, Louisa desabalou para Coketown, percorrendo poços de carvão passados e presentes e arremessando-se nas mandíbulas fumacentas da cidade. Dispensou o mensageiro para que fosse cuidar da própria vida e correu até seu antigo lar.

Estivera ali algumas vezes desde que se casara. O pai estava quase sempre em Londres, mexendo e remexendo o monte de cinzas parlamentar (era sabido que não encontrava artigos de valor no meio desse lixo), mas ainda insistia em examinar o pátio nacional de despejos. A mãe considerava que visitas eram mais uma perturbação do que uma cortesia e estava sempre reclinada no sofá; Louisa sentia-se deslocada na companhia de pessoas jovens; nunca mais se aproximara de Sissy, desde a noite em que a filha do palhaço erguera os olhos para a prometida do Sr. Bounderby. Ela não tinha nenhum estímulo para voltar ali, e raramente o fazia.

Nem mesmo as boas influências do velho lar comoviam Louisa, à medida que se aproximava dele. Os sonhos de infância – as fábulas etéreas, os adornos impossíveis do mundo externo, lindos, graciosos e humanos: é tão agradável crer neles em certa época, é tão agradável recordar-se deles quando ficam no passado, pois é então que o menor deles chega ao tamanho de uma grande Caridade no coração, deixando que entrem ali as criancinhas e cultivem com suas mãos puras um jardim nos caminhos pedregosos deste mundo, onde seria melhor para os filhos de Adão que eles pudessem estar mais ao sol, com mais simplicidade e confiança, e não com cinismo –, o que ela tinha a ver com esses sonhos? Recordações de como chegara ao pouco que conhecia, pelas estradas encantadas daquilo que ela e milhões de criaturas inocentes esperaram e imaginaram; de como, chegando à Razão pela luz terna da Imaginação, vira-a como uma deusa benéfica, convivendo com deuses tão grandes quanto ela: não como um ídolo terrível, frio e cruel, que amarrava as mãos e os pés de suas vítimas, e sua grande e estúpida figura olhando cegamente para a frente, jamais

movida por nada que não fossem muitas toneladas calculadas de influência – o que ela tinha a ver com essas recordações? As lembranças que tinha de seu lar e de sua infância eram lembranças da morte de cada nascente e de cada fonte em seu coração assim que brotavam. As águas douradas não estavam ali. Elas corriam para fertilizar a terra onde as uvas eram tiradas dos espinheiros e os figos das sarças.

Louisa entrou com uma tristeza dura e insensível na casa e no quarto da mãe. Desde que ela deixara aquela casa, Sissy vivera com o resto da família. Ela estava ao lado da Sra. Gradgrind, e Jane, então com dez ou doze anos, estava no quarto.

Houve um grande rebuliço até que fizessem a Sra. Gradgrind entender que sua filha mais velha estava ali. Ela estava reclinada, por mero hábito, num sofá e, tanto quanto podia alguém tão indefeso, conservava a antiga atitude. Recusara-se firmemente a ficar na cama; argumentou que, se ficasse, nunca lhe dariam descanso.

Sua voz frágil parecia tão distante sob o amontoado de xales, e o som das vozes que se dirigiam a ela parecia demorar tanto para chegar até seus ouvidos, que ela bem poderia estar no fundo de um poço. A pobre dama estava mais perto da Verdade do que jamais esteve, o que tinha muito a ver com a situação.

Quando lhe disseram que a Sra. Bounderby estava ali, ela respondeu, contrariada, que nunca o chamara assim desde que ele se casara com Louisa; dada a dificuldade de escolha entre nomes reprováveis, ela o chamava de J e não podia, naquele instante, desviar-se da regra, já que não tinha ainda um substituto definitivo. Louisa sentou-se a seu lado alguns minutos e falou-lhe várias vezes até que a dama tivesse um entendimento claro de quem estava ali. Ela pareceu despertar de repente.

“Bem, minha querida”, disse a Sra. Gradgrind, “espero que tudo esteja acontecendo satisfatoriamente para você. Isso tudo foi ideia do seu pai. Ele decidiu. E devia saber.”

“Quero saber da senhora, mãe, não de mim.”

“Quer saber de mim, minha querida? Certamente é uma novidade quando alguém quer saber de mim. Não vou bem, Louisa. Muito frágil e desorientada.”

“A senhora tem dor, mãe?”

“Acho que há uma dor em algum lugar desse quarto”, disse a Sra. Gradgrind, “mas não posso dizer com certeza se a tenho.”

Após dizer essas estranhas palavras, ficou em silêncio por um tempo.

Louisa, segurando-lhe a mão, não conseguia sentir o pulso; mas, ao beijá-la, pôde sentir um fino e débil fio de vida palpitante.

“Você raramente visita a sua irmã”, disse a Sra. Gradgrind. “Ela está cada vez mais parecida com você. Quero que você a veja. Sissy, traga-a aqui.”

Jane foi trazida e ficou com a mão sobre a da irmã. Louisa a observara, abraçada ao pescoço de Sissy, e sentiu a diferença daquela aproximação.

“Você vê a semelhança, Louisa?”

“Sim, mãe, creio que ela se parece comigo. Mas...”

“Sim, é o que eu sempre digo”, exclamou a Sra. Gradgrind com uma rapidez inesperada. “Agora me lembro. Quero falar com você, querida. Sissy, minha boa menina, deixe-nos a sós um minuto.”

Louisa afastara a mão e pensava que a irmã tinha um rosto melhor e mais luminoso do que ela jamais tivera: vira nele, não sem despeito, mesmo naquele lugar e naquele momento, algo da gentileza daquele outro rosto presente no quarto; o rosto doce, de olhos confiantes, que os espessos cabelos negros tornavam mais pálido do que o tornariam a compaixão e a vigilância.

Sozinha com a mãe, Louisa viu uma terrível quietude em seu rosto, como se ela flutuasse para longe num grande oceano, sem resistir, contente por ser carregada pela correnteza. Levou a sombra de uma mão aos lábios da Sra. Gradgrind e chamou-a.

“A senhora queria falar comigo, mãe.”

“É mesmo? Sim, certamente, minha querida. Você sabe que seu pai está quase sempre fora nos últimos tempos e, portanto, tenho de escrever para ele.”

“Sobre o quê, mãe? Não se aflija. Sobre o quê?”

“Você deve lembrar-se, querida, de que toda vez que tentei dizer alguma coisa, nunca mais me deram descanso; por isso, desisti há muito tempo de dizer qualquer coisa.”

“Estou aqui para ouvi-la, mãe.” Mas era apenas curvando-se para ficar mais perto dela e vigiando com atenção o movimento de seus lábios que Louisa conseguia unir os sons, tênues e alquebrados, numa cadeia de significados.

“Você aprendeu muito, Louisa, assim como seu irmão. Ciências de todos os tipos, de manhã até a noite. Se existe alguma, de qualquer gênero, que não tenha sido ensinada à exaustão nesta casa, só posso dizer que espero nunca ouvir seu nome.”

“Estou aqui, mãe, continue quando tiver forças.” Disse isso para impedir que ela flutuasse de novo.

“Mas existe uma coisa – não uma ciência, é claro – que seu pai não lhe ensinou, Louisa, ou se esqueceu de ensinar. Não sei o que é. Tenho sentado com Sissy ao meu lado e pensado nisso. Não consigo me lembrar do nome. Talvez seu pai consiga. Isso me deixa inquieta. Quero escrever para seu pai, para saber o que é, em nome de Deus. Dê-me uma caneta, dê-me uma caneta.”

Até mesmo a força da inquietação partira, exceto pela pobre cabeça, que apenas podia movimentar-se de um lado para o outro.

Ela imaginou, no entanto, que seu pedido fora atendido, e que a caneta que não conseguiria segurar estava em sua mão. Não importa que maravilhosos disparates ela começara a traçar sobre os cobertores. A mão logo se deteve; a luz, que sempre foi fraca e indistinta por trás da claridade débil, extinguiu-se; e mesmo a Sra. Gradgrind, livre do vale de sombras em que o homem caminha e inquieta-se em vão, assumiu a assombrosa solenidade dos sábios e dos patriarcas.



Louisa entrou com uma tristeza dura e insensível na casa e no quarto da mãe.

X

A ESCADARIA DA SRA. SPARSIT

Já que os nervos da Sra. Sparsit demoravam a recuperar-se, a valorosa mulher prolongou algumas semanas sua estada no retiro do Sr. Bounderby. Lá, apesar de um estado de espírito anacoreta, que se baseava na consciência da mudança de sua condição, resignou-se com nobre força de caráter a acomodar-se, poderíamos dizer, entre lençóis de linho e a alimentar-se da riqueza da terra. Durante o período em que se afastara da tutela do banco, a Sra. Sparsit foi um exemplo de coerência; diante do Sr. Bounderby, continuou a compadecer-se dele como fazia de poucos homens e, diante de *seu* retrato, continuava a chamá-lo de pateta, com grande aspereza e desprezo.

O Sr. Bounderby, acrescentando à sua natureza explosiva a ideia de que a Sra. Sparsit era uma mulher muito superior, que via a cruz genérica que ele carregava como parte de seu lote (porque ele ainda não decidira que cruz era essa), e também a ideia de que Louisa faria objeção a que a velha dama se tornasse uma visita frequente, se fosse compatível com a grandeza dele que ela fizesse objeção a tudo que ele decidisse, resolveu não perder a Sra. Sparsit de vista. Assim, quando seus nervos se recuperaram o suficiente para que ela voltasse a comer suas molejas em paz, ele disse à mesa do jantar, na véspera de sua partida: “Digo-lhe, madame, que a senhora virá todos os sábados, enquanto fizer tempo bom, e ficará até as segundas-feiras”. A Sra. Sparsit replicou, embora não fosse do credo maometano: “Ouço e obedeço”.

A Sra. Sparsit não era uma mulher poética, mas meteu na cabeça uma ideia de natureza alegórica e fantasiosa. O fato de vigiar tanto Louisa e, portanto, de

observar tanto seu comportamento impenetrável – o que afiava e polia a agudeza da Sra. Sparsit – deve ter-lhe dado, por assim dizer, o impulso para a inspiração. Ela construiu uma Escadaria grandiosa em sua mente, que levava a um poço de ruína e vergonha, e via Louisa descendo em sua direção, dia após dia, hora após hora.

Tornou-se a razão da vida da Sra. Sparsit observar a escadaria e assistir à descida de Louisa. Às vezes lenta, às vezes rápida, às vezes saltando vários degraus de uma vez só, às vezes parando, mas nunca subindo. Se houvesse subido uma única vez, a Sra. Sparsit teria morrido de tristeza e pesar.

Louisa vinha descendo regularmente até o dia, e no dia, em que o Sr. Bounderby decretara o convite semanal mencionado acima. A Sra. Sparsit estava de bom humor e queria conversar.

“Com licença, senhor”, disse ela. “Será que posso atrever-me a fazer uma pergunta sobre um assunto a respeito do qual o senhor tem demonstrado certa reserva – o que é difícil para mim, porque sei que o senhor tem bons motivos para tudo que faz –, se o senhor recebeu informações a respeito do roubo?”

“Não, madame, ainda não. Dadas as circunstâncias, não espero notícias tão cedo. Roma não foi construída em um dia, madame.”

“É verdade, senhor”, disse a Sra. Sparsit, balançando a cabeça.

“Nem em uma semana, madame.”

“Não, decerto, senhor”, respondeu a Sra. Sparsit, com uma dócil melancolia.

“Do mesmo modo, madame”, disse Bounderby, “eu também posso esperar, saiba a senhora. Se Rômulo e Remo puderam esperar, Josiah Bounderby pode esperar. Mas eles tiveram melhor juventude do que eu. Tinham a loba como ama de leite; eu tive apenas uma loba como avó. Não dava nenhum leite, madame, mas dava pancadas. Dava-as como uma vaca holandesa.”

“Oh!”, gemeu a Sra. Sparsit, e estremeceu.

“Não, madame”, continuou Bounderby. “Não soube mais nada sobre o roubo. Mas está tudo sob controle; e o jovem Tom, que no momento está se dedicando aos negócios – algo novo para ele; ele não passou pelo que *eu* passei –, está ajudando. Meu conselho é: não remexa no assunto, deixe que pensem que tudo foi esquecido. Faça o que quiser em segredo, não mostre suas intenções; ou meia centena deles vai se unir para tirar o fujão do nosso alcance, para sempre. Não remexa no assunto: os ladrões ficam cada vez mais confiantes, e nós os apanhamos.”

“Muito astucioso, senhor”, disse a Sra. Sparsit. “Muito interessante. A velha

que o senhor mencionou...”

“A velha que mencionei, madame”, disse Bounderby, encurtando a conversa, como se não fosse motivo para gabar-se, “ainda não foi encontrada; mas ela pode ter certeza de que será, se isso servir à sua velha e ignóbil consciência. Enquanto isso, madame, a minha opinião, se quer saber, é que, quanto menos se falar dela, melhor.”

Naquela mesma noite, a Sra. Sparsit, descansando diante da janela de seu quarto após fazer as malas, olhou para sua grandiosa escadaria e viu que Louisa continuava descendo.

Ela estava sentada ao lado do Sr. Harthouse num recanto do jardim, falando muito baixo; ele estava em pé diante dela e, quando sussurrava, por sua vez, seu rosto quase tocava os cabelos de Louisa. “Se é que não está tocando!”, disse a Sra. Sparsit, forçando os olhos de águia. Estava distante demais para ouvir o que diziam, ou mesmo para saber que falavam suavemente, o que era sugerido apenas pelo movimento de suas silhuetas; porém, o que disseram foi isto:

“O senhor lembra-se do homem, Sr. Harthouse?”

“Oh, perfeitamente!”

“O rosto, as maneiras, o que disse?”

“Perfeitamente. Pareceu-me uma pessoa infinitamente monótona. Prolixo e tedioso ao extremo; conseguia expressar-se, segundo a escola retórica da humilde virtude; mas garanto-lhe que pensei, naquela ocasião: ‘Meu bom amigo, você está exagerando!’.”

“Tem sido muito difícil para mim pensar mal daquele homem.”

“Minha querida Louisa, como diz Tom”, o que Tom nunca disse, “você já viu o sujeito mais gordo?”

“Por certo que não.”

“Conhece alguém da mesma classe?”

“Como poderia”, retorquiu ela, voltando a suas maneiras iniciais como ele não as via nos últimos tempos, “se não sei nada sobre eles, homens ou mulheres?”

“Minha querida Louisa, aceite então a humilde explicação de seu devotado amigo, que sabe alguma coisa a respeito das muitas variedades dessas excelentes criaturas – pois são excelentes, estou inclinado a acreditar, apesar de suas pequenas fraquezas, como servir-se de tudo em que consigam pôr as mãos. Aquele camarada falava. Bem, todo camarada fala. Professava moralidade. Bem, toda sorte de charlatães professa moralidade. Da Câmara dos Comuns à Casa de

Correção, há uma profissão generalizada de moralidade, exceto de nossa gente; é essa exceção que torna nossa gente revigorante. Você viu e ouviu o caso. Ali estava um membro das classes lanosas, controlado com rédeas curtíssimas por meu estimado amigo Sr. Bounderby – que, como sabemos, não possui aquela delicadeza que suavizaria mão tão firme. O membro das classes lanosas ficou magoado, exasperado, e saiu resmungando. Encontrou alguém que lhe propôs entrar para o ramo bancário; ele entrou, enfiou no bolso vazio uma boa quantia e aliviou o peso de sua mente. Ele seria um tipo incomum, e não comum, se não tivesse aproveitado a oportunidade. Ou poderia tê-la planejado, se possuísse inteligência para isso.”

“Sinto quase como se fosse um defeito meu”, disse Louisa, depois de refletir um momento, “estar tão inclinada a concordar com você e sentir meu coração tão aliviado pelo que disse.”

“Apenas digo o que é razoável, nada mais do que isso. Já conversei com meu amigo Tom, mais de uma vez, sobre o tema – é claro que temos inteira confiança entre nós – e ele concorda com a minha opinião, e eu com a dele. Caminhemos?”

Passaram entre as alamedas que se tornavam indistintas à luz do crepúsculo – Louisa apoiada no braço dele –, e ela não imaginava que descia, cada vez mais, a escadaria da Sra. Sparsit.

Dia e noite, a Sra. Sparsit mantinha firme a escadaria. Quando Louisa chegasse ao fundo do poço e desaparecesse, talvez a estrutura toda ruísse sobre a velha dama; mas, até lá, a construção deveria existir diante dos olhos da Sra. Sparsit. E lá estava Louisa. Descendo cada vez mais, cada vez mais!

A Sra. Sparsit via James Harthouse ir e vir; ouvia falar dele aqui e ali; via as mudanças naquele rosto que ele estudara, notava em detalhes como ele se ensombrecia, como se iluminava; mantinha seus olhos negros bem abertos, sem um laivo de piedade ou escrúpulo, absolutamente concentrada no que lhe interessava. Interessava-lhe ver a jovem descer sempre, sem mão que a amparasse, cada vez mais próxima do fosso dessa nova Escadaria dos Gigantes.

Com toda a deferência que tinha pelo Sr. Bounderby, em contraste com o que sentia por seu retrato, a Sra. Sparsit não tinha a mínima intenção de impedir a descida. Ansiosa pelo término, e ainda assim paciente, esperava pela derradeira queda, como se esperasse pela maturidade e abundância da colheita de suas esperanças. Em muda expectativa, guardava o olhar precavido sobre a escadaria; e raramente acenou sombriamente sua meia-luva direita (com o punho nela) para a figura que vinha descendo.

XI

CADA VEZ MAIS BAIXO

A figura descia a grande escadaria constantemente, constantemente; sempre tendendo, como uma âncora em águas profundas, para o negro abismo.

O Sr. Gradgrind, informado do falecimento da esposa, fez uma expedição vindo de Londres e sepultou-a de maneira prática e eficiente. Retornou prontamente ao pátio nacional de despejos e continuou a procurar os artigos que desejava, e a jogar poeira nos olhos de quem desejava artigos diferentes – reassumiu, a bem dizer, seus deveres parlamentares.

Enquanto isso, a Sra. Sparsit montava guarda e vigiava infatigavelmente. Embora separada da escadaria durante a semana pela extensão da estrada de ferro que ia de Coketown à casa de campo, ela continuava sua observação felina de Louisa por intermédio de seu marido, de seu irmão, de James Harthouse, do aspecto de cartas e pacotes, de tudo, animado ou inanimado, que em algum momento houvesse passado pela escadaria. “Vosso pé está sobre o último degrau, minha senhora”, dizia a Sra. Sparsit, apostrofando a figura que vinha descendo com a ajuda de sua luva ameaçadora, “e nem mesmo toda a vossa arte poderá cegar-me.”

Fosse por Arte ou Natureza, pela linhagem original do caráter de Louisa ou pelo peso das circunstâncias sobre ele, sua curiosa reserva desconcertava e, ao mesmo tempo, estimulava alguém tão perspicaz quanto a Sra. Sparsit. Havia ocasiões em que o Sr. James Harthouse não sabia o que pensar sobre ela. Havia ocasiões em que não conseguia ler o rosto que estudara por tanto tempo; e havia

ocasiões em que aquela menina solitária era para ele um mistério maior do que qualquer mulher experiente, com um anel de satélites para auxiliá-la.

Assim, passou-se o tempo; até que o Sr. Bounderby foi arrebatado do lar por negócios que exigiam sua presença durante três ou quatro dias. Foi numa sexta-feira que ele comunicou a viagem à Sra. Sparsit, acrescentando: “A senhora irá amanhã, de qualquer maneira. Será como se eu estivesse lá, madame. Não haverá diferença nenhuma para a senhora.”

“Por favor, senhor”, disse a Sra. Sparsit em tom de reprovação, “peço que não diga isso. Sua ausência fará muita diferença para mim, senhor, como acredito que saiba.”

“Bem, madame, a senhora terá de virar-se como puder durante a minha ausência”, disse o Sr. Bounderby, nada descontente.

“Sr. Bounderby”, retorquiu a Sra. Sparsit, “sua vontade é lei para mim, se não eu poderia inclinar-me a contrariar suas ordens, por não estar certa de que será agradável à Srta. Gradgrind receber-me, como sempre é à sua generosa hospitalidade. Mas não diga mais nada, senhor. Irei, a convite seu.”

“Quando eu a convidar, madame”, disse Bounderby, arregalando os olhos, “espero que não precise de outro convite.”

“Não, senhor, por certo que não”, retorquiu a Sra. Sparsit. “Espero que não. Não diga mais nada, senhor. Quisera, senhor, vê-lo alegre outra vez.”

“O que quer dizer, madame?”, vociferou Bounderby.

“Senhor”, rebateu a Sra. Sparsit, “o senhor costumava ter uma agilidade da qual sinto imensa falta. Anime-se, senhor!”

O Sr. Bounderby, sob influência daquela difícil exortação, acompanhada do olhar compassivo da Sra. Sparsit, apenas coçou a cabeça de modo débil e ridículo e depois impôs-se à distância, intimidando a arraia-miúda do escritório durante toda a manhã.

“Bitzer”, disse a Sra. Sparsit naquela tarde, após a partida de seu benfeitor, quando o banco já estava fechando, “apresente meus cumprimentos ao jovem Sr. Thomas e pergunte-lhe se gostaria de subir e compartilhar uma bisteca de carneiro com molho de nozes e um copo de cerveja escura.” O jovem senhor Thomas, quase sempre disposto a qualquer coisa desse tipo, mandou uma resposta amável e logo chegou. “Sr. Thomas”, disse a Sra. Sparsit, “já que estava servido este repasto simples, imaginei que poderia querer prová-lo.”

“Obrigado, Sra. Sparsit”, disse o moleque. E lançou-se melancolicamente sobre a comida.

“Como está o Sr. Harthouse, Sr. Tom?”, perguntou a Sra. Sparsit.

“Oh, ele está bem”, disse Tom.

“Onde estará agora?”, perguntou a Sra. Sparsit, em tom de conversa amena, após consagrar mentalmente o moleque às Fúrias, por ser tão lacônico.

“Está caçando em Yorkshire”, disse Tom. “Ontem enviou a Loo uma cesta do tamanho de uma igreja.”

“Aposto que um cavalheiro dessa qualidade”, disse agradavelmente a Sra. Sparsit, “seja um bom atirador!”

“De primeira”, disse Tom.

Desde sempre, Tom fora um jovem tímido, mas essa característica piorara tanto nos últimos tempos que ele não erguia os olhos na direção de um rosto por mais de três segundos. A Sra. Sparsit, portanto, tinha todos os meios de vigiar seus olhares, se desejasse.

“Aprecio muito o Sr. Harthouse”, disse a Sra. Sparsit, “como a maioria das pessoas, na verdade. Posso ter esperança de vê-lo em breve, Sr. Tom?”

“Ora, *eu* espero vê-lo amanhã”, respondeu o moleque.

“Boas notícias!”, exclamou maliciosamente a Sra. Sparsit.

“Combinamos de nos encontrar ao anoitecer na estação”, disse Tom, “e jantaremos juntos depois, acho. Ele não irá à casa de campo por pelo menos uma semana, já que tem compromissos em outro lugar. Pelo menos foi o que ele me disse; mas não me surpreenderei se ele passar por aqui no domingo e acabar indo naquela direção.”

“Isso me lembra!”, disse a Sra. Sparsit. “O senhor se recordaria de dar um recado à sua irmã, se eu lhe pedisse?”

“Bem, tentarei”, respondeu o moleque relutante. “Se não for muito longo.”

“Apenas meus respeitosos cumprimentos”, disse a Sra. Sparsit, “e temo não perturbá-la com a minha companhia esta semana; ainda estou um pouco nervosa, e talvez seja melhor ficar sozinha com a minha pobre pessoa.”

“Oh! Se é só isso”, observou Tom, “não é muito importante, mesmo que eu acabasse me esquecendo. Não é provável que Loo pense na senhora, a não ser que a veja.”

Tendo recompensado sua anfitriã com aquele amável elogio, mergulhou num silêncio abjeto até não restar mais cerveja. Então disse: “Bem, Sra. Sparsit, preciso ir”. E foi.

No dia seguinte, sábado, a Sra. Sparsit ficou sentada à janela, observando os clientes entrando e saindo, observando os carteiros, guardando um olho no

tráfego da rua, ruminando muitas coisas, mas, acima de tudo, prestando atenção à escada. Assim que caiu a noite, vestiu o xale e a touca e saiu em silêncio: tinha suas razões para rondar furtivamente a estação onde desembarcaria certo passageiro de Yorkshire e preferir espiar entre pilares e cantos, e das janelas da sala de espera das senhoras, ao invés de aparecer no recinto.

Tom também aguardava, e ficou perambulando até o trem chegar. O Sr. Harthouse não veio nele. Tom esperou até a multidão se dispersar e o movimento diminuir; consultou os horários pendurados na parede e conversou com os carregadores. Feito isso, afastou-se indolentemente, parando na rua e olhando para um lado e para o outro, erguendo o chapéu e recolocando-o na cabeça, espreguiçando-se, bocejando e manifestando todos os sintomas do tédio mortal que se pode esperar de alguém que precise aguardar a chegada do próximo trem, uma hora e quarenta e cinco minutos depois.

“Isso foi um truque para tirar Tom do caminho”, disse a Sra. Sparsit, saindo apressada da frente da janela escura do escritório de onde observava. “Harthouse está com a irmã dele neste exato momento!”

A ideia veio-lhe num momento de inspiração, e ela saiu em disparada para confirmá-la. A estação onde se pegava o trem para a casa de campo ficava do outro lado da cidade; o tempo era curto, a estrada acidentada, mas a Sra. Sparsit atirou-se tão rapidamente numa carruagem desocupada, saltou tão rapidamente, pegou o dinheiro, comprou a passagem e mergulhou no trem com tanta rapidez que foi carregada pelos arcos que se estendiam sobre veios de carvão passados e presentes como se tivesse sido arrebatada por uma nuvem.

Durante toda a jornada, imóvel no ar, mas nunca para trás, perfeitamente distinta aos olhos escuros de sua mente, como eram perfeitamente distintos aos olhos escuros de seu corpo os fios elétricos que desenhavam uma partitura colossal no céu noturno, a Sra. Sparsit via a escadaria e a figura que vinha descendo. Muito perto do fosso. À beira do abismo.

Um fim de tarde nublado de setembro viu, com suas pálpebras entreabertas, a Sra. Sparsit deslizar do vagão, descer a escada de madeira da pequena estação até a estrada de pedras, cruzar uma alameda e perder-se entre as folhas de verão das árvores. Um ou dois pássaros atrasados, chilreando sonolentos em seus ninhos, um morcego que voava pesadamente em torno dela e o barulho de seus próprios passos sobre uma poeira espessa que mais parecia veludo foi tudo que a Sra. Sparsit viu ou ouviu, até fechar um portão com muito cuidado.

Foi na direção da casa, por entre os arbustos, e deu a volta pelos fundos,

espiando por trás das folhas junto das janelas do térreo. A maioria das janelas estava aberta, como costumava ficar com o tempo quente, mas ainda não havia luzes, e tudo estava silencioso. Tentou o jardim, sem melhor proveito. Pensou na pilha de lenha e esgueirou-se até lá, indiferente à grama alta e às urtigas, às minhocas, lesmas, caracóis e a todas as criaturas rastejantes que existem. Com os olhos escuros e o nariz de gancho cautelosamente à frente, a Sra. Sparsit seguiu seu caminho esmagando a espessa vegetação rasteira, tão concentrada em seu objetivo que provavelmente não teria feito menos caso se o bosque estivesse infestado de cobras.

Atentai!

Os passarinhos bem poderiam ter caído de seus ninhos, fascinados pelo brilho dos olhos da Sra. Sparsit, quando ela parou e ouviu.

Vozes baixas, próximas. A voz deles. O encontro com Tom *foi* um estratégia para tirá-lo do caminho! Harthouse e Louisa estavam ali adiante, perto da árvore tombada.

Curvando-se sobre a grama orvalhada, a Sra. Sparsit aproximou-se. Ergueu-se e postou-se atrás de uma árvore, como Robinson Crusoé quando armou uma emboscada contra os selvagens; chegou tão perto que, com um pequeno salto, poderia tocá-los. Ele estava ali em segredo, não se apresentara na casa. Viera a cavalo, e deve ter atravessado os campos vizinhos, porque o cavalo estava preso à cerca, do lado que dava para o pasto, a poucos passos dali.

“Minha amada”, disse ele, “o que eu poderia fazer? Seria possível, sabendo que você estaria sozinha, ficar afastado?”

“Você podia baixar a crista, para parecer mais atraente. Não sei o que as pessoas veem em você, quando levanta essa cabeça”, pensou a Sra. Sparsit. “Mas você nem desconfia, minha amada, que olhos a observam!”

Que Louisa baixara a cabeça, isso era certo. Insistiu para que ele fosse embora, ordenou que fosse embora, mas não virou o rosto para ele nem o ergueu. No entanto, era notável que permanecesse tão imóvel como jamais a vira a adorável senhora que agora a emboscava. Tinha as mãos uma sobre a outra, como as mãos de uma estátua, e nem o modo como falava era apressado.

“Minha criança”, disse Harthouse, e a Sra. Sparsit deleitou-se ao ver o braço dele em torno de Louisa, “por que não tolerar minha companhia por mais alguns minutos?”

“Não aqui.”

“Onde, Louisa?”

“Não aqui.”

“Temos tão pouco tempo, e vim de tão longe, e sou tão devotado, e confuso. Nunca houve escravo tão devotado e ao mesmo tempo tão maltratado por sua senhora. Procurar sua luminosa companhia foi o que me trouxe de volta à vida, e ser recebido com tanta frieza é de partir o coração.”

“Devo dizer de novo que quero que me deixe em paz?”

“Mas temos de nos encontrar, minha querida Louisa. Onde nos encontraremos?”

Ambos tiveram um sobressalto. A ouvinte, que se sentia culpada, também, porque achou que havia outro ouvinte entre as árvores. Era apenas a chuva que começava a cair em gotas pesadas.

“Devo chegar a cavalo, em poucos minutos, supondo inocentemente que o proprietário está em casa e que ficará encantado em me receber?”

“Não!”

“Suas ordens cruéis são implicitamente para serem obedecidas, apesar de achar que sou o homem mais infeliz do mundo, porque fui tão insensível a todas as mulheres e, afinal, prostrei-me aos pés da mais bela, da mais encantadora e da mais autoritária. Minha queridíssima Louisa, não posso tolerar e não posso permitir esse violento abuso de poder.”

A Sra. Sparsit viu-o prender Louisa com o braço que a circundava e ouviu-o dizer, sem mais demora, com ouvidos ávidos (os da Sra. Sparsit), como a amava, e que ela era o prêmio pelo qual ele apostaria tudo que tinha na vida. Os objetivos que ele perseguia não valiam nada, comparados a ela. O sucesso que tinha a seu alcance, ele o jogaria para o alto, como sujeira que era, comparado a ela. No entanto, ele perseguiria o sucesso se fosse para ficar perto dela, ou renunciaria a ele se isso o afastasse dela. Fugiriam juntos, se ela quisesse, guardaria segredo, se ela ordenasse. Qualquer destino, ou todos, não faria diferença, desde que ela fosse sincera com ele – o homem que vira como ela era distante, a quem ela inspirara desde o primeiro encontro uma admiração e um interesse dos quais ele se julgava incapaz, a quem ela aceitara como confidente e que era dela um dedicado adorador. Tudo isso, e mais, na pressa dele e na dela, no turbilhão de sua própria maldade saciada, com medo de ser descoberta, no barulho cada vez maior da chuva caindo nas folhas e dos trovões – tudo isso a Sra. Sparsit recebeu em sua mente, disparado com tal halo de confusão e incerteza que, quando Harthouse pulou finalmente a cerca e conduziu o cavalo

para longe, a velha dama não estava certa do lugar onde deveriam encontrar-se, ou quando, exceto que haviam dito que seria naquela mesma noite.

Mas um deles ainda continuava na escuridão, diante dela, e, desde que não o perdesse de vista, tudo estava bem. “Ó, minha queridíssima amada”, pensou a Sra. Sparsit, “não sabes como estás bem assistida!”

A Sra. Sparsit observou Louisa sair do bosque e entrar na casa. O que fazer em seguida? Chovia a cântaros. As meias brancas da Sra. Sparsit apresentavam diversas cores, e o verde predominava; havia espinhos em seus sapatos; lagartas penduravam-se, em redes de fabricação própria, em várias partes de seu vestido; corriam riachos de sua touca e de seu nariz romano. Em tal condição, a Sra. Sparsit continuava escondida nos densos arbustos, pensando no que fazer em seguida.

Olhai, Louisa saindo da casa! Vestira às pressas um xale e uma capa e saía discretamente. Vão fugir juntos! Louisa caiu do degrau mais baixo e foi engolida pelo abismo.

Indiferente à chuva e andando a passos rápidos e determinados, Louisa tomou uma trilha paralela à estrada principal. A Sra. Sparsit seguiu-a sob a sombra das árvores, mas a pouca distância, pois era difícil não perder de vista a figura que andava rápido na escuridão sombria.

Quando Louisa parou para fechar o portão lateral, sem fazer barulho, a Sra. Sparsit parou. Quando continuou, a Sra. Sparsit continuou. Fazia o mesmo caminho pelo qual viera a Sra. Sparsit. Saiu da alameda, cruzou a estrada de pedras e subiu a escada de madeira da estação. O trem para Coketown chegaria em breve, a Sra. Sparsit sabia; assim, concluiu que Coketown seria a primeira parada de Louisa.

No estado murcho e encharcado em que estava a Sra. Sparsit, não foram necessárias grandes providências para mudar sua aparência usual; mas ela abrigou-se perto da parede da estação, dobrou o xale num formato diferente e vestiu a touca sobre ele. Assim disfarçada, não temeu ser reconhecida quando subiu a escada e comprou a passagem no pequeno escritório. Louisa esperava, sentada num canto. A Sra. Sparsit esperava, sentada noutra. Ambas ouviam os trovões e a chuva que escorria pelo telhado e tamborilava no parapeito dos arcos. Duas ou três lâmpadas ficaram molhadas e queimaram; assim, ambas viam com clareza os raios, quando estremeciam e ziguezagueavam sobre os trilhos de ferro.

A estação, num acesso de tremores que se transformou gradualmente numa

pontada no coração, anunciou o trem. Fogo, vapor, fumaça e luz vermelha; um sibilo, um choque, um sino e um guincho; Louisa entrou num vagão, a Sra. Sparsit noutro. A pequena estação tornou-se um ponto solitário no meio da tempestade.

Embora seus dentes batessem de frio e umidade, a Sra. Sparsit exultava. A figura pulara no precipício, e ela sentia-se, por assim dizer, velando o corpo. Ela, que preparara tão diligentemente as pompas fúnebres, poderia não exultar? “Ela chegará a Coketown muito antes dele”, pensou a Sra. Sparsit, “por melhor que seja o cavalo. Onde esperará por ele? E aonde irão? Paciência. Veremos.”

A chuvarada provocou uma tremenda confusão quando o trem parou em seu destino. Calhas e canos estouraram, bueiros transbordaram, e as ruas estavam alagadas. No mesmo instante em que desembarcou, a Sra. Sparsit voltou os olhos distraídos para as carruagens de aluguel, pelas quais havia grande procura. “Ela tomará uma”, pensou a dama, “e estará longe antes que eu possa segui-la. Mesmo correndo o risco de ser atropelada, preciso ver o número e ouvir a ordem para o cocheiro.”

Mas a Sra. Sparsit errara os cálculos. Louisa não embarcou em nenhuma carruagem e já estava longe. Os olhos negros estavam fixos no vagão em que a jovem viajara, mas era tarde demais. Como a porta não se abriu, a Sra. Sparsit passou mais de uma vez, não viu nada, espiou para dentro e encontrou o vagão vazio. Ela estava encharcada até os ossos; seus pés produziam um som estranho a cada passo que dava, como se estivesse andando na lama; a chuva deixara marcas em suas feições clássicas; sua touca parecia um figo passado; suas roupas estavam estragadas; cada botão, laço e colchete deixara impressões úmidas no avesso que se colava a ela; um verde estagnado cobria seu exterior, como o que se acumula na cerca velha de uma alameda embolorada de um parque. A Sra. Sparsit não sabia o que fazer, a não ser chorar amargamente e dizer: “Eu a perdi!”.



Curvando-se sobre a grama orvalhada, a Sra. Sparsit aproximou-se.

XII PARA BAIXO

Os lixeiros nacionais, após entreterem-se com briguinhas espalhafatosas, dispersaram-se, e o Sr. Gradgrind estava em casa, de férias.

Escrevia na sala do relógio estatístico mortal, sem dúvida provando alguma coisa – o teor provável resumia-se ao fato de que o Bom Samaritano era um Mau Economista. O barulho da chuva não o perturbava, mas chamava suficientemente sua atenção para que erguesse a cabeça de quando em quando, como se contestasse os elementos. Quando os trovões se tornavam muito sonoros, ele olhava para Coketown, pensando que as chaminés altas podiam ser atingidas.

O trovão ribombava à distância, e a chuva caía como o dilúvio, quando a porta se abriu. O Sr. Gradgrind olhou por cima da lâmpada e viu, para seu espanto, a filha mais velha.

“Louisa!”

“Pai, quero falar com o senhor.”

“Qual é o problema? Você parece estranha! Bom Deus”, disse o Sr. Gradgrind, cada vez mais preocupado, “você veio até aqui debaixo dessa tempestade?”

Ela pôs as mãos no vestido, como se não tivesse percebido. “Sim.” Então, descobriu a cabeça, deixou que o capuz e a capa escorregassem para o chão e ficou parada ali, olhando para o pai: tão pálida, tão desarrumada, tão desafiadora e desesperada que ele temeu por ela.

“O que é? Exijo saber, Louisa! Diga qual é o problema.”

Ela jogou-se numa cadeira perto dele e pôs a mão fria em seu braço.

“Pai, o senhor educou-me desde o berço?”

“Sim, Louisa.”

“Amaldiçoo a hora em que nasci para tal destino.”

Ele a olhou com dúvida e pavor, repetindo tolamente: “Amaldiçoa a hora? Amaldiçoa a hora?”.

“Como o senhor pôde dar-me a vida e tirar-me todas as coisas inestimáveis que a diferenciam de um estado de morte consciente? Onde estão as graças da minha alma? Onde estão os sentimentos do meu coração? O que o senhor fez, meu pai, o que o senhor fez com o jardim que deveria ter florescido neste deserto?”

Ela bateu no peito com as duas mãos.

“Se ele tivesse existido, suas cinzas poderiam me salvar do vazio em que afunda a minha vida. Eu não pretendia dizer isso, mas, pai, o senhor se lembra da última vez que conversamos, nesta sala?”

Ele estava tão despreparado para o que ouvia que mal conseguiu responder: “Sim, Louisa”.

“O que me vem aos lábios agora deveria ter vindo naquele momento, se o senhor tivesse me ajudado. Não o repreendo, pai. Aquilo que não cultivou em mim o senhor nunca cultivou em si mesmo; mas, oh!, se tivesse feito isso, ou se apenas tivesse me negligenciado, eu seria uma criatura muito melhor e mais feliz do que sou hoje!”

Ao ouvir isso, depois de todos os cuidados que tivera, ele baixou a cabeça e gemeu.

“Pai, se o senhor soubesse, quando estivemos juntos aqui da última vez, aquilo que eu temia e combatia – como é meu dever, desde a infância, combater cada impulso natural que surge em meu coração –, se o senhor soubesse que ainda restavam em meu peito sensibilidades, afeições e fraquezas que poderiam se transformar em força, desafiando todos os cálculos do homem, e tão desconhecida da sua aritmética como é o seu Criador, o senhor teria me dado ao marido a quem tenho certeza agora de que odeio?”

Ele disse: “Não. Não, minha pobre criança”.

“O senhor teria condenado sua filha à frieza e à esterilidade que a endureceram e arruinaram? O senhor teria roubado de mim – em proveito de ninguém – a parte imaterial da minha vida, a primavera e o verão da minha crença, o meu refúgio contra o que é sórdido e mau nas coisas reais, a escola

onde eu deveria ter aprendido a ser mais humilde e confiante diante dessas coisas e a ter esperança de melhorá-las, dentro da minha pequena esfera?”

“Oh, não, não. Não, Louisa.”

“No entanto, pai, se eu fosse cega, se tivesse de encontrar meu caminho pelo tato e fosse livre, se conhecesse as formas e as superfícies das coisas, para exercitar a minha imaginação a respeito delas, eu teria sido um milhão de vezes mais sábia, feliz, amorosa, contente, inocente e humana do que sou agora, com os olhos que tenho. Ouça, então, o que vim lhe dizer.”

Ele avançou para ampará-la em seus braços. Ao mesmo tempo, ela ergueu-se, de modo que eles ficaram muito próximos: ela, com a mão no ombro do pai, olhando fixamente para o rosto dele.

“Pai, com uma fome e uma sede que nunca foram saciadas, nem por um segundo; com um impulso ardente para uma região onde regras, números e definições não fossem tão absolutos, eu cresci, lutando a cada centímetro do meu caminho.”

“Nunca soube que você era infeliz, minha criança.”

“Eu sempre soube, pai. Nessa batalha, quase expulsei e esmaguei meu anjo, até transformá-lo num demônio. O que aprendi me fez duvidar, desacreditar, desprezar e lamentar aquilo que não aprendi; e meu trágico recurso foi imaginar que a vida passaria logo, e que nada valia a dor e o esforço de uma reação.”

“Mas você é tão jovem, Louisa!”, disse com piedade.

“E eu, tão jovem. Nessa condição, pai – e agora lhe mostro, sem medo ou favor, o estado entorpecido da minha mente, tal como a conheço –, o senhor propôs-me meu marido. Aceitei. Nunca fingi, diante do senhor ou dele, que o amava. Eu sabia, o senhor sabia e ele sabia que nunca o amei. Não fui inteiramente indiferente, porque tinha a esperança de ser agradável e útil a Tom. Refugiei-me numa ideia visionária e, desde então, venho descobrindo devagar como ela é louca. Mas Tom era o objeto da pouca ternura da minha vida; talvez ele tenha se tornado o que é porque eu sabia como me compadecer dele. Isso pouco importa agora, exceto que talvez o senhor se disponha a ser mais tolerante com os erros de Tom.”

Enquanto o pai a amparava, ela pôs a outra mão em seu ombro e, ainda olhando fixamente para ele, continuou.

“Quando me vi irrevogavelmente casada, o velho conflito rebelou-se contra o laço, ainda mais feroz por causa de todas aquelas divergências que surgiram das nossas duas naturezas individuais, que nenhuma lei geral será capaz de

governar ou explicar, até que o bisturi do anatomista possa ser guiado ao local onde habitam os segredos da minha alma.”

“Louisa!”, disse ele, e disse como uma súplica, pois lembrava-se bem da conversa anterior.

“Não o repreendo, pai, não me queixo. Estou aqui com outro objetivo.”

“O que posso fazer, criança? Peça o que quiser.”

“Já vou chegar lá, pai. O acaso colocou no meu caminho uma nova amizade, um homem como nunca conheci: acostumado ao mundo, leve, cortês, espontâneo, sem fingimentos, que afirma com clareza a pouca importância de todas as coisas, de um modo que eu mesma, secretamente, temia formular; dando-me a entender quase de imediato, embora eu ainda não saiba como ou em que grau, que me conhecia e lia meus pensamentos. Não pude considerá-lo pior do que eu. Parece haver uma afinidade entre nós. Pergunto-me apenas se vale a pena ele, que não se importa com nada, importar-se tanto comigo.”

“Com você, Louisa!”

Ele pode ter afrouxado instintivamente o abraço, mas sentiu que Louisa perdia as forças e viu um fogo selvagem brilhar nos olhos que o miravam firmemente.

“Não digo nada sobre como ele apelou para a minha confiança. Pouco importa como ele a conquistou. Mas ele a conquistou, pai. Aquilo que o senhor sabe da história do meu casamento ele também logo soube.”

Ele estava lívido e segurou-a com os dois braços.

“Não fiz nada além disso. Não desonrei seu nome. Mas, se o senhor me perguntar se eu o amei, ou se o amo, digo-lhe honestamente, pai, que é possível. Não sei.”

Ela afastou de repente as mãos dos ombros do Sr. Gradgrind e apertou-as contra o próprio corpo; em seu rosto, diferente dele mesmo, e em sua figura firme, resolvida a terminar o que tinha a dizer com um último esforço, os sentimentos, por tanto tempo reprimidos, libertaram-se.

“Nesta noite, meu marido estando fora, ele esteve comigo e declarou seu amor. Está à minha espera, neste mesmo minuto, porque foi a única maneira que encontrei de fazê-lo partir. Não sei se lamento, não sei se me envergonho, não sei se me rebaixei aos meus próprios olhos. Tudo que sei é que sua filosofia e seus ensinamentos não podem salvar-me, pai. O senhor me conduziu até aqui. Salve-me por qualquer meio que puder!”

Ele estreitou o abraço a tempo de impedi-la de cair ao chão, mas Louisa

gritou com uma voz terrível: “Morrerei se me segurar! Deixe-me cair!”. E ele a deitou ali, e viu o orgulho de seu coração e o triunfo de seu sistema aos seus pés, como um fardo insensível.

FIM DO LIVRO SEGUNDO



“Apenas imploro que acredite, minha filha favorita, que eu quis seu bem.”

LIVRO TERCEIRO
PROVISÃO

I

OUTRA COISA NECESSÁRIA

Louisa despertou do torpor, e seus olhos abriram-se languidamente em sua antiga cama e seu antigo quarto. Pareceu-lhe, de início, que tudo que acontecera desde os dias em que aqueles objetos eram-lhe familiares não passava de sombras de um sonho; mas, pouco a pouco, à medida que os objetos ficavam mais claros à sua visão, os eventos tornavam-se mais reais em sua mente.

Mal podia mover a cabeça, que lhe pesava e doía. Seus olhos estavam cansados e doloridos, e ela estava muito fraca. Uma curiosa desatenção a dominava, de tal modo que a presença de sua irmãzinha no quarto não lhe atraiu a atenção por algum tempo. Mesmo quando os olhares das duas se encontraram, e a menina aproximou-se, Louisa ficou olhando para ela por alguns minutos, em silêncio, e, acanhada, permitiu que Jane segurasse sua mão, antes de perguntar:

“Quando fui trazida para este quarto?”

“Na noite passada, Louisa.”

“Quem me trouxe?”

“Sissy, acredito.”

“Acredita? Por quê?”

“Porque a encontrei aqui, de manhã. Não foi acordar-me, como sempre faz, e saí a procurá-la. Não estava também no outro quarto, e saí a procurá-la pela casa inteira, até que a encontrei aqui, cuidando de você e fazendo-lhe compressas na testa. Você vai ver nosso pai? Sissy pediu-me para avisá-lo, quando você acordasse.”

“Que rosto sorridente você tem, Jane!”, disse Louisa, enquanto sua irmã mais nova – ainda tímida – curvava-se para beijá-la.

“Tenho? Fico contente que pense assim. Estou certa de que é obra de Sissy.”

O braço com que Louisa começara a envolver a irmã recuou. “Você pode avisar nosso pai, se quiser.” Então, detendo Jane, perguntou: “Foi você quem tornou este quarto tão alegre e deu-lhe esta aparência de boas-vindas?”.

“Oh, não, Louisa, estava tudo pronto antes de eu chegar. Foi...”

Louisa virou-se no travesseiro e não ouviu mais. Quando a irmã se retirou, virou a cabeça novamente e ficou deitada, com o rosto na direção da porta, até que esta se abrisse e seu pai entrasse.

Trazia o olhar esgotado e ansioso, e sua mão, que costumava ser firme, tremeu sobre a dela. Sentou-se na beirada da cama, perguntando afetuosamente como Louisa se sentia, e insistiu que ficasse em repouso, após a agitação e a exposição às intempéries da noite anterior. Falou com voz controlada e preocupada, bem diferente de seu modo ditatorial de costume, e interrompia-se com frequência, sem saber o que dizer.

“Minha querida Louisa. Minha pobre filha.” Estava tão perdido, àquela altura, que parou. E tentou novamente.

“Minha desafortunada criança.” A barreira era tão difícil de superar que ele tentou mais uma vez.

“Seria inútil, Louisa, esforçar-me para dizer como me senti oprimido, e como ainda me sinto, com o que você me revelou na noite passada. O chão que piso deixou de ser sólido sob os meus pés. O único apoio que me restava, a força que parecia, e ainda parece, impossível contestar cedeu num instante. Estou chocado com essas descobertas. Não há nenhuma intenção egoísta no que digo, mas sinto que o choque da revelação de ontem me pesa grandemente.”

Louisa não podia confortá-lo. Fora ela quem sofrera o naufrágio de sua vida contra as rochas.

“Não direi, Louisa, que, se você me houvesse enganado algum tempo atrás, teria sido melhor para nós dois; melhor para a sua paz e melhor para a minha. Estou ciente de que pode não ter sido parte do meu sistema estimular qualquer confiança desse tipo. Provei a mim mesmo o meu... o meu sistema, e administrei-o rigidamente; e devo assumir a responsabilidade de suas falhas. Apenas imploro que acredite, minha filha favorita, que eu quis seu bem.”

Disse aquilo com sinceridade, e, para fazer-lhe justiça, havia mesmo desejado. Medindo profundezas insondáveis com uma mesquinha vareta e

cambaleando pelo universo com compassos enferrujados e de pernas rígidas, pretendia realizar grandes coisas. Nos limites de suas curtas rédeas, esbarrara em tudo à sua volta, destruindo as flores da existência com maior singeleza de propósito do que aquela de muitos dos personagens espalhafatosos com quem convivia.

“Tenho certeza disso, pai. Sei que sou sua filha favorita. Sei que o senhor queria a minha felicidade. Nunca o culpei e nunca o culparei.”

Ele tomou a mão que Louisa lhe estendia.

“Minha querida, passei a noite diante da minha mesa, refletindo sobre o que tão dolorosamente aconteceu entre nós. Quando penso em seu caráter, quando penso que você escondeu por anos aquilo que eu soube há poucas horas, quando penso na pressão sob a qual você se encontra, e a qual obrigou-a afinal a revelar tudo, chego à conclusão de que devo desconfiar de mim mesmo.”

Ele poderia ter acrescentado mais, vendo o rosto que olhava para ele. Talvez tenha acrescentado, de fato, afastando com a mão, suavemente, o cabelo embaraçado que caía sobre a testa de Louisa. Esses pequenos gestos, comuns em outros homens, eram extraordinários nele; e a filha recebeu-os como se fossem palavras de arrependimento.

“Porém”, disse o Sr. Gradgrind, devagar e hesitando, com um mísero sentimento de felicidade, “se vejo razões para desconfiar de mim mesmo por causa do meu passado, Louisa, devo também desconfiar do meu presente e futuro. Para falar-lhe francamente, desconfio. Estou longe de sentir-me seguro, por mais diferente que eu tenha me sentido ontem, de que seja merecedor da confiança que você deposita em mim; de que possa responder ao apelo que veio fazer-me; de que tenha o instinto certo – supondo, por ora, que haja uma qualidade dessa natureza – para ajudá-la a consertar as coisas, minha criança.”

Ela virou-se no travesseiro, e estava com o rosto sobre o braço, de modo que ele não podia vê-lo. Toda a loucura e a paixão se haviam acalmado; embora estivesse comovida, não chorava. Seu pai mudara tanto que agora preferia vê-la chorando.

“Algumas pessoas afirmam”, continuou ele, ainda hesitando, “que há uma sabedoria da mente e uma sabedoria do coração. Nunca pensei assim; porém, como já disse, passei a desconfiar de mim. Supunha que a mente era todo o necessário. Talvez não seja. Como posso aventurar-me, hoje, a dizer que é? Se aquele outro tipo de sabedoria é o que negligenciei e seja necessário o instinto, Louisa...”

O Sr. Gradgrind sugeriu isso de forma muito duvidosa, como se relutasse em admiti-lo, mesmo naquele momento. Louisa não respondeu, deitada na cama, ainda semidespida, como ele a vira no chão de seu aposento na noite anterior.

“Louisa”, e pôs a mão sobre a dela outra vez, “tenho estado muito ausente desta casa nos últimos tempos e, embora a educação de sua irmã tenha sido conduzida conforme o... sistema”, parecia pronunciar a palavra sempre com grande relutância, “este foi modificado por força de associações cotidianas iniciadas, no caso dela, desde cedo. Pergunto-lhe – ignorante e humilde, minha filha –, você acha que para melhor?”

“Pai”, ela replicou, sem mover-se, “se alguma harmonia foi despertada no jovem coração de minha irmã, uma harmonia que esteve muda no meu até que se transformasse em discórdia, permita que ela lhe seja grata por isso e que siga seu caminho mais feliz, sabendo que sua maior bênção foi não ter seguido o meu.”

“Oh, minha criança, minha criança!”, disse ele, em desespero. “Estou tão infeliz por vê-la assim! De que me serve não ter sua reprovação, se eu mesmo me reprovoo tão amargamente?” Baixou a cabeça e falou-lhe com suavidade. “Louisa, receio que certa mudança venha ocorrendo lentamente nesta casa, em virtude do amor e da gratidão; aquilo que a mente desfez e não conseguiu fazer o coração tem feito em silêncio. Será assim?”

Ela não respondeu.

“Não sou tão orgulhoso que não possa acreditar nisso, Louisa. Como pude ser arrogante, estando você diante de mim? Será que foi assim? É assim, minha querida?”

Olhou para ela novamente, ainda jogada ali; e, sem mais palavras, saiu do quarto. Ele acabara de sair quando Louisa ouviu passos leves perto da porta e soube que alguém estava a seu lado.

Não ergueu a cabeça. Uma raiva surda que não podia ser vista em sua agonia, e aquele olhar involuntário do passado, do qual ela tanto se ressentia, encontraram sua materialização naquele momento e arderam dentro de Louisa como um fogo doentio. Toda a força firmemente aprisionada irrompe e destrói. O ar que é salutar à terra, a água que a enriquece, o calor que a faz amadurecer, rasgam-na quando são enjaulados. Assim aconteceu em seu coração, mesmo naquele momento; as mais fortes qualidades que possuía, dirigidas contra elas mesmas havia muito tempo, ergueram-se como uma muralha de obstinação contra uma amiga.

Foi melhor que o toque suave em seu pescoço tenha suposto que ela estava

dormindo. A mão compassiva não lhe conheceu o ressentimento. Que permanecesse ali.

E ali permaneceu, trazendo à vida uma miríade de pensamentos dos mais delicados; e Louisa descansou. Enquanto se acalmava com o silêncio, com a consciência de ser cuidada, algumas lágrimas chegaram-lhe aos olhos. Um rosto tocou o dela, e ela soube que também havia lágrimas nele, e que ela era a causa delas.

Quando Louisa fez menção de se levantar e sentar, Sissy afastou-se, parando placidamente ao lado da cama.

“Espero não tê-la perturbado. Vim perguntar se permite que eu lhe faça companhia.”

“Por que deveria ficar comigo? Minha irmã sentirá sua falta. Você é tudo para ela.”

“Sou?”, respondeu Sissy, balançando a cabeça. “Posso ser alguma coisa para você também, se permitir.”

“O quê?”, disse Louisa, quase com severidade.

“O que você mais quiser, se permitir. De qualquer maneira, gostaria de tentar me aproximar. Por maior que seja a distância, nunca cansarei de tentar. Você permite?”

“Meu pai a mandou aqui.”

“Na verdade, não”, replicou Sissy. “Ele disse que eu podia entrar agora, mas expulsou-me do quarto pela manhã – ou, pelo menos...”

Ela hesitou e deteve-se.

“Pelo menos, o quê?”, disse Louisa com olhos inquisidores sobre a menina.

“Achei melhor ser expulsa, porque não sabia se você me queria aqui.”

“Eu sempre a odiei tanto?”

“Espero que não, pois sempre a amei e desejei que você soubesse. Mas você ficou diferente, um pouco antes de sair de casa. Não que isso tenha me surpreendido. Você sabia tanto, e eu tão pouco, e era tão natural que você convivesse com outros amigos, que eu não podia me queixar, e não fiquei magoada com isso.”

Ela corou enquanto falava, humilde e apressadamente. Louisa entendeu a intenção amorosa e sentiu um aperto no coração.

“Posso tentar?”, disse Sissy, tomando coragem de levar a mão ao pescoço que se curvava em sua direção, sem perceber.

Louisa, tomando a mão que a teria abraçado em outro momento, segurou-a

entre as suas e respondeu:

“Antes de tudo, Sissy, você sabe o que sou? Sou tão orgulhosa e insensível, tão confusa e perturbada, tão ressentida e injusta com todos e comigo mesma, que tudo para mim é tempestuoso, escuro e perverso. Isso lhe repugna?”

“Não!”

“Sou tão infeliz, e tudo que poderia me fazer feliz está tão arrasado, que se tivesse sido privada de razão até este momento e, em vez de ser tão culta quanto você me considera, tivesse de aprender as verdades mais simples, eu não poderia desejar um guia mais abjeto do que eu para a paz, o contentamento, a honra e todo o bem que me falta. Isso não lhe repugna?”

“Não!”

Na inocência de sua corajosa afeição, e no transbordar de seu velho espírito de devoção, a menina que um dia fora abandonada agora brilhava como uma linda luz sobre a escuridão da outra.

Louisa levantou a mão de modo que esta pudesse envolver o pescoço de Sissy e juntar-se ali à sua companheira. Caiu de joelhos e, abraçando-se àquela filha de andarilhos, olhou para ela quase com veneração.

“Perdoe-me, tenha piedade de mim, ajude-me! Tenha compaixão por minha grande necessidade e deixe esta minha cabeça deitar-se sobre um coração amoroso!”

“Oh, deite-a aqui!”, exclamou Sissy. “Deite-a aqui, minha querida.”

II MUITO RIDÍCULO

O Sr. James Harthouse passara um dia e uma noite em estado de tamanha confusão que o Mundo, munido de sua melhor luneta, mal o reconheceria, durante aquele período insano, como o irmão do honorável e jocoso parlamentar. Estava agitado. Falou várias vezes com uma ênfase semelhante à forma vulgar. Saía e entrava inexplicavelmente, como um homem sem objetivo. Cavalgou como um salteador. Em uma palavra, estava tão terrivelmente aborrecido com as circunstâncias que se esqueceu de entediá-lo da maneira prescrita pelas autoridades.

Depois de desabalar até Coketown debaixo da tempestade, como num salto, esperou a noite toda: tocando a sineta de tempos em tempos e acusando o porteiro de descumprir seu dever e não entregar-lhe cartas ou mensagens que por certo haviam chegado a suas mãos, e exigindo reparação imediata. Vieram a aurora, a manhã e o dia, todos sem nenhuma carta ou mensagem. Assim, foi até a casa de campo. Lá, o relatório foi que o Sr. Bounderby estava viajando e a Sra. Bounderby estava na cidade. Partira subitamente na noite anterior. Fato desconhecido até o recebimento de uma mensagem informando que ela não voltaria tão cedo.

Em tais circunstâncias, não havia nada que ele pudesse fazer a não ser ir ter com Louisa na cidade. Foi à casa da cidade. A Sra. Bounderby estava ausente. Procurou no banco. O Sr. Bounderby estava ausente, a Sra. Sparsit estava ausente. A Sra. Sparsit, ausente? Quem se humilharia a ponto de solicitar a companhia daquele grifo?

“Bem! Não sei”, disse Tom, que também tinha razões para sentir-se incomodado. “Saiu hoje cedo, ao amanhecer. Está cheia de mistérios. Odeio aquela velha. E também aquele branquelo. Sempre vigia todo mundo, piscando sem parar.”

“Onde você esteve ontem à noite, Tom?”

“Onde estive ontem à noite?”, disse Tom. “Ora! Essa é boa. Esperei pelo senhor, Sr. Harthouse, até começar uma chuva como nunca vi antes. Onde estive? Onde o *senhor* esteve, o senhor quer dizer.”

“Não pude vir – retido.”

“Retido!”, murmurou Tom. “Nós dois ficamos retidos. Fiquei retido na estação, procurando pelo senhor em todos os trens, com exceção do postal. Foi muito agradável passar por isso numa noite assim e ter de atravessar um lago para voltar para casa. Por fim, fui obrigado a dormir na cidade.”

“Onde?”

“Onde? Ora, em minha própria cama, na casa de Bounderby.”

“Viu sua irmã?”

“Como poderia”, retorquiu Tom, olhando para ele, “se ela estava a mais de vinte quilômetros de distância?”

Mandando aos diabos as rápidas respostas do jovem cavalheiro de quem era tão fiel amigo, o Sr. Harthouse desembaraçou-se da conversa com a menor cerimônia possível e perguntou-se pela centésima vez o que significava tudo aquilo. Apenas uma coisa estava clara: estivesse ela na cidade ou não, tivesse sido ele precipitado em sua proposta a Louisa, que era tão difícil de compreender, tivesse ela perdido a coragem, tivessem sido eles descobertos, tivesse acontecido um desencontro ou um percalço, incompreensível no momento, nada importava, ele teria de ficar e enfrentar seu destino, qualquer que fosse. O hotel onde costumava hospedar-se, sempre que era condenado àquela região de negror, era a estaca a que estava preso. Quanto ao resto – o que será será.

“Então, se me espera uma mensagem hostil, ou uma ordem, ou uma advertência contrita, ou uma luta improvisada com meu amigo Bounderby à moda de Lancashire – o que parece muito improvável no atual estado das coisas –, jantarei”, disse o Sr. James Harthouse. “Bounderby tem a vantagem do peso; e, se deve acontecer algo de natureza britânica entre nós, é melhor que eu esteja em forma.”

Portanto, tocou a sineta e, jogando-se negligentemente no sofá, pediu o

“jantar às seis – alguma coisa com bife” e passou o resto da tarde como pôde. Não muito bem, porque continuou em estado de grande perplexidade e, à medida que as horas transcorriam, e nenhuma explicação se apresentava, sua perplexidade aumentava a juros compostos.

Porém, considerou a situação tão friamente quanto permitia a natureza humana e entreteve-se mais de uma vez com a divertida ideia do treinamento. “Não seria mau”, bocejou em certo momento, “oferecer cinco *shillings* ao garçom para derrubá-lo.” Em outro momento, ocorreu-lhe: “Ou talvez eu pudesse contratar, por hora, um sujeito de oitenta ou noventa quilos”. Mas esses gracejos não afetaram a tarde, ou o suspense, que, a bem da verdade, prolongaram-se tremendamente.

Foi impossível, antes do jantar, não caminhar pela trilha formada pela estampa do tapete, olhar pela janela, escutar à porta em busca do som de passos e, de vez em quando, animar-se ao ouvir passos aproximando-se do quarto. Mas, após o jantar, quando o dia tornou-se crepúsculo, o crepúsculo tornou-se noite e, ainda assim, nenhum recado chegou, começou a sentir-se, em suas próprias palavras, “no Santo Ofício e lentamente torturado”. Mesmo assim, ainda fiel à convicção de que a indiferença é a verdadeira nobreza (a única convicção que tinha), aproveitou a oportunidade oferecida por aquela crise para pedir velas e um jornal.

Em vão tentara ler o jornal durante meia hora, quando o garçom apareceu e disse, acanhado e misterioso: “Com sua licença, senhor. Estão à sua procura, senhor”.

Uma lembrança vaga de que aquilo era o tipo de coisa que a polícia dizia aos ladrões de casaca fez o Sr. Harthouse perguntar ao garçom, com uma indignação petulante, que diabo ele queria dizer com: “Estão à sua procura”.

“Com sua licença, senhor. Uma jovem dama, lá fora, senhor, deseja vê-lo.”

“Fora? Onde?”

“Lá fora, senhor.”

Dizendo ao garçom que se deixasse carregar pelo personagem supracitado, tarefa para a qual estava devidamente qualificado, por ser um imbecil, o Sr. Harthouse precipitou-se para o corredor. Uma jovem que jamais vira estava ali. Vestida com simplicidade, muito calma, muito bonita. Enquanto a conduzia ao quarto e lhe oferecia uma cadeira, observou, à luz das velas, que era ainda mais bonita do que imaginara antes. Seu rosto era jovem e inocente, e sua expressão era extremamente agradável. Não o temia nem parecia desconcertada; parecia

que sua mente estava ocupada pelo motivo de sua visita e que tinha substituído a si mesma por tal consideração.

“Falo com o Sr. Harthouse?” , disse ela, quando ficaram a sós.

“Sou o Sr. Harthouse.” E acrescentou em pensamento: “E você me fala com os olhos mais confiantes que já vi e a voz mais sincera (embora tão tranquila) que já ouvi”.

“Mesmo que eu não entenda, e de fato não entendo, senhor, o que lhe obriga a honra de cavalheiro em outros assuntos”, o Sr. Harthouse sentiu o sangue subir-lhe à face quando Sissy começou com essas palavras, “estou certa de que posso confiar nela para que guarde minha visita em segredo, assim como o que lhe direi. Confiarei no senhor, se me disser que posso...”

“Asseguro-lhe que pode.”

“Sou jovem, como vê; e estou sozinha. Venho até o senhor sem conselhos ou encorajamentos, mas com a minha própria esperança.”

Ele pensou “Essa é muito boa”, enquanto seguia o rápido dardejar dos olhos de Sissy. Além disso, pensou: “Esse é um estranho começo. Não vejo aonde ela quer chegar”.

“Creio”, disse Sissy, “que o senhor já adivinhou de quem acabei de despedir-me!”

“Fiquei muito preocupado e inquieto nas últimas quarenta e oito horas (que me pareceram anos)”, retorquiu ele, “em relação a certa dama. Acredito que não me engana a esperança de que tal dama a tenha enviado.”

“Deixei-a há uma hora.”

“Onde?”

“Na casa do pai.”

O Sr. Harthouse espichou os olhos, apesar de sua frieza, e sua perplexidade aumentou. “Agora”, pensou ele, “é que *não* sei mesmo aonde ela quer chegar.”

“Ela foi para lá na noite passada. Chegou muito agitada e ficou inconsciente durante toda a noite. Moro na casa do pai dela e estive com ela. Esteja certo, senhor, de que jamais tornará a vê-la enquanto viver.”

O Sr. Harthouse respirou profundamente e descobriu, sem nenhuma sombra de dúvida, que, se alguma vez houve uma circunstância em que um homem não soube o que dizer, era aquela em que se encontrava. A ingenuidade infantil com que falava a visitante, seu humilde destemor, sua franqueza sem artifícios, o completo esquecimento de si mesma em favor do tranquilo cumprimento do objetivo de sua visita, tudo isso, somado à confiança que depositava na promessa

leviana de Harthouse – da qual ele já se envergonhava –, apresentava-lhe algo em que era tão inexperiente, e contra o qual sabia que suas armas costumeiras não surtiriam nenhum efeito, que não podia chamar nem uma única palavra em seu auxílio.

Afinal, disse:

“Uma notícia tão aterradora, dada com tanta segurança por tais lábios, é, de fato, extremamente desconcertante. Permita-me perguntar se foi encarregada de dar-me a informação, com essas palavras desesperanças, pela dama de quem falamos?”

“Ela não me encarregou de nada.”

“O homem que está se afogando agarra-se a gravetos. Sem desrespeito ao seu julgamento, ou dúvida sobre a sua sinceridade, perdoe-me dizer que me aferro à esperança de não estar condenado à privação perpétua da companhia da dama.”

“Não há a mínima esperança. O motivo principal de eu ter vindo até aqui, senhor, é garantir-lhe que deve acreditar que não há mais esperança de falar outra vez com a dama do que haveria se ela tivesse morrido ao chegar em casa, na noite passada.”

“Devo acreditar? Mas se não puder – ou se, por uma enfermidade da minha natureza, eu não quiser e não...”

“Ainda assim será verdade. Não há esperança.”

James Harthouse olhou para ela com um sorriso incrédulo nos lábios, mas a mente de Sissy olhava por cima e além dele, e o sorriso foi derrotado.

Ele mordeu os lábios e refletiu alguns instantes.

“Bem! Se malfadadamente, após as dores e os esforços devidos da minha parte, acontecer de eu ser levado a uma situação tão desolada quanto o banimento, não perseguirei a dama. Mas você mencionou que ela não lhe deu nenhuma incumbência?”

“Tenho apenas a incumbência do meu amor por ela, e do amor dela por mim. Não tenho outra convicção, a não ser a de que estive com ela desde que chegou e a de que me fez confidências. Não tenho outra convicção, a não ser a de que conheço seu caráter e seu casamento. Oh, Sr. Harthouse, pensei que também o senhor tivesse essa convicção!”

Ele sentiu-se tocado no oco onde deveria estar seu coração – aquele ninho de ovos gorados onde teriam vivido as aves do paraíso, se não tivessem sido espantadas – pelo fervor daquela censura.

“Não sou um sujeito virtuoso”, disse ele, “e nunca tive a pretensão de ser um sujeito virtuoso. Sou tão imoral quanto devo ser. No entanto, se causei qualquer desgosto à dama que é tema desta conversa, ou se lamentavelmente a comprometi de alguma maneira; ou se comprometi a mim mesmo ao expressar-lhe sentimentos que não poderiam conciliar-se perfeitamente com a paz doméstica; ou se tirei partido do fato de que o pai da dama é uma máquina, seu irmão um moleque e seu marido um urso, imploro-lhe que me permita dizer que não tive intenções especialmente más, mas escorreguei de degrau em degrau com uma suavidade tão perfeitamente diabólica que não fazia ideia de que o catálogo fosse tão longo até começar a folheá-lo. Descobri”, disse o Sr. James Harthouse para concluir, “que ele tem vários volumes.”

Embora tenha dito isso à sua maneira frívola, dessa vez tais modos pareceram o lustro intencional de uma superfície sórdida. Ficou em silêncio um momento, então prosseguiu com um ar mais controlado, apesar dos sinais de vexação e desapontamento que o lustro não poderia remover.

“Depois do que me foi relatado, de uma maneira da qual considero impossível duvidar – não conheço outra fonte da qual eu poderia aceitar isso tão prontamente –, sinto-me obrigado a dizer a você, depositária da confiança que acaba de mencionar, que não posso recusar-me a contemplar a possibilidade (ainda que inesperada) de não tornar a ver a dama. Sou o único culpado pelo caso ter chegado a este ponto – e... e não posso dizer”, acrescentou, sem maiores recursos para uma peroração geral, “que eu tenha alguma esperança de me tornar um sujeito virtuoso, ou que eu tenha alguma crença em sujeitos virtuosos.”

O rosto de Sissy demonstrava que ela ainda não havia terminado seu apelo.

“Você falou”, continuou ele, enquanto ela erguia os olhos para ele, “de um motivo principal. Posso presumir que tenha outro?”

“Sim.”

“Você me faria a gentileza de dizer qual?”

“Sr. Harthouse”, respondeu Sissy, com uma mistura de gentileza e firmeza que o desarmava e com a confiança simples de que ele deveria fazer aquilo que ela pedisse, o que o deixava em imensa desvantagem, “a única reparação que lhe resta é partir imediatamente. Tenho plena certeza de que não há outro modo de corrigir os erros e danos que cometeu. Tenho plena certeza de que é a única compensação que ainda pode oferecer. Não digo que seja muita ou que seja suficiente; mas é alguma coisa, e ela é necessária. Portanto, embora sem nenhuma autoridade além daquela que lhe apresentei, e até mesmo sem o

conhecimento de outras pessoas, além de mim e do senhor, peço-lhe que parta esta noite, com o compromisso de jamais retornar.”

Se ela tivesse qualquer influência sobre ele, além da confiança simples na verdade e na justiça do que ela dizia; se dissimulasse a menor dúvida ou hesitação, ou se abrigasse, com as melhores intenções, alguma reserva ou fingimento; se demonstrasse, ou sentisse, a mais leve simpatia por seu ridículo ou por seu espanto, ou por qualquer queixa que ele apresentasse, naquele momento o Sr. Harthouse os teria usado contra ela. Mas era mais fácil nublar um céu claro com um olhar de surpresa do que afetá-la.

“Mas você tem ideia”, perguntou bastante atrapalhado, “do que está me pedindo? Talvez não saiba que estou aqui a serviço público, absurdo o suficiente por si mesmo, mas ao qual prestei juramento e, presume-se, ao qual eu deva me dedicar desesperadamente. É provável que não saiba disso, mas asseguro-lhe que é fato.”

Fato ou não, aquilo não teve nenhum efeito sobre Sissy.

“Além do mais”, disse o Sr. Harthouse, dando uma ou duas voltas pelo quarto, indeciso, “é um tremendo absurdo. Seria ridículo, depois de ter me juntado àqueles homens, retirar-me de modo tão incongruente.”

“Tenho plena certeza”, repetiu Sissy, “de que é a única reparação ao seu alcance, senhor. Se eu não tivesse plena certeza disso, não teria vindo até aqui.”

Ele olhou para a menina e caminhou pelo quarto outra vez. “Não sei o que dizer, juro por minha alma. Que tremendo absurdo!”

O que podia fazer, naquele momento, era manter sigilo.

“Se eu tiver de tomar uma atitude tão ridícula”, disse ele, detendo-se e encostando-se à lareira, “teria de ser no mais estrito sigilo.”

“Confiarei no senhor”, retorquiu Sissy, “e o senhor confiará em mim.”

Encostar-se à lareira o fez lembrar daquela noite com o moleque. Era a mesma lareira e, de certo modo, sentia que, naquele momento, o moleque era *ele*. Não conseguia encontrar uma saída.

“Suponho que nenhum homem tenha estado em posição mais ridícula”, disse depois de olhar para baixo e para cima, rir, franzir o cenho, caminhar para lá e para cá. “Porém, não vejo saída. O que será será. E será isso, suponho. Devo retirar-me, imagino – em suma, comprometo-me a fazê-lo.”

Sissy levantou-se. Não estava surpresa com o resultado, mas feliz, e seu rosto sorria luminoso.

“Permita-me dizer”, continuou o Sr. James Harthouse, “que duvido que

outro embaixador, ou embaixatriz, pudesse me abordar com o mesmo sucesso. Devo considerar-me não apenas numa posição bastante ridícula, mas também derrotado em todas as frentes. Conceda-me o privilégio de lembrar-me do nome de minha inimiga.”

“Meu nome?”, disse a embaixatriz.

“O único nome que me importa saber esta noite.”

“Sissy Jupe.”

“Perdoe minha curiosidade. De que família?”

“Sou apenas uma menina pobre”, respondeu Sissy. “Fui separada do meu pai – ele era apenas um andarilho – e acolhida pelo Sr. Gradgrind. Moro em sua casa desde então.”

Ela se foi.

“Eu precisava disso para completar a derrota”, disse o Sr. James Harthouse, afundando-se no sofá com um ar resignado, depois de permanecer um instante em pé, paralisado. “Agora posso considerar a derrota perfeitamente consumada. Apenas uma menina pobre – apenas uma andarilha – apenas James Harthouse espezinhado – apenas James Harthouse, a Grande Pirâmide do fracasso.”

A Grande Pirâmide meteu na cabeça que iria até o Nilo. No mesmo instante, apanhou uma caneta e escreveu o seguinte bilhete (nos hieróglifos apropriados) ao irmão:

Caro Jack, Coketown acabou. Aborrecido demais com o lugar. Entrando para o ramo dos camelos. Com afeto, Jem.

Tocou a sineta.

“Chame meu criado.”

“Está dormindo, senhor.”

“Diga-lhe que acorde e faça as malas.”

Escreveu mais dois bilhetes. Um para o Sr. Bounderby, anunciando que partia daquela região do país e indicando onde poderia ser encontrado na quinzena seguinte. Outro para o Sr. Gradgrind, semelhante em efeito. Antes que a tinta de sua assinatura secasse, havia deixado para trás as altas chaminés de Coketown e encontrava-se num vagão de trem, chorando e rangendo os dentes diante da paisagem escura.

Os homens virtuosos poderiam supor que o Sr. James Harthouse chegara a algumas conclusões reconfortantes após sua pronta retirada, sendo uma das poucas atitudes que jamais tomara para corrigir alguma coisa, e como uma prova de que escapara do clímax de um caso bastante desagradável. Mas não foi isso que aconteceu. A ideia íntima de que fracassara e fora ridículo – o pavor do que diriam, à sua custa, outros sujeitos que haviam enfrentado situações semelhantes, se ficassem sabendo – era tão opressiva que a melhor ação de sua vida, entre outras tantas, seria a única que nunca admitiria em hipótese alguma, e a única que sempre o faria envergonhar-se de si mesmo.

III

MUITO DECIDIDO

A incansável Sra. Sparsit, acometida de um violento resfriado, a voz reduzida a um sussurro e a silhueta aristocrática tão sacudida por espirros que parecia a ponto de desmembrar-se, andou à caça de seu benfeitor até encontrá-lo na metrópole; e lá, abordando-o majestosamente no hotel da Rua St. James, disparou o combustível com que estava carregada e explodiu. Tendo executado sua missão com imensa satisfação, a piedosa senhora desmaiou sobre o casaco do Sr. Bounderby.

A primeira ação do Sr. Bounderby foi desvencilhar-se da Sra. Sparsit e deixá-la progredir à vontade, no chão, pelas várias etapas de seu sofrimento. Em seguida recorreu à administração de fortes tonificantes, como torcer os polegares da paciente, bater suas mãos, jogar alguns litros de água em seu rosto e pôr sal em sua boca. Quando tais cuidados acabaram por trazê-la de volta a si (o que fizeram com rapidez), enfiou a velha senhora num trem expresso, sem lhe oferecer qualquer outro lenitivo, e levou-a de volta para Coketown mais morta do que viva.

Como ruína clássica, a Sra. Sparsit teria sido um espetáculo muito interessante, quando chegou ao fim da jornada; porém, sob outra luz qualquer, a quantidade de danos que sofrera até aquele momento era excessiva e impedia qualquer pretensão à admiração. Ignorando completamente os danos às roupas e à constituição da Sra. Sparsit, e impermeável aos seus patéticos espirros, o Sr. Bounderby meteu a dama numa carruagem e conduziu-a a Stone Lodge.

“Veja, Tom Gradgrind”, disse Bounderby, invadindo a sala do sogro tarde da noite, “aqui está uma dama – a Sra. Sparsit, você conhece a Sra. Sparsit – que tem uma coisa para dizer que o deixará embasbacado.”

“Você não recebeu minha carta?”, exclamou o Sr. Gradgrind, surpreendido pela aparição.

“Não recebi sua carta, senhor!”, urrou Bounderby. “Agora não é hora para cartas. Ninguém falará de cartas com Josiah Bounderby de Coketown, estando sua mente no estado em que está agora.”

“Bounderby”, disse o Sr. Gradgrind em tom de moderada reprovação, “falo de uma carta muito especial que lhe escrevi, referente a Louisa.”

“Tom Gradgrind”, replicou Bounderby, batendo a mão várias vezes na mesa, e com grande veemência, “falo de uma mensageira muito especial que veio até mim, referente a Louisa. Sra. Sparsit, adiante-se!”

A desafortunada dama, tentando oferecer seu testemunho, sem nenhuma voz e com gestos dolorosos que davam a entender que estava com a garganta inflamada, exasperou-se tanto e sofreu tantas contorções faciais que o Sr. Bounderby, não podendo mais aguentar, pegou-a pelo braço e sacudiu-a.

“Se a senhora não consegue falar, madame”, disse Bounderby, “deixe que *eu* falo. Isto não é hora de uma dama, por mais distintas que sejam suas relações, perder a voz e parecer que engoliu bolas de gude. Tom Gradgrind, recentemente a Sra. Sparsit teve ocasião, por acaso, de ouvir uma conversa entre sua filha e seu amigo, o precioso cavalheiro James Harthouse.”

“De fato!”, disse o Sr. Gradgrind.

“Oh! De fato!”, gritou Bounderby. “E, nessa conversa...”

“Não é necessário repetir o teor da conversa, Bounderby. Sei o que houve.”

“Sabe? Talvez”, disse Bounderby, encarando com toda a força o sogro, tão tranquilo e persuasivo, “também saiba onde está sua filha agora!”

“Sem dúvida. Ela está aqui.”

“Aqui?”

“Meu caro Bounderby, peço-lhe que refreie seus ataques. Louisa está aqui. Assim que pôde livrar-se do encontro com a pessoa da qual você fala, e que lamento muitíssimo ter apresentado a ela, Louisa correu para cá em busca de proteção. Eu mesmo havia chegado poucas horas antes quando a recebi – aqui, nesta sala. Ela veio para a cidade no primeiro trem, correu da cidade até aqui, debaixo daquela tempestade toda, e apresentou-se diante de mim em estado de

grande perturbação. É claro que está aqui desde então. Imploro-lhe, para seu próprio bem e o dela, que faça menos barulho.”

O Sr. Bounderby olhou à sua volta alguns minutos, em silêncio e em todas as direções, exceto na da Sra. Sparsit; então, virando-se abruptamente para a sobrinha de Lady Scadgers, disse à desgraçada mulher:

“Muito bem, madame! Ficaremos todos muito contentes em ouvir qualquer pequena desculpa que ache apropriado oferecer, por ter se precipitado para a cidade sem nenhuma bagagem, com exceção de uma tremenda história para boi dormir!”

“Senhor”, sussurrou a Sra. Sparsit, “no momento meus nervos estão abalados demais e minha saúde prejudicada demais, em seu serviço, para que eu consiga mais do que refugiar-me em lágrimas.”

(Assim ela fez.)

“Bem, madame”, disse Bounderby, “sem fazer qualquer comentário que possa ser inadequado a uma senhora de boa família, devo acrescentar que há outra coisa na qual a senhora pode refugiar-se: numa carruagem. A carruagem que nos trouxe está na porta; permita-me embarcá-la e despachá-la para o banco, onde o melhor que poderá fazer será colocar os pés na água mais quente que puder aguentar e beber um copo de rum quente com manteiga ao deitar-se.” Com essas palavras, o Sr. Bounderby estendeu a mão à lacrimosa dama e escoltou-a até o veículo em questão, enquanto ela emitia uma série de espirros queixosos. Ele retornou sozinho pouco depois.

“Agora, já que estava estampado em seu rosto, Tom Gradgrind, que queria falar comigo”, continuou, “aqui estou. Porém, como não me encontro em estado agradável, digo-lhe francamente: não estou gostando dessa situação, e não considero que tenho sido tratado por sua filha com o respeito e a submissão com que Josiah Bounderby de Coketown deveria ser tratado por sua mulher. Ouso dizer que você tem sua opinião, e sei que tenho a minha. Se pretende dizer alguma coisa que vá de encontro a esse comentário sincero, é melhor deixar para lá.”

Sendo o Sr. Gradgrind muito mais mole, como se observará, o Sr. Bounderby teve de esforçar-se para ser duro em todos os pontos. Essa era sua natureza amável.

“Meu caro Bounderby”, começou o Sr. Gradgrind.

“Perdão”, disse Bounderby, “mas não quero lhe ser caro demais, antes de tudo. Quando sou caro a um homem, quase sempre descubro que sua intenção é

me ludibriar. Não falo com educação, mas você sabe que não *sou* educado. Se gosta de educação, sabe onde encontrá-la. Você tem amigos educados, não tem? Eles vão lhe fornecer o artigo que procura. Eu não trabalho com ele.”

“Boulderby”, insistiu o Sr. Gradgrind, “todos cometemos erros...”

“Eu achava que você não cometia nenhum”, interrompeu Boulderby.

“Talvez eu pensasse assim. Mas digo agora que todos cometemos erros, e eu entenderia e apreciaria se você não se referisse a Harthouse. Eu não o associarei, ao longo da nossa conversa, ao encorajamento e à intimidade que você lhe ofereceu. Portanto, peço-lhe que não insista em associá-lo aos que eu lhe ofereci.”

“Nem cheguei a mencionar o nome dele!”, disse Boulderby.

“Bem, bem!”, retorquiu o Sr. Gradgrind com um ar paciente, até mesmo submisso, e sentou-se para pensar. “Boulderby, tenho razões para desconfiar que nós nunca entendemos Louisa.”

“O que quer dizer com ‘nós’?”

“Falemos de mim, então”, disse em resposta à pergunta grosseira. “Duvido que eu tenha entendido Louisa algum dia. Duvido que a tenha educado da forma mais correta.”

“Nisso você está certo”, retorquiu Boulderby. “Nisso nós concordamos. Você descobriu afinal, não é? Educação! Eu lhe digo o que é educação: ser pego pelo colarinho e pelos fundilhos e ser jogado porta afora, e ser privado de tudo, exceto de sapatos. Isso é o que *eu* chamo de educação.”

“Acho que seu bom senso perceberá”, protestou o Sr. Gradgrind com toda a humildade, “que, quaisquer que sejam os méritos de tal sistema, sua aplicação geral às meninas é difícil.”

“Não percebo nada, senhor”, retorquiu o obstinado Boulderby.

“Bem”, suspirou o Sr. Gradgrind, “não vamos insistir na questão. Asseguro-lhe que não quero causar polêmica. Estou tentando reparar os equívocos, se possível; e espero que me ajude de bom grado, Boulderby, porque tenho estado muito angustiado.”

“Ainda não entendi”, disse Boulderby com deliberada obstinação, “portanto, não farei promessas.”

“Em poucas horas, meu caro Boulderby”, prosseguiu o Sr. Gradgrind no mesmo tom triste e conciliador, “penso que compreendi melhor o caráter de Louisa do que em todos os anos passados. Fui forçado a essa compreensão de maneira dolorosa, e a descoberta não foi minha. Creio que existam – Boulderby,

você ficará surpreso ao me ouvir dizer isto –, creio que existam qualidades em Louisa que... que foram severamente negligenciadas e... e um tanto deformadas. E... e eu sugeriria que... que se você fizesse a gentileza de colaborar comigo na oportuna tentativa de deixá-la algum tempo em contato com sua natureza – e encorajar seu desenvolvimento pelo afeto e pela consideração – seria... seria melhor para a felicidade de todos. Louisa”, disse o Sr. Gradgrind, cobrindo o rosto com a mão, “sempre foi minha filha favorita.”

O arrogante Bounderby tornou-se escarlate e intumescceu-se de tal modo ao ouvir aquelas palavras que parecia estar, e provavelmente estava, à beira de um ataque de nervos. Embora suas orelhas já estivessem roxas, com algumas veias escarlates, conteve a indignação e disse:

“Você quer que ela fique aqui por algum tempo?”

“Eu... eu pretendia recomendar, meu caro Bounderby, que você permitisse que Louisa permanecesse aqui como visitante e fosse auxiliada por Sissy (refiro-me, é claro, a Cecilia Jupe), que a entende, e em quem ela confia.”

“Concluo disso tudo, Tom Gradgrind”, disse Bounderby, em pé e com as mãos nos bolsos, “que você é da opinião que existe entre mim e Loo Bounderby aquilo que alguns chamam de certa incompatibilidade.”

“Temo que haja, no presente, uma incompatibilidade geral entre Louisa e... e... e quase todas as relações em que a pus”, foi a dolorosa resposta do pai.

“Pois preste atenção, Tom Gradgrind”, disse Bounderby, o Vermelho, confrontando Gradgrind com as pernas afastadas, as mãos enfiadas profundamente nos bolsos e os cabelos como um campo de feno agitado pelo vento da ira. “Você disse o que queria, agora é a minha vez. Sou um homem de Coketown. Sou Josiah Bounderby de Coketown. Conheço os tijolos desta cidade, conheço as chaminés desta cidade e conheço as Mãos desta cidade. Conheço todos muito bem. São reais. Quando alguém me fala de qualidades imaginárias, sempre digo a esse alguém, seja quem for, que sei o que isso significa. Significa sopa de tartaruga e caça fina, com colher de ouro, e uma carruagem de seis cavalos. É isso que sua filha quer. Como você é da opinião de que ela deva ter o que quer, recomendo que você mesmo o providencie. Porque, Tom Gradgrind, ela não receberá nada de mim.”

“Bounderby”, disse o Sr. Gradgrind, “eu esperava que, depois do meu pedido, você tivesse uma atitude diferente.”

“Espere um pouco”, retorquiu Bounderby, “você disse o que queria, creio eu. E eu ouvi até o fim; agora ouça até o fim, por favor. Não faça de você mesmo

um espetáculo de injustiça, como se fez de inconsistência, porque, embora eu lamentamente ver Tom Gradgrind reduzido a tal posição, lamentaria duas vezes vê-lo humilhar-se. Ora, você me deu a entender que entre mim e sua filha há uma incompatibilidade qualquer. Dou-lhe *agora* a entender, em resposta, que há entre nós, sem sombra de dúvida, uma incompatibilidade de primeira grandeza – que pode ser resumida no seguinte: sua filha não reconhece os méritos de seu marido e não tem consciência – como deveria, por São Jorge! – da honra de seu matrimônio. Isso está claro, eu espero.”

“Bounderby”, insistiu o Sr. Gradgrind, “isso não é razoável.”

“Não?”, disse Bounderby. “Fico contente em ouvi-lo dizer isso. Pois quando Tom Gradgrind, com suas novas luzes, considera o que digo pouco razoável, convenço-me de que fui sensato como o diabo. Com sua permissão, continuarei. Você conhece minha origem e sabe que, durante uns bons anos da minha vida, eu não quis calçadeiras porque nem mesmo tinha sapatos. No entanto, acredite ou não, como achar adequado, existem damas – damas bem-nascidas – que pertencem a famílias – famílias! – que só faltam venerar o chão que piso.”

Disparou isso como um foguete sobre a cabeça do sogro.

“Sua filha”, prosseguiu Bounderby, “está longe de ser uma dama bem-nascida. Você sabe disso. Não que eu me importe com essas coisas, e você sabe que não me importo; mas esse é o fato, e você, Tom Gradgrind, não pode mudá-lo. Por que digo isso?”

“Temo que não”, observou o Sr. Gradgrind em voz baixa, “para poupar-me.”

“Ouça até o fim”, disse Bounderby, “e evite meter-se enquanto não for a sua vez. Digo isso porque mulheres com altas relações surpreendem-se ao ver como sua filha se comporta e ao testemunhar sua insensibilidade. Admiram-se que eu tolere isso. Admiro-me eu mesmo, agora. E não tolerarei mais.”

“Bounderby”, respondeu o Sr. Gradgrind, erguendo-se, “quanto menos dissermos hoje, melhor será, creio eu.”

“Ao contrário, Tom Gradgrind, quanto mais dissermos hoje, melhor será, creio eu. Isto é”, o respeito o deteve, “até que eu tenha dito tudo que pretendo dizer; depois disso, não me importa quando pararmos. Tenho uma pergunta que pode encurtar a história. Qual é sua intenção com a proposta que acaba de me fazer?”

“O que quer dizer, Bounderby?”

“A proposta da visita”, disse Bounderby, dando uma dura sacudida no campo de feno.

“Quis dizer que esperava convencê-lo a aceitar amigavelmente que Louisa tenha aqui um período de repouso e reflexão, o que pode levar a uma mudança gradual, para melhor, em vários aspectos.”

“Para amolecer suas ideias de incompatibilidade?”, disse Bounderby.

“Se prefere dizer dessa maneira.”

“O que o faz pensar assim?”, disse Bounderby.

“Já disse que temo que Louisa tenha sido mal compreendida. É pedir demais, Bounderby, que você, tão mais velho do que ela, ajude-a a melhorar? Você aceitou uma grande responsabilidade ao casar-se, na alegria e na tristeza, na...”

O Sr. Bounderby irritou-se, talvez, com a repetição de suas próprias palavras a Stephen Blackpool e cortou a citação com um acesso de fúria.

“Chega!”, disse. “Não preciso que me lembrem disso. Sei tão bem quanto você a responsabilidade que assumi. Não se preocupe com a minha responsabilidade, isso é problema meu.”

“Eu apenas ia dizer, Bounderby, que nós todos podemos estar mais ou menos errados, inclusive você; e certa complacência da sua parte, tendo em vista a responsabilidade que aceitou, pode não ser apenas um ato de generosidade, mas talvez uma dívida com Louisa.”

“Penso diferente”, berrou Bounderby. “E vou pôr fim a essa história de acordo com as minhas próprias opiniões. Ora, não quero transformar esse assunto em disputa com você, Tom Gradgrind. Para dizer a verdade, não creio que seja digno da minha reputação discutir tal assunto. Quanto ao seu amigo cavalheiro, ele pode meter-se onde achar melhor. Se cruzar o meu caminho, direi a ele o que penso; se não, não direi, pois não valerá a pena. Quanto à sua filha – que tornei Loo Bounderby, e eu teria me dado melhor se a tivesse deixado continuar a ser Loo Gradgrind –, se ela não estiver em casa amanhã, ao meio-dia, entenderei que prefere ficar longe e mandarei para cá suas roupas e outras coisas, e você passará a tomar conta dela, agora e no futuro. O que direi às pessoas em geral sobre a incompatibilidade que me levou a desprezar a lei será isto: sou Josiah Bounderby e tive a minha educação; ela é filha de Tom Gradgrind e teve a dela; e dois bichos não se beijam. Sou conhecido por ser um homem bastante incomum, creio eu; e a maioria das pessoas entenderá sem grande dificuldade que uma mulher deve ser bastante incomum para, a longo prazo, satisfazer minhas expectativas.”

“Peço-lhe seriamente que reconsidere, Bounderby”, insistiu o Sr. Gradgrind, “antes de comprometer-se com tal decisão.”

“Sempre chego a uma decisão”, disse Bounderby, enfiando o chapéu na cabeça, “e o que quer que faça eu faço de uma vez. Eu devia me admirar que Tom Gradgrind tenha feito tal observação a Josiah Bounderby de Coketown, sabendo tão bem quanto ele próprio quem ele é, se eu pudesse me admirar com qualquer coisa que Tom Gradgrind possa fazer, depois de ter se juntado ao partido das bobagens sentimentais. Apresentei-lhe minha decisão, e não tenho mais nada a dizer. Boa noite!”

Assim, o Sr. Bounderby voltou para sua casa da cidade e foi para a cama. Cinco minutos após o meio-dia do dia seguinte, ordenou que as coisas da Sra. Bounderby fossem embaladas com cuidado e enviadas para a casa de Tom Gradgrind. Pôs à venda seu retiro no campo, com contrato particular, e retomou sua vida de solteiro.



Os sinos das fábricas tiveram de soar mais alto para dispersar os grupos de trabalhadores que se reuniram em torno dos cartazes, naquele amanhecer tardio, devorando-os com olhos ansiosos.

IV PERDIDOS

O roubo do banco não fora esquecido e continuava a ocupar uma posição de destaque entre as atenções do proprietário. Como ruidosa prova de sua presteza e atividade, como um indivíduo notável, e um homem que fez a si mesmo, e uma maravilha comercial mais admirável do que Vênus, que se ergueu não do mar, mas da lama, ele gostava de mostrar quão pouco os problemas domésticos afetavam seu ardor mercadológico. Consequentemente, nas primeiras semanas de sua volta à vida de solteiro, conseguiu exagerar até mesmo o costumeiro espalhafato, e todos os dias fazia tal alarido das investigações acerca do roubo que os policiais quase desejavam que este não houvesse sido denunciado.

Eles também haviam fracassado, e perdido a pista. Embora tivessem mantido sigilo desde que o problema se tornara público, de modo que a maioria das pessoas pensasse que o caso fora arquivado, nada de novo ocorrera. Nenhum suspeito, homem ou mulher, mostrara uma coragem inoportuna ou dera um passo incriminador. Mais extraordinariamente ainda, não se ouvira mais falar de Stephen Blackpool, e a velha misteriosa continuava a ser um mistério.

Estando as coisas nesse pé, sem dar qualquer sinal de avanço, a investigação do Sr. Bounderby levou-o a arriscar uma manobra ousada. Redigiu um anúncio, oferecendo vinte libras de recompensa pela captura de Stephen Blackpool, suspeito de ser cúmplice no roubo do Banco de Coketown; descreveu as roupas, as feições, a altura estimada e os modos de Stephen Blackpool com tantos detalhes quanto lhe foi possível; relatou como o suspeito deixara a cidade e que direção tomara quando foi visto pela última vez; mandou estampá-lo em

cartazes, em enormes letras negras, e cobriu as paredes com eles, na calada da noite, para atrair de uma só vez o olhar de toda a população.

Os sinos das fábricas tiveram de soar mais alto para dispersar os grupos de trabalhadores que se reuniram em torno dos cartazes, naquele amanhecer tardio, devorando-os com olhos ansiosos. Não menos ansiosos que os olhos reunidos eram aqueles que não sabiam ler. Aquelas pessoas, enquanto escutavam a voz amiga que lia em voz alta – sempre havia alguém disposto a ajudá-las –, olhavam para os caracteres que significavam tanto com uma reverência e um respeito que seriam risíveis, se a ignorância pública não fosse ameaçadora e cheia de maldade. Muitos olhos e ouvidos ocuparam-se com o assunto dos cartazes, entre fusos que davam voltas, teares que chocalhavam e rodas que giravam; e, quando as Mãos saíram de novo para as ruas, ainda havia tantos leitores quanto antes.

O delegado Slackbridge teve de falar à sua plateia naquela noite, e conseguiu com o tipógrafo um cartaz novinho, que trazia no bolso. Ó meus amigos e compatriotas, operários oprimidos de Coketown, ó meus irmãos e colegas trabalhadores, concidadãos e companheiros de condição humana, que rebuliço quando Slackbridge desdobrou o que chamou de “documento condenatório” e ergueu-o à altura dos olhos e da execração da comunidade trabalhadora! “Ó meus companheiros, vejam do que é capaz o traidor que se encontrava entre aqueles ilustres espíritos cujos nomes estão inscritos nos sagrados pergaminhos da Justiça e do Sindicato! Ó meus extenuados amigos, com o pesado jugo dos tiranos em seu pescoço, e as botas de ferro do despotismo pisando seus corpos caídos na poeira da terra, na qual de bom grado seus opressores os veriam rastejando, arrastando-se abjetamente todos os dias de suas vidas, como a serpente do jardim – ó meus irmãos e, como homem, por que eu não haveria de acrescentar: minhas irmãs? O que dizem *agora* de Stephen Blackpool, de ombros ligeiramente curvados, medindo mais ou menos um metro e setenta, como descrito neste documento desprezível e degradante, neste perverso papel, neste ímpio impresso, neste cartaz catastrófico, neste abominável anúncio; com que majestosa denúncia hão de esmagar a víbora que trouxe essa mácula e essa vergonha para a divina raça que teve a felicidade de expulsá-la e degredá-la para sempre! Sim, meus compatriotas, que teve a felicidade de expulsá-la e degredá-la! Porque vocês se lembram de que Blackpool esteve aqui, nesta plataforma, diante de todos nós; lembram-se de que, cara a cara, palmo a palmo, eu o persegui em suas intrincadas convoluções: lembram-se de que ele se se

esgueirou e escapuliu, fugiu dos esclarecimentos e evitou as explicações, até que, quando ele já não tinha nem mais um fiapo de razão a que se agarrar, afastei-o de nós: um objeto que será apontado pelo dedo eterno do escárnio, que será queimado e consumido pelo fogo vingador de todas as mentes livres e pensantes! Agora, meus amigos – meus amigos trabalhadores, pois alegro-me e triunfo nesse estigma –, meus amigos, cujas camas duras, mas honestas, são feitas com labuta, cujas panelas pobres, mas independentes, são postas ao fogo com dificuldade; agora digo, meus amigos, que nome merece aquele maldito covarde quando, arrancada a máscara de seu rosto, apresenta-se diante de nós com toda a sua deformidade? Ladrão! Saqueador! Fugitivo proscrito, com a cabeça a prêmio; pústula e chaga no nobre caráter do operário de Coketown! Portanto, meus irmãos em armas, em cujas mãos seus filhos e os filhos de seus filhos depositaram a mais alta confiança, proponho, como representante do Tribunal Agregado, sempre vigilante em nome de seu bem-estar, sempre zeloso em seu benefício, que a resolução desta reunião seja: Stephen Blackpool, tecelão, a quem se refere este cartaz, tendo sido já solenemente repudiado pelas Mãos de Coketown, estas se encontram livres da vergonha dos delitos cometidos por ele e não podem, como classe, ser reprovadas por suas ações desonestas!”

Assim disse Slackbridge, rangendo os dentes e transpirando prodigiosamente. Algumas vozes firmes gritaram “Não!” e outras muitas as saudaram, concordando com gritos de “Ouçam, ouçam!” a prudência de um homem. “Slackbridge, você perdeu a razão, está indo longe demais!” Mas eles eram pigmeus contra um exército; o restante da assembleia subscreveu o Evangelho segundo Slackbridge e deu-lhe três vivas, enquanto este se sentava diante deles, ofegando ostensivamente.

Aqueles homens e mulheres já estavam nas ruas, dirigindo-se calmamente para casa, quando Sissy, que se separara de Louisa havia alguns minutos, retornou.

“Quem é?”, perguntou Louisa.

“É o Sr. Bounderby”, disse Sissy, intimidada pelo nome, “seu irmão, o Sr. Tom, e uma jovem chamada Rachael, que diz que você a conhece.”

“O que eles querem, Sissy querida?”

“Querem vê-la. Rachael chorou e parece zangada.”

“Pai”, disse Louisa, pois o Sr. Gradgrind estava presente, “não posso recusar-me a vê-los, por uma razão que se explicará. Eles podem entrar?”

Diante da resposta afirmativa, Sissy foi buscá-los. Logo retornou com eles.

Tom vinha por último; e permaneceu em pé na parte mais escura do quarto, perto da porta.

“Sra. Bounderby”, disse seu marido, entrando no quarto com um aceno frio, “espero não perturbá-la. É uma hora imprópria, mas há uma jovem que tem dito coisas que tornaram minha visita necessária. Tom Gradgrind, já que seu filho, o jovem Tom, recusa-se, por uma razão obstinada ou outra, a dizer o que quer que seja a respeito dessas coisas, para o bem ou para o mal, sou obrigado a confrontá-la com sua filha.”

“A senhora já me viu antes, jovem dama”, disse Rachael, parando diante de Louisa.

Tom tossiu.

“A senhora já me viu antes, jovem dama”, repetiu Rachael, não obtendo resposta.

Tom tossiu outra vez.

“Vi.”

Rachael dirigiu os olhos orgulhosos ao Sr. Bounderby e disse: “A senhora poderia dizer, jovem dama, onde esteve e quem lá se encontrava?”

“Fui à casa onde se hospedava Stephen Blackpool, na noite em que ele foi despedido, e eu a vi lá. Ele também estava lá; e uma velha que não falava nada, e que mal pude ver, estava sentada num canto escuro. Meu irmão estava comigo.”

“Por que você já não disse isso, jovem Tom?”, perguntou Bounderby.

“Prometi à minha irmã que não contaria nada.” O que Louisa confirmou, apressada. “E, além do mais”, acrescentou amargamente o moleque, “ela estava contando tão bem a história – e com tantos detalhes – que não me senti no direito de interrompê-la!”

“Diga, por favor, jovem dama”, continuou Rachael, “por que, tão tarde naquela noite, a senhora foi visitar Stephen.”

“Tive pena dele”, disse Louisa, corando. “Queria saber o que pensava fazer e oferecer-lhe ajuda.”

“Obrigado, madame”, disse Bounderby. “Fico lisonjeado e agradecido.”

“A senhora lhe ofereceu”, perguntou Rachael, “dinheiro?”

“Sim, mas ele o recusou, e aceitou apenas duas libras em ouro.”

Rachael dirigiu novamente os olhos ao Sr. Bounderby.

“Oh, é claro!”, disse Bounderby. “Se quer saber se seu relato ridículo e improvável é verdadeiro, sou obrigado a declará-lo confirmado.”

“Jovem dama”, disse Rachael, “Stephen Blackpool é chamado de ladrão em

cartazes espalhados por toda a cidade, e sabe-se onde mais! Houve uma reunião hoje em que falaram dele do mesmo modo vergonhoso. Stephen! O homem mais honesto, mais generoso e mais verdadeiro!” A indignação a abandonou, e ela irrompeu em soluços.

“Sinto muitíssimo”, disse Louisa.

“Oh, jovem dama, jovem dama”, retorquiu Rachael, “espero que sinta, mas não sei! Não sei dizer o que você fez! Sua gente não nos conhece, não se importa conosco, não pertence a nós. Não sei por que a senhora foi vê-lo naquela noite. Como posso saber que motivos a senhora tinha, sem considerar os problemas que causaria ao pobre moço? Desejei que Deus a abençoasse, e disse isso de todo o meu coração. A senhora parecia ter tanta pena dele, mas já não sei, não sei!”

Louisa não podia censurá-la por suas suspeitas injustas; Rachael era fiel à ideia que tinha de Stephen, e estava tão aflita.

“Quando penso”, disse Rachael em soluços, “que o pobre moço ficou tão grato, pensando que a senhora queria o bem dele – quando me recordo que ele escondeu o rosto com as mãos calejadas para não revelar as lágrimas que a senhora provocou! Oh, espero que de fato sinta e não tenha más intenções; mas não sei, não sei!”

“Você é muito atrevida”, grunhiu o moleque, mexendo-se inquieto no canto escuro, “vindo aqui com suas preciosas acusações. Você tinha de estar na cadeia por não saber como se comportar, e lá estaria por justiça.”

Ela não respondeu, e um choro baixo foi tudo que se ouviu, até o Sr. Bounderby falar.

“Ora, vamos!”, disse. “Você sabe em que se meteu. É melhor que pense naquilo, não nisto.”

“De fato, é constrangedor”, retorquiu Rachael, enxugando os olhos, “que os senhores me vejam assim, mas isso não se repetirá. Jovem dama, quando li o que escreveram sobre Stephen – que é tão verdadeiro como se fosse sobre a senhora –, fui imediatamente ao banco para dizer que sabia o paradeiro de Stephen e fazer a promessa segura e verdadeira de que ele estaria aqui em dois dias. Não consegui falar com o Sr. Bounderby, e o seu irmão me mandou embora, e tentei encontrá-la, mas ninguém sabia onde a senhora estava, então eu voltei ao trabalho. Assim que saí da fábrica, apressei-me para escutar o que diziam de Stephen – porque eu sei, com orgulho, que ele voltará para envergonhar os maledicentes – e tornei a procurar o Sr. Bounderby; eu o encontrei e contei-lhe

cada palavra do que sabia; e ele não acreditou em nada, por isso me trouxe até aqui.”

“Até aí é tudo verdade”, assentiu o Sr. Bounderby, com as mãos nos bolsos e o chapéu na cabeça. “Mas conheço esse povo não é de hoje, veja você, e sei que nunca morrerão por falta do que falar. Ora, recomendo-lhe que não pense tanto no que está falando agora, mas faça. Você comprometeu-se a fazer uma coisa; tudo que tenho a dizer, neste momento, é ‘faça’!”

“Enviei uma carta a Stephen pelo correio da tarde, como já enviei antes, depois que ele foi embora”, disse Rachael. “Ele estará aqui em dois dias, no máximo.”

“Então, vou lhe dizer uma coisa. Talvez você não saiba”, disse o Sr. Bounderby, “que tem sido vigiada e ainda não está totalmente livre de suspeitas, já que a maioria das pessoas é julgada por suas companhias. O Correio também não foi esquecido. O que tenho a dizer é que nenhuma carta para Stephen Blackpool passou por lá. Portanto, o que foi feito da sua deixo que você mesma imagine. Talvez esteja enganada e não tenha escrito carta nenhuma.”

“Não fazia uma semana que Stephen tinha partido, jovem dama”, disse Rachael, apelando para Louisa, “quando ele me mandou a única carta que recebi dele, dizendo que foi forçado a procurar trabalho com um nome diferente.”

“Oh, por São Jorge!”, gritou Bounderby, balançando a cabeça e assoviando. “Ele mudou de nome, não é? Lastimável, para um sujeito tão imaculado. Os tribunais de justiça consideram um tanto suspeito, creio eu, quando acontece de inocentes usarem vários nomes.”

“O que”, perguntou Rachael com lágrimas nos olhos outra vez, “o que, em nome da Graça, o pobre moço podia fazer, jovem dama? De um lado, os patrões contra ele, de outro, os colegas, e tudo que ele queria era trabalhar em paz e fazer o que achava certo. Um homem não pode ter a sua própria alma, a sua própria vontade? Deve lutar até o fim pelos erros de um lado ou do outro, ou ser caçado como uma lebre?”

“De fato, de fato”, respondeu Louisa, “e espero que ele possa limpar seu nome.”

“Não precisa temer por isso, jovem dama. Stephen está certo de que pode.”

“Tão certo, suponho”, disse o Sr. Bounderby, “que você se recusa a dizer onde ele está. Hein?”

“Se depender de mim, ele não retornará com a humilhação de ter sido trazido à força. Virá por vontade própria, para limpar seu nome e envergonhar todos

aqueles que ofenderam seu bom caráter quando ele não estava aqui para se defender. Contei-lhe o que fizeram contra ele”, disse Rachael, enfrentando toda a desconfiança como uma rocha enfrenta o oceano, “e estará aqui em dois dias, no máximo.”

“No entanto”, acrescentou o Sr. Bounderby, “se for preso antes, mais cedo terá a oportunidade de limpar seu nome. Quanto a você, nada tenho contra você; o que veio contar era verdade, e dei-lhe os meios de provar que era verdade, e isso é tudo. Desejo-lhes uma boa noite! Devo ausentar-me para investigar melhor a situação.”

Tom saiu de seu canto quando o Sr. Bounderby se moveu. Moveu-se com ele, manteve-se perto dele e saiu com ele. A única despedida a que se dignou foi um mal-humorado: “Boa noite, pai!”. Dirigiu à irmã umas poucas palavras e um olhar reprovador e deixou a casa.

Desde que sua tábua da salvação voltara para casa, o Sr. Gradgrind tornara-se um homem de poucas palavras. Ainda estava em silêncio quando Louisa disse suavemente:

“Rachael, um dia você ainda confiará em mim, quando me conhecer melhor.”

“Vai contra a minha natureza”, respondeu Rachael gentilmente, “desconfiar de quem quer que seja; mas, quando desconfiam de mim – desconfiam de todos nós –, não consigo evitar esses pensamentos. Peço desculpas por tê-la ofendido. Já não penso mais o que acabei de dizer. Embora possa voltar a pensar, vendo o pobre moço tão caluniado.”

“Você contou-lhe na carta”, perguntou Sissy, “que as suspeitas recaíram sobre ele porque foi visto rondando o banco à noite? Assim, ele saberia o que explicar quando voltasse, e estaria resolvido.”

“Sim, querida”, respondeu Rachael, “mas não consigo imaginar o que o levou até lá. Ele não costumava ir para aqueles lados. Não era seu caminho. O caminho dele era o mesmo que o meu e não passava nem perto de lá.”

Sissy já havia perguntado a Rachael onde ela morava e se poderia ir até lá na noite seguinte, para saber se ela tinha notícias dele.

“Duvido”, disse Rachael, “que chegue amanhã.”

“Então vou também depois de amanhã”, disse Sissy.

Quando Rachael, após concordar, partiu, o Sr. Gradgrind ergueu a cabeça e disse à filha:

“Louisa, querida, pelo que me lembro, nunca vi esse homem. Você acredita

que ele esteja envolvido?”

“Foi o que pensei, pai, ainda que com grande dificuldade. Agora, já não penso desse modo.”

“Você quer dizer que, em determinado momento, acreditou em sua culpa, porque sabia que ele era suspeito. Sua aparência e suas maneiras são assim tão honestas?”

“Muito honestas.”

“E a confiança da jovem, tão inabalável! Pergunto-me”, disse o Sr. Gradgrind, refletindo, “o verdadeiro culpado sabe das acusações? Onde está? Quem é?”

Seu cabelo começara a mudar de cor nos últimos tempos. Quando apoiou o queixo na mão, parecendo velho e triste, Louisa, com uma expressão de medo e pena, correu em sua direção e sentou-se perto dele. Seu olhar cruzou com o de Sissy, por acaso. Sissy corou e assustou-se, e Louisa levou o dedo aos lábios.

Na noite seguinte, quando Sissy voltou para casa e contou a Louisa que Stephen não havia chegado, disse-lhe isso num sussurro. Na noite seguinte, quando voltou para casa contando a mesma coisa, e acrescentando que ninguém ouvira falar dele, falou no mesmo tom baixo e assustado. Desde aquela troca de olhares, não fizeram referência a seu nome nem o pronunciaram em voz alta; tampouco deram corda ao assunto do roubo, quando o Sr. Gradgrind falava dele.

Os dois dias estipulados passaram-se, três dias e noites passaram-se, e Stephen Blackpool nem havia chegado nem se tinha notícias dele. No quarto dia, Rachael, com uma confiança imperturbável, mas achando que sua carta se extraviara, foi ao banco e mostrou a carta que recebera dele, com o endereço de uma colônia de trabalho entre muitas, a cerca de cem quilômetros da estrada principal. Mensageiros foram enviados ao lugar, e toda a cidade esperava que Stephen fosse preso no dia seguinte.

Durante esse tempo, o moleque perseguiu o Sr. Bounderby como uma sombra, auxiliando-o em tudo. Estava tremendamente nervoso e terrivelmente febril, roía as unhas até as cutículas, falava com uma voz dura e áspera, seus lábios estavam negros e queimados. Quando foram buscar o suspeito, o moleque estava na estação, apostando que Stephen escapara antes da chegada daqueles que foram enviados para pegá-lo e não apareceria.

O moleque estava certo. Os mensageiros retornaram sozinhos. A carta de Rachael fora enviada, a carta de Rachael fora entregue. Stephen Blackpool descampara naquela mesma hora, e ninguém sabia dele. A única dúvida em

Coketown era se Rachael escrevera de boa-fé, acreditando que Stephen retornaria, ou se o avisara para que fugisse. As opiniões sobre o assunto estavam divididas.

Seis dias, sete dias, boa parte da semana seguinte. O miserável moleque reuniu uma coragem espectral e começou a provocar. “O suspeito *era* culpado? Boa pergunta! Se não era, onde estava, e por que não havia retornado?”

Onde estava o homem, e por que não havia retornado? Na calada da noite, o eco de suas palavras, que chegava Deus sabe quão longe durante o dia, voltava e ficava ao seu lado até de manhã.

V ENCONTRADOS

Dia e noite de novo, dia e noite de novo. E nada de Stephen Blackpool. Onde estava o homem, e por que não havia retornado?

Todas as noites, Sissy ia à pensão de Rachael e sentava-se ao seu lado, no quartinho bem arrumado. Todos os dias, Rachael labutava, como as pessoas iguais a ela deviam labutar, quaisquer que fossem suas aflições. As serpentes de fumaça eram indiferentes ao que se achava ou perdia, a quem se tornava bom ou mau; os elefantes loucos de melancolia, como os homens dos Fatos Concretos, não mudavam em nada sua rotina estabelecida, não importava o que acontecesse. Dia e noite, dia e noite. A monotonia era contínua. Até mesmo o desaparecimento de Stephen Blackpool caíra na rotina geral e tornara-se uma maravilha tão monótona como qualquer máquina em Coketown.

“Duvido”, disse Rachael, “que restem vinte pessoas na cidade que ainda confiem no pobre moço.”

Disse isso a Sissy, quando estavam na pensão, iluminada apenas pela lâmpada da esquina. Sissy chegara quando já estava escuro, para esperar Rachael na volta do trabalho; desde então, ficaram sentadas à janela, sem desejar que luz mais clara brilhasse sobre a conversa pesarosa.

“Às vezes penso que, se não fosse pela bênção de tê-la para conversar”, continuou Rachael, “eu perderia a cabeça. Mas você me dá força e esperança. Você acredita que, embora as aparências estejam contra ele, ele provará sua inocência?”

“Acredito”, retorquiu Sissy, “de todo o coração. Tenho tanta certeza de que a confiança que você guarda no seu coração, contra todo o desalento, não pode estar errada, que não duvido mais do que duvidaria se tivesse conhecido Stephen durante todos esses anos de provações, como você.”

“E eu, minha querida”, disse Rachael com voz trêmula, “estive ao lado dele em todas elas, e sei que ele é, à sua maneira tranquila, tão leal a tudo que é honesto e bom que, se eu vivesse cem anos sem ter notícias dele, eu diria com um último suspiro, e tendo Deus como testemunha: ‘Nunca deixei de confiar em Stephen Blackpool’!”

“Todos em Stone Lodge acreditamos, Rachael, que as suspeitas contra ele serão abandonadas, cedo ou tarde.”

“Quanto mais sei o que pensam lá, minha querida”, disse Rachael, “e quanto mais vejo sua gentileza de vir até aqui para me confortar e me fazer companhia, sendo vista comigo, apesar de eu ainda não estar livre de suspeitas, mais lamento ter desconfiado da jovem dama. E, no entanto...”

“Você confia nela agora, Rachael?”

“Agora que você nos aproximou, sim. Mas às vezes não consigo afastar...”

A voz de Rachael mergulhou em tão lenta e suave comunhão consigo mesma que Sissy, sentada ao seu lado, foi obrigada a ouvir com atenção.

“Não consigo afastar dos meus pensamentos a desconfiança em relação a alguém. Não sei quem foi, nem como ou por quê, mas desconfio que alguém tirou Stephen do caminho. Desconfio que seu retorno voluntário à cidade, e a prova de sua inocência diante de todos, causaria problemas a alguém que – para evitá-los – deteve Stephen e livrou-se dele.”

“Que ideia terrível”, disse Sissy, empalidecendo.

“É *mesmo* uma ideia terrível pensar que talvez ele tenha sido morto.”

Sissy estremeceu e ficou ainda mais pálida.

“Quando essa ideia me vem, querida”, disse Rachael, “e, às vezes, ela me vem, embora eu tente mantê-la longe, contando até dez mil enquanto trabalho e repetindo sem parar os versos que aprendi na infância, fico tão inquieta e ansiosa que, por mais cansada que eu esteja, meu desejo é caminhar quilômetros e quilômetros. Tenho de resolver isso antes de dormir. Vou acompanhá-la até Stone Lodge.”

“Ele pode ter adoecido a caminho daqui”, disse Sissy, oferecendo um fiapo de esperança. “Nesse caso, há muitos lugares onde ele pode ter parado ao longo da estrada.”

“Mas não está em nenhum deles. Ele foi procurado em todos, sem sucesso.”

“É verdade”, admitiu Sissy, relutante.

“A pé, a jornada levaria dois dias. Se fizesse bolhas nos pés e não conseguisse andar, eu mandei dinheiro para o trem, na carta que ele recebeu, temendo que ele não tivesse nenhuma reserva.”

“Esperemos que o amanhã traga notícias melhores, Rachael. Vamos sair para o ar livre!”

A mão gentil ajeitou o xale sobre os brilhantes cabelos negros de Rachael, à maneira como ela costumava usá-lo, e elas saíram. Como a noite estava agradável, pequenos grupos de Mãos juntaram-se, aqui e ali, nas esquinas; mas era hora da ceia para a maioria, e havia poucas pessoas na rua.

“Você não está tão nervosa agora, Rachael, e sua mão está mais firme.”

“Melhor, minha querida, quando posso caminhar e respirar um pouco de ar fresco. Quando não posso, fico fraca e confusa.”

“Mas você não deve esmorecer, Rachael, porque pode ser chamada a qualquer momento para defender Stephen. Amanhã é sábado. Se não tivermos notícias, caminharemos pelo campo no domingo e nos fortaleceremos para outra semana. Virá comigo?”

“Sim, querida.”

Haviam alcançado a rua onde morava o Sr. Bounderby. O caminho de Sissy passava em frente à sua casa, e elas seguiam em direção a ela. Um trem acabara de chegar a Coketown e pusera um grande número de veículos em movimento, espalhando um alvoroço considerável pela cidade. Várias carruagens chocalhavam à frente e atrás das jovens, enquanto elas se aproximavam da casa do Sr. Bounderby. Uma aproximou-se tão bruscamente que ambas, involuntariamente, olharam para trás. O brilhante lampião a gás na soleira da casa mostrou-lhes a Sra. Sparsit dentro da carruagem, no auge da excitação, lutando para abrir a porta. Quando ela as viu, gritou para que parassem.

“Que coincidência!”, exclamou a Sra. Sparsit, enquanto era libertada pelo cocheiro. “É a Providência! Saia, madame!”, disse a Sra. Sparsit a alguém que estava dentro da carruagem. “Saia ou será arrastada para fora!”

Nisso, ninguém menos do que a velha misteriosa desceu, e a Sra. Sparsit, descontrolada, agarrou-a pela gola.

“Deixem!”, gritou energeticamente. “Não toquem nela! Ela pertence a mim. Entre, madame!”, disse a Sra. Sparsit, invertendo a ordem anterior. “Entre ou será arrastá-la para dentro!”

O espetáculo de uma matrona de porte clássico agarrando uma anciã pela garganta e arrastando-a para dentro de uma casa de família seria suficientemente tentador, em outras circunstâncias, para que todos os desocupados ingleses, abençoados por tal visão, entrassem à força na casa para ver como ele terminaria. Porém, como o fenômeno foi reforçado pela notoriedade e pelo mistério que, àquela altura, a cidade inteira associava ao roubo do banco, ele teria atraído os desocupados com um magnetismo irresistível, ainda que fossem avisados de que a casa cairia sobre eles. Assim, as eventuais testemunhas que se encontravam nas imediações, consistindo de cerca de vinte e cinco vizinhos mais ocupados, aproximaram-se de Sissy e Rachael, enquanto estas se aproximavam da Sra. Sparsit e seu troféu; o grupo fez uma irrupção desordenada na sala de jantar do Sr. Bounderby, e os que chegaram por último não hesitaram em subir nas cadeiras para ver melhor por cima dos que estavam à frente.

“Tragam o Sr. Bounderby!”, gritou a Sra. Sparsit. “Rachael, minha jovem, você sabe quem é esta mulher?”

“É a Sra. Pegler”, disse Rachael.

“Aposto que é!”, exclamou a Sra. Sparsit, exultante. “Tragam o Sr. Bounderby. Saiam do caminho!” Naquele instante, a velha Sra. Pegler, cobrindo-se e fugindo dos olhares, murmurou uma súplica. “Não diga nada”, disse a Sra. Sparsit, em voz alta. “Eu lhe disse vinte vezes quando entramos que *não* vou deixá-la, enquanto eu mesma não entregá-la ao Sr. Bounderby.”

O Sr. Bounderby apareceu naquele momento, acompanhado do Sr. Gradgrind e do moleque, com os quais estivera conferenciando no andar de cima. O Sr. Bounderby pareceu mais perplexo do que hospitaleiro quando viu os visitantes indesejados em sua sala de jantar.

“Qual é o problema?”, disse. “Sra. Sparsit, madame?”

“Senhor”, explicou a valorosa mulher, “considero obra da minha boa fortuna poder apresentar-lhe a pessoa que tanto desejava encontrar. Animada pelo desejo de devolver-lhe a paz de espírito, senhor, e reunindo pistas parciais sobre a região do país onde poderia morar tal pessoa, fornecidas pela jovem Rachael, que felizmente está aqui para confirmar, tive a felicidade de ser bem-sucedida e trago tal pessoa comigo – é desnecessário dizer que com grande relutância de sua parte. Não foi sem sacrifícios que consegui; mas sacrifícios a seu serviço são um júbilo para mim, e fome, sede e frio são verdadeiras recompensas.”

A Sra. Sparsit calou-se, pois o semblante do Sr. Bounderby exibia uma extraordinária combinação de todas as cores e expressões possíveis de embaraço

ao ver a velha Sra. Pegler.

“Ora, o que significa isso?”, perguntou de modo bastante inesperado e com uma grande agitação. “Perguntei o que significa isso, Sra. Sparsit, madame?”

“Senhor!”, exclamou debilmente a Sra. Sparsit.

“Por que não cuida da sua vida, madame?”, rugiu Bounderby. “Como ousa meter seu nariz intrometido em meus problemas familiares?”

A alusão ao seu traço fisionômico favorito derrotou a Sra. Sparsit. Ela se sentou rigidamente numa cadeira, como se estivesse congelada; e, com o olhar fixo no Sr. Bounderby, esfregou suas meias-luvas, como se também estivessem congeladas.

“Meu querido Josiah!”, exclamou a Sra. Pegler, tremendo. “Meu menininho! Não me culpe. Não fui eu, Josiah. Eu disse a essa senhora, muitas e muitas vezes, que eu sabia que isso o desagradaria, mas ela não desistiu.”

“Por que permitiu que ela a trouxesse? Não poderia ter lhe dado um sopapo, ou arrancado um dente, ou tê-la arranhado, ou qualquer outra coisa?”, perguntou Bounderby.

“Meu menino! Ela ameaçou chamar a polícia, se eu resistisse, e era melhor eu vir quieta do que causar confusão nesta...”, a Sra. Pegler olhou timidamente as paredes, mas com orgulho, “casa tão fina. Juro que não é minha culpa! Juro! Meu querido, meu nobre e altivo menino! Vivi sempre calada e em segredo, Josiah, meu querido. Nunca desrespeitei suas condições. Nunca revelei que era sua mãe. Admirei-o à distância; e, se vim à cidade algumas vezes, e raramente, para dar uma espiada orgulhosa em você, vim incógnita, meu amor, e parti.”

O Sr. Bounderby, com as mãos nos bolsos, caminhava com impaciente mortificação para cá e para lá, ao lado da longa mesa de jantar, enquanto os espectadores sorviam avidamente cada sílaba do apelo da Sra. Pegler, e a cada sílaba arregalavam mais os olhos. O Sr. Bounderby ainda caminhava para cá e para lá quando a Sra. Pegler terminou, e o Sr. Gradgrind dirigiu-se à velha senhora difamada:

“Estou surpreso, madame”, observou com severidade, “que, na velhice, tenha a coragem de chamar o Sr. Bounderby de filho, após o tratamento desnaturado e desumano que deu a ele.”

“*Eu*, desnaturada?”, gritou a pobre Sra. Pegler. “*Eu*, desumana? Com o meu querido menino?”

“Querido!”, repetiu o Sr. Gradgrind. “Sim, querido na prosperidade que ele conseguiu à própria custa, madame, se me permite dizer. Nem tão querido, no

entanto, quando a senhora o abandonou à brutalidade de uma avó bêbada.”

“*Eu* abandonei meu Josiah?”, gritou a Sra. Pegler, juntando as mãos. “Deus lhe perdoe, senhor, a imaginação perversa e a calúnia contra a memória da minha pobre mãe, que morreu em meus braços antes de Josiah nascer. Que o senhor se arrependa e viva o suficiente para conhecer a verdade!”

Ela parecia tão séria e ofendida que o Sr. Gradgrind, chocado com a possibilidade que lhe ocorria, disse em tom mais delicado:

“Então nega, madame, que deixou seu filho para... para ser criado na sarjeta?”

“Josiah na sarjeta?”, exclamou a Sra. Pegler. “Não, senhor, nunca! O senhor não se envergonha? Meu querido menino sabe, e farei o *senhor* saber, que, embora ele tenha nascido de pais humildes, ele nasceu de pais que o amavam tanto quanto os ricos amam seus filhos, e nunca reclamaram de apertar um pouco o orçamento para que ele pudesse escrever e calcular lindamente, e tenho seus livros em casa para provar o que digo! Tenho, sim!”, disse a Sra. Pegler com um orgulho indignado. “E meu querido menino sabe, e farei o *senhor* saber, que, após a morte de seu amado pai, quando Josiah tinha oito anos, sua mãe também apertou um pouco o orçamento, como era seu dever, prazer e orgulho, para ajudá-lo na vida e colocá-lo como aprendiz. E ele era um moço dedicado, e teve um mestre gentil para ajudá-lo, e trabalhou até ser rico e próspero. E farei o *senhor* saber – porque meu querido menino não dirá – que, embora sua mãe tivesse apenas uma lojinha de aldeia, ele jamais a esqueceu, e deu-lhe uma pensão de trinta libras por ano – mais do que quero, pois economizo esse dinheiro – apenas com a condição de que eu ficasse no meu canto, e não me gabasse dele, e não o incomodasse. E eu nunca o fiz, exceto quando venho observá-lo uma vez por ano, sem que ele saiba. E está certo”, disse a pobre Sra. Pegler numa defesa apaixonada, “que eu *deva* ficar no meu canto, pois não tenho dúvida de que, se eu estivesse aqui, faria todo o tipo de coisa inadequada, e estou bem contente, e posso guardar para mim o orgulho que tenho de Josiah, e posso amar somente por amar! Tenho vergonha pelo senhor”, disse a Sra. Pegler, concluindo, “por suas calúnias e suspeitas. Jamais estive aqui, e nunca quis estar, se meu querido filho dizia que não. E não estaria aqui agora se não tivesse sido trazida. E o senhor deveria ter vergonha, sim, vergonha, por me acusar de ter sido uma mãe cruel com meu filho, com ele presente para desmenti-lo!”

Ergueu-se da plateia, que subia e descia das cadeiras, um murmúrio de simpatia pela Sra. Pegler, e o Sr. Gradgrind, ainda que inocente, sentia-se num

apuro desconcertante, quando o Sr. Bounderby, que não cessara de caminhar para cá e para lá, e intumescer-se cada vez mais, e tornar-se cada vez mais escarlate, parou de repente.

“Não sei ao certo”, disse o Sr. Bounderby, “como acabei favorecido pela presente companhia. Mas não indagarei. Quando estiverem satisfeitos, façam o obséquio de sair; satisfeitos ou não, façam o obséquio de sair. Não tenho obrigação de fazer uma palestra sobre meus problemas familiares, não me dispus a ela, e não vou fazê-la. Portanto, aqueles que esperam uma explicação, ficarão desapontados – em particular você, Tom Gradgrind, e é melhor que saiba logo. Em relação ao roubo do banco, houve um erro envolvendo minha mãe. Se não houvesse zelo excessivo, tal erro não teria ocorrido, e odeio zelo excessivo, sempre, haja ou não. Boa noite!

Embora o Sr. Bounderby houvesse concluído nesses termos, abrindo a porta para que os curiosos saíssem, havia nele um acanhamento jactancioso, a um só tempo vexado e superlativamente absurdo. Descoberto como um gabola da humildade, que construía sua ventosa reputação sobre mentiras e, em sua vaidade, afastara a honesta verdade para tão longe como faria se houvesse reivindicado mesquinamente (não há coisa mais mesquinha) ser parte da alta elite, ele fazia a mais ridícula figura. Sabia que os presentes, que se enfileiravam para sair pela porta que ele segurava, espalhariam por toda a cidade, aos quatro ventos, o que acontecera. Nunca houve Gabola tão frouxo e roto. Até mesmo aquela infeliz mulher, a Sra. Sparsit, caindo do pináculo de exultação para mergulhar no pântano do desespero, não estava em tão maus lençóis quanto o notável Charlatão que se fez sozinho, Josiah Bounderby de Coketown.

Rachael e Sissy, deixando a Sra. Pegler numa cama na casa do filho, caminharam até o portão de Stone Lodge e lá se despediram. O Sr. Gradgrind juntou-se a elas, antes que se afastassem, e falou de Stephen Blackpool com muito interesse; achava que ele se beneficiaria do evidente fracasso das suspeitas contra a Sra. Pegler.

Quanto ao moleque, durante aquela cena e em todas as ocasiões posteriores, colara-se a Bounderby. Parecia pensar que, enquanto Bounderby não descobrisse nada sem seu conhecimento, ele estaria seguro. Não visitou a irmã, e vira-a apenas uma vez, desde que ela voltara para casa, isto é, na noite em que se colara a Bounderby, como já foi relatado.

Havia um medo difuso e obscuro na mente de sua irmã, ao qual ela jamais dava voz, e que cercava o ingrato e desajeitado menino com um terrível mistério.

A mesma lúgubre possibilidade apresentara-se da mesma maneira difusa, naquele mesmo dia, a Sissy, quando Rachael disse que alguém se prejudicaria com o retorno de Stephen, por isso o tirou do caminho. Louisa nunca dissera que suspeitava de seu irmão no caso do roubo. Ela e Sissy não trocaram confidências sobre o assunto, exceto naquela ocasião em que seus olhares se cruzaram, enquanto o Sr. Gradgrind, alheio a tudo, descansava a cabeça grisalha na mão; mas entendiam-se entre elas, e ambas sabiam. Tal medo era tão horrível que pairava sobre cada uma como uma sombra fantasmagórica; nem uma nem outra ousava pensar que ele pairasse sobre uma, e muito menos sobre a outra.

E, no entanto, a audácia que o moleque se impusera cresceu dentro dele. Se Stephen Blackpool não era o ladrão, que se apresentasse. Por que não se apresentava?

Outra noite. Outro dia e outra noite. E nada de Stephen Blackpool. Onde estava, e por que não havia retornado?



Ele se ajoelhou diante dela, na pobre e esquálida escada, e levou aos lábios uma ponta do xale de Rachael.

VI

A LUZ DA ESTRELA

O domingo estava um luminoso domingo de outono, claro e fresco, quando Sissy e Rachael encontraram-se cedo pela manhã para passear no campo.

Como Coketown lançava cinzas não só sobre sua própria cabeça, mas também sobre a cabeça da vizinhança – como aqueles beatos que pagam seus pecados metendo os outros em buréis –, era costume dos que desejavam tomar ar fresco de quando em quando – o que não é em absoluto a mais perversa das vaidades da vida – afastar-se alguns quilômetros de trem e então começar sua caminhada ou seu descanso no campo. Sissy e Rachael escaparam da fumaça pelos meios usuais e desembarcaram numa estação a meio caminho entre a cidade e o retiro do Sr. Bounderby.

Embora a paisagem verde fosse manchada, aqui e ali, por montes de carvão, havia verde por toda parte, e árvores para ver, e cotovias cantoras (apesar de ser domingo), e perfumes agradáveis no ar, tudo encimado por um céu azul e brilhante. À distância, Coketown era como uma névoa negra; do outro lado, as colinas começavam a erguer-se; de outro lado ainda, havia uma tênue mudança na luz do horizonte, onde ela brilhava sobre o mar distante. Sob os pés das jovens, a relva estava fresca; belas sombras de galhos estremeciam sobre ela, salpicando-a; as sebes estavam viçosas; tudo era paz. As locomotivas estacionadas na boca das minas e os cavalos magros que haviam marcado no chão o círculo de seu trabalho diário também estavam quietos; as rodas pararam por um momento; e a grande roda da Terra parecia girar sem os baques e ruídos de outros tempos.

Sissy e Rachael atravessaram o campo e desceram alamedas sombreadas, às vezes pulando cercas tão velhas que caíam ao toque do pé, às vezes passando por tijolos e vigas cobertos de mato que marcavam o sítio de construções abandonadas. Seguiram trilhas e caminhos, por mais estreitos que fossem. Evitavam pequenas elevações, onde a relva fosse alta e espessa, e onde se amontoassem silvas e espinheiros; havia histórias apavorantes, naquela região, sobre velhos poços escondidos por tais indicações.

O sol ia alto quando se sentaram para descansar. Não viram ninguém, perto ou longe, por muito tempo; a solidão continuava. “É tão tranquilo aqui, Rachael, e o caminho parece tão pouco usado, que acho que somos as primeiras a vir para cá desde o último verão.”

Enquanto Sissy falava, seu olhar foi atraído por um pedaço de cerca caído no chão. Levantou-se para ver melhor. “No entanto, não sei. Não faz muito tempo que isso se quebrou. A madeira está fresca onde se partiu. Há pegadas aqui... Oh, Rachael!”

Ela correu e abraçou-se ao pescoço de Rachael, que já se levantara, assustada.

“Qual é o problema?”

“Não sei, há um chapéu na grama.” Avançaram juntas. Rachael apanhou o chapéu, tremendo dos pés à cabeça. Irrompeu em lágrimas e gemidos: no forro do chapéu estava escrito Stephen Blackpool, com a caligrafia dele.

“Oh, pobre moço, pobre moço! Livraram-se dele. Foi assassinado!”

“Há... há sangue no chapéu?”, gaguejou Sissy.

Tiveram medo de olhar, mas examinaram o chapéu e não encontraram marcas de violência, dentro ou fora dele. Estava ali havia alguns dias, pois havia manchas de chuva e orvalho, e deixara uma marca na relva. As jovens olharam em torno, temerosas, mas não viram nada. “Rachael”, sussurrou Sissy, “vou até mais adiante, sozinha.”

Soltara a mão da amiga e já dera um passo à frente, quando Rachael segurou-lhe os dois braços, com um grito que ecoou pela paisagem. Diante delas, a seus pés, estava a beirada irregular de um abismo negro, escondido pela relva espessa. Saltaram para trás e caíram de joelhos, escondendo o rosto no pescoço uma da outra.

“Oh, meu bom Deus! Ele está lá embaixo! Lá embaixo!” No início, isso e gritos terríveis era tudo que se conseguia de Rachael, por qualquer lágrima,

prece ou gesto que fosse. Era impossível silenciá-la; e era absolutamente necessário acalmá-la, ou se jogaria no poço.

“Rachael, querida Rachael, boa Rachael, em nome dos Céus, basta desses gritos terríveis! Pense em Stephen, pense em Stephen, pense em Stephen!”

Pela repetição constante daquelas súplicas, ditas na agonia daquele momento, Sissy afinal conseguiu acalmá-la e olhar para ela com um rosto de pedra, sem lágrimas.

“Rachael, Stephen pode estar vivo. Você o deixaria um só minuto, ferido, no fundo desse lugar terrível, se pudesse buscar ajuda?”

“Não, não, não!”

“Não saia daí, por amor a ele! Deixe-me ir e escutar.”

Estremeceu ao aproximar-se do poço, mas rastejou até ele e chamou Stephen tão alto quanto podia. Escutou, mas não houve resposta. Chamou novamente e escutou, ainda nenhum som. Repetiu aquilo vinte, trinta vezes. Apanhou um torrão onde ele havia tropeçado e jogou-o lá para dentro. Não conseguiu ouvir a queda.

A ampla paisagem, tão bela em sua imobilidade poucos minutos antes, quase desesperou seu bravo coração, quando se ergueu e olhou a sua volta, sem avistar ajuda. “Rachael, não podemos perder nem um minuto sequer. Vamos em direções diferentes à procura de ajuda. Você vai na direção de onde viemos, e eu vou seguir a trilha. Conte a qualquer um e a todos que vir o que aconteceu. Pense em Stephen, pense em Stephen!”

Soube, pela expressão de Rachael, que podia confiar nela. Ficou ali por um momento, para vê-la correr, torcendo as mãos enquanto corria, e saiu em sua própria busca; parou junto da sebe para amarrar ali o xale e marcar o lugar, jogou fora a touca e correu como jamais correria antes.

Corra Sissy, corra, em nome dos Céus! Não pare para tomar fôlego. Corra, corra! Animando-se com tais exortações em sua mente, correu de campo em campo, de alameda em alameda, como nunca correria; chegou finalmente a um galpão, ao lado de uma casa de máquinas, onde dois homens descansavam à sombra, dormindo sobre a palha.

Primeiro para acordá-los, e depois para contar-lhes o que a trazia ali, houve alguma dificuldade, pois estava sem fôlego e desorientada; mas assim que os homens conseguiram entendê-la, seus espíritos incendiaram-se como o dela. Um dos homens dormia um sono de bêbado, porém, ao ouvir os gritos de seu

companheiro de que um homem caíra no velho Poço do Inferno, correu até uma poça de água suja e meteu ali a cabeça, retornando sóbrio.

Com aqueles dois homens, Sissy correu mais um quilômetro adiante até encontrar outro, e com este correu outro quilômetro, enquanto os outros corriam em direção diferente. Encontraram então um cavalo, e ela conseguiu que outro homem cavalgasse desenfreadamente até a estação e enviasse uma mensagem a Louisa, que escreveu e entregou a ele. Àquela altura, uma aldeia inteira estava em alerta: e cabrestantes, cordas, traves, velas, lanternas e todo o necessário foi reunido e trazido para o mesmo lugar, para depois ser levado até o velho Poço do Inferno.

Horas e horas pareciam ter passado desde que deixara o homem perdido na sepultura onde fora enterrado vivo. Sissy não suportava mais ficar longe dali – seria como abandoná-lo – e apressou-se em voltar, acompanhada de meia dúzia de trabalhadores, inclusive o bêbado a quem a notícia havia curado e era o melhor de todos. Quando chegaram ao velho Poço do Inferno, encontraram-no tão deserto como Sissy o encontrara. Chamaram e escutaram, como ela fizera, examinaram a beirada do abismo e imaginaram como tudo acontecera. Então, sentaram-se e aguardaram a chegada do material de que precisavam.

Cada som de insetos no ar, cada movimento de folhas, cada sussurro entre aqueles homens, fazia Sissy estremecer, pois imaginava que eram clamores vindos do fundo do poço. Mas o vento soprava com preguiça, e nenhum som vinha até a superfície. Sentaram-se na relva e esperaram, esperaram. Depois de esperar um pouco mais, viram chegar alguns desgarrados que tinham ouvido falar do acidente; então, a verdadeira ajuda começou a chegar. Rachael retornava com eles; e em seu grupo havia um médico, que trazia vinho e remédios. Porém, a expectativa do povo de que o homem fosse encontrado com vida era muito pequena.

Como havia pessoas demais estorvando os trabalhos, o cidadão curado da bebedeira assumiu a liderança, ou foi eleito por consenso geral. Fez um largo anel circundando o velho Poço do Inferno e designou alguns homens para vigiá-lo. Além dos voluntários destacados para o trabalho, apenas Rachael e Sissy foram autorizadas a permanecer dentro do anel; porém, mais tarde, quando a mensagem trouxe um trem expresso de Coketown, o Sr. Gradgrind, Louisa, o Sr. Bounderby e o moleque, também ficaram ali.

Quando se arranjou um meio seguro de fazer dois homens descerem, o sol estava quatro horas mais próximo do horizonte do que quando Sissy e Rachael

sentaram-se na grama. Surgiram dificuldades durante a construção da máquina, por mais simples que fosse; descobriram que faltavam elementos importantes, e mensagens tiveram de ir e vir. Eram cinco horas da tarde do luminoso domingo outonal quando desceram uma vela para testar o ar, enquanto três ou quatro faces duras, muito próximas umas das outras, observavam-na com atenção, e os homens que operavam o cabrestante a desciam conforme eram instruídos. A vela foi içada, queimando debilmente, e mandaram água lá para dentro. Então, a caçamba foi enganchada, e o homem que se curara da bebedeira, junto com outro, desceu com as lanternas, dando o comando: “Pode baixar!”.

Enquanto a corda desenrolava-se, reta e tesa, e o cabrestante rangia, não se ouviu um suspiro entre os cem ou duzentos homens e mulheres que se encontravam ali, como seria normal que se ouvisse. O sinal foi dado e o cabrestante parou, com corda de sobra. Aparentemente, houve um intervalo tão grande, durante o qual os homens que operavam o cabrestante ficaram ali parados, que uma mulher berrou que havia acontecido outro acidente. Mas o médico que estava de vigia declarou que não haviam passado nem cinco minutos e exortou severamente os presentes a ficar em silêncio. Mal terminara de falar, o cabrestante foi revertido e voltou a funcionar. Olhos experientes sabiam que a corda não estava tão retesada quanto deveria, se ambos os trabalhadores estivessem subindo, e que apenas um retornava.

A corda enrolava-se, reta e tesa; e volta após volta envolvia o cilindro do cabrestante. Todos os olhos estavam fixos no poço. O homem que se curara da bebedeira foi içado e saltou com vigor para a relva. Houve um clamor universal: “Vivo ou morto?”, seguido de um silêncio significativo.

Quando ele disse “Vivo!”, houve um enorme alarido, e muitos olhos encheram-se de lágrimas.

“Mas está muito ferido”, acrescentou, tão logo pôde se fazer ouvir de novo. “Onde está o médico? Ele está tão ferido, senhor, que não sabemos como trazê-lo para cima.”

Todos conferenciavam e olhavam ansiosos para o médico, enquanto ele fazia perguntas e balançava a cabeça ao receber as respostas. O sol agora se punha, e a luz vermelha do anoitecer tocava cada rosto e fazia com que fossem vistos em toda a sua arrebatada expectativa.

A conferência terminou com os homens retornando ao cabrestante, e o mineiro desceu outra vez, carregando com ele vinho e outros artigos miúdos. Então, o outro homem subiu. Nesse meio-tempo, instruídos pelo médico, alguns

homens trouxeram uma tábua larga, sobre a qual outros fizeram uma espessa cama de roupas velhas coberta com palha solta, enquanto o próprio médico improvisava bandagens e tipoias com xales e lenços. Assim que terminava de fazê-las, pendurava-as no braço do mineiro que subira por último, com instruções de como usá-las; parado ali, iluminado pela lanterna que trazia com ele, e a poderosa mão desocupada agarrada a uma das traves, às vezes olhando para dentro do poço, às vezes para o povo, ele não era a figura menos notável na cena. Estava escuro, e tochas foram acesas.

Parecia, pelo pouco que aquele homem dizia aos que o cercavam, e estes repetiam para o círculo em volta deles, que o homem caíra num monturo que ocupava metade do poço, e sua queda fora amortecida ainda pela terra que se espalhara em torno do monturo. Estava deitado de costas, com um braço dobrado debaixo dele e, segundo o que acreditava o mineiro, mal se movera desde a queda; apenas enfiara a mão livre num bolso lateral, no qual se lembrara de que havia um pouco de pão e carne (dos quais engolira migalhas). Com a mesma mão, apanhava um pouco de água de vez em quando. Viera direto do trabalho, depois que recebera a carta, e caminhara todo o trajeto; estava a caminho da casa de campo do Sr. Bounderby, já de noite, quando caiu. Cruzara aquele campo perigoso, àquela hora perigosa, porque era inocente das acusações que haviam feito contra ele, e não conseguiria descansar até chegar ao lugar mais próximo onde pudesse entregar-se. O velho Poço do Inferno, disse o mineiro, rogando uma praga, foi digno de seu nome até o fim; pois, embora Stephen pudesse falar, o mineiro acreditava que os ferimentos causados pelo poço acabariam por matá-lo.

Quando tudo estava pronto, e o cabrestante começava a descê-lo, ele ainda recebeu as últimas instruções apressadas de seus camaradas e do médico antes de desaparecer no poço. A corda subiu como antes, o sinal foi dado como antes, e o cabrestante parou. Nenhum dos homens tirou as mãos dele. Todos esperavam. Seus corpos curvaram-se sobre as manivelas, prontos para reverter e puxar. Em certo momento, o sinal foi dado, e todo o anel inclinou-se para a frente.

Pois agora a corda enrolava-se, absolutamente reta e tesa, pelo que parecia, e os homens giravam penosamente as manivelas, e o cabrestante queixava-se. Era insuportável olhar para a corda e pensar que ela poderia romper-se. Porém, volta após volta, ela envolvia o cilindro do cabrestante, até que apareceram as correntes e, por fim, a caçamba com os dois homens agarrando-se à beirada – uma visão para confundir a mente e oprimir o coração – e, delicadamente

apoiada entre eles, enfaixada e atada, a silhueta de uma pobre e destroçada criatura humana.

Um murmúrio de compaixão circulou pela multidão, e as mulheres choraram alto, enquanto aquela silhueta, quase informe, era removida muito lentamente de sua redenção de ferro e deitada sobre a cama de palha. No início, ninguém, a não ser o médico, aproximou-se dela. Fez o que pôde para ajustá-la na cama, mas o melhor que conseguiu fazer foi cobri-la. Feito isso, com toda a delicadeza, o médico chamou Rachael e Sissy. Naquele momento, viu-se o rosto pálido, cansado e resignado olhando para o céu, com a mão quebrada jazendo fora das cobertas, como se esperasse ser tomada por outra mão.

Deram-lhe de beber, umedeceram seu rosto e administraram-lhe algumas gotas de vinho e tônico. Embora continuasse imóvel, olhando para o céu, sorriu e disse: “Rachael”. Ela inclinou-se na relva a seu lado, até que seus olhos estivessem entre Stephen e o céu, porque ele não podia nem mesmo virar-se para olhar para ela.

“Rachael, minha querida.”

Ela tomou-lhe a mão. Ele sorriu novamente e disse: “Não solte”.

“Sentes muitas dores, meu querido Stephen?”

“Até agora senti. Foi terrível, duro e demorado, minha querida, mas agora acabou. Oh, Rachael, que lamaçal! Do começo ao fim, um lamaçal!”

O espectro de seu antigo olhar pareceu passar quando disse aquela palavra.

“Caí no poço, minha querida, que, contam os velhos, custou a vida de centenas e centenas – pais, filhos e irmãos, queridos de milhares e milhares que eles protegiam da miséria e da fome. Caí no poço cujos gases foram mais cruéis do que as guerras. Li sobre ele, como leram muitos, na petição pública que os mineiros enviaram aos legisladores, implorando, por amor de Cristo, que não permitissem que seu trabalho fosse sua morte, mas que os poupassem para seus filhos e esposas, que amavam tanto quanto os aristocratas amam os seus. Quando o poço estava em funcionamento, matava sem motivo; agora que está em paz, mata sem motivo. Veja como morremos sem motivo, de um modo ou de outro – num lamaçal – todos os dias!”

Disse aquilo fracamente, sem ira contra ninguém. Apenas a verdade.

“Tua irmãzinha, Rachael, não a esqueceste. E não a esquecerás mais. Estou tão perto dela. Sabes, minha paciente, pobre e sofredora querida, quanto trabalhaste por ela, sentada ali na cadeirinha à tua janela, e como morreu, jovem

e aleijada, naquele ar insalubre que não precisava existir, entre lares miseráveis de trabalhadores. Lamaçal! Tudo é lamaçal!”

Louisa aproximou-se; mas ele não conseguia vê-la, ainda com o rosto virado para o céu noturno.

“Se todas as coisas que nos tocam, minha querida, não fossem lama, eu não precisaria ter vindo até aqui. Se não houvesse um lamaçal entre nós, não teria sido tão injustiçado por meus colegas tecelões e irmãos trabalhadores. Se o Sr. Bounderby me conhecesse – se me conhecesse de qualquer maneira – não teria se ofendido. Não teria suspeitado de mim. Mas olha lá longe, Rachael! Olha para cima!”

Seguindo seu olhar, ela viu que Stephen contemplava uma estrela.

“Brilhou sobre mim”, disse com reverência. “Nas minhas dores e atribulações lá embaixo. Brilhou na minha mente. Olhava para ela e lembrava-me de ti, Rachael, até que o lamaçal na minha mente se limpava, mais do que um pouco, espero. Se alguém tivesse desejado conhecer-me melhor, eu também teria desejado conhecê-lo. Quando recebi tua carta, acreditei que aquilo que a jovem dama disse e fez por mim foi o mesmo que seu irmão disse e fez por mim, e que havia uma trama perversa entre os dois. Quando caí, senti raiva dela, e apressei-me para ser tão injusto com ela quanto os outros foram comigo. Mas em nossos julgamentos, como em nossas ações, devemos suportar e tolerar. Nas minhas dores e atribulações, olhando para longe – e a estrela brilhando sobre mim – comecei a ver com mais clareza, e meu último pedido foi que todos se aproximassem uns dos outros e se conhecessem melhor, um mundo melhor do aquele em que viveu a minha fraca pessoa.”

Louisa, ouvindo o que disse Stephen, inclinou-se sobre ele, do lado oposto de Rachael, de modo que ele pudesse vê-la.

“A senhora ouviu?”, disse ele, após alguns minutos de silêncio. “Eu não a esqueci, jovem dama.”

“Sim, Stephen, eu ouvi. E o seu pedido é o meu.”

“A senhora tem um pai. Transmitiria uma mensagem a ele?”

“Ele está aqui”, disse Louisa, temerosa. “Devo chamá-lo?”

“Por favor.”

Louisa retornou com o pai. De mãos dadas, ambos olharam para o rosto solene.

“Senhor, limpe o meu nome diante de todos. Deixo isso ao seu encargo.”

O Sr. Gradgrind ficou confuso e perguntou como.

“Senhor”, foi a resposta, “seu filho lhe dirá. Pergunte a ele. Não faço acusações, não deixo nenhuma para trás, nem uma palavra. Vi e falei com seu filho, certa noite. Não peço mais ao senhor do que me inocentar – e confio que possa fazê-lo.”

Como os carregadores estavam prontos para levá-lo, e o médico ansiava por sua remoção, os que traziam tochas ou lanternas prepararam-se para ir à frente da maca. Antes que ela fosse erguida, e enquanto resolviam como prosseguir, Stephen disse a Rachael, olhando para a estrela lá em cima: “Sempre que recobrava os sentidos, e a via brilhar sobre mim, lá embaixo com as minhas atribulações, pensava que era a estrela guia da casa do Nosso Salvador. Agora sei que é ela!”

Ergueram a maca, e ele entusiasmou-se ao ver que iam na mesma direção que a estrela parecia indicar.

“Rachael, moça amada! Não solta a minha mão. Caminhemos juntos nesta noite, querida!”

“Segurarei tua mão e ficarei ao teu lado, Stephen, por todo o caminho.”

“Deus te abençoe! Alguém, por favor, cubra meu rosto!”

Carregaram-no com muito cuidado pelos campos, desceram as alamedas e atravessaram a ampla paisagem; Rachael sempre segurando sua mão. Poucos sussurros quebravam o silêncio pesaroso. A caminhada logo se tornou um cortejo fúnebre. A estrela mostrou-lhe onde achar o Deus dos pobres; e, pela humildade, pela tristeza e pelo perdão, Stephen partiu para o descanso junto do Redentor.

VII

A CAÇA AO MOLEQUE

Antes que se desfizesse o anel em torno do velho Poço do Inferno, uma figura desaparecera. O Sr. Bounderby e sua sombra não ficaram junto de Louisa, que dera o braço para o pai, mas sozinhos, num local afastado. Quando o Sr. Gradgrind fora chamado até o leito, Sissy, atenta a tudo que acontecia, esgueirara-se atrás daquela sombra maligna – uma visão de horror em seu rosto, se houvesse olhos para vê-lo – e sussurrara em seu ouvido. Sem voltar-se, Tom conversara com ela durante alguns momentos e sumira. Assim, o moleque abandonou o anel antes dos outros.

Quando o Sr. Gradgrind chegou em casa, enviou uma mensagem ao Sr. Bounderby, pedindo que o filho o procurasse imediatamente. A resposta foi que o Sr. Bounderby perdera-o na multidão e supusera que ele fora para Stone Lodge.

“Creio, pai”, disse Louisa, “que ele não voltará para a cidade esta noite.” O Sr. Gradgrind deu meia-volta e não disse mais nada.

Pela manhã, foi ao banco assim que este abriu. Vendo a mesa do filho vazia (no início, não tivera coragem de olhar), desceu para a rua e encontrou o Sr. Bounderby a caminho do banco. Disse-lhe que, por razões que logo explicaria, mas não naquele momento, achara necessário enviar o filho para longe por algum tempo. E também que recebera o encargo de defender a memória de Stephen Blackpool e revelar o verdadeiro ladrão. O Sr. Bounderby, bastante confuso, ficou como um dois de paus no meio da rua, depois que o sogro o deixou, inchando como uma imensa bolha de sabão, mas sem a mesma beleza.

O Sr. Gradgrind voltou para casa, trancou-se em seu gabinete e ali permaneceu durante todo o dia. Quando Sissy e Louisa bateram à porta, disse, sem abri-la: “Agora não, minhas queridas. À noite”. Quando retornaram à noite, disse: “Ainda não posso. Amanhã”. Não comeu nada o dia inteiro e não acendeu nenhuma vela após o anoitecer; seus passos foram ouvidos, para lá e para cá, tarde da noite.

Porém, pela manhã, ele apareceu para o desjejum na hora de sempre e tomou o lugar de sempre à mesa. Parecia velho e encurvado, e bastante abatido; no entanto, parecia também mais sábio, e melhor, do que fora naqueles dias de sua vida em que não quisera saber de nada – além dos fatos. Antes de deixar o aposento, determinou o momento em que Louisa e Sissy poderiam procurá-lo; assim, com a cabeça grisalha baixa, saiu.

“Querido pai”, disse Louisa, quando chegou o momento, “ainda lhe restam três filhos pequenos. Eles serão diferentes, *eu* ainda serei diferente, com ajuda dos Céus.”

Estendeu a mão para Sissy, como se dissesse que contava também com a ajuda dela.

“Seu infeliz irmão”, disse o Sr. Gradgrind, “você acha que ele já tinha planejado o roubo quando a acompanhou à pensão?”

“Temo que sim, pai. Eu sabia que Tom precisava muito de dinheiro e tinha gastado uma grande quantia.”

“Como o pobre homem estava para deixar a cidade, ocorreu à sua mente perversa lançar suspeitas sobre ele?”

“Acho que lhe ocorreu quando estava lá, pai. Pois fui eu que pedi que ele me acompanhasse. Não foi ele que sugeriu a visita.”

“Ele disse alguma coisa ao pobre homem. Chamou-o à parte?”

“Chamou-o para fora do quarto. Perguntei-lhe depois o motivo, e ele me deu uma desculpa plausível; mas, desde então, pai, e quando me lembro das circunstâncias à luz daquela noite, temo poder imaginar com muita precisão o que aconteceu entre eles.”

“Diga-me”, disse o pai, “se seus pensamentos mostrarem que seu irmão é culpado pela mesma óptica sombria dos meus.”

“Temo, pai”, hesitou Louisa, “que ele deva ter dito alguma coisa a Stephen Blackpool – talvez em meu nome, talvez em nome dele próprio – que o induziu a fazer, de boa-fé e honestamente, aquilo que jamais fizera: rondar o banco naquelas duas ou três noites antes de deixar a cidade.”

“Simples demais!”, retorquiu seu pai. “Simples demais!”

Cobriu o rosto e ficou em silêncio por um momento. Recuperando-se, disse: “E agora, como vamos achá-lo? Como livrá-lo da justiça? Nas poucas horas que posso me permitir antes de revelar a verdade, como vamos fazer para encontrá-lo, e somente nós? Dez mil libras não poderiam fazer isso.”

“Sissy fez, pai.”

O Sr. Gradgrind ergueu os olhos para onde estava a menina, como uma fada madrinha daquela casa, e disse num tom de gratidão enternecida e bondade agradecida: “É sempre você, minha criança!”.

“Tivemos nossos receios”, explicou Sissy, olhando para Louisa, “anteontem, e, quando vi o senhor ser chamado na noite passada, e ouvi o que aconteceu (já que fiquei o tempo todo perto de Rachael), fui até ele sem ser vista e disse: ‘Não olhe para mim. Veja onde está seu pai. Fuja, para o seu bem e o dele!’. Ele estava tremendo antes de eu falar e ficou mais atônito e trêmulo depois. Disse: ‘Para onde posso ir? Tenho muito pouco dinheiro e não conheço ninguém que possa me esconder!’. Pensei no velho circo do meu pai. Nunca esqueci para onde o Sr. Sleary vai nesta época do ano, e li sobre ele no jornal, outro dia. Disse a Tom que fosse para lá, dissesse seu nome e pedisse ao Sr. Sleary que o escondesse até a minha chegada. ‘Chegarei lá antes do amanhecer’, ele disse. E eu o vi fugir no meio do povo.”

“Graças aos Céus!”, exclamou o pai do moleque. “Ainda temos tempo de mandá-lo para o exterior.”

Dava-lhes mais esperança ainda o fato de que a cidade que Sissy lhe indicara ficava a três horas de Liverpool, de onde ele poderia ser rapidamente despachado para qualquer parte do mundo. Porém, era necessária cautela para comunicar-se com ele – pois a cada momento crescia o risco de que suspeitassem dele, e ninguém poderia ter plena certeza de que o próprio Sr. Bounderby, numa intimidadora demonstração de zelo público, não bancasse o romano. Concordaram que Sissy e Louisa deveriam dirigir-se ao local em questão, sozinhas e por caminhos tortuosos, e que o infeliz pai, partindo na direção oposta, chegaria ao mesmo ponto por um caminho mais longo. Concordaram ainda que o Sr. Gradgrind não deveria apresentar-se ao Sr. Sleary, para que suas intenções não fossem mal interpretadas ou a notícia de sua chegada não pusesse o filho em fuga outra vez; o contato seria feito por Louisa e Sissy, que informariam a causa de tanta desgraça e infelicidade, da presença do pai e do propósito que as levava até lá. Quando essas providências foram bem entendidas

pelos três, foi o momento de iniciar sua execução. No começo da tarde, o Sr. Gradgrind saiu de casa e atravessou o campo para tomar o trem no qual viajaria; à noite, as duas que ficaram para trás seguiram percursos diferentes, encorajadas por não terem visto rostos conhecidos.

As duas viajaram a noite toda, exceto quando desembarcavam, por um número variável de minutos, para fazer baldeação, subir intermináveis lances de escadas ou descer em buracos – as únicas variedades de estações – e, de manhã, foram despejadas num pântano a dois ou três quilômetros da cidade que procuravam. Foram resgatadas daquele lugar desolado por um velho cocheiro cruel, que por acaso acordara cedo, chicoteando um cavalo num fiacre; foram contrabandeadas desse modo até a cidade, pelas ruelas secundárias onde viviam os porcos, o que, embora não fosse um acesso magnífico, ou mesmo agradável, era, como é usual nesses casos, o caminho legítimo.

A primeira coisa que viram ao entrar na cidade foi o esqueleto do circo do Sr. Sleary. A trupe partira para uma cidade a mais de trinta quilômetros de distância e estreara lá na noite anterior. A conexão entre as duas cidades dava-se por uma estrada acidentada, na qual se pagava pedágio, e as viagens por ali eram muito lentas. Embora tivessem tomado um desjejum apressado, e não tivessem descansado (o que seria inútil, em circunstância tão aflitiva), era meio-dia quando começaram a ver os cartazes do Espetáculo Hípico Sleary em muros e celeiros, e uma hora da tarde quando pararam no mercado.

Um Grande Espetáculo Matinal dos Cavaleiros, que começaria àquela mesma hora, era anunciado pelo pregoeiro quando as jovens puseram os pés nas pedras da rua. Sissy recomendara que, para evitar fazer muitas perguntas e não chamar a atenção na cidade, eles deveriam apresentar-se à porta do circo e pagar as entradas. Se o Sr. Sleary estivesse recolhendo o dinheiro, por certo ele a reconheceria e procederia com discrição. Se não, por certo ele as veria lá dentro; e, sabendo do paradeiro do fugitivo, procederia ainda com discrição.

Portanto, elas dirigiram-se, com o coração palpitando, até o bem lembrado circo. A bandeira com a inscrição Espetáculo Hípico Sleary ainda estava lá; e o nicho gótico também; quem não estava lá era o Sr. Sleary. Mestre Kidderminster, maduro e barbudo demais para convencer até a mais desvairada credulidade como Cupido, rendera-se à força invencível das circunstâncias (e à sua barba) e, na qualidade de indivíduo geralmente útil, presidia, naquela ocasião, ao erário – e tinha também um tambor à mão, para usufruir dos momentos de lazer e dispendar a energia supérflua. Na extrema agudeza de seu olhar sobre o vil

metal, o Sr. Kidderminster, naquela ocasião, só tinha olhos para o dinheiro; assim, Sissy passou incógnita por ele, e elas entraram.

O Imperador do Japão, montado num velho cavalo branco estampado com manchas negras, equilibrava cinco bacias de barbear ao mesmo tempo, o que, como se sabia, era a diversão favorita do monarca. Sissy, embora bastante familiarizada com a linhagem real, não conhecia pessoalmente o atual Imperador, mas seu reinado era pacífico. A Srta. Josephine Sleary, em seu famoso Carrossel Tirolês, estava sendo anunciada por um novo palhaço (que dizia comicamente “Carroção Tirolês”), e o Sr. Sleary trouxe-a para o picadeiro.

O Sr. Sleary acabara de chicotear o palhaço com seu longo chicote, e o palhaço acabara de dizer “Se fizer isso outra vez, vou jogar o cavalo em cima de você!”, quando Sissy foi reconhecida por pai e filha. Mas eles continuaram o número, demonstrando grande autocontrole; e o Sr. Sleary, exceto naquele momento, não demonstrou mais sentimento no olho vago do que no fixo. Sissy e Louisa acharam o número um tanto longo, em especial quando foi interrompido para o palhaço poder contar ao Sr. Sleary (que respondia: “De fato, fenhor!” a todas as observações da maneira mais tranquila e com um olho na plateia) que duas pernas sentadas em três pernas olhavam para uma perna, quando surgiram quatro pernas e apanharam uma perna, então duas pernas levantaram-se e apanharam três pernas, e jogaram-nas sobre quatro pernas, que fugiram com uma perna. Embora a história fosse uma engenhosa alegoria de um açougueiro, um banquinho de três pernas, um cão e um pernil de carneiro, ela consumiu muito tempo; e Sissy e Louisa estavam ansiosas. Por fim, a loura Josephine fez uma reverência sob muitos aplausos, e o palhaço, sozinho no picadeiro, já começava a animar-se, dizendo “Agora é a *minha* vez!”, quando tocaram no ombro de Sissy e, com um aceno, convidaram-na a sair.

Louisa foi com ela. Elas foram recebidas pelo Sr. Sleary num minúsculo aposento privado, de paredes de lona, assoalho de grama e um telhado de madeira todo enviesado, no qual o fabricante deixara seu selo de aprovação, como se oferecesse garantia pelos caixotes. “Fefilia”, disse o Sr. Sleary, que tinha conhaque e água à mão, “faz-me bem vê-la. Fempre foi nofa favorita, e eftou ferto de que nof fez juftifa defde of velhof tempof. Vofê tem de conhefer nofo pefoal, minha querida, antef de tratarmof de negófios, ou o corafão defef vai fe partir – efpefialmente os daf mulheref. Josephine casou-fe com E. W. B. Childerf, e elef têm um menino que, apesar de ter apenaf três anof, confegue montar qualquer pônei que fe dê a ele. Feu apelido é Pequena Maravilha da

Equitafão Efcoláftica; e, fe não ouvir falar dele em Aftley, ouvirá em Parif. E vofê fe lembra de Kidderminfter, que parecia goftar baftante de vofê? Bem, ele também fe casou. Com uma viúva. Velha o fuficiente para fer a mãe dele. Caminhava na corda bamba – caminhava –, agora não caminha maif por causa da gordura. Elef têm doif filhof, então eftamof bem no negófiio daf fadaf e no truque do berfário. Fe quiser ver nofo número daf Crianfaf na Floresta, com pai e mãe, ambof morrendo montadof a cavalo – e o tio afeitando-lhef a guarda montado a cavalo – e elef mefmof indo colher amoraf montadof a cavalo – e o tordo vindo cobrir-lhef de folhaf montado a cavalo –, vofê diria que é a coisa maif completa que já viu! Lembra-fe de Emma Gordon, minha querida, que era quase uma mãe para vofê? Claro que fe lembra, eu nem prefisava perguntar. Bem! Emma perdeu o marido. Caiu de coftaf de uma coisa parefida com um pagode, montada naf coftaf de um elefante, durante o número do Fultão daf Índiaf, e nunca maif fe recuperou; e ela casou-fe uma fegunda vez – com um queijeiro que fe apaixonou por ela à primeira vifta; ele é fupervisor e ganha uma fortuna.”

O Sr. Sleary, quase sem fôlego, relatava aquelas várias mudanças com animação, e com uma inocência maravilhosa, que contrastava com o velho abatido e encharcado de conhaque com água que era. Depois, trouxe Josephine e E. W. B. Childers (que, à luz do dia, tinha linhas profundas nos maxilares), e a Pequena Maravilha da Equitação Escolástica, e, em uma palavra, toda a trupe. Todos eram seres fantásticos para Louisa, de feições tão brancas e rosadas, econômicos nos trajes e exuberantes de pernas; mas era muito agradável vê-los em torno de Sissy, e era muito natural que esta não conseguisse conter as lágrimas.

“Pronto! Agora que Fefilia já beijou todaf af crianfaf, e abraçou todaf af mulheref, e apertou af mãof de todof of homenf, faiam todof, e chamem a banda para o fegundo ato!”

Assim que partiram, o Sr. Sleary continuou, em voz baixa: “Agora, Fefilia, não quero faber nenhum fegredo, maf fuponho que efa feja a Fenhorita Fenhor.”

“É irmã dele, sim.”

“E filha do outro, a quem me refiro. Efpero que efteja pafando bem, fenhorita. E o fenhor feu pai, eftá bem?”

“Meu pai logo estará aqui”, disse Louisa, ansiosa para ir direto ao assunto. “Meu irmão está seguro?”

“Fão e falvo!”, retorquiu. “Quero apenaf que deem uma olhada no picadeiro,

fenhorita. Por aqui. Fefilia, vofê conhefe of truquef, ache um buraco para efpiar.”

Cada um olhou por uma rachadura nas tábuas.

“Aquele é Jack, o Matador de Gigantef – é um numerozinho cômico para af criançaf”, disse Sleary. “Há uma casinha – olhem ali – para Jack fe efconder; ali eftá meu palhafo, com uma tampa de cafarola e um efpeto; ali está Jack, veftindo uma efplêndida armadura; ali eftão doif cômicof criadof negrof, dua vezef maioref que a casinha, que aguardam perto dela para carregá-la e efvaziá-la; o Gigante (que me faiu muito caro) ainda não entrou. Ora, vocêf confeguem ver todof?”

“Sim”, disseram.

“Olhem para elef outra vez”, disse Sleary, “olhem bem. Veem todof? Muito bem. Ora, fenhorita”, ele trouxe um banco para sentarem, “tenho minha opinião, e o fenhor feu pai tem a dele. Não quero faber em que fe meteu feu irmão; é melhor eu não faber. O que digo é: o Fenhor ajudou Fify, e eu ajudarei o Fenhor. Feu irmão é um dof criadof negrof.”

Louisa soltou uma exclamação, em parte de angústia, em parte de satisfação.

“É fato”, disse Sleary, “e, mefmo fabendo, não fe confegue apontá-lo. Que venha feu pai. Mantereí aqui feu irmão depoif da apresentafão. Não trocareí fuaf roupaf ou removerei fua maquiagem. Deixe que feu pai venha apóf a apresentafão, ou venha vofê mefma depoif da apresentafão, e encontrará feu irmão, e o lugar ferá todo de vocêf, para converfarem. Não fe importe com fua aparênfia, desde que efteja bem efcondido.”

Louisa, com muitos agradecimentos e aliviada de sua carga, não deteve mais o Sr. Sleary. Permittiu-se amar o irmão, com os olhos cheios de lágrimas, e foi embora com Sissy, para retornar ao final da tarde.

O Sr. Gradgrind chegou uma hora depois. Também não encontrou ninguém que conhecesse e estava confiante de que conseguiria, com a ajuda de Sleary, levar seu desonrado filho para Liverpool durante a noite. Como nenhum dos três poderia acompanhar Tom sem denunciá-lo, sob qualquer disfarce, o Sr. Gradgrind redigiu uma carta a um correspondente em que podia confiar, suplicando-lhe que embarcasse o portador, a todo custo, para a América do Norte ou do Sul, ou para qualquer parte distante do mundo à qual ele pudesse ser despachado rápida e discretamente.

Feito isso, ficaram por ali, esperando que o circo se esvaziasse, não somente da plateia, mas também da trupe e dos cavalos. Depois de vigiarem por muito

tempo, viram o Sr. Sleary trazer uma cadeira e sentar-se diante da porta lateral, fumando; era o sinal de que podiam aproximar-se.

“Feu fervo, fenhor”, foi a cautelosa saudação quando chegaram. “Fe prefisarem de mim, vão me encontrar aqui fora. Não fe preocupe por feu filho eftar veftido de palhafo.”

Os três entraram; e o Sr. Gradgrind sentou-se, desamparado, na cadeira do palhaço, no centro do picadeiro. Em um dos bancos do fundo, isolado na luz difusa e na estranheza do lugar, estava o vil moleque, zangado a não mais poder, a quem ele tinha a infelicidade de chamar de filho.

Vestia um casaco grotesco, como o de um sacristão, com punhos e golas inexprimivelmente exagerados, um colete imenso, calções até os joelhos, sapatos de fivela e um bizarro chapéu de três bicos; nada se ajustava nele, e tudo era feito de material grosseiro, comido de traças e cheio de buracos; havia linhas em seu rosto negro, onde o medo e o calor removeram a graxa ali aplicada; em qualquer outra circunstância, o Sr. Gradgrind não teria acreditado em algo tão sinistro, detestável, ridículo e vergonhoso como o moleque naquele uniforme cômico, embora tal figura fosse um fato pesável e mensurável. Uma de suas crianças-modelo reduzira-se àquilo!

No princípio, o moleque não conseguiu chegar mais perto, insistindo em ficar sozinho lá longe. Rendendo-se, afinal, se é que uma concessão feita com tamanha má vontade pode ser chamada de rendição, aos apelos de Sissy, pois ele renegara Louisa, ele desceu, banco após banco, até a serragem na beirada do círculo, dentro de seus limites, mas tão longe quanto possível do pai.

“Como foi?”, perguntou o pai.

“Como foi o quê?”, retrucou o filho mal-humorado.

“O roubo”, disse o pai, levantando a voz ao dizer a palavra.

“Arrombei o cofre durante a noite e deixei a porta entreaberta antes de sair. Tinha, muito antes, mandado fazer a chave que encontraram. Joguei-a fora naquela manhã, para que pensassem que tinha sido usada. Não levei o dinheiro todo de uma vez. Fingi fechar o balanço todas as noites, mas não o fiz. Agora o senhor sabe de tudo.”

“Se eu fosse atingido por um raio”, disse o pai, “ficaria menos chocado do que estou agora!”

“Não vejo por quê”, resmungou o filho. “Tantas pessoas têm cargos de confiança; tantas, entre essas tantas, são desonestas. Ouvi-o dizer, cem vezes,

que isso era uma lei. Como posso fugir a uma lei? O senhor já consolou outros com essas coisas, pai. Console-se a si mesmo!”

O pai enterrou o rosto nas mãos, e o filho, em sua vergonhosa estranheza, ficou parado, mordendo uma palha: as mãos negras de tinta, desbotadas nas palmas, pareciam as de um animal. A noite acercava-se rapidamente; e, de quando em quando, o moleque virava o branco dos olhos, irrequieta e impacientemente, na direção do pai. Eram as únicas partes de seu rosto que demonstravam vida ou sentimento, já que o pigmento era muito espesso.

“Você vai ser levado para Liverpool e mandado para o exterior.”

“Suponho que sim. Em nenhum outro lugar poderei ser mais infeliz”, choramingou o moleque, “do que sou aqui desde que me lembro. Já é alguma coisa.”

O Sr. Gradgrind foi até a porta e retornou com Sleary, a quem fez a pergunta: “Como despachar este objeto deplorável?”

“Ora, efetive pensando, senhor. Não temo muito tempo a perder, então o senhor terá de responder sim ou não. A ferrovia fica a cerca de trinta quilômetros daqui. Uma carruagem fará em meia hora e irá até a estação, para encontrar o trem postal. Este trem o levará direto a Liverpool.”

“Mas olhe para ele”, resmungou o Sr. Gradgrind. “Será que as carruagens...”

“Ele não irá vestido assim”, disse Sleary. “Diga quando, e tirarei do guarda-roupa o necessário para transformá-lo num casacudo em cinco minutos.”

“Não entendo”, disse o Sr. Gradgrind.

“Um casacudo – um homem do campo. Defenda-se rápido, senhor. Tenho de trazer ferveja. Não há nada melhor para limpar a maquiagem negra do que ferveja.”

O Sr. Gradgrind assentiu rapidamente; o Sr. Sleary tirou rapidamente de um baú um casacão, um chapéu de feltro e outros objetos necessários; o moleque trocou rapidamente de roupas atrás de um biombo de baeta; o Sr. Sleary trouxe rapidamente a cerveja e o moleque ficou branco outra vez.

“Agora”, disse Sleary, “vá até a carruagem e embarque na parte de trás; vou com você ali e pensarão que você faz parte do meu pessoal. Despeda-se da sua família, e vá logo.” Dito isso, retirou-se delicadamente.

“Aqui está a carta”, disse o Sr. Gradgrind. “Todos os meios necessários lhe serão fornecidos. Redima-se, pelo arrependimento e pela boa conduta, da ação revoltante que cometeu e das consequências terríveis que essa ação trouxe. Dê-me a sua mão, meu pobre menino, e Deus o perdoe, como eu o perdoei!”

O réu comoveu-se e derramou algumas lágrimas abjetas diante daquelas palavras e de seu tom patético. Porém, quando Louisa abriu os braços, ele a renegou outra vez.

“Você, não! Não tenho nada a lhe dizer!”

“Oh, Tom, Tom! Terminamos assim, depois de todo o meu amor?”

“Depois de todo o seu amor!”, exclamou obstinado. “Belo amor! Deixou o velho Bounderby sozinho, despachou meu amigo Sr. Harthouse e voltou para casa quando eu estava em perigo. Isso é amor? Confessou palavra por palavra que estivemos naquele lugar, quando viu que os cães já tinham me farejado. Lindo amor! Sempre desistiu de mim! Nunca se importou comigo!”

“Vamof logo!”, disse Sleary, junto da porta.

Todos saíram em confusão. Louisa gritava para o moleque que o perdoava, que ainda o amava, e que um dia ele ainda se arrependeria de tê-la deixado assim, e ficaria feliz quando pensasse naquelas últimas palavras, numa terra distante, quando alguém correu na direção deles. O Sr. Gradgrind e Sissy, que estavam à frente de Tom, enquanto a irmã deste ainda se agarrava a seu braço, pararam e tiveram um sobressalto.

Pois lá estava Bitzer, completamente sem fôlego, os lábios finos entreabertos, as narinas finas distendidas, os cílios brancos tremendo e o rosto descolorido ainda mais descolorido, como se ficasse branco quando corresse, como as outras pessoas ficam vermelhas. Lá ficou, ofegante e agitado, como se não tivesse parado desde aquele dia, muito tempo atrás, quando os abalroara pela primeira vez.

“Lamento atrapalhar seus planos”, disse Bitzer, balançando a cabeça, “mas não posso permitir ser ludibriado por cavaleiros de circo. Devo levar o jovem Sr. Tom; ele não pode escapar com a ajuda de cavaleiros de circo; aqui está ele, vestido com um casacão. Tenho de levá-lo!”

Pelo colarinho, aparentemente. Pois foi pelo colarinho que o agarrou.



“Agora, Fefilia, não quero faber nenhum fegredo, maf fuponho que efa feja a Fenhorita Fenhor.”

VIII FILOSÓFICO

Eles voltaram para dentro, e Sleary fechou a porta para afastar os intrusos. Bitzer, ainda segurando o réu pelo colarinho, parou no picadeiro, piscando para seu antigo benfeitor na escuridão do crepúsculo.

“Bitzer”, disse o Sr. Gradgrind, vencido e miseravelmente submisso, “você não tem coração?”

“A circulação, senhor”, retorquiu Bitzer, sorrindo diante da estranha pergunta, “não funcionaria sem o coração. Ninguém que esteja familiarizado com os fatos estabelecidos por Harvey, senhor, pode duvidar de que eu tenha um coração.”

“E o seu está aberto”, implorou o Sr. Gradgrind, “à compaixão?”

“Está aberto à razão, senhor”, respondeu o excelente jovem, “e nada mais.”

Olhavam um para outro; o rosto do Sr. Gradgrind parecia tão pálido quanto o do perseguidor.

“Que motivo – e até que motivo racional – você tem para impedir a fuga desse jovem desventurado”, disse o Sr. Gradgrind, “e arrasar seu infeliz pai? A irmã dele está aqui. Tenha misericórdia!”

“Senhor”, retorquiu Bitzer, de maneira muito lógica e profissional, “já que me pergunta que motivo racional tenho para levar o jovem Sr. Tom de volta a Coketown, é razoável que eu lhe responda. Suspeitei desde o princípio de que o jovem Sr. Tom tinha roubado o banco. Eu já o vigiava antes dessa ocasião, porque conhecia seus modos. Guardei minhas observações para mim mesmo, mas eu as fiz; e agora tenho provas abundantes contra ele, além de ter fugido, e

além de ter confessado, como entreouvi oportunamente. Tive o prazer de vigiar sua casa na manhã de ontem e segui-lo até aqui. Levarei o jovem Sr. Tom de volta a Coketown para entregá-lo ao Sr. Bounderby. Não tenho a menor dúvida de que o Sr. Bounderby vai me promover ao cargo do jovem Sr. Tom. E desejo o cargo, senhor, porque vou ganhar mais e passar melhor.”

“Se é apenas uma questão de interesse próprio...”, começou o Sr. Gradgrind.

“Desculpe-me interrompê-lo, senhor”, respondeu Bitzer, “mas estou certo de que o senhor sabe que todo o sistema social é uma questão de interesse próprio. Devemos sempre apelar para o interesse próprio das pessoas. É a única garantia que temos. É a nossa constituição. Fui educado nesse catecismo desde muito jovem, senhor, como bem sabe.”

“Quanto calcula”, perguntou o Sr. Gradgrind, “que ganhará com a sua promoção?”

“Obrigado, senhor”, retorquiu Bitzer, “por insinuar uma proposta, mas não estabelecerei uma quantia. Sabendo que sua mente límpida proporia tal alternativa, refiz meus cálculos e concluí que avaliar um delito, mesmo em cifras muito altas, não seria, para mim, tão bom e seguro quanto minhas melhores perspectivas no banco.”

“Bitzer”, disse o Sr. Gradgrind, estendendo as mãos como se dissesse: “Veja como sou infeliz!”. “Bitzer, tenho apenas mais uma chance de comovê-lo. Você estudou na minha escola durante anos. Se, em memória dos esforços que fez lá, você puder desconsiderar seu interesse por meu filho e libertá-lo, imploro-lhe e rogo-lhe que conceda a ele o benefício dessa memória.”

“De fato, espanta-me, senhor”, rebateu o antigo aluno, tentando argumentar, “vê-lo tomar uma posição tão indefensável. Minha educação foi paga; foi uma barganha e, quando saí da escola, a barganha terminou.”

Era o princípio fundamental da filosofia Gradgrind que tudo devesse ser pago. Não se podia, em hipótese alguma, dar nada a ninguém, ou oferecer ajuda gratuita. A gratidão deveria ser abolida, e as virtudes que dela brotavam deveriam deixar de existir. Cada minuto da existência humana, do nascimento até a morte, deveria ser uma barganha diante de um guichê. E, se não chégássemos ao Paraíso dessa maneira, era porque ele não era um lugar político-econômico, e não tínhamos motivo nenhum para estar ali.

“Não nego”, acrescentou Bitzer, “que minha educação foi barata. Mas isso é o certo, senhor. Fui feito no mercado mais barato e devo me vender no mais caro.”

Naquele momento, perturbou-se um pouco com o choro de Louisa e Sissy.

“Por favor, não façam isso”, disse, “é inútil; apenas causa preocupação. Vocês parecem achar que tenho alguma animosidade contra o jovem Sr. Tom; não tenho nenhuma. Apenas o levarei a Coketown, conforme os princípios razoáveis que mencionei. Se ele resistir, começarei a gritar: ‘Pega ladrão!’ Mas ele não resistirá, estejam certas.”

O Sr. Sleary, boquiaberto e com o olho vago tão imovelmente cravado em sua cabeça quanto o fixo, ouvira tais doutrinas com profunda atenção, mas agora dava um passo a frente.

“Fenho, fabe perfeitamente bem, e fua filha fabe perfeitamente bem – até melhor do que o fenhor, poif eu lhe dife ifto –, que eu não fabia o que feu filho havia feito, e não queria faber; dife-lhe que era melhor afim, embora eu achafe que fe tratafe apenaf de alguma befteira. No entanto, tendo efte jovem comunicado que foi um roubo de banco, ora, ifo é uma coisa muito féria; féria demaif para eu avaliar, como bem dife efte jovem. Confequentemente, fenhor, não deve me fenfurar fe eu tomar o partido defte jovem, e difer que ele eftá ferto, e que não há como evitar a fituação. Maif farei o feguinte, fenhor: eu levarei feu filho e efte jovem até a eftação para que não fejam apanhadof aqui. Maif do que ifo, eu não pofo concordar em fazer.”

Mais lamentações de Louisa, e profunda aflição do Sr. Gradgrind, seguiram-se à deserção do último amigo que lhes restara. Sissy olhou para ele com muita atenção e, em seu coração, compreendia-o. Enquanto os outros saíam, Sleary favoreceu-a com um ligeiro rolar do olho móvel, desejando que ela ficasse para trás. Enquanto fechava a porta disse, agitado:

“Aquele fenhor a ajudou, Fefilia, e ajudarei aquele fenhor. Maif do que ifo: o rapaz branco é uma joia de canalha, e pertenfe à laia daquele sujeito efpalhafatoso que o meu pefoal quase jogou pela janela. A noite ferá efcura. Tenho um cavalo que fó falta falar; tenho um pônei que faz maif de vinte quilômetrof por hora, com Childerf naf rédeaf; tenho um cão que confegue fazer um homem ficar parado no mefmo lugar vinte e quatro horaf. Vá procurar o jovem fenhor. Diga-lhe que, quando vir um cavalo danfando, não receie eftar doido, maf procure uma charrete que pafará na rua. Diga-lhe que, quando vir a charrete, pule dentro dela, que eu o levarei numa carreira desabalada. Fe o meu cão deixar que aquele jovem fe mova um fentímetro, eu o demito. E fe o meu cavalo deixar o lugar onde danfará até o amanhefer, é porque eu não o conhefo. Vamof logo!”

As ordens foram tão rápidas que, em dez minutos, o Sr. Childers, que estava passeando de chinelas pelo mercado, recebeu a deixa, e a charrete do Sr. Sleary foi atrelada. Foi uma bela visão: o douto cão latindo em volta da charrete e o Sr. Sleary indicando-lhe, com seu único olho praticável, que Bitzer seria o objeto de sua atenção especial. Logo após o anoitecer, os três embarcaram e começaram a mexer-se: o douto cão (criatura formidável) já mirava Bitzer e esperava perto da roda, junto dele, caso o rapaz demonstrasse a mais ligeira disposição de desembarcar.

Os outros três passaram a noite acordados na estalagem, em suspense. Às oito da manhã, o Sr. Sleary e o cão reapareceram; ambos de ótimo humor.

“Tudo ferto, fenhor!”, disse o Sr. Sleary. “Feu filho já deve eftar a bordo de um navio a ehta hora. Childerf levou-o, uma hora e meia depoif de fairmof daqui, na noite pafada. O cavalo danfou uma polca até quase cair (teria valfado, se não estivefe com of arreiolf), então eu lhe dei ordem de ir dormir, confortavelmente. Quando aquela joia de canalha dife que ia profeguir a pé, o cão fe pendurou em feu lenfo de pefcofo, com af quatro pataf no ar, derrubou-o no chão e rolou por fima dele. Afim, voltou para a charrete e lá ficou até eu render o cavalo, àf feif e meia da manhã de hoje.”

O Sr. Gradgrind cobriu-o de agradecimentos, é claro; e insinuou, da maneira mais delicada possível, uma boa recompensa em dinheiro.

“Não prefiso de dinheiro, fenhor; maf Childerf é um homem de família e, fe quiser lhe dar uma nota de finco libraf, talvez feja afeitável. Do mefmo modo, fe o fenhor comprafe uma coleira para o cão, ou um par de finetaf para o cavalo, eu afeitaria de boa vontade. Conhaque e água eu fempre afeito.” Já pedira um copo, e agora pedia outro. “Fe não achar que é ir longe demaif, fenhor, oferecer um pequeno banquete à trupe, fem grandef luxof, o fenhor of faria felizez.”

O Sr. Gradgrind ficava muito contente em oferecer todas aquelas pequenas demonstrações de sua gratidão, mas achava que eram muito poucas, diante do serviço que lhe prestaram.

“Muito bem, fenhor. Então, fe o fenhor apenaf preftigiar um firco hípico, fempre que puder, fua conta eftará maif do que paga. Agora, fenhor, fe fua filha me der lifenfa, gofaria de lhe dizer algumaf palavraf de defpedida.”

Louisa e Sissy retiraram-se para a sala contígua; o Sr. Sleary, mexendo e bebendo seu conhaque com água enquanto se levantava, continuou:

“Fenhor, não prefiso lhe dizer que of cãef fãof animaif maravilhosof.”

“Seus instintos”, disse o Sr. Gradgrind, “são surpreendentes.”

“Fe quiser chamá-lof afim – e abenfoado feria *eu* fe foubefe como chamá-lof”, disse Sleary. “Elef fão incrível. O modo como um cão acha alguém – a diftância que percorre!”

“Seu faro”, disse o Sr. Gradgrind, “é muito apurado.”

“Abenfoado feria eu fe foubefe como chamá-lo”, repetiu Sleary, balançando a cabeça. “Maf, ferta vez, um cão me achou, fenhor, de maneira que me fez penfar fe tal cão não teria procurado outro e dito a efte: ‘Vofê por acaso não conhefe uma pefoa chamada Fleary, conhefe? Fleary, do ramo da equitafão – robufto – olho torto?’. E fe aquele cão não dife: ‘Bem, não pofo dizer que o conhefa, maf conhefo um cão que talvez o conhefa’. E fe aquele cão não puxou pela memória e dife: ‘Fleary! Fleary! Fim, claro! Um amigo meu menfionou feu nome ferta vez. Configo feu enderefo em um infante’. Como eftou fempre diante do público, e perambulo demaif, deve haver um grande número de cães que me conhefem, fenhor, e que *eu* não conhefo!”

O Sr. Gradgrind pareceu bastante confuso com aquela especulação.

“De qualquer modo”, disse Sleary, após levar os lábios ao conhaque com água, “faz quatorze mesef, fenhor, que eftivemos em Chefter. Eftávamos enfenando Criançaf na Floresta, ferta manhã, quando entrou no picadeiro, pela porta lateral, um cão. Havia viajado uma longa diftância, e eftava em máf condifõef, manco, e quase fego. Pafou por todaf af nossaf crianfaf, uma depoif da outra, como fe procurafe uma crianfa que conhefia; então veio até mim e deu um falto de coftaf, e ficou em pé naf pataf traseiraf, fraco como eftava, agitou a cauda e morreu. Fenhor, aquele cão era Pataf Felizef.”

“O cão do pai de Sissy!”

“O velho cão do pai de Fefilia. Ora, fenhor, pofo jurar, pelo que fei daquele cão, que o homem eftava morto – e enterrado – antef de o cão vir até mim. Josephine, Childerf e eu converfamos fobre ifo por muito tempo, tentando defidir fe eu efcreveria ou não. Maf concordamof que não. Não havia nada reconfortante a dizer. Por que perturbar a menina, fazê-la infeliz? Fe feu pai a abandonou abjetamente, ou partiu o próprio corafão, quando não a arraftou com ele, nunca faberemof, fenhor, até defcobrirmof como aquele cão nof achou!”

“Ela guarda até hoje o frasco que ele a mandou buscar; e acreditará na afeição dele até o último dia de sua vida”, disse o Sr. Gradgrind.

“Ifo parefe mofttrar duaf coisaf, não é, fenhor?”, disse o Sr. Sleary, pensativo enquanto olhava para as profundezas de seu conhaque com água. “Uma é que há amor no mundo; nem tudo é interefe próprio, maf uma coisa muito diferente;

outra é que o amor tem uma maneira própria de calcular, ou não calcular, que, de um jeito ou de outro, é tão difícil de denominar quanto a maneira de não achar!”

O Sr. Gradgrind olhou pela janela, e não respondeu. O Sr. Sleary chamou as damas de volta. “Fefilia, minha querida, beije-me, e adeus! Fenhorita Fenhor, vê-la tratando Fify como uma irmã, e uma irmã em quem confia, e que honra com todo o meu coração ou mais, é uma bela visão para mim. Espero que meu irmão viva para ser merecedor da fenhora, e um grande conforto para a fenhora. Fenhor, aperte a minha mão pela primeira e última vez! Não se zangue conosco, que fomos pobres andarilhos. As pessoas devem se divertir, não podem aprender sempre, nem podem trabalhar sempre, elas não são feitas para tanto. Vocês precisam de nós, fenhor. Fafa a coisa certa, e também a coisa boa, e fafa de nós o melhor, não o pior!”

“Jamais pensei antes”, continuou o Sr. Sleary, enfiando de novo a cabeça no vão da porta, “que eu valeria muita coisa como grafador!”



Louisa estava observando o fogo como nos velhos tempos.

IX FINAL

É perigoso ver uma coisa na esfera de um fanfarrão presunçoso antes que o próprio fanfarrão presunçoso a veja. O Sr. Bounderby sentia que a Sra. Sparsit antecipava-se audaciosamente a ele e presumia-se mais esperta. Irremediavelmente indignado com ela por causa da triunfante descoberta da Sra. Pegler, tanto remoeu em sua mente o atrevimento, da parte de uma mulher que dependia dele, que uma grande bola de neve acabou tomando conta dela. Afinal, descobriu que despedir uma dama de altas relações – ter o poder de declarar “Ela era uma senhora de boa família, e não queria me deixar, mas eu não quis saber, e librei-me dela” – seria colher os louros da vitória e, ao mesmo tempo, punir a Sra. Sparsit como ela merecia.

Mais dominado do que nunca por essa grande ideia, o Sr. Bounderby chegou para o almoço e sentou-se na sala de jantar de dias passados, onde estava seu retrato. A Sra. Sparsit, que estava sentada junto do fogo, com o pé em seu estribo de algodão, nem desconfiava o que o destino lhe guardava.

Desde o caso Pegler, a nobre senhora escondia o desprezo que sentia pelo Sr. Bounderby com um véu de silenciosa melancolia e contrição. Em virtude disso, adquirira o hábito de fingir um olhar pesaroso, que dirigia naquele momento a seu benfeitor.

“Qual é o problema agora, madame?”, disse o Sr. Bounderby, curto e seco.

“Rogo-lhe, senhor”, retorquiu a Sra. Sparsit, “que não arranque meu nariz.”

“Arrancar-lhe o nariz, madame?”, repetiu o Sr. Bounderby. “*Seu* nariz?”, indicando, como percebeu a Sra. Sparsit, que seu nariz era desenvolvido demais

para isso. Após a insinuação ofensiva, cortou ele mesmo o pão e largou a faca ruidosamente.

A Sra. Sparsit tirou o pé do estribo e exclamou: “Sr. Bounderby!”.

“Sim, madame”, retorquiu o Sr. Bounderby. “A senhora está olhando o quê?”

“Posso perguntar, senhor”, disse a Sra. Sparsit, “se alguém o irritou esta manhã?”

“Sim, madame.”

“Posso perguntar-lhe, senhor”, continuou a ofendida dama, “se sou *eu* a desafortunada causa da sua impaciência?”

“Ora, digo-lhe, madame”, disse Bounderby, “que não cheguei até aqui para ser intimidado. Uma mulher pode ter as melhores relações, mas é inadmissível que provoque e importune um homem da minha posição, e não tolerarei isso.” (O Sr. Bounderby achou necessário seguir em frente, prevendo que, se entrasse em detalhes, seria derrotado.)

A Sra. Sparsit primeiro levantou as sobrancelhas coriolanas e depois as franziu; guardou o bordado na cesta apropriada e pôs-se em pé.

“Senhor”, disse majestosamente, “é evidente que estou incomodando o senhor. Vou me recolher aos meus aposentos.”

“Permita que eu lhe abra a porta, madame.”

“Obrigada, senhor, posso abri-la eu mesma.”

“É melhor que me permita abri-la, madame”, disse Bounderby, passando por ela e agarrando a maçaneta, “pois quero aproveitar a oportunidade para lhe dizer uma palavrinha, antes que saia. Sra. Sparsit, madame, creio que a senhora se sente um pouco oprimida aqui. Parece-me que, sob o meu humilde teto, não há espaço suficiente para o seu talento de se meter nos assuntos alheios.”

A Sra. Sparsit lançou-lhe um olhar sombrio e disse, muito polidamente: “De fato, senhor?”

“Tenho pensado, veja a senhora, desde os últimos acontecimentos, madame”, disse Bounderby, “e afigura-se ao meu pobre juízo que...”

“Oh, senhor, eu lhe rogo”, interrompeu a Sra. Sparsit, com viva alegria, “não deprecie seu juízo. Todos sabem quão infalível é o juízo do Sr. Bounderby. Todos têm prova disso. Deve ser o tema das conversas gerais. Deprecie qualquer coisa no senhor, exceto o seu juízo”, disse a Sra. Sparsit, rindo.

O Sr. Bounderby, muito vermelho e desconfortável, retomou:

“Parece-me, madame, que uma casa de tipo totalmente diferente daria mais destaque a uma dama com as *suas* qualidades. Uma casa como a da sua parenta,

Lady Scadgers. A senhora acha que encontraria lá assuntos em que se meter?”

“Nunca me ocorreu antes, senhor”, respondeu a Sra. Sparsit, “mas, agora que mencionou, creio que seja muitíssimo provável.”

“Então sugiro que tente, madame”, disse Bounderby, depositando um envelope com um cheque na cestinha da Sra. Sparsit. “Não precisa apressar-se em partir, madame, mas, nesse meio-tempo, talvez seja mais agradável a uma dama com os seus poderes de raciocínio fazer as refeições sozinha, sem ser perturbada. Na verdade, devo desculpar-me com a senhora – sendo apenas Josiah Bounderby de Coketown – por ter obscurecido sua luz durante tanto tempo.”

“Rogo-lhe que não diga isso, senhor”, retorquiu a Sra. Sparsit. “Se aquele retrato pudesse falar – mas ele tem a vantagem, ao contrário do original, de não possuir a capacidade de constranger a si mesmo e repugnar aos outros –, diria que há muito tempo adquiri o hábito de me dirigir a ele como ao retrato de um pateta. E nada que um pateta faça pode causar surpresa ou indignação; os atos de um pateta podem inspirar apenas desprezo.”

Dito isso, a Sra. Sparsit, com seus traços romanos que mais pareciam uma medalha cunhada em comemoração a seu escárnio ao Sr. Bounderby, estudou-o dos pés à cabeça, passou desdenhosamente por ele e subiu a escadaria. O Sr. Bounderby fechou a porta e deteve-se diante do fogo, projetando-se, à sua velha maneira explosiva, em seu retrato – e no futuro.

Qual futuro? Ele viu a Sra. Sparsit lutando batalhas diárias, com todas as armas do arsenal feminino, contra a amarga, rancorosa, rabugenta e irritante Lady Scadgers, ainda de cama por causa de sua misteriosa perna, e devorando sua parca renda na primeira metade de cada trimestre, num quatinho abafado, um mero armário para uma, uma mera gaiola para duas. Ele viu mais? Será que teve um vislumbre de si mesmo, exibindo Bitzer como um jovem em ascensão, tão dedicado aos grandes méritos de seu mestre que conquistara o cargo de Tom e quase o capturara, quando vários canalhas o ajudaram a fugir? Será que viu um reflexo tênue de sua própria imagem escrevendo um testamento jactancioso, pelo qual vinte e cinco impostores, todos maiores de vinte e cinco anos, todos chamados Josiah Bounderby de Coketown, deveriam jantar para sempre no Salão Bounderby, hospedar-se para sempre nos prédios Bounderby, frequentar para sempre a Capela Bounderby, dormir o sono eterno abençoados por um capelão Bounderby, ser para sempre sustentados pelo patrimônio de Bounderby e revoltar para sempre os estômagos saudáveis com grandes doses de asneiras e

vanglória de Bounderby? Será que pressentiu o dia em que, cinco anos depois, Josiah Bounderby de Coketown morreria de uma síncope numa rua de Coketown, e o precioso testamento iniciaria uma longa carreira de rixas, saques, falsas aparências, vis exemplos, pouca utilidade e muita lei? Provavelmente não. Porém, o retrato veria tudo isso acontecer

Naquele mesmo dia e na mesma hora, o Sr. Gradgrind estava sentado em seu gabinete, pensando. Que futuro *ele* viu? Será que viu a si mesmo, um homem de cabelos brancos, decrépito, mudando suas teorias inflexíveis em consonância com as circunstâncias, submetendo fatos e números à fé, à esperança e à caridade, e não mais tentando moer essa divina trindade em seus moinhos empoeirados? Será que viu a si mesmo desprezado por seus antigos aliados políticos? Será que os viu, quando ficou bem claro que os lixeiros nacionais têm a ver apenas um com o outro, e não têm nenhum dever para com uma abstração chamada Povo, “insultando o honrado cavalheiro” com isso e com aquilo e com aquilo outro, cinco noites por semana, até as primeiras horas da manhã? É provável que tenha tido tal pressentimento, conhecendo seus aliados.

Na noite daquele mesmo dia, Louisa estava observando o fogo como nos velhos tempos, embora com um semblante mais sereno e humilde. Que futuro surgiu da *sua* visão? Folhetos distribuídos nas ruas – assinados por seu pai e eximindo de suspeitas imerecidas o falecido Stephen Blackpool, tecelão, confessando a culpa de seu próprio filho, com tantos atenuantes quanto permitiam a juventude e a tentação (ele não teve coragem de acrescentar a educação) – estavam no presente. E a lápide de Stephen Blackpool, com o testemunho do pai sobre sua morte, estava quase no presente. Ela via essas coisas com clareza. Mas e o futuro?

Uma trabalhadora, batizada Rachael, após uma longa doença, aparecendo de novo ao soar do sino da fábrica e passando sete horas para lá e para cá, entre as mãos de Coketown; uma mulher de beleza melancólica, sempre vestida de preto, mas de temperamento doce e sereno, e até alegre; que, entre todos da cidade, parecia ser a única a ter compaixão por uma infeliz, bêbada e dissoluta, que às vezes era vista na cidade, mendigando-lhe secretamente, implorando-lhe; uma mulher que estava sempre trabalhando, sempre trabalhando, mas que era feliz por trabalhar, porque considerava o trabalho sua sina natural, até que fosse velha demais para continuar trabalhando? Será que Louisa viu isso? Isso ainda estava por acontecer.

Um irmão solitário, a milhares de quilômetros de distância, escrevendo, num

papel manchado de lágrimas, que as palavras de sua irmã não demoraram a tornar-se realidade, e que trocava todos os tesouros do mundo, como se fossem ninharia, pela visão de seu rosto querido? Aquele irmão regressando, depois de muito tempo, para perto do lar e desejando vê-la, mas sendo impedido por uma doença; então, uma carta escrita em caligrafia desconhecida, dizendo: “Morreu no hospital, de febre, em tal dia, e morreu em penitência e amor pela senhora. Suas últimas palavras foram seu nome”. Será que Louisa viu essas coisas? Essas coisas ainda estavam por acontecer.

Ela mesma casada de novo, e mãe, vigilante e amorosa com os filhos, sempre cuidando para que tivessem uma infância da mente como tinham uma infância do corpo, sabendo que a infância era a mais bela, e uma riqueza, e que qualquer migalha dela era uma bênção e uma felicidade para os sábios? Será que Louisa viu isso? Isso nunca aconteceria.

E os felizes filhos da feliz Sissy amando-a; todas as crianças amando-a; ela aprofundando seus conhecimentos sobre as matérias infantis; acreditando que nenhuma linda fantasia deve ser desprezada; esforçando-se para conhecer seus semelhantes mais humildes e para embelezar suas vidas de máquina e realidade com aquelas graças e aqueles deleites imaginários sem os quais o coração da infância fenece, a mais vigorosa virilidade física é uma morte moralmente violenta e, como mostram os números da prosperidade nacional, algo que não se pode evitar – ela, mantendo esse caminho não como parte de um voto fantástico, ou laço fraternal, ou irmandade, ou juramento, ou pacto, ou baile de caridade, ou feira de caridade, mas como um dever a ser cumprido –, será que Louisa viu essas coisas sobre ela mesma? Essas coisas aconteceriam.

Caro leitor! Depende de você e de mim, em nossos dois campos de ação, fazer coisas semelhantes acontecerem, ou não. Deixe estar! Sentaremos diante da lareira com o coração mais leve, para ver as cinzas de nossos fogos tornarem-se brancas e frias.

OBRAS DE CHARLES DICKENS PUBLICADAS NO BRASIL

O abismo (Rio de Janeiro, Ediouro, 1985), também publicado como *O abismo/O homem e o espectro* (Rio de Janeiro, Garnier, 1908).

Atropelos de Nicolau (Belo Horizonte, Dimensão, 1997).

Aventuras do senhor Pickwick (Rio de Janeiro, Globo, 2004).

Os carrilhões e outros contos (Rio de Janeiro, Ediouro, 1985), também publicado como *O carrilhão* (São Paulo, Paulinas, 1962).

A casa soturna (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986), também publicado como *Casa de hóspedes* (São Paulo, Clube do Livro, 1965).

Um conto de duas cidades (São Paulo, Nova Cultural, 2011), também publicado como *Paris e Londres* (Jundiaí, Anchieta, 1945).

Um conto de Natal (Porto Alegre, L&PM, 2003), também publicado, em diferentes anos e por diversas casas editoriais, como *Uma história de Natal*, *Os três espíritos do Natal* ou *Cântico de Natal*.

David Copperfield (São Paulo, Cosac Naify, 2014).

Dombey e filho (São Paulo, Paulinas, 1967).

A galeria do antiquário (São Paulo, Paulinas, 1966), também publicado em Portugal como *Loja de antiguidades* (Amadora, Clube Internacional do Livro, 1999).

Grandes esperanças (São Paulo, Penguin Companhia, 2012).

O grilo da lareira (s/l, Russell, 2003).

Histórias de fantasmas (Porto Alegre, L&PM, 2009); inclui os contos “O sinaleiro”, “Manuscrito de um louco” e “A história do caixeiro-viajante”.

Histórias humanas (São Paulo, Cultrix, 1959).

“*Manuscrito de um louco*” e outras histórias (Rio de Janeiro, Ediouro, 2005).

O mistério de Edwin Drood (Bragança Paulista, Lachâtre, 2012), também publicado como *A verdade sobre o caso D* (São Paulo, Cia. das Letras, 1993).

Morrer por ela (Rio de Janeiro, Vecchi, 1943).

O naufrágio do Golden Mary (São Paulo, FTD, 1998).

Oliver Twist (trad. Machado de Assis e Ricardo Lísias, São Paulo, Hedra, 2013).

Retratos londrinos (Rio de Janeiro, Record, 2003), também publicado como *Retratos ingleses* (Rio de Janeiro, Ediouro, 1988).

Vento noturno (São Paulo, Clube do Livro, 1975).

A vida de Nosso Senhor (São Paulo, Martins Fontes, 2003).

Vida e aventuras de Nicholas Nickleby (Rio de Janeiro, José Olympio, 1957).

A voz dos sinos (Belo Horizonte, Itatiaia, 2004).

Copyright desta edição © Boitempo Editorial, 2014

Direção editorial Ivana Jinkings

Edição Bibiana Leme

Coordenação de produção Livia Campos

Assistência editorial Thaisa Burani

Preparação Mariana Echalar

Revisão Tatiana Allegro

Diagramação Antonio Kehl

Capa Ronaldo Alves

sobre *Réunion de 35 têtes d'expression*, de Louis Léopold Boilly (1823-1828)

Equipe da Boitempo Editorial Ana Yumi Kajiki, Artur Renzo, Elaine Ramos, Fernanda Fantinel, Francisco dos Santos, Isabella Marcatti, Kim Doria, Marlene Baptista, Maurício dos Santos, Nanda Coelho e Renato Soares

Versão eletrônica

Produção

Kim Doria

Diagramação

Schäffer Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D545t

Dickens, Charles, 1812-1870

Tempos difíceis [recurso eletrônico] / Charles Dickens ; tradução José Baltazar Pereira Júnior. - 1. ed.-
São Paulo : Boitempo, 2014. (Clássicos Boitempo)
recurso digital

Tradução de: Hard Times

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7559-420-9 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Pereira Júnior, José Baltazar. II. Título. III. Série.

14-18097

CDD: 823
CDU: 821.111-3

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

Este livro atende às normas do acordo ortográfico em vigor desde janeiro de 2009.

1ª edição: janeiro de 2015

BOITEMPO EDITORIAL
www.boitempoeditorial.com.br
www.boitempoeditorial.wordpress.com
www.facebook.com/boitempo
www.twitter.com/editoraboitempo
www.youtube.com/user/imprensaboitempo
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869
editor@boitempoeditorial.com.br

E-BOOKS ^[a] DA BOITEMPO EDITORIAL

O alfaiate de Ulm

Lucio Magri

O alfaiate de Ulm

Lucio Magri

Altíssima pobreza

Giorgio Agamben

Brasil em jogo

Andrew Jennings, Raquel Rolnik, Antonio Lassance et al.

A cidade & a cidade

China Miéville

A crise do neoliberalismo

Gérard Duménil e Dominique Lévy

Ditadura: o que resta da transição

Milton Pinheiro (org.)

Estado e política em Marx

Emir Sader

Feminismo e política

Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel

História, estratégia e desenvolvimento

José Luís Fiori

O homem que amava os cachorros

Leonardo Padura

Intérpretes do Brasil

Luiz Bernardo Pericás e Lincoln Secco (orgs.)

A jaula de aço

Michael Löwy

O mito da grande classe média

Marcio Pochmann

Mulher, Estado e revolução

Wendy Goldman

O novo tempo do mundo

Paulo Arantes

O ódio à democracia

Jacques Rancière

Para entender O capital II e III

David harvey

Pilatos e Jesus

Giorgio Agamben

Sem maquiagem

Ludmila Costhek Abílio

Tempo, trabalho e dominação social

Moishe Postone

Trabalhadores, uni-vos

Marcello Musto (org.)

Violência

Slavoj Žižek

[a] Formato ePub.

Siga a Boitempo

 BOITEMPOEDITORIAL.COM.BR

 BLOGDABOITEMPO.COM.BR

 [/BOITEMPO](https://www.facebook.com/BOITEMPO)

 [@EDITORABOITEMPO](https://twitter.com/EDITORABOITEMPO)

 [/IMPRESABOITEMPO](https://www.youtube.com/IMPRESABOITEMPO)

 [@BOITEMPO](https://www.instagram.com/BOITEMPO)



Nota de £10, que circulou entre 1992 e 2003, emitida pelo Banco da Inglaterra, com a imagem de Charles Dickens e uma ilustração do seu livro *As aventuras do sr. Pickwick*.

Este livro foi publicado 160 anos após sua edição original em inglês – e 150 anos após a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), em Londres.